



Universidad de A Coruña
Escola Técnica Superior de Arquitectura
Departamento de Construcciones Arquitectónicas

Dissertação de candidatura ao grau de Doutor

Arquitectura Termal em Portugal

em busca do balneário ideal

Director: Arquitecto Joaquín Fernández Madrid
Profesor Doctor Catedrático de la Universidad de A Coruña

Co-director: Arquitecto Fernando Brandão Alves
Professor Doutor da Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto

Autor: Rui Lacerda
ruylacerda@gmail.com

2011



Universidade de A Coruña
Escola Técnica Superior de Arquitectura
Departamento de Construcións Arquitectónicas

D. Joaquín Fernández Madrid, Doctor Arquitecto, Profesor Catedrático del Departamento de Construcións Arquitectónicas de la Universidade de A Coruña,

CERTIFICA

Que a Tesis Doctoral “Arquitectura Termal em Portugal - em busca do balneário ideal” ha sido realizada por el doctorando D. Rui Solla Soares de Lacerda, arquitecto, seguindo las normas legales establecidas para la obtención del grado de Doctor.

A Coruña, ____ de _____ de 2011.

(D. Joaquín Fernández Madrid)

Tribunal nombrado, por el Excmo. y Magnífico Sr. Rector de la Universidad de A Coruña, el día _____ de _____ de 2011.

Presidente: _____

Secretario: _____

Vocal: _____

Vocal: _____

Vocal: _____

Suplente: _____

Suplente: _____

Realizando el acto de defensa y lectura de tesis, el día _____ de _____ de 2011,
en la E.T.S. Arquitectura

El Presidente

Los Vocales

Fdo: _____

Fdo: _____

El secretario

Fdo: _____

Fdo: _____

Fdo: _____

Agradecimento

- Ao orientador, Professor Doutor Arquitecto Joaquín Fernandez Madrid, Professor Catedrático do Departamento de Construcciones Arquitectónicas da Universidade de A Coruña pela sua estima, dedicação e apoio que me fez crescer;
- Ao co-orientador, Professor Doutor Arquitecto Fernando Brandão Alves, Professor na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto pelo seu incentivo;
- Ao Arquitecto Álvaro Siza Vieira pela importantíssima solidariedade;
- A Maria João Goulão, ao Dr. José Alcântara Cruz, aos directores de concessões termais que permitiram o acesso aos arquivos e ainda a todos que contribuíram no desenvolvimento desta investigação;
- À minha Família na pessoa do meu Avô, Professor Doutor Aarão de Lacerda, humanista fora de época que iniciou em 1940 a publicação da primeira «História de Arte em Portugal». Por ironia do destino faleceu numa das Termas investigadas muito antes do meu nascimento.

O meu sincero obrigado

Índice

Parte I Texto em português

Síntese	15
Capítulo 1 – As Termas: génese e arquitectura	19
1.1 – Génese, tipologia arquitectónica e os tratadistas.....	20
1.1.1 – O aproveitamento termal na Península Ibérica.....	24
1.1.2 – Análise das Termas romanas em Bracara Augusta e Évora.....	30
1.2 – O espaço termal.....	37
1.2.1 – A subtil energia da natureza.....	38
1.2.2 – Sobre as águas balneares.....	39
1.2.3 – A terapia psicossomática.....	41
1.3 – A envolvência termal.....	43
1.3.1 – Breve análise histórica.....	43
1.3.2 – O paisagismo e o parque termal.....	50
1.4 – O conceito termal – evolução.....	52
1.4.1 – Forma arquitectónica.....	52
1.4.2 – Percurso da arquitectura em Portugal e sua Influência na imagem balnear.....	56
1.5 – Sobre o processo criativo.....	65
Capítulo 2 – Tipologias dos equipamentos termais	73
2.1 – Classificação.....	74
2.1.1 – Equipamento sanitário.....	76
2.1.2 – Equipamento de alojamento.....	79
2.1.3 – Equipamento cultural e recreativo.....	80
2.1.4 – Equipamento ambiental.....	81
2.1.5 – Equipamento de culto.....	83
2.1.6 – Equipamento desportivo.....	83
2.1.7 – Equipamento industrial.....	84
2.2 – Nota de capítulo.....	84
Capítulo 3 – As estâncias termais em Portugal	87
3.1.1 – As estâncias termais mais representativas em Portugal.....	88
3.1.2 – A situação balnear actual.....	91
3.2 – O Hospital Termal das Caldas da Rainha.....	94
3.3 – Termas de Caldelas.....	102
3.4 – Termas de Monte Real.....	109
3.5 – Termas de São Pedro do Sul.....	116
3.6 – Outras estâncias termais no país.....	123
3.7 – Nota de capítulo.....	123
Capítulo 4 – A regeneração termal no resto da Europa	125
4.1 – O Hotel «Les Thermes».....	129
4.2 – As Termas de Vals.....	137
4.3 – A revitalização balnear em Bath.....	144
4.4 – A cultura termal europeia.....	149
4.5 – Nota de capítulo.....	152

Capítulo 5 – Análise de quatro intervenções termais em Portugal	155
5.1 - As Termas da Curia.	157
5.1.1 - Projecto de modernização das Termas da Curia	163
5.2 – As Termas do Estoril	171
5.2.1 - Projecto de modernização do Estoril (balneário-spa)	177
5.3 - As Termas de Pedras Salgadas.	183
5.3.1 - Projecto de modernização das Termas de Pedras Salgadas	188
5.4 - As Termas de Vidago.	195
5.4.1 - Projecto de modernização das Termas de Vidago	202
5.5 – Nota de capítulo	215
Capítulo 6 – Em busca do balneário ideal	219
Introdução.....	219
6.1 – A realidade termal.	219
6.2 – Análise dos conceitos.	221
6.3 – Características do “balneário ideal”.	224
6.4 – Apontamentos para o “balneário ideal”.....	228
6.5 – Nota de capítulo.	229
Capítulo 7 – Conclusões.....	231
Anexos	237
Anexo I – Entrevista com o Arquitecto Álvaro Siza Vieira	237
Anexo II – Localização das fontes termais em Portugal.....	242
Glossário	245
Bibliografia e fontes informáticas	247
Sobre água, Termas e termalismo.....	247
Sobre arquitectura, arte e urbanismo	248
Sobre história e paisagismo.....	249
De carácter diverso	250
Fontes informáticas	250
Quadros comparativos	251
Ilustrações.....	251
Índice e fontes das figuras	251
Índice e fontes das fotografias	255

Parte II

Resumen del texto y Conclusiones en español

Síntesis	260
Objetivos e metodologia.....	260
Resumen de los Capítulos	261
Conclusiones	265

*“ O architecto é uma espécie de sacerdote no processo da criação evolutiva.
Sociedade, natureza, arte e filosofia reúnem-se na consagração de materiais que
servem o homem, como o corpo e o sangue o integram, exprimindo-o como espírito”.*
Agustina Bessa Luís (1922)

Parte I

Texto em português

Síntese

Como outros países europeus, Portugal possui muitas fontes termais assim como uma variada e rica arquitectura termal. Existem diversas publicações genéricas e/ou divulgativas deste ou daquele complexo, mas não existe estudos que analisem a sua arquitectura, que assinalem as suas qualidades e vulnerabilidades e que desenvolvam caminhos para a sua recuperação.¹

Esta tese pretende modestamente preencher esta lacuna.

Inicia-se com o percurso histórico da arquitectura termal inaugurado na Grécia antiga. De seguida o conceito foi magnificamente desenvolvido na cidade de Roma, principalmente com o processo para a sua recuperação depois do incêndio deflagrado em 64 d.C. Foi exportado mais tarde para todo o Império, incluindo-se o território hoje reconhecido como Portugal.

Contemporaneamente analisam-se exemplos da renovação termal com reconhecida qualidade, na Europa e no país, e pesquisam-se os seus conceitos essenciais.

Conclui-se com um desenvolvimento sobre o "balneário ideal", onde se considera que a arquitectura termal é como um processo de criação evolutivo que actualmente procura realizar a síntese entre a natureza e a construção, entre a arte e a filosofia de modo a satisfazer as necessidades do homem e as suas aspirações essenciais.

Objectivos e metodologia

As estâncias termais são abundantes em Portugal, sendo compostas por património edificado e natural.

Depois de séculos de esquecimento surgiu no final do século XVIII um novo período de esplendor balnear, que se prolongou até meados do século XX. Nesta altura o seu conceito regenerativo foi gradualmente abandonado devido à descoberta da penicilina (1928). Actualmente surgiu a vontade em recupera-las, modernizando-as, pelo que se abrem novos horizontes às muitas estâncias ainda existentes, algumas em estado decadente.

O seu potencial de desenvolvimento é significativo porque mantém o carácter de universos em miniatura, singulares e espectaculares onde o ócio regenerativo se pode desfrutar em paz e liberdade.

São objectivos deste estudo demonstrar que:

- A recuperação termal é uma mais-valia para o desenvolvimento territorial;
- A sua tipologia é genericamente reconhecida pela sociedade;
- O seu património exige valorização contemporânea, desenvolvida em conceitos abrangentes;
- Os espaços verdes são parte integrante do seu carácter, estimulando a índole participativa;
- Para intervir no lugar termal é necessário analisar os elementos que o compõem e utilizar a razão e da inteligência emocional de maneira a conjugar arquitectura e natureza.

O método de desenvolvimento da investigação termal foi estabelecido da seguinte maneira:

1) Levantamento histórico:

¹ Surgiu em Dezembro de 2009 «O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa» de Gonçalves Pinto, H., Mangorrinha, J., livro distinguido na sede da Academia Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, com o prémio «José de Figueiredo 2010».

- Génesis;
- Conceito e desenvolvimento;
- Levantamento em Portugal;
- Tipologia dos equipamentos;
- As Termas mais representativas dentro das fronteiras;
- Análise arquitectónica.

2) Estudo de critérios utilizados em recuperações contemporâneas:

- No resto da Europa – 3 concessões;
- Em Portugal – 4 concessões.

3) Em busca do "balneário ideal":

- Configuração física e sensível;
- Conclusões.

A análise do fenómeno termal é, em si mesma, complexa e difícil. As várias remodelações são o resultado dos esforços dos concessionários, sendo difícil definir todos os processos desenvolvidos pelas estâncias termais ao longo do tempo. A arquitectura, quando convidada a intervir, tem a responsabilidade de adoptar tecnologias modernas, terapêuticas e funcionais, e a criar ambientes salubres de convivência social em fluidez espacial.

"As leis da arquitectura podem ser entendidas por todos"
Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879).

Capítulo 1 – As Termas: génese e arquitectura.

Introdução

Como é do conhecimento geral o estilo arquitectónico de Roma assentou na tradição helenística, sendo os templos iniciais uma reprodução dos monumentos gregos pré-existent. No entanto os romanos souberam desenvolver o conceito de utilização dos edifícios públicos produzindo novos materiais construtivos e também descobrindo técnicas de engenharia, factos que permitiram a construção de edifícios de maior porte.

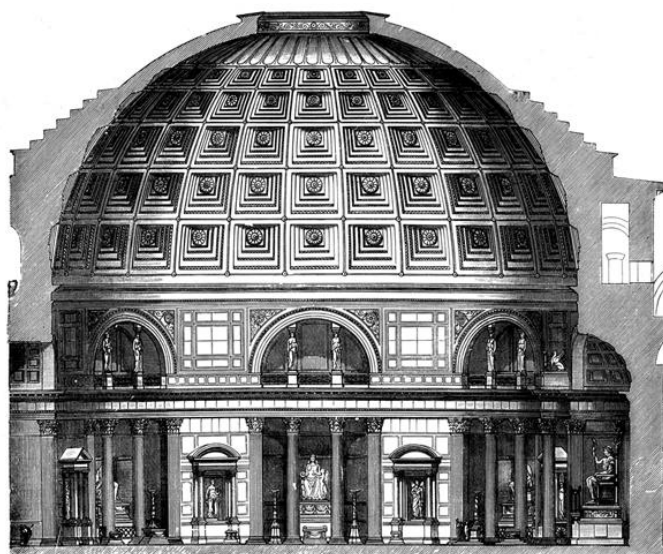


Figura 1 – Corte transversal do Panteão de Roma.

Tal foi possível pela invenção do arco por exemplo, o que possibilitou que o peso da estrutura fosse disperso uniformemente para os lados e para baixo, permitindo uma maior configuração dos espaços interiores. Esta invenção fez mudar a forma conceptual dos edifícios porque, até à época, o peso era unicamente suportado pelas colunas. O engenho foi motivo para uma nova descoberta, a cúpula, que de uma forma simplificada não é mais que a conjugação de vários arcos cruzados. Esta técnica permitiu a construção do Panteão, edifício circular inscrito dentro de um cubo imaginário de 43 m de aresta, que actualmente continua a ser uma referência arquitectónica da cidade de Roma. O seu interior é uma abóbada formada por alvéolos em forma de «caixotões», o que permitem diminuir o peso estrutural da cobertura. Esta tem uma abertura no topo central direccionada para o zénite celestial.

Referente ao conceito de utilização, os romanos introduziram a ideia de que o edificado poderia ser também área de carácter público, noção que não se descobre na arquitectura grega. Esta fundamentava-se no culto aos deuses e na busca de perfeição volumétrica.

O interior dos edifícios públicos romanos passou a ser considerado também como área de encontro social. Por isto os arquitectos tiveram que se preocupar com as fenestrações nas construções e com a iluminação natural. Este facto fez desenvolver a sensação de profundidade das salas e das circulações espaciais, impressão ampliada pela decoração das paredes, pela dinâmica das esculturas, etc. O entendimento dos princípios fundamentais da construção, a compreensão crescente do comportamento da resistência dos materiais (tensão e compressão) e também a invenção durante o primeiro século a.C. do cimento – material cerâmico que em contacto com a água adquire resistência mecânica permitindo a sua utilização como aglomerante construtivo – patrocinaram o desenvolvimento de novas formas de construção, muitas das quais são ícones da arquitectura ocidental.

A engenharia também se desenvolveu de forma notável pela construção de aquedutos, sendo Roma um exemplo. Foi abastecida por um sistema de onze aquedutos – conjugado por um sistema eficaz de esgotos, denominada «a cloaca máxima». Tinha a distribuição diária de cerca de 1000 litros de água por habitante, muito além do necessário para a época. Este tipo de realização influenciou durante séculos as construções públicas do Império. E também posteriormente, como se pode constatar no Aqueduto das Águas Livres em Lisboa, obra de engenharia hidráulica considerada notável. É um dos raros e dos mais complexos sistemas de abastecimento urbano realizado durante século XVIII, no reinado de D. João V.



Fotografia 1 – Aqueduto das Águas Livres em Lisboa.

1.1 – Génese, tipologia arquitectónica e os tratadistas.

Atribui-se a Hércules, herói da mitologia grega, a invenção dos banhos quentes termais. Segundo Ricardo Mar Medina (arqueólogo, investigador e professor Universidade Pública de Tarragona) os balneários na antiga Grécia eram pequenas construções de 3 ou 4 compartimentos conectados entre si, com um sistema de calefação pouco desenvolvido e normalmente situados perto dos ginásios.

Foi com a evolução da cidade de Roma que o desenvolvimento dos edifícios termais se efectuou. Inicialmente eram balneários muito simples mas, mais tarde, deram lugar a luxuosos complexos. O incêndio de Roma no ano 64 d.C. obrigou a sua renovação contribuindo para o desenvolvimento de novas concepções arquitectónicas que tiveram como consequência “ (...) a aparição de um novo modelo tipológico de edifício: as grandes Termas Imperiais (...) ”.²

O apogeu da civilização greco-romana levou à frequência dos banhos públicos por todo o Império, que chegaram a ser um passatempo social obrigatório. Nestes locais cultivava-se não só a saúde do corpo como o deleite do espírito por amenos passeios. Possibilitavam também a realização de transacções por serem lugares sociais privilegiados.

O grande impulsionador desta cultura foi o *balneário* que com o tempo e pelo crescente protagonismo social veio a ter cada vez maior complexidade técnica (câmaras de calor por baixo dos pavimentos, condutas de calor nas paredes, etc.). A nível arquitectónico foram-lhe anexos novos equipamentos como a biblioteca – equipavam todas as Termas Imperiais – auditórios, jardins, alamedas, lagos, parques, etc. geralmente construídos com grande requinte.

Algumas ruínas destas Termas continuam a surpreender pela sua dimensão colossal como por exemplo em Roma, nomeadamente Diocleciano, Agripa, Tito e Caracala; ou em Pompeia onde os vestígios balneares públicos e particulares se encontram especialmente bem conservados.

Os balneários utilizavam as águas de nascentes próximas sem possuírem necessariamente propriedades hidrotermais. Era a localização geográfica das localidades e o proveito social de

² Mar Medina, R. (2002), Notas preliminares. Em Pereira da Silva, P.A. «As Termas romanas de Bracara Augusta», págs XVI e XX.

utilidade pública que decidia a construção destas edificações. Contudo quando descobriam nascentes minero-medicinais passavam a ser consideradas *sagradas*, mesmo quando em locais inóspitos. Estes locais eram celebrados com estruturas hidro-terapêuticas. Pode-se afirmar que nos primórdios da nossa civilização a realização do *poder* só existia através do proveito bélico.

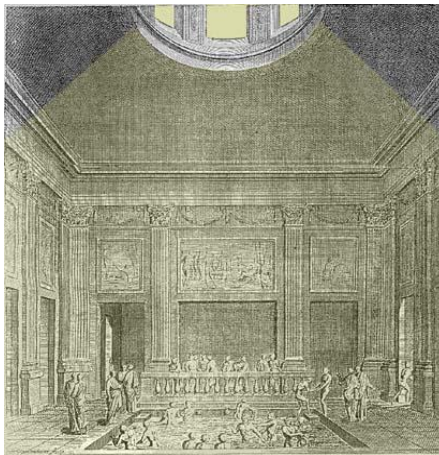


Figura 2 – Banho dos homens nas Termas romanas.

Os romanos foram dos primeiros a reconhecer que estes feitos não eram os únicos actos de valor e que a aplicação da governação no desenvolvimento das ciências e das artes eram, em si mesmo, de grande valor político. Quando a beleza dos edifícios começou a ser admirada, os arquitectos trabalharam-na com ardor. Em menos de 40 anos estes mestres atingiram níveis de perfeição realizando grandes desenhos de execução complexa. Entre as edificações do Império salientam-se “ (...) ... as Termas como das mais significativas para se compreender o tipo e o grau de civilização que Este povo atingiu (...) “. ³ Nesse tempo até a Grécia recorreria aos arquitectos romanos como foi o caso de Cossutius, cidadão romano chamado pelo rei Antíoco, para concluir o Templo de Júpiter Olímpico em Atenas.

Ao longo dos tempos os artistas romanos trataram da arquitectura com proficiência, transmitindo o seu conhecimento através de tratados que ainda hoje são admirados. Vitruvius foi o primeiro tratadista importante. Ele obteve grande reputação na qualidade de arquitecto e engenheiro militar de Júlio César e de Augusto. A sua reflexão teórica aperfeiçoou eficazmente os métodos construtivos provenientes da Grécia. Admite-se que entre 33 e 14 A.C. teria escrito e ilustrado mais do que os 80 manuscritos conhecidos, intitulados «*Da Architectura*»⁴ Segundo a tríade vitruviana os três elementos fundamentais da arquitectura seriam:

- Firmitas – referente à estabilidade, ao carácter construtivo da arquitectura;
- Utilitas – originalmente era relativo à comodidade, tendo posteriormente sido associada à função e à utilidade;
- Venustas – relacionado com a beleza e à apreciação estética.

Segundo o ponto de vista, para que uma construção pudesse ser considerada como obra de arquitectura deveria para além de ser firme e bem estruturada, possuir uma função. E sobretudo ser possuidora de beleza estética. O conceito foi contextualizado segundo os conceitos clássicos pelo que, ao longo da história, foi um dos elementos polémicos na definição de *Arquitectura*. A sua convicção determinava que “ (...) tudo devia encontrar-se na maior das

³ Pereira da Silva, P.A. (2002) – «As Termas romanas de Bracara Augusta», pág. 12.

⁴ Hauser, S. e Zumthor, P (2008) 2º edição inglesa –« Peter Zumthor», Therme Vals, pág. 17

perfeições (...)”.⁵ Sobre as Termas e banhos públicos, o tratadista escreveu no capítulo X do seu Livro V: “ (...) o pavimento da estufa deve ser escavado e suspenso ...em empedrado de ladrilho de um pé e meio que tenha a pendente em direcção ao forno ... O tamanho dos banhos deve ser proporcional ao número de utentes ... deve ter iluminação superior ... cuja abóbada, é melhor que seja em pedra (...) “. ⁶ Estes conceitos passaram a fazer parte da parte da história dos banhos termais romanos, e a pertencer até à actualidade à terminologia de várias línguas europeias como: “ (...) hipocausto, caldarium, tepidarium, frigidarium, etc (...) “. ⁷ Sobre o tema mas relativamente às características do local de implantação e à orientação do edificado, Leon Battista Alberti (1404-1472) refere durante o Renascimento: “ (...) um banho público ou Termas requer uma grande área de construção e não é próprio construí-la na rua principal ou na mais frequentada parte da cidade, nem estar colocada demasiado longe dos caminhos principais (...) ”.⁸

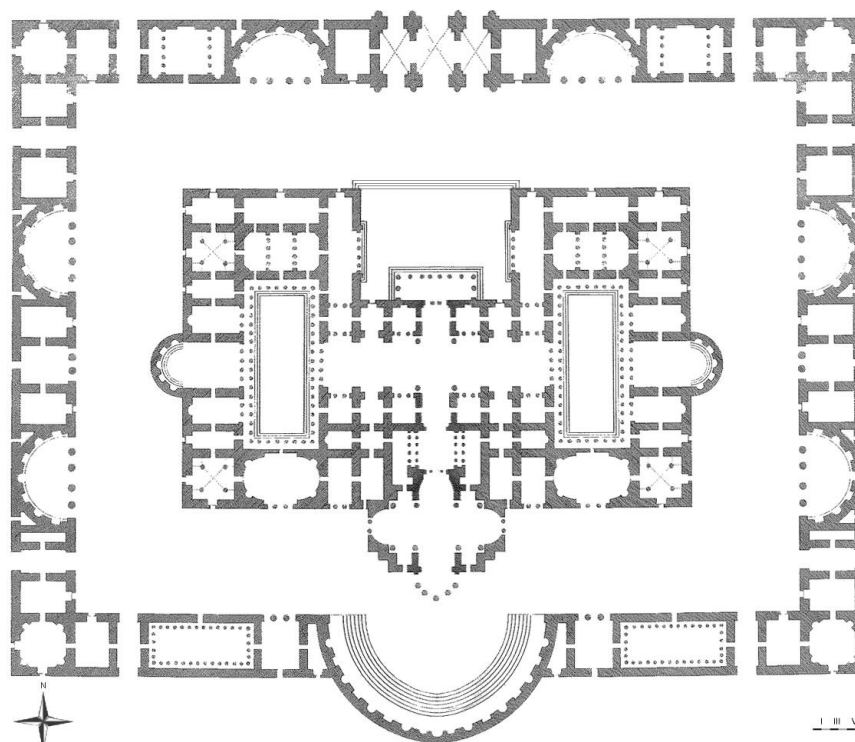


Figura 3 – Planta termal segundo de Leon Battista Alberti,

No seu tratado de arquitectura aconselha que a entrada de um edifício balnear, fechado sobre si mesmo por uma parede contínua “ (...) como se de um castelo se tratasse (...) ” deveria ser feita através dum imponente vestibulo direccionado a Sul. À entrada liga-se com um corredor ambulatório que distingue o conjunto de compartimentos envolventes da edificação do seu bloco central, constituindo-se assim uma organização simples e desafogada de circuitos internos. O referido pórtico confronta-se directamente com um novo átrio que, em seguimento, comunica com o corredor principal. Depois do atravessamento de um novo pórtico, a circulação abre-se para uma ampla área como se fosse uma praça se tratasse. É o centro da construção e também o local separador para as diferentes utilizações dos géneros humanos; à direita e à esquerda

⁵ Rua, M.H. (1998), prefácio de: «Os dez livros de arquitectura de Vitruvius».

⁶ Idem nota de rodapé anterior, Livro V.

⁷ Hauser, S. e Zumthor, P. (2008) – «Peter Zumthor, Therme Vals», pág. 17

⁸ Alberti, L.B. (1775) – «The ten books of architecture of Leon Battista Alberti»; Livro VIII, pág. 184.

sucedem-se mais pórticos espaçosos, amparados como que por três câmaras de cada lado: a primeira, para o utente se despir; depois para se untar; e finalmente para se lavar. Os corredores, formados pelos aposentos mencionados, encaminham para as piscinas de água fria, também elas rodeadas de compartimentos. Os recintos dos banhos quentes encontram-se no bloco exterior da estrutura com janelas amplas orientadas para Sul, orientação também da grande área côncava que configura um espaço multi-funcional com fileiras similares a um fórum ou a um teatro. Esta parede exterior é intencionalmente elevada para controlar a luz solar meridional, protegendo a área e criando assim intencionalmente, circunstâncias ambientais inversas às zonas dos banhos quentes. O esquema de circulação apresentado no projecto modelar é amplo, simétrico, ortogonalmente simples com um centro orientador fácil de determinar.

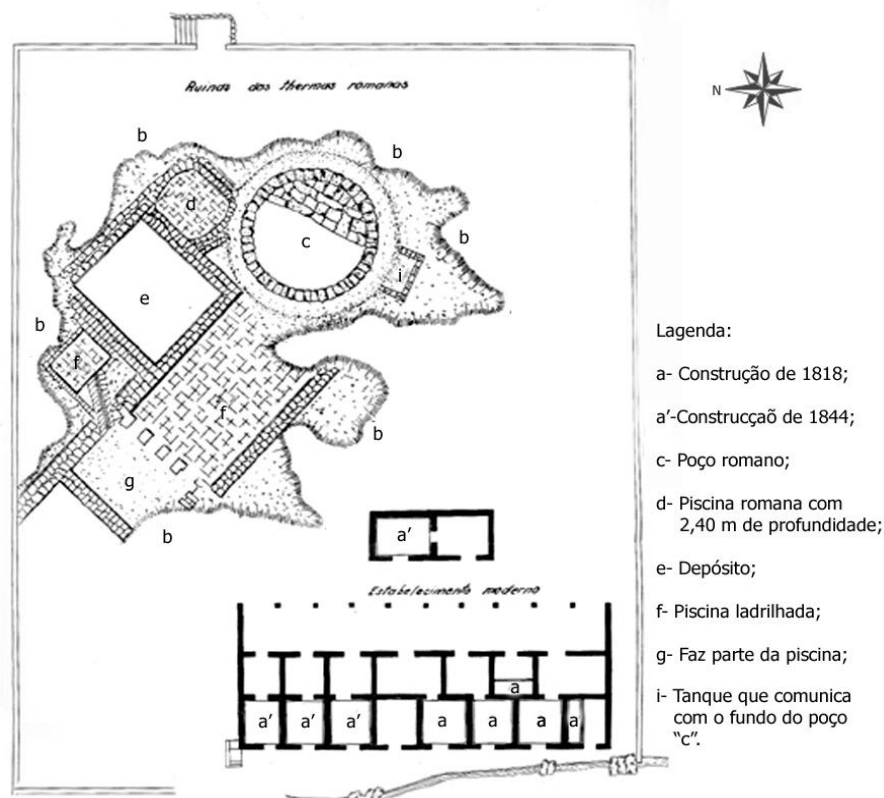


Figura 4 – Influência do Império nas Caldas das Taipas, com as ruínas do balneário romano.

Este tipo de configuração espacial permite uma quantidade quase infindável de circuitos de movimentação interna, possibilidades facilmente perceptíveis a qualquer aquista. Conforme nos relata Paula Pereira da Silva,⁹ as soluções desenvolvidas pelos romanos para estruturação dos banhos públicos descobrem-se a nível conceptual como sendo exemplares e portanto merecedoras de análise ponderada. Como por exemplo a noção de entrada, o aproveitamento da luz natural e das águas pluviais, o sistema de aquecimento pelo pavimento radiante denominado *hipocausto*, etc. A componente construtiva das Termas é organizada genericamente por um complexo arquitectónico de zonas de banhos – quentes, tépidos e frios – salas de massagem, banho turco, banheiras individuais e natatório. O «banho dos homens» era constituído por quatro salas – do *apodyterium* ao *caldarium* – passando o banhista de uma sala para outra como se de um ritual se tratasse. Anexas existiam salas destinadas a conversar e a

⁹ Pereira da Silva, P.A. (2002) – «As Termas romanas de Bracara Augusta», pág. 13 - tese de mestrado em arqueologia urbana,.

deambular. São edifícios de grande requinte cuja construção era suportada em noções precisas a diferentes níveis: análise da quantidade de utentes; benefício de saúde pública; grau construtivo adequado e em interrelacionamento com a envolvente urbana. As Termas destacam-se não só como indicadores do grau civilizacional atingido, mas também do nível de saúde pública, de arquitectura e de urbanismo.

1.1.1 – O aproveitamento termal na Península Ibérica.

" Nossa ignorância sobre história faz-nos condenar os nossos próprios tempos "
Gustave Flaubert (1821-1880)

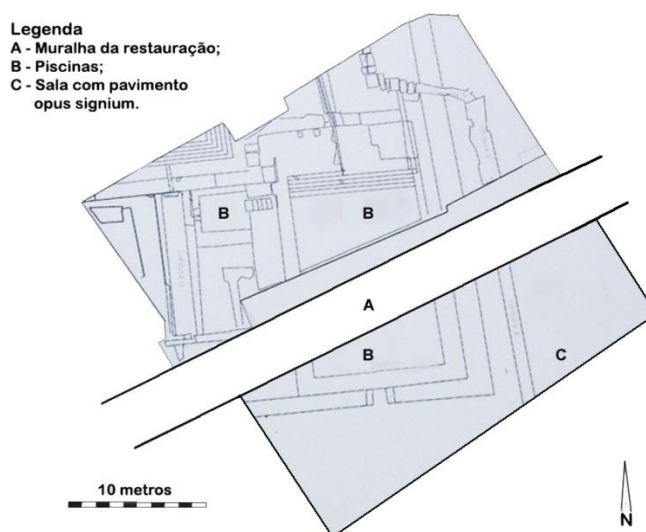


Figura 5 – Área escavada das Termas terapêuticas de Aquae Flavie, actual cidade de Chaves.

Os romanos deixaram em todo o Império sinais da sua cultura, não sendo a Península Ibérica excepção. Esta civilização foi caracterizada pelo início da aproximação das nascentes termais, fenómeno geológico geralmente observável à superfície. A paixão que os romanos ostentaram pelo culto do banho e o seu gosto refinado no desenho desses espaços, levou-os a construir balneários dos quais ainda hoje restam algumas estruturas.

No Império existiram mesmo cerca de uma centena de cidades cuja denominação incluía o elemento «Aquae», cujo núcleo central era constituído pelo balneário que ocupava uma parte considerável da área total do aglomerado urbano.

Eram as Termas terapêuticas, muito diferentes na forma e na função dos balneários, comuns em todas as cidades romanas. Elas atraíam muitos utentes, por vezes de locais longínquos porque, para além do carácter curativo, articulavam um centro de culto dedicado à divindade que se julgava fomentar os benefícios das águas terapêuticas do lugar. Várias ruínas termais podem ser encontrada por todo o território Lusitano como as de Aljustrel, Anadia, Cabeço de Vide, Caldas de Canavezes, Caldas de Vizela, Caldelas, Entre-os-Rios, Fadagosa, Gerês, Marco de Canavezes, Marvão, Milreu, Moledo, Monchique, Chaves, Monte Real, Nossa Senhora dos Banhos, Pedras Salgadas, S. Pedro do Sul (monumento nacional desde 1938), S. Vicente (em vias de classificação), Taipas, Vidago e Vizela. Também se encontram abundantes vestígios da sua permanência junto a nascentes não terapêuticas como as de Conímbriga, Lisboa (com as Termas de Tibério, Cassios e de Esculápio), etc. Quanto a estas últimas Termas foram descobertas em 1935, tendo sido encontrados restos de banheiras, galerias e canais que

seriam o reservatório das águas para banhos.¹⁰ Estavam soterradas a cerca de 8 metros de profundidade na actual Rua da Prata em Lisboa. Sobre elas existiam vias públicas e casas anteriores ao Terramoto de 1775 que, devido ao plano de Manuel da Maia, Carlos Mardel e Eugénio Santos para a reconstrução da cidade nova, foram demolidas para se erguerem os novos quarteirões da baixa Pombalina.

As Termas foram construídas sensivelmente ao nível das águas do Tejo, onde brotam as nascentes e conforme costume da época. A pedra que forra as paredes é calcária, muito usada pelos romanos nas suas construções em Lisboa, material que exploravam no local e nas redondezas, como actualmente. O aparelho da cantaria utilizado em certas zonas mais ou menos extensas é o *almofadado rústico*, tão tosco que apenas se apresenta regular nas arestas das juntas.

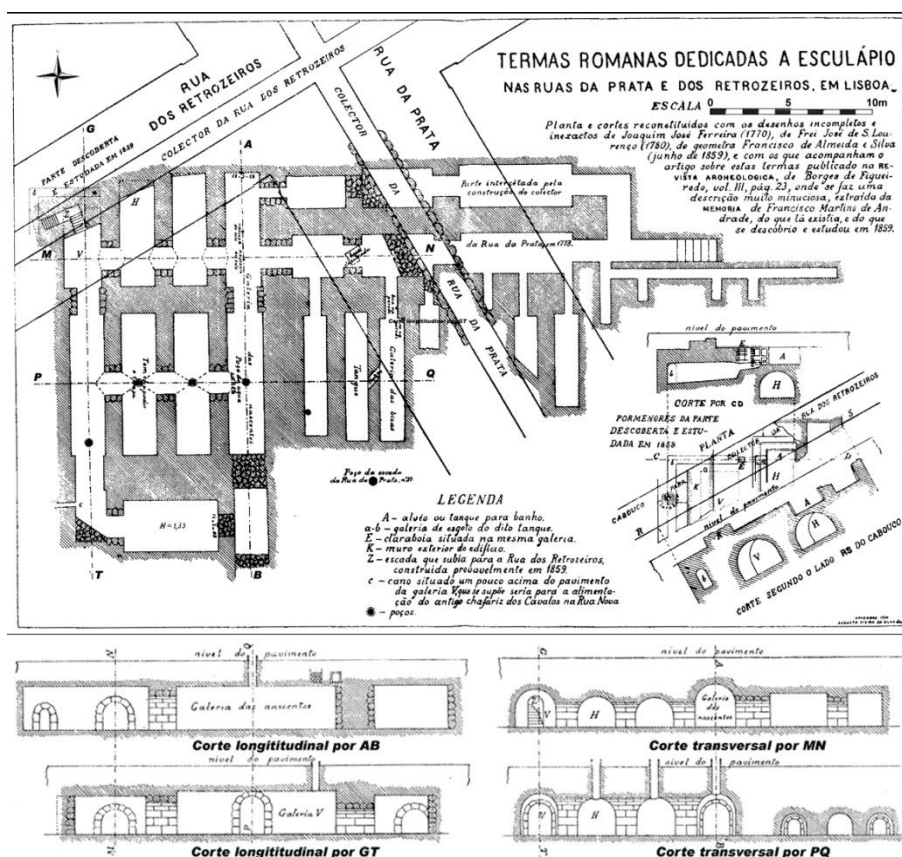


Figura 6 – Planta e cortes das Termas Romanas de Lisboa dedicadas a Esculápio.

Era muito frequente nas construções romanas como se pode ver nas obras de Gian Baptista Piranesi. Além da pedra foram descobertos mármore e tijolo de alvenaria com 50cmx30cm por 64cm de altura, próprios das construções do Império.¹¹

Na zona costeira ocidental situa-se outro símbolo evidente da civilização romana: Conímbriga. Segundo Carlos Fabião, é contudo “ (...) *um aglomerado populacional de origem pré-romana* (...) ” sendo um local arqueológico privilegiado, devido principalmente à sua localização.¹² Deve

¹⁰ Câmara Municipal de Lisboa (1977) - «As Termas romanas da Rua da Prata: notícias para ilustrar a visita às Termas romanas da Rua da Prata de 1977», brochura.

¹¹ Câmara Municipal de Lisboa (1977) – «As Termas romanas da Rua da Prata: notícias para ilustrar a visita às Termas romanas da Rua da Prata de 1977».

¹² Mattoso, J, (1997) – «História de Portugal – antes de Portugal»; pág. 230.

a sua sorte a encontrar-se a poucos quilómetros do que foi durante centenas de anos a sede oficial do saber em Portugal, a Universidade de Coimbra. Por isto Este burgo actualmente em ruínas prolongou a sua existência muito para além da queda do Império Romano, atraindo a atenção de estudiosos. Os vestígios arqueológicos mais antigos parecem serem datados do século IX a.C. Aqui estava implantada uma povoação fortificada, certamente ligada com o rio Mondego, em que estariam patentes as marcas da civilização mediterrânica.¹³ Com o decorrer do tempo absorveu outras influências como a celta, até que com a chegada dos exércitos romanos no século II a. C., a cidade terá sido submetida aos invasores.

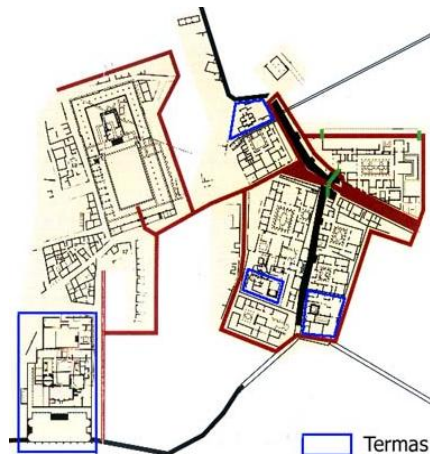


Figura 7 – Planta de Conímbriga: localização das Termas na povoação.

Não pertencia ao conjunto das principais cidades luso-romanas. Supõe-se que Conímbriga deve parte da sua importância por se situar num local de passagem da estrada que unia a cidade de Olísipo (Lisboa) a Bracara (Braga), mais concretamente entre Sellium (Tomar) e Aeminium (Coimbra).

No reinado do imperador Augusto (César Octaviano, 30 a.C.-14 d.C.), Conímbriga é dignificada com novos e magníficos edifícios públicos, o fórum e as Termas. Conforme nos relata Carlos Fabião, durante os séculos I-II d.C. a cidade passa a ser designada por Flávia Conímbriga, pelo crescente estatuto político elevado a município. O que a permite dotar com novas edificações com “ (...) *monumentalidade mais consentânea com a sua nova dignidade* (...) ” e um novo fórum (fórum flaviano) e novas Termas (Termas trajânicas).¹⁴



Figura 8 – Maqueta do fórum de Conímbriga.

Segundo informações colhidas no «Museu Monográfico» que tutela as ruínas desta cidade romana, foram desenvolvidos complexos sistemas de canalização para fornecimento das Termas e dos jardins, como os jactos de água do peristilo da «Casa dos Repuxos» que

¹³ Rocha Brito, A. M. (1943) – «As Termas de Conímbriga»; separata da revista «Clínica, Higiene e Hidrologia», nº5.

¹⁴ Mattoso, J. (1997) – «História de Portugal – antes de Portugal»; pág. 230.

demonstram o gosto apurado de carácter doméstico e público desenvolvido. Chegaram a possuir 4 Termas, sendo 3 públicas, onde a maior teria capacidade para cerca de 1500 pessoas. A estrutura do Império Romano começa a desagregar-se na passagem do século III para o IV. Os povos «bárbaros» repetem incursões pelo território, pelo que é nesta época que se constroem as mais imponentes muralhas da cidade. Mas estas defesas não bastam para proteger Conímbriga.

Em meados do século V os suevos assaltam-na e mais tarde os visigodos ocupam-na. É o começo do fim que se concretiza oficialmente no final do século VI com a deslocação do seu bispo para Aeminium (Coimbra).



Fotografia 2 – Ruína de estrutura subterrânea, difusora do calor radiante no piso em edifício em Conímbriga.

Durante a ocupação na Península, os «bárbaros» não destruíram mas ignoram ou paralisaram o sistema administrativo existente; como consequência os equipamentos imperiais foram progressivamente entrando em estado de ruína “ (...) *como os circos e os teatros. Os banhos públicos e as Termas parecem em geral que se mantiveram embora diminuindo de área e de importância, não havendo um interesse especial na sua manutenção* (...) ”.¹⁵

A Península foi dominada pelos povos árabes após a batalha de Guadalete no ano de 711. A sua arquitectura possuía características distintas porquanto é uma arte que penetra mais pelos olhos e pelos sentidos do que através da mente. A dominação muçulmana possibilita o renascimento do culto das águas minerais, tornando-se sucessores das práticas de utilização do banho romano pela variante de sauna húmida, denominada «*hamman*».¹⁶



Fotografia 3 – O «hammam»: banhos em edifício recuperado, no centro histórico de Granada do século XII/XIII.

A sua utilização funcional produz-se de forma distinta, tanto a nível civilizacional como no plano geográfico. O reconhecimento antropológico destes espaços de culto corporal é tema de

¹⁵ Mattoso, J. (1997) – «História de Portugal – antes de Portugal», pág. 297.

¹⁶ Vazquez-Illá Navarro, José (Outubro, 2006) - Página web: [http:// www.aguas.igme.es/igme/publica](http://www.aguas.igme.es/igme/publica).

consideração actual na Andaluzia, na Estremadura e em Castela; contudo, no território português anteriormente ocupado pelo Árabes Este tipo de manifestação apresenta-se de carácter secundário. Este facto é patente pelos trabalhos desenvolvidos pela arqueologia contemporânea, e consequente das diferentes culturas dos árabes que permaneceram no território e também pelo tempo de estadia: (1) no território português até finais do século XII; (2) no que veio a ser o reino de Castela, até ao fim do século XVI. Assim:

- O ascendente civilizacional nesta área geográfica – hoje denominada Alentejo e Algarve – foi determinado pelo povo proveniente do Magrebe, os Almóadas, cuja cultura se baseava nos princípios filosóficos «Sufis»: tinha como atributo o carácter austero, o desprezo pelo luxo, pelo conforto e pelos prazeres sociais. Facto que permite compreender a razão do «hammam» ser pouco certificado no património arqueológico de Portugal.
- Na actual Espanha, a Sul do rio Tejo, a cultura islâmica desenvolveu-se de forma independente. Teve como característica a aglutinação da sua própria sabedoria com a pré-existente. Tornou-se pujante conjugando-os com os conhecimentos importados do Império Bizantino. Donde resultou um esmero arquitectónico pleno de bom gosto e sumptuosidade, onde o requinte ornamental era apanágio.

Os banhos árabes foram uma prática social corrente nas cidadãs de Córdoba, Sevilha e Granada. Os seus espaços recuperados têm permitido descobrir o antigo esplendor. São actualmente recintos educativos que podem ser visitados mas não utilizados como originalmente. Embora mais austeros e monásticos ainda hoje é possível descobri-los no Norte de África e/ou no Médio Oriente e:

- Mantêm a utilização para fins de higiene corporal mas adquiriram uma componente espiritual inexistente na Península porque, segundo os preceitos, a purificação da alma deve ser acompanhada pela limpeza física;
- Os banhos desenvolveram o estatuto de interesse de utilidade pública nos territórios árabes do Mediterrâneo oriental, possibilitando o interrelacionamento das camadas sociais. Na Península encontravam-se integrados em casas abastadas e em palácios, logo com carácter de utilização privativo e distintivo.

O «hamman» é de facto um espaço multi-funcional com salas de banho de vapor, de limpeza do corpo e de relaxamento corporal. O processo é constituído por um quarto aquecido por um fluxo de ar quente (*tepidarium*) que tem como finalidade desencadear o relaxamento corporal; a seguir o banhista entra noutro quarto de vapor ainda mais quente (*caldarium*) onde se deve permanecer, o que faz com que o organismo se acalore por todo; depois o utente mergulha na piscina de água fresca (*frigidarium*), o que faz contrair o corpo dilatado pela massa térmica absorvida anteriormente; finalmente e para que o procedimento seja completo, o banhista é massajado, aposentando-se posteriormente numa sala em temperatura ambiente agradável, para descanso, relaxamento e readaptação corporal. Originalmente neste último local saboreava-se chá e podia-se desfrutar de música. Todo Este fenómeno possibilita uma “ginástica” que conjuga vários sistemas do organismo humano.

“ O que parece testemunhar em favor da antiguidade desta nação (a árabe) é que nenhum historiador diz que tenha sido subjugada. Não o foi por Alexandre, nem pelos reis da Síria, nem pelos romanos. Ao contrário os árabes subjugarão cem povos desde a Índia ao Garonne e, tendo perdido de seguida as suas conquistas, retiraram para as suas regiões sem se haver confundido com outros povos”.

Voltaire (1694 - 1778) in Question sur l'Encyclopedie ¹⁷

A «reconquista» cristã da Península iniciada no século XI, trouxe profundas alterações nos

¹⁷ Noronha, F. M. (1900) – «Os árabes na Península Ibérica» (transcrição de).

métodos e na organização social, consequentes da nova concepção religiosa que passou a vigorar. O resultado do misticismo próprio da «Idade Média» foi uma mudança de interpretação e de uso da água balnear pelos diversos povos; elas eram percebidas como sendo “*santas*” portanto de revigoração espiritual e não pelo seu efeito terapêutico. O que determinou a progressiva transformação da forma de utilizar dos edifícios termais que deixaram de ter segregação entre os sexos. Este facto facilitou a sua rápida transformação em bordéis. Esta circunstância impulsionou a sua decadência, tanto na Península como no resto da Europa. As casas de banhos medievais seriam também os locais de trabalho dos profissionais denominados «barbeiros-cirurgiões» que realizavam também pequenas cirurgias. Este tipo de actuação já era habitual nas Termas durante o Império Romano, ao disporem frequentemente de consultórios médicos e de salas para operações.¹⁸

Devido aos hábitos de higiene social totalmente distintos dos proclamados pelos romanos e árabes, os edifícios balneares foram votados ao abandono, ou alteraram a sua função pela reformulação da estrutura espacial própria, ou mesmo foram demolidos para reutilização dos seus materiais construtivos. A partir do século XI muitas tornaram-se “ (...) *lugares de tratamento dos leprosos, tendo sido construídas dezenas de leprosas até ao fim do século XII, através da iniciativa religiosa, dos nobres e de reis (...)* ”.¹⁹

A decadência da balneoterapia durou um longo período.

Comprova-se contudo que as estações das águas eram utilizadas na Península Ibérica por “ (...) *D. Afonso III das Astúrias e de Leão, e por D. Afonso V de Leão e Castela. Também D. Afonso Henriques fundador da nacionalidade recorreu às Caldas como meio de cura de sequelas do desastre sofrido em Badajoz; sua esposa D. Mafalda institui uma albergaria em Marco de Canaveses. Este notório sentimento caritativo teve sequência na neta sua homónima, a Infanta Santa Mafalda, filha de Sancho I, a qual por expensas próprias, criou uma albergaria junto das Caldas de Aregos. E aos elos da corrente se ligou mais tarde Dona Leonor de Lencastre cujo coração impressionado com o efeito dos banhos que os pobres aproveitavam numa poça, leva à prática no século XV, o Hospital Termal das Caldas da Rainha, vinculando o social no domínio do espiritual (...)* ”.²⁰

Chegado o Renascimento e segundo Ascensão Contreiras, a aplicação das águas minerais procura sair do empirismo para entrar numa base científica. Na altura o médico suíço Paracelso estuda os seus efeitos salutareos. Nos séculos XVI e XVII os estabelecimentos termais tornam-se de índole curativa, mas com dimensões reduzidas. Eram mais uma sucessão de banheiras e chuveiros, denominadas de «Casas de Banhos». Com Madame de Sévigné as estações balneares passaram a ser motivo de elegância. Ressurgiram com todo o seu esplendor no século XVIII, seduzindo a radiosa corte de Luís XIV. A moda teve reflexos na corte de D. João V de Portugal, o qual passou várias temporadas nas estâncias hidro-medicinais. Nesta época inicia-se na Europa a manifestação formal de Edifício Termal moderno que alcançou maturidade em meados do século XIX, configuração ainda reconhecida genericamente pelo imaginário da população em geral. Em Portugal o Marquês de Pombal contrata o naturalista italiano Domingos Vandelli para professor do Colégio dos Nobres e encarrega-o do estudo das nascentes minerais. A missão desempenhada fez divulgar as Termas, que passaram a ser consideradas de utilidade pública.

Mas foi durante o século XVIII e devido à fundação da Academia das Ciências e ao início das análises clínicas das águas que “ (...) *permitiram à Hidrologia portuguesa sair da situação primitiva e obscura em que se encontrava (...)* ”.²¹ Finalmente em 1894 veio a ser publicado o regulamento das águas portuguesas, legislação que Espanha já possuía desde 1816 e que

¹⁸ Hauser, S e Zumthor, P. (2008) – «Peter Zumthor, Therme Vals», 2ª edição inglesa, pág. 2

¹⁹ Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pág. 34.

²⁰ Contreiras, A., (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal», pág.10.

²¹ Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pág. 35.

Henrique IV da França já decretara em 1589. Após esta regulamentação a intervenção do Estado no sector é quase completa. Mais tarde ficou estabelecido pelo artigo 2º que a captação e exploração das águas minerais e estabelecimentos anexos só poderia ser feita mediante autorização expressa do Governo, por lhe corresponder o direito de propriedade sobre as nascentes.²² Esta foi a época áurea das Termas frequentadas por quase todas as camadas da população, incluindo os estratos de nível elevado, (...) *o que justificou, em grande medida, o seu desenvolvimento pela iniciativa privada (...)*”.²³ Facto que resultou em avultados investimentos, o que permitiu a renovação de algumas estâncias para estilo «belle époque», tornando-as sumptuosas e confortáveis.

Em meados dos anos 30 a sua decadência principiou devido às dificuldades económicas, políticas e sociais sentidas por toda a Península Ibérica e ao surgimento e prescrição médica da *penicilina* (o primeiro antibiótico foi descoberto por Alexander Fleming, revolucionando a medicina e a expectativa de vida das populações). Na década de 60 o termalismo era um sector votado ao abandono, apesar de se assistir desde a década anterior a uma lenta recuperação da sua procura. Nos anos 70 o Estado favoreceu o desenvolvimento do turismo de *sol e praia*, política que não contemplava a utilização termal. Por esta mesma altura a cultura termal renascia, em países como Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha, França e Japão, fruto de uma nova política de saúde termal e de lazer, desenvolvida através da modernização de instalações e inovação de procedimentos. Consequentemente houve um aumento da clientela termal, facto que aconteceu em Portugal só nos anos 80. Um estudo dos anos 90 assinala “ (...) *um aumento significativo das Termas do sector público, que conclui que tal se deveu aos investimentos feitos em estruturas e equipamento técnico (...)*”.²⁴

1.1.2 – Análise das Termas romanas em Bracara Augusta e Évora

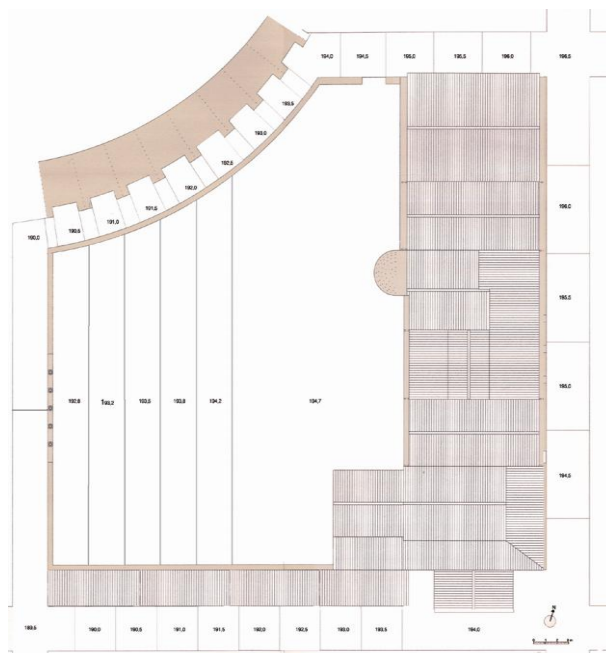


Figura 9 – Planta do exterior das Termas do Alto da Cividade.

²² Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal».

²³ Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pág. 39.

²⁴ Castelo Branco, V. (ano?) – «Estudo comparativo da actividade Portuguesa, em 1990 e 1991 com o decénio 1980/89».

No noroeste peninsular existem sete estabelecimentos termais romanos que têm sido motivo de estudos científicos, o que tem permitido caracteriza-los e cataloga-los. Estão situados nas localidades de *Bracara Augusta*, *Gijón*, *Lucus* e *Tongobriga* (um edifício balneário em cada), e três em *Astúrica Augusta*. Através do trabalho desenvolvido desde os anos 70 nas escavações com investigação arqueológica, a cidade de Braga (*Bracara Augusta*) tem sido palco de extensa indagação arqueológica. Facto que trouxe a descoberto um balneário romano, vulgarmente chamado «Termas do Alto da Cividade», que foram reconhecidas como Monumento Nacional. É um edifício de alguma complexidade arquitectónica, datado da época de Augusto e construído entre o século I e II d.C. sobre uma outra edificação parcialmente demolida.²⁵ Edificado dentro do que se pensa ter sido um programa de obras públicas de reorganização e embelezamento da área central da cidade, numa excelente localização por se situar perto do antigo Fórum.

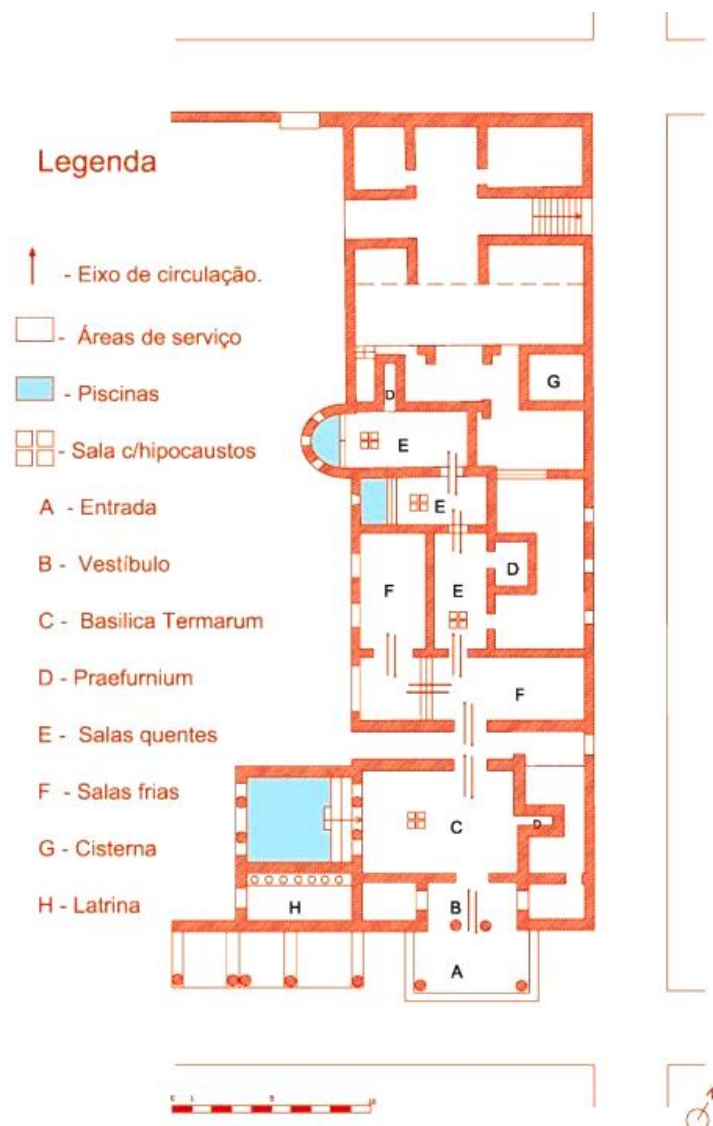


Figura 10 – Planta piso 1 do interior das Termas do Alto da Cividade.

Por todo Império os romanos empregaram as mesmas técnicas construtivas, adaptando-as aos

²⁵ Araújo Pereira da Silva, Paula (2002) – «As Termas romanas de Bracara Augusta»; tese de mestrado; F.E.U.P.; Porto – obra que deu suporte a Este capítulo de investigação

materiais existentes nas diferentes regiões. O principal elemento utilizado no balneário de Braga é o granito, sendo muito abundante na zona. Esta pedra é dura e resistente. O que requeria um alto grau de destreza em trabalhá-la, assim como tecnologias próprias para a sua correcta aplicação. O edifício com cerca de 400m² de área coberta, obedece à orientação preconizada por Vitruvius, ou seja orientada a poente, ensolarada na altura de maior utilização pública. As Termas estão situadas num quarteirão de dimensão normalizada nas urbes romanas: 150 X150 metros.²⁶

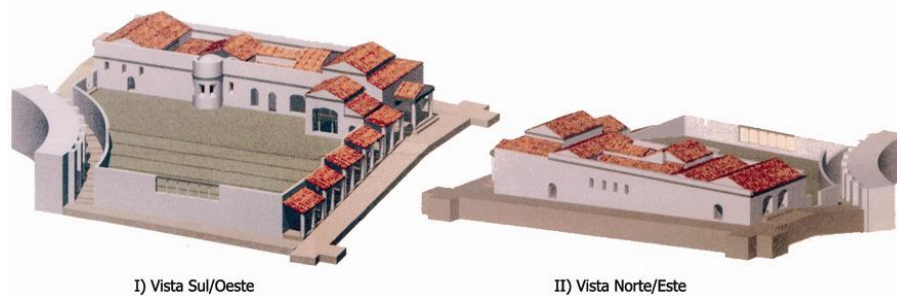


Figura 11 – Perspectivas de hipótese de reconstituição das Termas do Alto da Cividade.

A forma alongada do edifício e a disposição correspondente das salas e dos espaços favorece o percurso axial do utilizador, ou seja: entrada pelos compartimentos frios passando-se depois para os tépidos e finalmente para os quentes, fazendo-se o trajecto inverso para sair – uma circulação do tipo linear.

A entrada seria pela ala Sul através de um pórtico de colunas que se deveria prolongar ao longo da rua. Assim, daria acesso a um átrio exterior e posteriormente a um vestíbulo de interior com três entradas, uma interior e duas laterais. O estabelecimento tinha um grande número de trabalhadores, escravos e homens livres, 24 horas do dia, durante todo o ano, que permitiam a sua manutenção e o bom funcionamento. A área de serviço ocupava uma grande parte do edifício, havendo a necessidade de armazenar grandes quantidades de lenha e também que trabalhadores penoitassem no estabelecimento. Circunstâncias que permitiam manter as fornalhas sempre acesas. O procedimento garantia a inércia térmica do edifício sem grandes oscilações de temperatura. Desta forma, o utente podia usufruir de conforto em qualquer altura do dia.

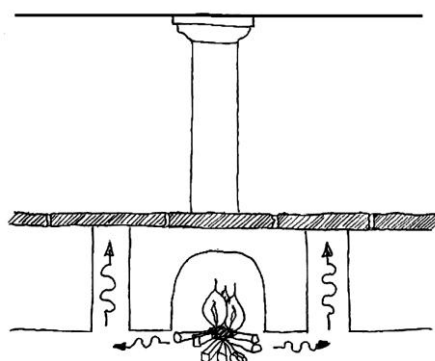


Figura 12 – Pré-furnium – esquema de funcionamento do piso radiante.

Não se sabe ao certo como era feito o abastecimento de água à edificação termal mas pensa-se

²⁶ Araújo Pereira da Silva, Paula – medidas indicadas na entrevista pessoal em Outubro de 2006.

que seria abastecida por um aqueduto que acabava a nordeste do local onde, até há pouco tempo, se encontrava uma cisterna do século XVIII. Possivelmente a sua existência deve-se à reconversão do depósito romano existente no mesmo local. Por gravidade passaria a um reservatório de cerca de 18m³ situado dentro das Termas, donde era dirigida a todo o edifício por uma canalização cerâmica enterrada, com cerca de 2% de declive, no sentido Norte-Sul. O complexo sistema de aquecimento era constituído por fornalhas, pavimentos suspensos e paredes duplas, cujo interior era constituído por tijolos vazados que deixavam passar ar quente, o que se denomina de *aquecimento radiante*, em voga actualmente no Norte da Europa. Este sistema requer tempo para atingir a temperatura desejada, mas depois torna-se de fácil manutenção. Por isso é económico, principalmente durante o Inverno quando as fornalhas estavam em funcionamento permanente, contrariando as amplitudes térmicas diurnas/nocturnas, interior/exterior.



Figura 13 – Rede viária romana e localização das cidades de Bracara Augusta e de Évora

Foi a arqueologia que observou os materiais utilizados e as técnicas construtivas empregues na construção.

Uma investigação que permitiu o entendimento espacial e funcional do edificado que actualmente se encontra em situação de ruína soterrada. Talvez por falta de possibilidades objectivas, não argumenta sobre o suporte artístico que fez desenvolver edificação termal.

Materiais e técnicas construtivas

As técnicas construtivas romanas foram abandonadas durante a Idade Média. Foram redescobertas no Renascimento como manifesto de génese e de esplendor. Este conhecimento técnico manteve-se efectivo até ao segundo quartel do século XX, quando a construção civil do mundo ocidental iniciou a utilização do betão armado.

Os romanos utilizaram os materiais existentes na região de inserção, seguindo a arte de bem construir de Vitruvius que “ (...) *consiste em utilizar da melhor maneira possível o terreno e os materiais e, por isso, o arquitecto não deverá empregar manterias que só se podem encontrar,*

ou preparar, com elevados custos (...)”.²⁷

Contudo este aproveitamento regional não impediu a difusão global das suas técnicas construtivas, principalmente para os edifícios de porte.

Salienta-se a introdução da cal na confecção de argamassas que substituiu a argila por todo o Império. Sobre os materiais e técnicas construtivas utilizados por esta civilização procuramos fundamentação noutro trabalho de arqueologia urbana, onde as «Termas Romanas de Évora» são analisadas.²⁸ Uma exposição sumária recentemente divulgada indica que foram descobertas em 1987 na sequência de obras no hall de entrada dos Paços do Concelho do Câmara Municipal. Tem como atribuição cronológica os finais do séc. I d.C. e ocupa uma área de cerca de 300m².

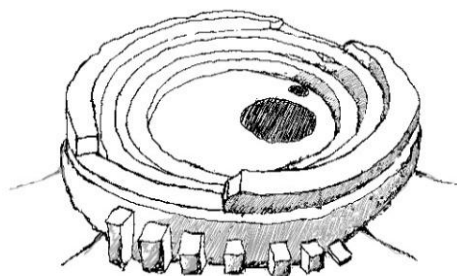


Figura 14 – Desenho do tanque integrado na sala aquecida denominada de Laconicum.

Esta *Thermae* ou *Balnea* orienta-se no sentido Sul/Norte conforme os cânones Vitruvianos e continua parcialmente soterrada devido à edificação urbana existente. É constituída por uma piscina rectangular e por uma sala circular de 9 metros de diâmetro destinada a banhos quentes e de vapor (*Laconicum*) e por uma fornalha (*Praefurnium*).

O balneário público inclui ainda uma piscina descoberta em 1994 que seria ao ar livre. As abóbadas eram construídas com tijolo, revestidas com uma argamassa de estuque e exteriormente por argamassa hidrófuga.

Como seria um edifício de porte, as Termas deveriam ser protegidos das chuvas por uma estrutura em madeira de duas águas, forrada a telha.²⁹

A existência deste complexo e de um espelho de água no «Templo de Diana», situado próximo na cidade, permitem conjecturar que o abastecimento de água seria feito por um grande aqueduto romano, antecessor à obra realizada no final do século XVI, o «Aqueduto da Água de Prata».

Actualmente existe a vontade de recuperar todo este património e de o valorizar, intervencionado de forma conjugada, resultante do contributo integrado de uma equipa de especialistas de diferentes áreas, nomeadamente arquitectos, engenheiros, historiadores, arquitectos paisagistas e arqueólogos. Descrevem-se os distintos materiais utilizados nas duas Termas, procurando-se hierarquizar a sua apresentação pelo grau de utilização:

Granito – rocha ígnea de grão fino, médio ou grosseiro, composta essencialmente por quartzo e feldspato. É proveniente das duas regiões das Termas mencionadas, sendo aplicado nos fustes das colunas, nos socos e na moldura do pódio e na arquitrave.

Mármore – rocha metamórfica de origem calcária utilizada nas bases e nos capitéis das colunas e também na pavimentação de zonas de maior importância, também natural nas duas regiões.

Opus signinum – considerado o *cimento* romano era constituído por cal, areia e cascalho

²⁷ Rua, M. H (1998): «Os dez livros de architectura de Vitruvius» Livro I, Capitulo V.

²⁸ Reis, M.P.M. (2000), «As Termas e os balneários romanos da Lusitânia» (tese de mestrado de Arqueologia), Universidade de Coimbra, págs. 54 a 67.

²⁹ Pereira da Silva, P.A. (2002) – «As Termas romanas de Bracara Augusta».

cerâmico; nos locais húmidos acrescentavam-se fragmentos de mármore pelas boas capacidades de isolamento. No fundo da *natatio* – expressão indicativa da piscina num balneário público – e debaixo do pavimento, encontra-se *opus signinum* de textura “picada”, para melhor aderência da camada aplicada por cima.

- *Opus caementicium* – é um betão de argamassa, constituída por cal e areia vulcânica. Denominada *pozolana* ou *pumicite*, calcinada a 1000°C com fragmentos de pedra e areia.
- Os locais onde era aplicado eram geralmente revestidos, utilizando-se diferentes técnicas de aplicação de remate estético: *opus incertum*; *opus quasi reticulatum*; *opus reticulatum*; *opus mixtum*; *opus latericium* ou *opus testaceum*; *opus vittatum*; e *opus sectile*
- Pedra – pedaços soltos de diferentes dimensões e de proveniências mineralógicas distintas, que eram aplicados no *opus caementicium* do tanque e no *opus incertum* do pódio.
- Para o enchimento era misturado cascalho de diversas proveniências e em quantidade.

Revestimentos – no caso de das Termas de Évora compõem-se de três camadas sucessivas:

- 1) Uma primeira com 3 a 5 cm de espessura fixada na irregularidade do aparelho e aplicada directamente sobre o suporte;
- 2) Uma segunda aplicação de argamassa, normalmente inferior à da primeira, com 2 a 4 cm de espessura formada por uma massa de areia peneirada com um acabamento apenas alisada a *talocha* para ficar regular;
- 3) Uma última camada com não 1 a 2 cm de espessura, constituída por cal e areia muito fina (ou em sua substituição, pó de calcário, gesso ou mármore pulverizado), diligentemente alisada à colher. Esta camada podia ficar “aparente” recebendo pigmentos coloridos decorativos que permitiam a conservação da cor, não recebendo qualquer outro acabamento.

Contudo e segundo o livro VIII de Vitrúvio, os bons revestimentos deviam ser compostos de sete camadas sucessivas com três qualidades diferentes de argamassas: uma primeira grosseira e três camadas de argamassa de areia, seguidas de outras três com pó de mármore. O conhecimento da composição das argamassas é relevante para uma boa intervenção de restauro.

- Argamassas de revestimento – incorporação de *opus incertum* às argamassas do *natatio* das Termas, para uma impermeabilização eficaz.
- Argamassas aplicadas na horizontal – de assentamento – aplicada nas juntas de ligação entre os tijolos do *hipocaustum*; de acabamento - aplicada na superfície superior do pavimento do *natatio*.
- Argamassas aplicadas na vertical – de encasque – operação de regularização prévia aplicada nas camadas verticais sobrepostas das paredes da *natatio* e directamente sobre o *opus caementicium*; de reboco ou revestimento – com 1 cm de espessura.
- Estuque – argamassa branca ou de cor composta por cal, areia fina, pó de mármore e gesso, diferenciando-se pela forma de aplicar da argamassa de acabamento, a última camada. Também usada nos muros interiores e ou exteriores, tectos e ornatos em relevo.
- Frescos – obra pictórica técnica produzida nas paredes antes da argamassa ganhar “presa” por aplicação de pigmentos, conforme indicações do livro VII de Vitrúvio. Para tal as paredes eram rebocadas de forma espacial, sendo a última camada aplicada de cima para baixo e por etapas.
- Madeiras – não foram encontrados vestígios embora se saiba que era um dos materiais essenciais nas construções romanas, sobretudo nas coberturas.

Técnicas construtivas nos elementos estruturais mais significativos.

- Alvenaria – Grande aparelho: utilizado nos cunhais das construções; *Opus caementicium* - colocado nas fundações e nos muros laterais ; *Opus incertum* - alvenaria composta por blocos de pedra irregular ; e *Opus latericium* - alvenaria feita em tijolo.
- Arcos.
- Abóbadas – Abóbada de cúpula hemisférica.
- Pavimentos – *Pavimenti* in *opus signinum* e in *opus tessellatum* (com mosaico).
- Revestimentos – *Opus signinum* - cimento formigão. O fundo do *natatio* apresenta-se com uma espessura de 40 cm, constituída por 3 camadas sobrepostas; *Opus albarium* - reboco de estuque; *Opus tectorium* ou *arenatum* - argamassa arenosa e seca; e *Opus marmoratum* – argamassa com pó de mármore.

Damos ainda nota das dimensões e da composição nas Termas de Évora de:

- Entrada principal: com 1,00m de largura, define o nível da cota complexo termal original; a soleira era constituída por *opus signinum* por 2 camadas, sendo a inferior com 7 cm e a exterior com 25 cm.
- Parede do tanque *laconicum* é construída em *opus latericium* (tijolos de 0,3 X 0,20 X 0,07 m), sendo todo o interior revestido de argamassas em camadas sucessivas de diferentes texturas. A última, especialmente fina, conserva em toda a superfície os negativos do assentamento das placas de mármore e alguns de grampos de fixação em ferro e em bronze.
- O tanque tem diâmetro de 5m e é organizado em três degraus de 0,32, 0,40 e 0,48m de altura respectivamente, de cima para baixo. A sua profundidade de 1,15 m, tendo o fundo de 3,80 m de diâmetro.
- Parede da sala do *laconicum*: a sua espessura varia entre 0,95 m e 1,15m; assenta numa base de alvenaria em *opus incertum*, composta por blocos de granito médios e grandes, dispostos sem ordem perceptível, aglutinados por argamassa, até à altura do pavimento suspenso.
- Tem como característica principal uma boa resistência a temperaturas elevadas. Acima a parede é constituída por três fiadas em tijolo com dimensões de 0,44 X 0,07 m; parede Sul é constituída por fiadas de tijolos com formato standardizado de 0,22 X 0,07 m até à altura do friso.
- Cunhais: só nas esquinas das absides onde o aparelho de granito se eleva por um cunhal bem aparelhado de dimensões média e grande (0,40 X 0,22 m; 0,64 X 0,48 m respectivamente).³⁰

Mapa de materiais e de técnicas construtivas

Perante a informação arqueológica das Termas Romanas de Évora procurou-se conjuga-la com a explanação da investigação das Termas de *Bracara Augusta*.

O quadro de abaixo apresenta os materiais utilizados, sua localização em obra e as técnicas construtivas (a confrontação acontece somente quando os esclarecimentos se encontram referidos objectivamente nas obras citadas).

Notas elucidativas que sustentam a confrontação:

- Os dois monumentos foram construídos sensivelmente na mesma época (finais do século I d.C.);

³⁰ Miguel dos Reis, M.P. (2000) «As Termas e os balneários romanos da Lusitânia» (tese de mestrado de Arqueologia) Universidade de Coimbra, págs. 54 a 67.

- São considerados património histórico edificado;
- Encontram-se ambos em situação de ruína arqueológica parcialmente soterrados.

Material	Localização	Técnica construtiva	Termas
Granito	Nos muros da <i>Natatio</i>	Opus caementicium.	Bracara
	Paredes interiores e <i>cloaca do laconicum</i>	<i>Opus incertum</i> – alvenaria irregular de pedra abaixo da cota do pavimento da sala circular.	Évora
Mármore	Frisos, pavimento (degraus e fundo do tanque) e revestimento e lambris.		Bracara
			Évora
Laterculi	Arcos	Pequenos arcos que constituem os pilares dos arcos <i>hipocaustum</i> .	Évora
Materiais cerâmicos e tijolo	Paredes e abóbadas das salas quentes (maciço)	<i>Opus laterecium</i> – alvenaria regular de tijolo.	Bracara
			Évora
Ladrilhos		<i>Ladrilho</i> – muitas vezes marcado com incisões diagonais para se distinguir das restantes.	Bracara
			Évora
Tijoleira	Pavimentos		Bracara
			Évora
Opus signinum	Tanque	Constituição dos 3 degraus do interior do tanque.	Bracara
	Natatio	Fundo da piscina e impermeabilização das paredes laterais.	Évora
Argamassas	Hipocaustum	Funcionam como argamassas de assentamento e de acabamento entre os tijolos dos pilares do <i>hipocaustum</i> .	Bracara
			Évora
Argamassas finas	Paredes das absidae	Colocadas na superfície da parede como frescos.	Bracara
			Évora
Bronze	Degraus do tanque	Grampos para fixar as camadas justapostas de <i>opus signinum</i> de diferentes texturas	Évora
Chumbo	Canalização	Tubo de adução de 8mm que conduzia a água quente para o interior do tanque.	Bracara
			Évora
Madeira	Coberturas	De 2 ou 4 águas, revestidas exteriormente por telha	Bracara

Quadro 1 – Tabela comparativa dos materiais construtivos das duas Termas romanas analisadas.

1.2 – O espaço termal.

Conforme referenciado as Termas foram veículo de protagonismo social e propaganda política durante a civilização romana. O que estimulou o desenvolvimento balnear de ocupações de lazer em afazeres saudáveis. Para tal foram sendo anexados mais equipamentos como jardins,

lagos, alamedas, bibliotecas, auditórios, etc. Grande prestígio pessoal foi conferido aos políticos que subsidiavam Estes (e outros) espaços públicos durante o Império Romano. Actualmente esta alegação continua efectiva. O poder público sabe que a protecção do património – natural, cultural e/ou edificado – indubitavelmente é contabilizado na avaliação das colectividades.

Diversos benefícios comprovados cientificamente têm efeito pela utilização das águas mineromedicinais, como retemperar forças, prevenção de doenças e solucionar moléstias. O espaço termal oferece por isso diferentes equipamentos, normalmente inseridos em vasta área verde, o que motiva percepções distintas do registo fenomenal do quotidiano.

A natureza do ser humano é considerada intuitiva, contextual e relacional, ou seja «holística». A compreensão da realidade é avaliada pelos juízos determinados pelo relacionamento com o contexto da implantação e pelo carácter pessoal. O conceito de interacção tem suporte na moderna clínica internacional que considera a vivência das pessoas como a conexão interdependente do foro «bio-psico-social». ³¹

Averigua-se portanto o relacionamento do homem com o território de inserção termal e seus estabelecimentos, sem pretender entrar no domínio crítico da estética ambiental.

1.2.1 – A subtil energia da natureza.

“ Qualquer forma deve satisfazer um conjunto de critérios que se designa geralmente por «contexto» ”

Christopher Alexander (1936)

Os valores espaciais são-nos comunicados pelos sentidos e são determinantes na nossa compreensão fenomenal. Os sistemas desta comunicação podem ser classificados de acordo com a nomenclatura:

- Visual – é através da visão que se constrói a parte mais importante da imagem do espaço. Pressupõe a sua apreensão sequencial e portanto com dinâmica própria.
- Orientação – respeita o equilíbrio vertical e a noção de acima/abaixo, esquerda/direita, horizontal/vertical, perto/longe, dentro/fora que permitem ao utente orientar-se.
- Referências – O espaço manifesta-se essencialmente através de sistemas de demarcação, como por exemplo monumentos, traçados, entroncamentos, zonas, marcos. A noção é desenvolvida através de eixos e seus cruzamentos.
- Influência – O elemento arquitectónico tem um peso próprio no contexto, uma “ (...) *força de atracção à vista, um ponto de concentração de acentuações* (...) ”. ³²
- Táctil – parece pouco relevante se não se entrar em consideração com a sensação térmica e o contacto com o ambiente, mais concretamente o calor, o frio, as correntes de ar, o vento, a orientação e a impressão solar. São relevantes na apreensão e qualificação do espaço, tanto urbano como natural.
- Olfactivo – cheiros e odores caracterizam e são parte integrante do espaço, existindo frequentemente “ (...) *como símbolo do paraísocom significado mítico e sagrado* (...) ”, ³³ introduzido com o jardim islâmico.
- São componentes pertencentes à arquitectura paisagística.
- Sonoro – importantes na apreciação do homem no seu relacionamento com o espaço

³¹ Oliveira, H. citando Dr^a Idalina Russell (05 de Maio de 2007). «Termas de Portugal» (dossier) em «Expresso», pág. 16.

³² Consigliari, V. (1995) – «A Morfologia da Arquitectura», volume I, pág. 264.

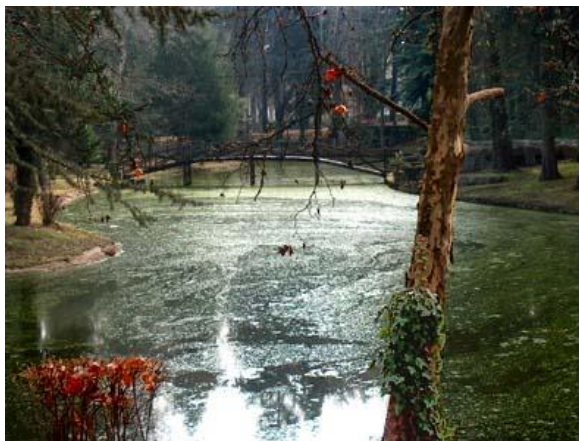
³³ Carita, H. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 27.

natural: o chilrear dos pássaros, sonoridade da queda de água, os ruídos das folhas, etc., sons conjugados que permitem uma comunhão com a natureza e o desenvolver de sensações.

Dos sistemas de percepção acima referidos “ (...) a cada sistema vai corresponder uma característica da forma, que poderá ser perceptível. Todavia a comunicação com o ambiente é essencialmente visual e constitui um momento determinante da estética do local, porque os elementos figurativos se manifestam predominantemente por Este modo de comunicação (...) ”.³⁴ Contudo, mesmo utilizando a hierarquia de sentidos, precisamos da sua conjugação para se perceber a harmonia de um lugar de forma total. As propriedades dos lugares competem também ao paisagismo, não cabendo no domínio do desenho arquitectónico.

1.2.2 – Sobre as águas balneares

“O homem é um amontoado intelectual de células – mais, é uma relojoaria de movimentos subatômicos, estranha conglomeração eléctrica de milhões de sistemas solares em miniatura mínima”.
Bernardo Soares (1888- 1935)³⁵



Fotografia 4 – Parque termal de Vidago.

Esta complexa conjugação de sistemas vivos interactivos também por vezes precisa de restabelecimento. As características terapêuticas da água mineral reflectem-se no Homem pelo consumo das águas termais. Principalmente se clinicamente assistido e melhor ainda se aliado a um regime alimentar correcto. Altera o estado do indivíduo, na condição de não o obrigarem a sacrificar os seus hábitos e costumes pessoais excessivamente.

Sobre as qualidades curativas das águas termais transcreve-se a concepção com base científica de Blum e Tassitchi “ (...) todo o organismo é constituído por associação de células. A célula é a associação organizada de um certo número de princípios: iões, corpos rádio activos, e colóides diastases. Ora as águas minerais contêm no seu seio iões, colóides, substâncias radioactivas e catalizadoras. Desta forma é incontestável que tais soluções tão próximas pela sua natureza da composição elementar dos tecidos orgânicos, não podem ser indiferentes em face dos protoplasmas celulares (...) ”.³⁶

³⁴ Garcia Lamas, J. (1990) – «Morfologia urbana e desenho da cidade», pág.s 58 e 59.

³⁵ Pessoa, F. (2007) – utilizando o pseudónimo Soares B., «Livro do Desassossego», pág. 5.

³⁶ Formigal, J. (1934) – «Alguns apontamentos sobre o valor das Águas de Caldelas», comunicação apresentada à Associação Médica Lusitana, em 1 de Junho de 1933, pág. 23.

O papel biológico da água no corpo humano é de essencial importância porque contém cerca de três quartos de água (dependendo da idade), sendo alguns órgãos quase integralmente constituídos por ela. A importância da hidratação dos tecidos é fundamental na renovação continuada do restauro das depreciações orgânicas. A água deve ser o primeiro e mais simples recurso a ser usado em caso de um desmaio, sendo essencial nos casos de problemas continuados dos rins, cardíacos e gastrointestinais. Tem resultados sudoríferos e anti-inflamatórios quando administrada a quente, daí ser aconselhada nas gripes e pneumonias para estimular a transpiração. No caso de infecções como febre tifóide e/ou escarlatina são aconselhados os banhos de emersão quentes.

Estes factos ocorrem somente pela consequente utilização de água pura. O seu efeito é exponenciado quando a ela lhe estão dissolvidos componentes químicos próprios da erosão dos terrenos por onde se infiltra, ou de evaporação das águas subterrâneas.

A ciência que trata das diversas espécies e qualidades de água e correspondentes características é denominada «Hidrologia», sendo designada como «Hidrologia Terapêutica» quando estuda o tratamento de doenças através das propriedades físico-químicas das águas minerais, medicinais ou termais.

Estas brotam de fonte naturais e possuem acção terapêutica pelas características mencionadas. As águas podem ser minerais (com minerais em dissolução), medicinais (que servem de remédio) e termais (destinadas a banhos públicos). No entanto devido ao carácter ambivalente das suas propriedades é objectivamente impossível dar uma classificação satisfatória das águas existentes segundo os pontos de vista químico, terapêutico e mineralógico.³⁷ A nível químico podem ser considerados oito grupos distintos de águas:

- Águas ferruginosas: empregues contra a anemia e a clorose (as mais abundantes na zona de estudo);
- Águas Sulfurosas termais ou frias: empregues sobretudo para os reumatismos, doenças da garganta, da pele, etc.
- Águas cloretadas sódicas: empregues contra o raquitismo, os fibromas uterinos, etc;
- Águas alcalinas: indicadas nos tratamentos das doenças do aparelho digestivo e de nutrição;
- Águas arsenicais, reconstituintes, prescritas em caso de tuberculose no seu início, as astenias, etc.;
- Águas cálcicas e magnésicas, contra a gota, as afecções de vesícula e doenças renais;
- Águas radioactivas com origem nas camadas profundas da terra, onde a existe rádio;
- Águas indeterminadas, que agem sobretudo pelas suas propriedades físicas, especializadas de muitas diversas maneiras

A crescente concentração em espaços urbanos, a competitividade desmesurada, a globalização económica baseada na maximização produtiva, veio expor as fragilidades da humanidade, explicitando a crescente importância que se atribui à boa forma física, psíquica e social dos cidadãos que habitam nas metrópoles. Estes são cada vez mais confrontados pelas paranóias da civilização.

Pode-se afirmar que nas grandes cidades se vive automaticamente, em estado de incessante actividade que mantém o globo cerebral dos habitantes em contínua vigília activa.

A constante sensação de todo o tipo de estímulos actua sobre o sistema nervoso, tendo como consequência, fluxos de actos reflexivos. Estas fragilidades acarretam novas doenças. Respondemos normalmente de forma repetitiva e previsível aos estímulos do ambiente onde estamos inseridos (reflexos condicionados) que no tempo se tornam causadores de uma doença multifacetada denominada: «stress». Tem consequências complexas e difíceis de diagnosticar. Para recuperar a saúde, é necessário repouso e distração.

³⁷ Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal» pág. 19.

Da noção de *saúde curativa* evoluiu-se para o conceito de *saúde preventiva*. A definição de *saúde* e/ou *doença* desenvolveu-se para a interacção conjunta do *físico, psíquico e social*. São consideradas como condicionadoras da saúde das pessoas.³⁸

Desta multiplicidade resulta a concepção base das sociedades modernas que não se limita à realidade primeira de ter saúde, mas também das realidades que a enfatizam, denominadamente:

- O ambiente;
- O ordenamento do território;
- O desenvolvimento.

Uma estadia nas Termas, mediante banhos e ingestão de águas terapêuticas, com ou sem aconselhamento médico, tem sobre o organismo uma acção sedativa, tónica e curativa. Permite também harmonizar o indivíduo pela mudança de rotinas e tipo de alimentação em ambiente oxigenado. A prática de exercício moderado, o convívio e a distração em deambulação relaxante por ambientes de natureza vegetal onde árvores se moldam ao sabor da brisa, são alguns dos agentes salutareos de apoio ao tratamento hidroterapêutico. Estes locais concedem um viver singular, pela acção calmante do meio sobre a vida cerebral. O conjunto de circunstâncias influi no indivíduo obtendo-se, por efeito de falta de estímulos, uma força que impede de modo eficaz a exteriorização extremada da actividade cerebral.³⁹

1.2.3 – A terapia psicossomática

“Nada existe no espírito que não tenha passado pelos sentidos.”
Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.)

Outros factores têm a sua influência no *homem* para além da qualidade da água termal consumida, como a tendência dos indivíduos de hoje (principalmente os urbanos) em se reencontrarem com a natureza, da necessidade de evasão, de respirarem ar puro, de contacto com o meio natural.

Já Hipócrates falava da relação existente entre *fenómenos meteorológicos e patologia*.⁴⁰ Segundo o seu estado físico e psíquico o homem suporta de forma diferente as variações do clima. Diz-se:

- Meteorostável: se suporta estas variações sem ser afectado;
- Meteorolábil: quando perturbado.

A neurose é considerada na segunda classificação, enquanto quadro clínico.

Actualmente e devido à técnica espacial disponível, o *bioclimatismo* está a caminhar para se tornar numa ciência exacta. Enquanto medicação natural, o *termoclimatismo* continua a ocupar um lugar importante do arsenal terapêutico disponível.

A natureza representa um papel muito importante no contexto dos locais de saúde como espaços de relaxamento e de estímulo multi-sensorial – visuais, auditivos, olfactivos, tácteis e até gustativos – que ajudam à recuperação do organismo.

Há estudos científicos recentes que o comprovam, referindo: “ (...) *um desenho que proporcione*

³⁸ Oliveira, H. (05/05/07). «Termas de Portugal» (dossier) em «Expresso», pág.s 16 e 17 - comentários da Dr.ª Idalina Russell directora clínica das Termas de Caldelas.

³⁹ Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal».

⁴⁰ Hipócrates (460 – 377 a.C.), «Tratado das Águas do Mar e das Artes», citado em Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal», pág.24.

acesso visual ao exterior com árvores traduz-se em ganhos financeiros à instituição, por doente e por dia ... a sua arquitectura deve ser flexível e amigável, facilitar a legibilidade, a orientação e a navegação do espaço, a segurança, a protecção (sombra e abrigo) e a manutenção (...) “. ⁴¹

A natureza proporciona também a realização de programas de terapia ocupacional.

Segundo alguns médicos psiquiatras, uma estadia com aplicações nas Termas “ (...) *para além da acção analgésica, anti-inflamatória, descontracturante e facilitadora da mobilidade... ...poderá desempenhar um papel importante num determinado grupo de quadros clínicos com manifestações ansiogénicas e patologias do âmbito psicossomático (...)* ”. ⁴² Para clarificar a relação entre Termalismo e Psicossomática foi elaborado em 1986 um trabalho de investigação científica de contributo limitado, relacionando um grupo de 114 aquistas com neuroticismo, depressão e ansiedade. Estiveram hospedados nas Termas de Entre-os-Rios (Torre), e outro grupo de doentes com queixas semelhantes (94 pacientes), a frequentaram a consulta externa de Reumatologia do Hospital S. João, Porto, estudando-os com os mesmos instrumentos. Como método desenvolveram o questionário denominado «Grupo e estudo sobre termalismo». Foram estudados os aspectos biográficos/profissionais, condições de habitação e questões de saúde dos aquistas e doentes. Teve como conclusão:

- “ (...) *A considerar que os aquistas só excepcionalmente procuram as Termas por distúrbios estritamente psiquiátricos...*;
- *...A hipótese de um número significativo de deprimidos se encontrar a frequentar tratamento termal...*;
- *...Os factores económicos e sociais são determinantes para a opção pelo uso de estâncias termais (...)* ”. ⁴³

Pode-se inferir portanto que a existência de ambiente natural e o seu desenho circunstanciado têm impacto no comportamento dos utilizadores e no seu bem-estar mental. Ao serem delimitados os espaços circundantes e definindo-se as suas distâncias e arranjos, permite-se que cada indivíduo possa entrar em comunicação inter-social de acordo com o seu entendimento selectivo, facilitando o nível de relacionamento que possa pretender.

De notar a importância da qualidade luz como assunto de conveniência terapêutica. Porque interfere directamente na psique dos doentes: a luz directa – quando intensa – é considerada como um factor de excitação e de exaltamento, tanto para os doentes do género depressivo como para os bipolares.

Daí a importância de arvoredo nas Termas. Têm como função serem coadores da luz solar, filtros terapêuticos assistentes:

- No exterior – os percursos pedonais são circundados por vegetação e arborização frondosa variada;
- Internamente – pela utilidade das poderosas fenestranças dos estabelecimentos termais, por vezes com vitrais nas zonas semi-públicas. ⁴⁴

A quantidade da luz qualifica a comunicação visual, quer no exterior quer no interior dos estabelecimentos.

O que ajuda a compreender outra funcionalidade da arte dos vidros coloridos desenhados, para além da ornamentação decorativa. A luz torna-se depurada e com *nuances*, o que faculta a pacificação íntima dos utentes. Para além de embelezarem sensações espaciais, os vitrais propõem o desenvolvimento da abstracção e do relaxamento.

⁴¹ Scozka, L. (2005) – «Contextos humanos e psicologia ambiental», pág. 327, comentando a investigação de Burnet (1997), fundamentada em estudos de Ulrich (1984).

⁴² Separata «O Médico» (1988), nº 1864, Volume 117, pág.s 2 e 3.

⁴³ Idem da nota de rodapé anterior, pág. 10.

⁴⁴ Coutinho Varela, Soledad (Fevereiro de 2007), técnica superiora do Hospital Psiquiátrico Magalhães de Lemos, Porto – comentário em entrevista pessoal.

1.3 – A envolvência termal

“E veremos que sempre que nas épocas que vão amadurecendo em civilidade e elegância, os homens constroem primeiro nobres edifícios e depois belos jardins: como se os jardins fossem sinal de uma perfeição maior”.

Michel Baridon (1926)

O relacionamento das construções com o espaço verde do *lugar termal* é determinado pela arquitectura. Ela assume-se como a força organizadora dos elementos balneares, compondo aproveitamentos conjugados.

Actualmente o conceito de *termalismo* tornou-se mais abrangente com a entrada em vigor do decreto-lei 142 de 2004. Esta nova orgânica permite que as estâncias balneares possam oferecer simultaneamente a tradicional noção *terapêutica* aliada ao *bem-estar* e *lazer*, conforme o carácter preventivo da moderna perspectiva de *saúde*.

As Termas podem agora oferecer novas possibilidades de utilização. O *espaço natural* é parte integrante da sua cultura, pelo que é analisado.

1.3.1 – Breve análise histórica.

A arte dos jardins nasceu com a vida sedentária do homem. Muitos dos livros que a descrevem principiam: “ (...) *E Deus plantou um jardim a leste do Paraíso e aí pôs o homem que havia modelado... e um rio saiu do Paraíso para regar o jardim e aí era dividido em quatro partes (...).*” Segundo Francisco Caldeira Cabral, precursor da profissão de arquitecto paisagista na década de 40,⁴⁵ o Egipto surge como o primórdio histórico da cultura civilizacional humana devido:

- Agricultura nas lezírias inundadas pelo Nilo;
- Horticultura em terraços regados por um sistema de diques e canais, afastados das cheias.

Os seus templos e casas nobres eram construídos no meio de jardins, de hortas e de pomares, formando conjuntos regulares, quadrados ou rectangulares. Eram protegidos por muros, sebes de arvoredo ou mesmo bosques de forma a abrigar dos ventos e areias do deserto e também ensombrando do sol africano. Frequentemente o jardim principal tinha no centro um lago rectangular escavado até à toalha freática. As suas margens em talude eram revestidas de plantas decorativas. Como os actuais pomares e olivais eram plantadas árvores em linhas regulares, definindo espaços e encaminhando.

Estas características foram aproveitadas pelas culturas mediterrâneas, simbolizando lugares ideais de carácter sagrado ao interpretarem o mundo na construção de um *microcosmo*.⁴⁶ A ocupação islâmica na bacia mediterrânea fez-se acompanhar de uma cultura “ (...) *mais próxima das civilizações helenísticas do que a dos povos do Norte da Europa (...)*”⁴⁷ que aqui permaneceram depois da queda do Império Romano.

Daí o interesse também em Portugal pela habitação, pelos jardins e pelos espaços exteriores, desejo que incorporava a tradição islâmico-helenística. A partir do século XV o facto é ampliado pelo contacto comercial com o Norte de África e pela ocupação de Ceuta. Realça-se no entanto também a influência céltica no Norte do país, o que permitiu difundir o gosto pelos bosques e por florestas, em continuidade dos jardins das casas senhoriais.

⁴⁵ Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História», pág. 19.

⁴⁶ Cabral, F.C. (1962) – «História de arte dos jardins: o Egipto»; pág.s 1 a 3.

⁴⁷ Carita, H. e Homem C. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 25.

O desenvolvimento económico português durante o Renascimento permitiu surgir uma nova classe, a burguesia. Endinheirada e ávida de novos gostos, foi motivada pelos contactos com diferentes culturas.

O humanismo dos países latinos entrou em confronto com o sentimento místico do movimento gótico oriundo do Norte da Europa, manifestando-se em conceitos baseados na civilização greco-romana. Portugal não teve aptidão para desenvolver concepções racionalistas fundamentados na ciência, mesmo durante o apogeu dos descobrimentos. A arte lusitana foi buscar fundamentação à tradição hebraica mediterrânea e na Natureza, desenvolvendo uma nova forma padrão ordenadora do mundo e da humanidade, o humanismo naturalista denominado o «estilo Manuelino». Esta corrente reflecte-se nas artes e no urbanismo, mas falta a noção racional do espaço abstracto como é característico do renascimento italiano. Consequentemente a concepção dos jardins portugueses é organizada não por eixos rigorosos e racionalmente instituídos mas por espaços orgânicos. Estes desenvolvem-se ao sabor das circunstâncias naturais e dos sentidos, não se experimentando a noção do conjunto.

Só no século XVII surge um carácter mais formal, onde o luxo é um apanágio. O requinte pretendido reflecte-se na conjugação decorativa de fontes, nichos, estátuas, gaiolas de aves, etc. e onde o grande lago continua a ser elemento primordial. A ornamentação das paredes das cascatas e dos jardins é influenciada pela cultura oriental sendo introduzidas de conchas e outros adornos exóticos.

- O espaço valoriza a invocação em prejuízo do formal;
- A estrutura é menosprezada em proveito da cor, do brilho e dos reflexos;
- O cromatismo do azulejo então introduzido, compete com as cores da natureza.

A concepção de jardim arquitectónico e de estar, principalmente a Sul do rio Mondego, é “ (...) devido a profunda dependência de uma natureza de verões secos e excessivamente quentes ... conceito que nos separa da tendência paisagística da Europa além-Pirinéus, onde a natureza envolvente é convidada a participar no traçado global do jardim (...) “. ⁴⁸ Mantém-se a inter relação da casa com os jardins murados. O terreiro e os pátios entendem-se como espaços reservados, em contraposição com o espaço exterior que é considerado profano.

Contudo locais estratégicos foram escolhidos, assinalando eixos visuais de acesso ou de ligação ao exterior para usufruto da paisagem. Foram arquitectados mirantes, alpendres e casas de fresco para observar quem chegava ou passava. Galerias configuradas por ramadas tornam-se lugares de passeio com bancos e conversadeiras. São passagens que relembram o deambulatório romano.

O jardim opta pela qualidade vivencial em detrimento da paisagística com áreas diferenciadas pela condição do terreno. O interior é favorecido relativamente ao exterior, mais protegido e confortável. O eixo principal gerador do conjunto racionalista em voga no Norte da Europa não tem expressão no território. Aqui o todo e cada uma das partes nem sempre têm uma concordância lógica, formando um conjunto não unitário. ⁴⁹

Só a partir dos anos 60 o espaço deixa de se confinar intramuros abrangendo também a paisagem como marca significativa e artística do homem. Estes locais tornam-se simbólicos, sendo catalizadores de capacidades humanas genuínas favorecidas pelo contacto benéfico com a natureza. ⁵⁰

O jardim ao longo dos tempos está “ (...) intimamente ligado com a arquitectura e a vida doméstica (...). “ ⁵¹ A sua concepção torna-se abrangente pois “ (...) um jardim é uma natureza

⁴⁸ Idem nota de rodapé anterior, pág. 15.

⁴⁹ Carita, H. e Homem C. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 38.

⁵⁰ Idem nota de rodapé anterior pág. 45

⁵¹ Carita, H. e Homem C. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 15

viva que vive da natureza do homem e espelha-se tanto quanto a ela se pode elevar (...)”.⁵² O significado de sua evolução como lugar construído é caracterizado por:

- “ (...) Construção de um microcosmo que interpreta e configura o entendimento do mundo pelo homem. Pretensão de reproduzir o paraíso, adaptado ao homem através de formas contidas e confortáveis. Imagens do paraíso – em Persa significa «jardim» – são conhecidas na consciência colectiva de todos.
- Exaltação do domínio racional do homem sobre a natureza desenhada geometricamente, introduzindo-se a estatutária e simbolismos notáveis para interpretação dos visitantes.
- Celebração e apreciação das formas da natureza pela caracterização da paisagem, luz/sombra, dinamismo da água e arvoredos, anulando o racionalismo regular do item anterior. De realçar a importância da pintura, arte que apoiou a apreciação da natureza (...)”.
- “ (...) Actualmente, desde a década de 60, através da interpretação das correntes de expressão na perspectiva psicológica e fenomenológica... a sua apreciação é como tomada de consciência dos seres humanos ainda confrontados com a atitude emocional... ...atitude marcadamente acrítica, herdada do século passado e passivamente resistente (...)”.⁵³

Jardins do centro e Sul do país

“ Um jardim é um resumo da civilização, uma modificação anónima da natureza... há as plantas, crescem as árvores e há bancos por baixo da sua sombra. No largo, os bancos são normalmente maiores e têm quase sempre gente, gente que convive ”
Bernardo Soares⁵⁴

O conceito islâmico dos jardins era de sobremaneira considerado *sagrado*. Por isso eram locais reservados com árvores aromáticas distribuídas simetricamente, onde a laranjeira era consagrada por ser considerada proveniente do paraíso.

Também desfrutavam de flores perfumadas, pátios e espelhos de água. A sua imagem simbólica assemelha-se na civilização árabe à do paraíso: um espaço ideal fechado sobre si próprio, protegido por guardas, com fortes portões e altos muros.

Nos finais do século XV os jardins de Generife, Granada, eram descritos como sendo constituídos ” (...) *por uma série de recintos, cada um dos quais com o seu ambiente peculiaríssimo... cada estância possui formas e proporções particulares, determinadas pelo sentido recreativo com que foi concebido* (...)”.⁵⁵

O campo olfactivo e visual caracterizava cada jardim, sendo de importância decisiva nas características particulares do espaço – de notar que o odor dum indivíduo era considerado consequência directa do seu temperamento e humor, podendo o odor da noiva anular uma combinação de matrimónio. É interessante notar que a laranjeira é a árvore pública urbana na Andaluzia e também no Algarve, embora aqui em muito menor quantidade. A sua integração

⁵² Pinto Correia, C., Castel-Branco, C., Furtado, J.A. (1994) – «Os quatros rios do Paraíso»; em prefácio de Miguel Esteves Cardoso.

⁵³ Informação conjugada em: Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História»; e Andresen, M.T. (1992) – «Para a Crítica da Paisagem», tese doutoramento.

⁵⁴ Pessoa F. (2007) usando o pseudónimo Soares B. – «Livro do Desassossego», pág. 7.

⁵⁵ Moreno, P. referenciado em: Carita, H. e Homem C. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 30.

estava relacionada directamente com a habitação, organizando o ambiente de forma a privilegiar a sensação de calma e repouso.



Fotografia 5 – Laranjeiras e limoeiros, no jardim da Casa Pilatos, Sevilha, construída no século XVI.

Outra característica de proveniência islâmica é o jardim-pátio ocupar o centro da habitação da casa portuguesa. Que se revela como “ (...) *a génese dos nossos jardins nos séculos XV e XVI* (...) “. ⁵⁶ Devido ao clima, a água é elemento essencial no requinte de quintas e herdades. A existência nos espaços exteriores do *tanque-espelho* é também determinada pela influência árabe, onde “ (...) *para além das suas qualidades estéticas há ainda a importância do efeito da evaporação, diminuindo a temperatura ambiente, aumentando o conforto e criando a situação de amenidade* (...) “. ⁵⁷ Servia também como reservatório, retendo e distribuindo água através de canais conforme as necessidades das épocas do ano.



Fotografia 6 – A catedral de Sevilha e a laranjeira, árvore pública na Andaluzia.

Estas funções não dispensaram o seu aproveitamento para fins recreativos, “ (...) *quasi sempre embelezado por azulejos e com formosas bacias de cantaria que encontramos por todo o país. Soubemos mesmo dar-lhe carácter original* (...) “. ⁵⁸ Tudo isto levava a que o espelho de água tivesse uma situação privilegiada relativamente à habitação por ser um símbolo dinâmico de vida. Estes locais de retenção de água eram também de entretenimento por se encontrarem

⁵⁶ Carita, H. e Homem C. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 30.

⁵⁷ Pinto Correia, C., Castel-Branco, C., Furtado, J.A. (1994) – «Os quatros rios do Paraíso», pág. 49.

⁵⁸ Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História», pág. 2

rodeados de bancos, namoradeiras e alegretes, elementos característicos dos jardins nacionais. Era o elemento de interligação e enquadramento com envolvente próxima. Favorecia a interpenetração espacial da habitação, muitas vezes ampliando a noção de entrada, conjugada por escadarias varandas e/ou patamares. O jardim português do século XV é um espaço privado em prolongamento natural da habitação. Foi desenvolvido da tradição autóctone islâmico-helenística, com características distintas das dos jardins europeus para lá dos Pirinéus. Condições que explicam a importância da água para o bem-estar exterior; a introdução de árvores de fruto odorífero como a laranjeira, limoeiros e também palmeiras, damascos e amendoeiras; e a importação de plantas como o jasmim, o narciso, a açucena e a cana-de-açúcar (esta originária da Índia). Condições que deram origem ao *pomar/jardim* português no século XVI.

Jardins do Norte do país

“ Hoje em dia aceita-se a árvore por si mesma, considerando-a como uma presença viva que habita entre nós”.

Gordon Cullen, (1914 - 1994).



Fotografia 7 – À direita, japoneira em flor. Ao fundo a Casa da Música de Rem Koolhaas, Porto.

No Norte do país está mais ligado à cultura céltica e ao culto da floresta.

A residência abre-se ao jardim por varanda com telhado suportado por colunas toscanas. Esta tribuna é parte integrante da casa, simbolizando poder e influência na região. O relacionamento interior/exterior provocado estimula a sensação de continuidade do espaço. O que fez gerar percursos com átrios, terreiros, escadarias e colonatas. O material preferencial dos jardins é o granito. Esta pedra muito abundante na região permite resultados de aspecto sóbrio e resistente. Teve forte influência no barroco Nortenho e na expressão artística dos espaços exteriores caracterizados por fontes de chafariz central em detrimento do tanque-espelho do Sul.

Proveniente do Japão, a cameleira também denominada japoneira, foi segundo uns, “ (...) importada directamente do Japão para o Porto em finais do século XVItransformando-se num apanágio das famílias ricas da região (...) “. ⁵⁹ Segundo outros, terá sido introduzida no século XVIII na Quinta de Fiães pelo proprietário Francisco Van-Zeller, grande entusiasta de jardinagem.⁶⁰

A camélia japónica adapta-se naturalmente ao clima do Norte do país florescendo em todos os jardins, talhada nas formas mais variadas, por vezes formando mesmo «Casas de Fresco» com

⁵⁹ Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História», pág. 74.

⁶⁰ Araújo, P. (Abril de 2006), página web: <http://dias-com-arvores.com>.

dimensões consideráveis, refúgios aprazíveis nos dias soalheiros pelas suas deleitosas sombras.



Fotografia 8 – Eixo de jardim formado por «Casas de Fresco» em jardim barroco da «Casa do Campo», Fermil de Basto; a) exterior e b) interior.

Com a Contra-Reforma a arte irá desenvolver-se na exaltação dos sentidos e da ambiguidade e envolvimento, como que negando a racionalidade do espaço. Este passa a ter uma expressão dinâmica e em expansão como característico do barroco da Europa central.

A partir do século XVIII os solares do Norte manifestam grande sensibilidade artística nos jardins como consequência da crescente atenção dada à habitação. Eles desenvolvem-se em disposição tradicionalista em resistência à política anticlerical do Marquês de Pombal. Enumeras escadarias proporcionam um espírito cénico, dinâmico e direccional. Indiciam percursos descontínuos entre os vários espaços do jardim. Interligam os patamares em níveis distintos, conforme a geografia do terreno. Como conceito deixa de ser considerado «jardim de estar» para ser um «jardim de percurso».

Fazia-se chegar a água aos patamares superiores proveniente de minas ou tanques, que por gravidade se distribuía progressivamente aos tabuleiros inferiores. Uma forma de economizar a água das regas mediante engenhosas técnicas de caleiras de granito. Formas decorativas e dinâmicas do espaço urbano como chafarizes, fontes e tanques, por vezes de grandes dimensões, serviam também de reservatórios de retenção de água para as necessidades.



Fotografia 9 – Características dos jardins do Norte do país – Palácio Cristal, Porto.

Próprio da região Norte é o chafariz de espaldar alto em granito, decorados com as armas da família, emblemas e ornamentos, perfeitamente integrados na estrutura arquitectónica, o que amplia a teatralidade própria do barroco. O próprio jardim abre-se ao exterior sem grandes

preocupações de privacidade, privilegiando a vista da paisagem.

O gosto por laranjais, limoeiros e pomares assiste também o Norte em áreas junto da habitação. De notar que a flor da laranjeira tem mesmo actualmente uma simbologia reconhecida toda a Península que expressa pureza na cerimonia matrimonial.

O gosto por árvores de copa larga foi acrescentado com o plátano, o castanheiro e o carvalho.

São ainda hoje elementos importantes nos espaços de recreio e de percurso das quintas. Emparedam alamedas de acesso à casa, definem o prolongamento dos jardins, ou compõem bosques como consequência da influência céltica. Há portanto três tipos de tipologia espacial nos jardins do Norte:

- O terraço;
- O bosque;
- O pomar de recreio com laranjais, limoeiros, etc. mas de menor importância que no Sul.

De notar que até ao século XVIII os jardins com qualidade e grandeza encontravam-se quase unicamente a Sul. Com surgimento do jardim cenográfico no século XIX, o aroma foi perdendo progressivamente importância em favor da apreciação visual. Sobre tudo onde se “ (...) *propunha uma convivência e interpenetração entre o jardim e a paisagem envolvente, difícil nos climas mediterrâneos de verões secos com falta de água* (...) “. ⁶¹

Em contraste com a tradição espacial do jardim de estar dos séculos XV e XVI, surge o conceito do jardim romântico. Difundido a partir de Inglaterra, ⁶² nasce “ (...) *a estética moderna marcada pela apreciação da natureza* (...) “. ⁶³ Teve dificuldade em se afirmar em Portugal o que só aconteceu na segunda metade do século XIX devido ao:

- Clima mediterrâneo de verões secos que não permitia a sua difusão a não ser em locais ricos em água como Sintra e na região norte do país.
- Divergência conceptual do tempo entre o Norte da Europa e o Islamismo, onde a noção da natureza é considerada como de eternidade inalterável;
- As colónias de estrangeiros do Norte da Europa estarem radicadas em Sintra e no Norte do país, regiões mais propícias à existência de arvoredo viçoso.

A concepção do jardim romântico baseia-se no classicismo naturalista. Sugere o espontâneo, o simples e a nostalgia do tempo, reforçado em expressões estéticas por vezes de carácter exótico. E assim se “ (...) *libertou as formas de composição artística e enquadró a água, a luz, e as plantas numa paleta de cores, não sofrendo mais o constrangimento das aplicações de ordem prática* (...) “. Algo que teve início na Roma Imperial quando se reconheceu valor simbólico ao mundo vegetal, contribuindo para a beleza ornamental. ⁶⁴ O seu desenvolvimento sugere uma sucessão de imagens:

- O primeiro plano é influenciado pela luz filtrada das copas do arvoredo frondoso;
- Facto ampliado pelo efeito claro-escuro oferecido pelas tonalidades e sombras;
- O segundo plano, suave e bucólico com vales, clareiras e lagos a reflectir o verde da natureza e o céu;
- O serpentear de um rio e/ou riacho que interliga o próximo e o mais longínquo.

É o encaminhar do utente para a sugestão de um espectáculo sem enredo. Reflectem a “ (...) *essência de uma cultura reservada, mantém uma escala humana que não lhes retira beleza nem calma. Cheios de cor e cheiros fortes... trazem-nos sossegos já quase esquecidos* (...) “. ⁶⁵

No Norte do país existe um sentimento espontâneo de ligação entre o Homem e o microcosmo

⁶¹ Carita, H. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal», pág. 287.

⁶² Chiswick House de Lord Burlington com jardins desenhados por William Kent (1750).

⁶³ Andresen, M.T. (1992) – «Para a Crítica da Paisagem» (tese doutoramento em Arquitectura Paisagística) Universidade de Aveiro, pág. 102.

⁶⁴ Pinto Correia, C., Castel-Branco, C., Furtado, J.A. (1994) – «Os quatros rios do Paraíso», pág. 38.

⁶⁵ Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História», pág. 1

que o rodeia. Há contudo um carácter comum com o Sul, uma marca de teor anti-racionalista que favorece a vivência no interior. O privilegiar das sensações humanas em detrimento de concepções teóricas permite comprovar uma “ (...) *recusa à interpretação mecanicista da natureza* (...) “. ⁶⁶

O jardim romântico permite usufruir o «bosque estético», denominação dada a um conjunto de fauna e arvoredo que oferece beleza natural com importância ecológica e turística. Uma das formas de o valorizar “ (...) *é considera-los como complemento de outras actividades já enraizadas e com sucesso* (...) “. ⁶⁷ Quanto a «bosque» é assim qualificado para certas formações florestais onde as árvores se encontram afastadas, não formando uma copa coberta continuada, característica que o diferencia de «floresta». ⁶⁸



Fotografia 10 – O exotismo do quiosque – Palácio Cristal, Porto.

1.3.2 – O paisagismo e o parque termal

*“As árvores da floresta são mulheres muito belas cujo invisível corpo,
sob a casca, está vivo”.*

Pierre Louys (1870 – 1925)

A reflexão sumária do paisagismo ajuda a compreensão dos jardins e bosques que são um importante equipamento das Termas portuguesas. Foi revelado um estilo naturalista, orgânico, de tradição orientalista, que embora seguindo a imagem em voga na Europa entra em contraste a representação além Pirinéus. A sua evolução acolheu a glorificação da natureza, privilegiando a vista exterior e as linhas do terreno. Foi eleito o aspecto informal pelo desejo de expressar harmonia entre a humanidade e o mundo natural. A mão dos arquitectos torna-se discreta, procurando as potencialidades que o lugar oferece no enquadramento do horizonte.

A influência do conceito romântico mantém-se. Contudo a apreciação das últimas décadas da natureza surge “ (...) *delineada com base na ecologia, na psicologia e na estética* (...) “. ⁶⁹

⁶⁶ Andresen, M.T. (1992) – «Para a Crítica da Paisagem» (tese doutoramento em Arquitectura Paisagística) Universidade de Aveiro, pág. 89.

⁶⁷ Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História»; pág. 22.

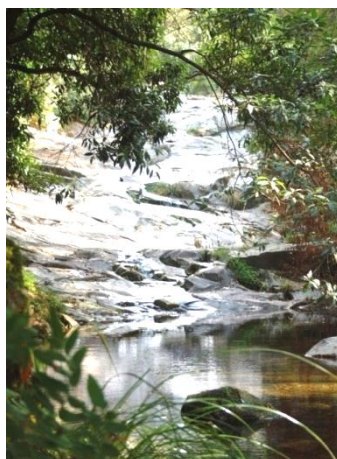
⁶⁸ Carita, H. e Homem C. (1990) – «Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal» conjugado com página web: www.gnto.gr (Janeiro, 2008).

⁶⁹ Andresen, M.T. (1992) – «Para a Crítica da Paisagem» (tese doutoramento em Arquitectura Paisagística)

Aponta para que o relacionamento entre a natureza e os seres humanos seja considerado também pelo conhecimento científico. Objectiva-se a necessidade de entrosamento entre disciplinas conforme meditação que: “ (...) *encarou em história de arte praticada, a parte dos jardins que à arquitectura necessariamente convém (...)* “. ⁷⁰

Os jardins morrem e os bosques tornam-se agrestes quando abandonados. Ao serem restaurados há que dignificar a memória que representam, não desvirtuando o seu sentido profundo. O sucesso passa pela definição de estratégias assentes em práticas interdisciplinares conjugadas. Jardins e bosques são lugares íntimos de significado emocional.

São fruto da racionalidade sensível e dos valores contemporâneos de cada sociedade.



Fotografia 11 – O entrosamento dinâmico da natureza.

Localizadas em espaços de perímetro delimitado, as Termas são universos com especificidades únicas, autónomos e ao mesmo tempo interdependentes da envolvente. Congregam geralmente o *parque*, recinto protegido por lei. A sua preservação é consequente da necessidade de protecção dos recursos naturais, concretamente dos seus aquíferos, da flora e da fauna local. A nível curativo permite a deambulação e a satisfação de lazer dos utentes. Pode contudo ter carácter urbano por se encontrar no núcleo citadino como é o caso do parque do «Hospital Termal D. Leonor» nas Caldas da Rainha. O parque termal possui vulgarmente vegetação centenária que forma toldos de encaminhamento e delimita percursos. Configuram continuidade até ao aflorar de jardins, de lagos e etc. que deliciam quem por lá passe. “ (...) *Hoje espaços de turismo, estes elementos de arte da paisagem passaram a valores de património, onde se cruza a cultura e a natureza (...)* “. ⁷¹ O seu elemento fundamental é a *árvore* que possibilita conforto ambiental – o seu carácter estável evita os picos de temperatura e de humidade.

No seu desenvolvimento adopta uma forma livre o que traduz *arquitectura espontânea*. A arquitectura humana tem por sua vez e desde sempre, procurado integrar-se de forma duradoura, facto que permite verificar o contraste: “ (...) *a árvore e o edifício sempre mantiveram entre si uma relação especial, uma vez que convencionalmente são duas maneiras geralmente aceites de pontuar a paisagem: e como tal chegaram a um entendimento. As árvores, à parte de mudanças passageiras da moda, continuam as mesmas, enquanto os edifícios continuam a alterar-se com novas tecnologias e funções (...)* “. ⁷²

A *paisagística* estuda a combinação estética e harmoniosa das várias espécies e tipos de

Universidade de Aveiro, Conclusão, pág. 19

⁷⁰ Augusto França, José (2002) – em prefácio «Jardins com História» de Castel-Branco, C.

⁷¹ Castel-Branco, C. (2002) – «Jardins com História», pág. 15.

⁷² Cullen, G. (1996) – «Paisagem Urbana», pag. 170.

árvores, de forma a se estabelecer um bom funcionamento do espaço e obter efeitos sensoriais agradáveis e dinâmicos. Contudo, a partir dos anos 70, o conhecimento da natureza deixou de ser analisado pela sua observação de nível intelectual e de percepção emocional. A crise ecológica e o movimento ambiental estimularam novas dimensões de apreciação, sustentada pelas revelações das ciências biológicas, da genética e da ecologia. A investigação contribui para o desenvolvimento de novas ramificações científicas “ (...) *como a biologia do comportamento, a biogeografia e a ecologia... ... sendo esta considerada como a que pode proporcionar base mais eficaz para a gestão dos recursos naturais e que deverá constituir base principal para as teorias económicas contemporâneas* (...) ”.⁷³

1.4 - O conceito termal – evolução.

“Mens sana in corpore sano” – vida sã em corpo são”.
Provérbio latino.

A – O termo «Termas» deriva do vocábulo latino «thermae». Foi utilizado originalmente pelos romanos para designar o local dos banhos públicos, cuja principal finalidade era satisfazer as necessidades de higiene corporal dos vários extractos sociais, costume urbano genericamente apreciado. A partir do século I d.C. o conceito foi desenvolvido com o surgimento das «Termas Imperiais», tipologia patente na idade contemporânea nas estâncias portuguesas mais conceituadas. Elas integram estabelecimentos similares como: alamedas, jardins, campos desportivos, piscinas, bebedouros, salas de entretenimento, auditórios, ginásio, biblioteca, etc. Com o desenrolar da História o conceito de «Termas», também denominadas de «estância termal», «caldas»,⁷⁴ «complexo termal», «cidade d’água», «estância hidromineral ou hidro-balnear», «banhos», «spa»,⁷⁵ etc. passou a ser a designação de um conjunto de estabelecimentos distintos que associa simultaneamente:

- O aproveitamento das propriedades terapêuticas das nascentes;
- A intenção de satisfazer as necessidades de albergue e bem-estar dos utentes.

As unidades termais de nomeada procuraram incorporar estabelecimentos para o lazer saudável e prática desportiva, para além dos fundamentais, o *balneário* e o *hotel* que se foram tornando autónomos. Daí a sua conjugação unificada num só edifício, incorporando as funções relativas, facto surgido na Europa a partir do final do século XVIII.

A partir desta época foi notória a importância das Termas se inserirem em ambiente arborizado, o que permitiu integração espacial dos vários estabelecimentos e a deambulação dos utentes. Renasceram então as Termas que ofereciam alojamentos de 1ª, 2ª e 3ª classe, facto que se repercutia também na divisão espacial dos balneários, satisfazendo assim os grupos sociais diversificados e o género.

A noção tem continuado a evoluir. Actualmente não permite a diferenciação social e integra segmentados do conceito próprio do turismo, denominadamente o ócio e a cultura. O objectivo de agora é facultar condições para o repouso e lazer salutareis, conjugando com processos terapêuticos: banhos de imersão minero-medicinais, jactos de água e/ou de vapor,

⁷³ Andresen, M.T. (1992) – «Para a Crítica da Paisagem» (tese doutoramento em Arquitectura Paisagística) Universidade de Aveiro, pág.s 38 e 42.

⁷⁴ O termo “Caldas” refere-se especificamente a estâncias termais cujo manancial aquífero se apresenta a temperatura elevada

⁷⁵ Spa: do latim “salus per aquam” . Significa “saúde pela água” – etimologia obtida em página web (Fevereiro 2010): <http://es.wikipedia.org/wiki/Spa>

inalação/ingestão/do líquido.⁷⁶

De salientar também a significação da palavra «spa» se tornou próxima do termo «balneário». Representam o equipamento fundamental, local onde se depararam os serviços terapêuticos e os banhos medicinais. Pode estar acoplado ao hotel, normalmente com os aposentos nos pisos superiores. A denominação de «balneário» ou de «spa» é portanto separada do conceito de «Termas» que é mais abrangente.

A acepção do termo «spa» tem-se tornado ambivalente devido à massificação iniciada no fim do século passado da moda social urbana. Pode:

- Manter o conceito terapêutico tradicional;
- Afastar-se do indicado para se afirmar de bem-estar mas sem teor medicinal.

Esta designação é mencionada actualmente como um local de serviços de tratamento (1) ou de bem-estar e beleza estética (2); que usufrui de água minero-medicinal (1) ou de água de fornecimento público (2); onde se incluem massagem corporal, sauna e/ou de banho turco/de jactos (1 e 2). Outra diferenciação é estes espaços serem situados em cidades, normalmente em edifícios de menor dimensão que podem prestar pacotes de serviços de duração inferior a um dia, possuindo ou não piscina para natação e/ou hidroginástica.

Actualmente as Termas estão-se a reconfigurar também sob a forma de *spa's*, aumentando a componente de bem-estar e acoplando os dois conceitos. Objectivamente a importância dos tratamentos medicinais persiste. Ao se modernizarem as estâncias termais oferecem novos serviços, permitindo assegurar a sua continuidade.

B – Escrevia Ausone no século IV d.C. que a medicina tem três finalidades: “ (...) *conservar a saúde, prevenir a doença e sonhar (...)* ”. Contudo o autor desta transcrição, Michel Provost, faz-nos constatar que enquanto a cura termal foi usada pela civilização romana em nome de um estilo de vida e como forma de bem adequar a higiene social, o resto do mundo antigo empregou-a como um acto fundamentalmente religioso, diferenciando-se portanto do banho que as pessoas tomavam para limpeza corporal. A arqueologia tem permitido descobrir testemunhos deste culto em forma de estátuas em pedra ou em terracota, por vezes com inscrições a divindades oriundas de crenças regionais, romanas, ou mesmo orientais.⁷⁷

Dominique Jarrassé documenta que a Sociedade Real de Medicina Francesa foi fundada com vínculo directo no termalismo (1772). O facto é correspondente a dois inquéritos que demonstraram a importância da água e sua causalidade na propagação de epidemias. Pouco depois eram conhecidos cientificamente os efeitos terapêuticos de certas águas, tendo, como consequência imediata, o ressurgimento de balneários termais por toda a Europa. Rapidamente nascentes e fontes minerais transformaram-se em estações termais. Esta modificação obrigou a um novo tipo de escala dos conjuntos então edificadas. O tipo de funcionalidade passou da vontade em satisfazer interesses particulares para uma iniciativa de carácter social. As Termas passam a ser supervisionadas pelo Estado e integradas numa visão moderna de exploração dos recursos do território.

Neste período neo-clássico, a referência romana é uma constante. Os arquitectos foram encorajados a elaborar modelos de estabelecimentos que se deviam inspirar no plano estético na Antiguidade Clássica. Contudo não foram estimulados a perceber as funcionalidades adequadas aos programas da vida termal propriamente dita.

O «Grande Prémio d'Arquitectura de França» de 1774, trouxe pela primeira vez o tema das Termas, intitulado: «Banhos públicos das águas minerais». A análise do programa e dos desenhos dos alunos da «Academia Real d'Arquitectura» demonstraram que as componentes primordiais da função termal moderna já aí estavam colocadas, denotando:

⁷⁶ As Termas portuguesas tiveram permissão de se apresentarem publicamente com fins turísticos – e para além dos terapêuticos – em 2004, através do Decreto-lei nº142.

⁷⁷ Jarrassé, D. (1996) - «2000 ans de thermalisme économie, patrimoine, rites et pratiques», pág.38.

- “ (...) *Uma reflexão sobre o carácter da arquitectura adaptado às Termas contemporâneas...*;
- *...Desenvolvimento de uma nova dimensão deste tipo de espaço, concebido como autónomo, separado das cidades (...)* “⁷⁸

A confrontação dos documentos medicinais, administrativos e de arquitectura da altura permitem notar uma convergência de ideias que indiciam uma nova sensibilidade. Esta ainda se mantém no século XXI embora em nova configuração. Que é qualificada pela:

- Descoberta do território e a sua exploração;
- Entusiasmo pela natureza;
- Interligação do turismo e do termalismo, estabelecendo uma nova aproximação às águas mineralizadas, através com conhecimentos químicos.

Esta configuração está baseada em três características comuns ao conceito termal: a terapêutica, o bem-estar e o paisagismo. Uma dimensão tripartida conjugada.



Fotografia 12 – A intemporalidade de uma alameda – acesso do Parque das Pedras Salgadas.

C – Realça-se a expectativa que o mercado tem para a modernização das Termas. Uma afirmação fundamentada na «fenomenologia», o estudo da experiência directa. É uma corrente de pensamento que se articula noutras ciências, estando consagrada na «teoria da arquitectura» actual.

A investigação fenomenológica aponta que “ (...) *o espírito humano está inteiramente dependente – e inteiramente influenciado por – da nossa esquecida relação com a terra circundante (...)* “⁷⁹ Esta doutrina foi iniciada por Edmund Husserl em 1900 e não procura explicar o mundo; antes descreve a maneira como ele se manifesta na nossa consciência, ou como a realidade é apreendida a nível sensorial. Em continuidade com o ancestral conceito romano do «espírito do lugar» – ou «genius loci» – estuda a experiência perceptiva o mais exactamente possível. Investiga e trata de compreender os fenómenos que se nos apresentam – não os “ (...) *meramente subjectivos mas sim os inter-subjectivos, ou seja, aqueles que podem ser experimentados por uma multiplicidade de sujeitos que sentem (...)* “⁸⁰

São exemplos deste reconhecimento a textura dum edifício ou de um pavimento; os elementos vegetais e a dinâmica que o vento faz arquearem; a realidade urbana sedimentada no tempo; etc. Uma interpretação sintetizada na afirmação: “ (...) *o conceito de “genious” manifesta-se no que uma coisa «é» e naquilo que «pretende ser» (...)* “⁸¹ A sua análise, descrição e interpretação tem tornado evidente a importância do ambiente. A vida está em intercâmbio contínuo com o mundo dinâmico onde se insere. Teor confirmado nas palavras do mestre Nadir Afonso quando enuncia: “ (...) *estas afinidades sensíveis entre indivíduos oferecem respostas*

⁷⁸ Idem item anterior, pág.s 129 a 141.

⁷⁹ Abram, D. (2007) – «A Magia do Sensível», Prefácio e agradecimentos, pág. XIII.

⁸⁰ Idem nota de rodapé anterior, pág. 38.

⁸¹ Norberg-Schulz, C. (1984) – «Genius Loci, towards a phenomenology of architecture», pág. 18.

da mais alta importância para o estudo da fenomenologia e da estética em particular. A consciência filosófica pode nada sentir de «harmonioso» em face das formas, se ela se limita a observá-las segundo significações sociais adquiridas (...).⁸² Dentro desta corrente filosófica, os objectos, os espaços e a própria arquitectura servem-nos simplesmente como instrumentos: se estiverem excluídos no nosso propósito de relacionamento permanecem ausentes, como num estado de «não existência».

O que permite induzir que, sendo integrados na vivência social, possibilitam o despertar de emoções no indivíduo, reflectindo-se colectivamente na população. Facto reforçado pela realidade sedimentada que provoca ao utente valorizações estéticas, “ (...) uma reacção emocional que é a conjugação de três factores: a óptica, o lugar e o conteúdo, e aponta uma das finalidades da urbanística: o «de manipular os elementos de modo a provocarem impacto nas nossas emoções» (...).⁸³ Aqueles factores estão fraccionados em múltiplas graduações na quantidade, na natureza e na aparência visual. Denominadamente na cor, na textura, nos materiais, no mobiliário, na forma, nos desníveis, na delimitação, no contraste, na identificação, na intimidade, na estrutura, até mesmo na arquitectura publicitária. Os canais de correspondência entre as imagens e a interligação dos seus elementos – onde cada componente tem o seu carácter e peso próprio devido ao maior ou menor impacto – são determinantes para a formação da imagem colectiva. Contribuem decisivamente para o sentir psicológico dos utentes e para o comportamento social dentro de parâmetros referenciáveis.

Assim sendo, o ambiente (termal) não é outra coisa que a reunião emocional e racional da sua própria actividade. Para a sua recuperação é necessário desenvolver um processo, simultaneamente criativo e dedutivo, que integre no existente primário – que há muito se encontra consolidado – a satisfação das necessidades pessoais e sociais contemporâneas; na intenção de formar uma nova tradição por penetrar nos significados mais profundos da realidade, proporcionando o desenvolvimento de mais raízes.

O que permite afirmar que valorizar as Termas é actuar no entendimento que intelectualizar é conciliar harmonicamente o racional com a sensação, configurando os seus factores relevantes “como se fossem naturais”.

1.4.1 - Forma arquitectónica

A dimensão e o formalismo dos edifícios imperiais permitiram o reforço do carácter unitário dos agregados urbanos.

Tornaram-se modelos singulares e “ (...) portanto responsáveis do ambiente. A imagem exige um veículo para a sua representação (...). ”⁸⁴ O seu conceito volumétrico com linhas horizontais dominantes, aliado à correspondência da concepção espacial do edifício com a fachada contribuiu para o progresso da cenografia urbana. Este facto é ampliado porque as Termas Imperiais eram construções longas, usualmente de um só piso. Toda a sua imagem exterior apresentava um aspecto compacto de contornos nítidos, uma configuração simbólica do poder institucional. A fachada principal patenteava a sensações de grandiosidade através de uma monumentalidade desenvolvida por preceitos racionalistas.

Formalmente eram constituídas por combinações volumétricas de geometria simples com escalas precisas. A frontaria era organizada por zonas denominadamente embasamento, corpo e entablamento. Este elemento era suportado por colunas, sendo constituído por arquitrave, friso e cornija.

⁸² Afonso, N (1986) – «Nadir Afonso», prefácio, pág. 17.

⁸³ Consiglieri, V. (1995) – «A Morfologia da Arquitectura»

⁸⁴ Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – «El balneario; La ciudad ensimismada», pág. 103.

Como a fachada a planta era de carácter simétrico, de organização funcional desenvolvida de forma axial. Era composta por um sistema de construções interrelacionadas, cujas formas se encontram em correspondência por esquemas geométricos simples.⁸⁵ Conforme relato de Alberti deveriam apresentar um carácter autónomo e público devendo “ (*... de ter um largo espaço a rodeá-las, aberto, desimpedido e circundado por uma parede alta, com entradas próprias e com as zonas convenientes (...)* “. ⁸⁶

A cada género correspondia uma ala semelhante e relativamente simétrica do balneário por separação imposta por Adriano. A sensação de estrutura simétrica não é sentida no interior das Termas Imperiais, apesar de assim estar representada na frontaria. Porque cada uma das suas partes era concebida de forma autónoma relativamente às outras; uma composição de diferentes escalas contidas na ideia geral do edificado termal. ⁸⁷

O programa fraccionado fez desenvolver subtis jogos de perspectiva de composição espacial. Em contraste com a arquitectura grega cujos eixos visuais eram projectados até ao infinito, os romanos procuraram encaminhados visuais que terminassem em limites próximos, rematando-os em recantos e/ou volumes em harmonia com a natureza. Desenvolveram a escala e a geometria das proporções helénicas mas o encaminhamento espacial foi concebido por linhas de força geradoras de formas. Foi exigido aos arquitectos imaginação de cenografia. Eles souberam desenhar discursos coerentes como forma expressiva de comunicação.

A sua expressão artística cresce posteriormente através da construção de vilas e palácios que acabam por se transformar em ensaios arquitectónicos de novas composições espaciais de aspecto sereno e requintado. Através da matemática, da óptica e da perspectiva criam-se tensões ilusórias que prendem a atenção do utente. A partir do final do século I d.C. a arquitectura manifesta habilidade e capacidade técnica na “ (*...) elaboração espacial dos interiores e a capacidade de utilização de grandes fenestraçãoes... .. aplicações de uma gramática muito específica baseada num conjunto de elementos elementares (...)* “; com a consequente aperfeiçoamento dos ambientes interiores e da sua iluminação. ⁸⁸

Os romanos souberam definir novas expressões que caracterizam os edifícios públicos, uma gramática desconhecida até então que chegou aos nossos dias através do neoclassicismo. Uma linguagem intemporal – formal e estética – facilmente entendida por todos.

1.4.2 – Percurso da arquitectura em Portugal e Influência na imagem balnear.

Considera-se necessário expor sumariamente a história da arquitectura nacional. Tem como intuito reconhecer a singularidade do estilo «Tradicional Português», influência maior das edificações termais (conjuntamente com o «Neoclássico»). E também abordar a época contemporânea, domínio pouco explorado da nossa cultura.

A ponderação inicia-se no final do século XV, época do despontar da primeira orientação arquitectónica com características próprias: o «Manuelino». Este género artístico desenvolveu-se a partir do reinado de D. Manuel I sendo uma variação portuguesa do «Gótico final». Foi consequente do progresso económico proveniente das descobertas marítimas.

⁸⁵ Mar Medina, R. (2002), Notas preliminares em Pereira da Silva, P. A. – «As Termas romanas de Bracara Augusta», pág. XIX.

⁸⁶ Alberti, L. B. (1775) – «The ten books of architecture of Leon Battista Alberti» Livro VIII, pág. 184.

⁸⁷ Mar Medina, R. (2002), Notas preliminares em Pereira da Silva, P. A. – «As Termas romanas de Bracara Augusta», pág.s XIX e XX.

⁸⁸ Mar Medina, R. (2002), Notas preliminares em Pereira da Silva, P. A. – «As Termas romanas de Bracara Augusta», pág. XXIV.

É um estilo notável pela continuidade de ícones de grande porte que expressam a qualidade do poder régio, tendo posteriormente incorporado algumas ornamentações provenientes da renascença italiana. Os seus ornatos são de uma riqueza impressionante, caracterizados por motivos marítimos e símbolos morfológicos. Estão localizados nos elementos estruturais dos edifícios normalmente nos portais, janelas, tectos, colunas, abóbadas, arcos, nervuras, cornijas, frisos, platibandas, etc., em contraste com as paredes exteriores e interiores despidas de decoração. Encarado sob o aspecto decorativo o portal “ (...) *é sempre ou quase sempre o elemento estrutural de maior originalidade* (...) ”⁸⁹ desta arte de época.

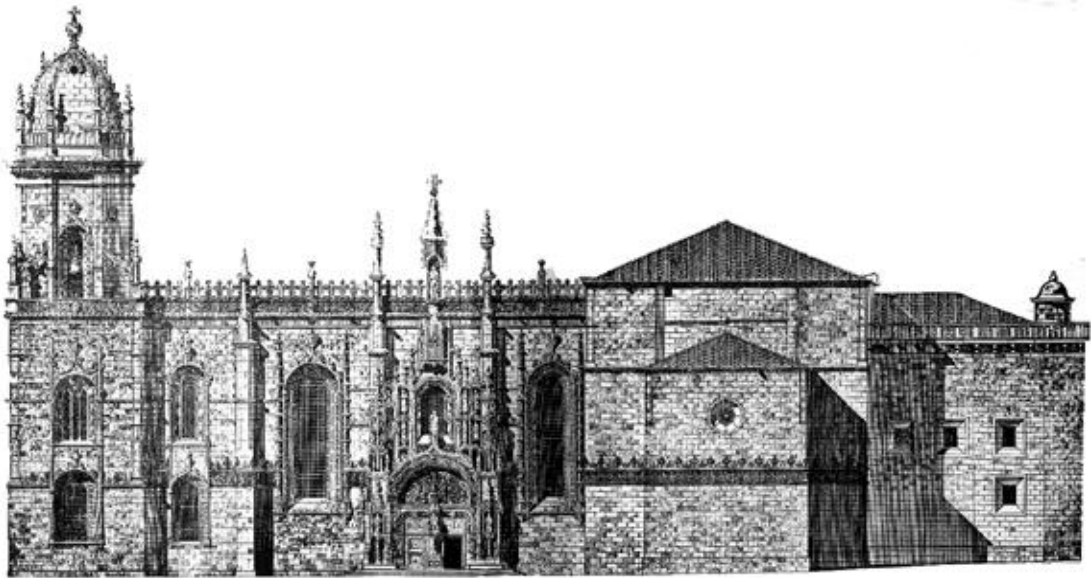


Figura 15 – Fachada Sul de Santa Maria de Belém, Lisboa – desenho do Arquitecto Bernardino Coelho (1931).

Por interpretação da corrente dos finais dos anos 50 do teórico Bruno Zevi, foi questionado formalmente se o «Manuelino» não seria somente uma arte decorativa inovadora? Confirmou-se ser uma arquitectura especial pela dimensão integral interna dos seus edifícios. A utilização de novos sistemas construtivos no país e a inovação estrutural alcançada possibilitou um interior contínuo. Este facto em conjugação com a luminosa mais ampla – correspondente do maior dimensionamento das fenestraçãoes – permitiu uma leitura espacial de carácter inovador.

A espacialidade tornou-se mais clara e constante em conjugação com uma nova linguagem ornamental. Uma articulação harmoniosa “ (...) *entre a escultura e o organismo construtivo que permite manter a tradicional sobriedade e elegância do edifício e ler facilmente a sua ossatura* (...) ”. “ O que permite qualificar o «Manuelino» como uma norma arquitectónica de cunho com carácter representado em todo o território nacional. ”⁹⁰

O seu reconhecimento nacional como linguagem singular aconteceu somente no século XIX com o sucesso do «Neo-Manuelino».

O «Renascimento» surgiu em Portugal em meados do século XV sendo exemplos as catedrais de Leiria e de Portalegre, o colégio Jesuíta em Évora, a Casa dos Bicos em Lisboa, etc.

Rapidamente este estilo deu lugar a outro, o «Maneirismo» que se manteve até ao princípio do século XVIII. Ganhou características muito específicas em Portugal devido ao papel fundamental da «Companhia de Jesus» que decretava que:

- O interior das igrejas fosse amplo e homogéneo;
- Que de todo e qualquer lado se pudesse ver o altar-mor e o púlpito.

⁸⁹ Tavares Chicó, M. em Lacerda, A. de (1942) – «História de Arte em Portugal», volume II, pág. 260,

⁹⁰ Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte»; Volume 2 (1993); pág. 80.

A utilização de talha dourada, azulejos e quadros de óleo passou a caracterizar a ornamentação interior dos templos. Architectada em materiais económicos (madeira, cerâmica e tela), conferiu ao ambiente uma aparência teatral, faustosa e opulenta, contrapondo com as linhas sóbrias e simples da volumetria dos edifícios.

Também a arquitectura Jesuíta teve uma grande influência na «Arquitectura Chã», expressão architectónica de carácter nacional como o «Manuelino». É um estilo de grande sobriedade decorativa que se ajustou às necessidades do país ocorrido entre meados do século XVI e início do XVIII (entre os estilos «Manuelino» e o «Joanino»).

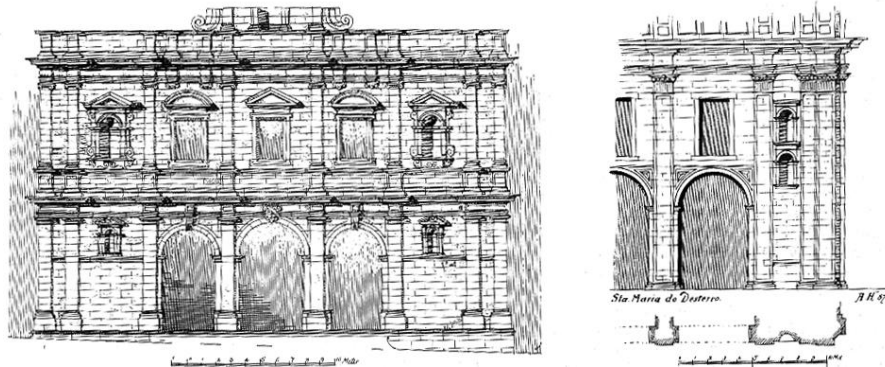


Figura 16 – Arquitectura Chã: a) fachada e b) pormenor da Igreja do Desterro, em Lisboa – derivado do modelo português, de carácter mais palaciano que sacro.

Este género architectónico agregou a atitude do «Renascimento» mas condicionado pela austeridade financeira da época. Os architectos afastaram-se dos princípios académicos escolásticos devido à necessidade de construírem edifícios simultaneamente eficazes e económicos. Para tal utilizaram o racionalismo e o rigor em volumes de modestas dimensões, interligados por eixos claramente funcionais.⁹¹

Alcançou uma expressão independente das normas clássicas vigentes “ (...) *distinto e anterior ao «estilo desordenado» espanhol, como ao gosto da época de D. João III, evidencia características singulares resultantes da conjectura militar e religiosa portuguesa e não só da influência renascentista ou da tratadista italiana (...)* ”.⁹² A sua representação exprimiou-se por valores de:

- Clareza;
- Ordem;
- Proporção;
- Simplicidade.

Do fim do século XVII até meados do século XVIII, o estilo barroco predominou em genuína expressão artística pelo “ (...) *carácter movimentado das plantas... ..imprimido pelo tratamento dado à curva, pela associação de diversos tipos de curvas (que aparece já no Maneirismo, embora apenas em casos esporádicos) (...)* ” e pelos alçados a insinuarem a preocupação de efeitos plásticos e o recurso a soluções meramente orgânicas.⁹³

Entre muitos são exemplos o «Aqueduto das Águas Livres» em Lisboa, as grandiosas bibliotecas do «Convento de Mafra» e da «Universidade de Coimbra». A expressividade e exuberância ornamental chegaram por vezes ao exagero pela fusão com o rococó na fase última do estilo. São seus paradigmas a igreja e escadaria do «Bom Jesus» de Braga, o

⁹¹ Kubler, G. (1988) – «A Arquitectura Portuguesa Chã».

⁹² Idem nota de rodapé anterior, pág. VIII.

⁹³ Horta Correia J. E. em Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte»; Volume 2; pág. 100.

«Santuário da Nossa Senhora dos Remédios» em Lamego, etc.

O neoclassicismo, orientação que se lhe seguiu, representou uma mudança radical no conceito artístico, embora “ (...) acompanhado por relativa persistência de soluções barrocas (...)” especialmente no Norte do país. As linhas figurativas procuraram recuperar a sobriedade e a elegância clássica greco-romana, pretendendo atribuir-lhes um novo sentido ético e moral, mais simples, mais próxima da arquitectura útil, que defendesse o interesse colectivo como se pode reconhecer no «Mosteiro de Santa Clara» em Coimbra, na «Igreja de São Roque» e no «Palácio da Ajuda» em Lisboa. Manifestou-se preferencialmente em Lisboa e no Porto pela utilização de frontões triangulares, do aparelho rusticado somente no primeiro piso e a sobreposição das ordens. Enquanto esta cidade acolheu abertamente as fórmulas britânicas e neo-palladianas, a capital preferiu a inspiração italiana conforme se observa no «Palácio da Ajuda» e nas obras realizadas no primeiro terço do século XIX. Após o devastador terramoto de 1755 a capital arremeteu-se à sua reconstrução até ao final do século XIX. Os seus novos edifícios patenteiam duas estruturas características: a coluna grega e a arcada.⁹⁴

Por volta de 1830 o «Neoclassicismo» começa a sofrer alterações. Surge o romantismo com novidades essencialmente ligadas à decoração. Desponta uma nova sumptuosidade pelo desejo da alta burguesia emergente que se tentava impor à tradicional fidalguia social. Com a queda da monarquia em 1910 e o subsequente período de lutas internas no país, a arquitectura nacional entra num período de estagnação.

Depois do golpe militar de 28 de Maio de 1926 e com a vontade de reequilíbrio das contas públicas de Oliveira Salazar, uma nova forma de actuar emergiu: durante o período inicial da ditadura o regime teve uma atitude de não envolvimento, uma certa indiferença relativamente à arquitectura, não interferindo no domínio dos seus criadores, surgindo a primeira geração de arquitectos de vocabulário moderno.

Contudo esta nova linguagem de teor racionalista não se integrou nas condições do meio português, o que fez desencadear acesos debates a favor de uma arquitectura nacional com características «modernas e portuguesas».

Uma nova corrente que reflectisse a imagem que o regime pretendia transmitir de si próprio, tornando-se um instrumento ideológico de manipulação.

Surge então o estilo arquitectónico «Tradicional Português» – também apelidado de «Português Suave» – género de linhas sóbrias e simples, configurando edifícios robustos, resultado da intenção de então em se definir: a casa portuguesa. O estilo seria “ (...) mais precisamente lisbonense... ... uma arquitectura provisória e cor-de-rosa mas que se pretendia à escala do Império (...) ”.⁹⁵

Pela sua contribuição o arquitecto Raul Lino é o seu expoente mais representativo, sendo considerado como uma das principais figuras da arquitectura portuguesa durante a primeira metade do século XX. Segundo vários autores, a ele se deve a mais notável e fecunda acção renovadora durante primeiro quarto do século.

Assinalado por ter feito “ (...) ressurgir a casa portuguesa com temas tradicionais do século XVIII e com as exigências de conforto dos tempos modernos, tudo conciliado com o equilíbrio do seu bom gosto (...) ”.⁹⁶ A sua acção pública e doutrinária era fundamentada em conceitos anti-modernos fixados na conservação de padrões culturais que ajuizava como perenes. O que se pode constatar na sua alegação “ (...) a tradição na arquitectura não é dizerem-se as mesmas coisas que já foram ditas – é dizer coisas novas na linguagem que sempre foi muito nossa (...) ”.

⁹⁷ A sua obra contempla quase exclusivamente a casa isolada doméstica, de tradição rural e senhorial, com centro na família, dentro de um contexto paisagístico, representando uma

⁹⁴ Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte»; Volume 2 (1993), pág.s 161 e 162.

⁹⁵ Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte», pág. 169.

⁹⁶ Santos, R. dos (1959) – «História del Arte Português», pág. 109.

⁹⁷ Lino R. (1962) transcrição em: «Das artes e da história da Madeira», nº32.

expressão artística e vivencial, fechada e convergente sobre si mesma.

Em norma actuava como se de uma «cidade-jardim» se tratasse. Nota-se na sua linguagem semelhança ao que sucedia na época por toda a Europa e no outro lado do atlântico, como se pode reconhecer na obra inicial do arquitecto F. L. Wright.

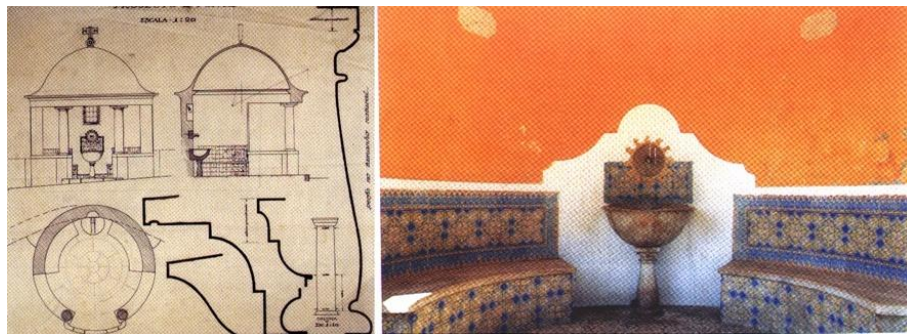
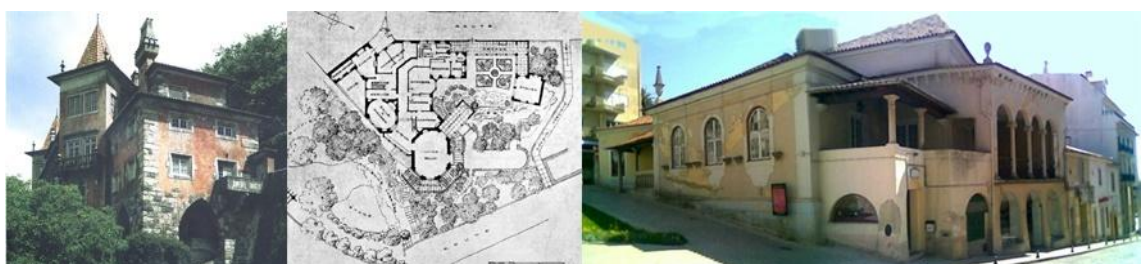


Figura 17 – a) Projecto da Fonte São Pedro de Sintra do Arquitecto Raul Lino; b) fotografia recente do projecto construído.

Este estilo romântico veio substituir a tendência arquitectónica marcada pela influência da «Arte Nova» à medida que o «portuguesismo» ganhava importância (relevância polémica até aos nossos dias). Era apoiado num formalismo erudito desenvolvido pelo próprio Raul Lino que aperfeiçoou uma “ (...) *outra especialidade, mais fluente e dinâmica, mais rica de continuidades e profundidades, menos espartilhada nas divisões convencionais, mais aberta à possibilidade de apropriação por diferentes escolhas pessoais dos moradores (...)* ”.⁹⁸ O seu equilíbrio estético foi consequente da fusão da severidade proveniente do Norte do país e da suavidade procedente da Estremadura e Andaluzia, versão eclética de efeitos pitorescos em estética mediterrânica. O estilo privilegiava:

- A localização da edificação, a sua relação e integração com o artificialismo da paisagem com respeito pela natureza, aumentando assim o efeito pictórico e o encanto romântico;
- A integração de artes ornamentais de aplicação tradicional como componente desta arquitectura orgânica;



Fotografia 13 – a) Casa dos Penedos, em Sintra; b) Planta da Casa do Cipreste, também em Sintra; c) Assembleia de Abrantes – projectos construídos do Arquitecto Raul Lino.

- A importância figurativa do alpendre como lugar impressionista da vida familiar quotidiana, em relação anímica com a paisagem rural;
- O vínculo contido interior/exterior da habitação, sugerido pela luz coada das numerosas janelas e fenestraçãoes espartilhadas.
- O espacial cuidado na escadaria principal interior e seu corrimão. Assim como na

⁹⁸ Portas, N. (Dezembro 1970) em «Colóquio, Revista de Artes e Letras», nº61, pág. 16.

imagem do telhado normalmente um torreão que servia para localizar o depósito de água. Nos edifícios públicos cobertura em configuração de «pombal», o que lhes concedia um cunho familiar;

- Introdução a Norte dos elementos decorativos utilizados nos telhados do Sul, denominadamente: beirais coloridos, pináculos salientes, etc.



Fotografia 14 – Algumas das características do estilo expressas em: a) Habitação em Matosinhos; b) Mercado Municipal de Santo Tirso.

Este estilo arquitectónico tinha como características principais:

- Interligação construtiva da pedra/reboco/cal/azulejo;
- Cantaria caiada em cor clara;
- Atribuição cenográfica dos telhados, modelados com beirais múltiplos e decorados (de uma ou mais fiadas, com sub-beira); azulejos cromáticos nas fachadas e nos alpendres (com um ou vários motivos);
- Aplicação de estruturas em betão e de modernas técnicas de engenharia, disfarçadas na componente ornamental;
- Conjugação de volumes simples, maciços e fortificados em contraste. Preferencialmente com coroamento saliente e com alpendres;
- Largas fenestraçãoes de intervalos pautados. Com moldura em cor contrastante para sobressaírem do paramento;
- Relação vigorosa e homogénea das fachadas com a envolvente ajardinada.



Fotografia 15 – a), b) e c) Três edifícios situados no centro de Aveiro de «Arte Nova».

Os seus elementos ornamentais são simbólicos de carácter nacionalista. Genericamente pode-se afirmar que se trata de boa arquitectura, competente e significativa mas que não deixou marcas extraordinárias.

Esta linguagem mantém uma influência considerável até aos anos 40, concorrendo com “ (...) algumas tentativas de renovação saídas do movimento da arte nova (e suas variantes), que quase exclusivamente se confinam ao plano formal em Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro (...). ” Por esta altura (1910), começa a ser divulgado o emprego do betão armado, salientando-se durante esta década, duas criações do professor arquitecto Marques da Silva. São edifícios de

fachada de gosto parisiense e onde o novo material construtivo permitiu extrair belos efeitos a nível de organização planimétrica, denominadamente os «Grandes Armazéns Nascimento» e a «Companhia Nacional», no Porto.⁹⁹

Quanto ao arquitecto Raul Lino como indivíduo teve grande influência na época: a nível profissional pelo reconhecimento da sua acção; em actividade criativa por se constatar originalidade na sua obra; no campo teórico por se lhe atestar competência.

Contudo teve a partir da década de 40, vários e empenhados antagonistas como por exemplo o arquitecto Nuno Portas que o censurou da seguinte forma: “ (...) *A maior dificuldade de Lino, como crítico, em entender a arquitectura moderna residiu sempre em que ela apenas traduzia necessidades práticas e novas possibilidades técnicas e económicas (...)* ”.¹⁰⁰

Em contraponto com a implicância geral deve citar-se a exposição sobre a sua obra realizada pela Fundação Gulbenkian (Lisboa, 1971), cujo espólio sugere: “ (...) *uma revisão, quanto ao significado cultural desta personalidade, no âmbito da arte portuguesa em apreciável trecho do século XX (...)* ”.¹⁰¹

Em meados do século as migrações do campo para as cidades obrigaram à realização de numerosas construções para habitação. O Estado Novo soube enquadrar aquela estética na sua política construtiva de “bairros suburbanos de casinhas”, embora rejeitando oficialmente a ideia de que a habitação colectiva contivesse qualquer feição de identidade socialista. Esta necessidade de habitação social urbana obrigou a passar a escala da casa singular – de características rurais em interligação com o horizonte natural – para a escala da casa da cidade – com alterações de função espacial e significado cénico. E também à criação de estruturas comuns continuadas e portanto interdependentes. Como se o país fosse como uma imensa aldeia: “ (...) *aldeia como forma de povoar e aldeia pela maquilhagem rural das respectivas casas, mesmo que de urbanas se tratassem (...)* ”.¹⁰² Os ideais políticos do Estado Novo exigiram a definição do que se considerava verdadeiramente «Português».

Tudo isto dificultou o despontar do «Modernismo» no país. Contudo os agravos que lhe foram feitos no «Congresso Nacional de Arquitectura» de 1948 desferiram-lhe um duro golpe, o que fez despertar um desinteresse progressivo da utilização do estilo. A partir de meados da década de 50 algumas das obras públicas promovidas pelo Estado Novo privilegiavam já a arquitectura modernista. Alguns dos discípulos e seguidores de Raul Lino vieram a abandonar aquela tendência, que passou então a ser considerada como «retrógrada». Que mais tarde vieram a ser considerados os pioneiros da arquitectura Moderna em Portugal como Cassiano Branco e Carlos Ramos, os percursos da mudança. Um movimento cuja síntese filosófica era do entendimento de que “o real domina o subjectivo”. Explorava uma linguagem mais concreta e estrutural pela introdução dos atributos dos materiais no método funcional. Carlos Ramos chegou a retratar-se membro da “geração de transigentes” por ter abdicado de alguns dos seus ideais por sobrevivência profissional.

Só nos anos 50, Fernando Távora (no Porto) e Nuno Teotónio Pereira (em Lisboa), romperam percursos sem compromissos com o passado e em frontal oposição à pedagogia de Raul Lino. Eles apresentaram pistas renovadoras de representação arquitectónica para satisfazer a nova sociedade, mais aberta e com exigências emblemáticas distintas.

Novos traçados assentes na busca de valores significativos da envolvente, na reflexão do social simbólico e explorando hipóteses formais renovadas. Acrescente-se a atracção dos arquitectos portugueses pela experiência inglesa nos anos 60.

Práticas essas reconhecidas e exaltadas mas que não foram devidamente traduzidas para a realidade nacional, importando-se sobretudo os símbolos mais evidentes “ (...) *e também mais*

⁹⁹ Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte», pág. 167.

¹⁰⁰ Portas, N. (Dezembro 1970) em «Colóquio, Revista de Artes e Letras», nº61, pág. 15.

¹⁰¹ Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte», Volume 2 (1993); pág. 179.

¹⁰² Portas, N. (Dezembro 1970) em «Colóquio, Revista de Artes e Letras», nº61, pág. 17.

superficiais, que ... pouco mais reteve que o elemento «torre» ... que funcionou como sinal de actualização no plano de urbanistas portugueses... utilizado geralmente sem fundamento económico-social e sem o lúcido entendimento da leitura histórica, volumétrica e paisagística ... (...) ¹⁰³

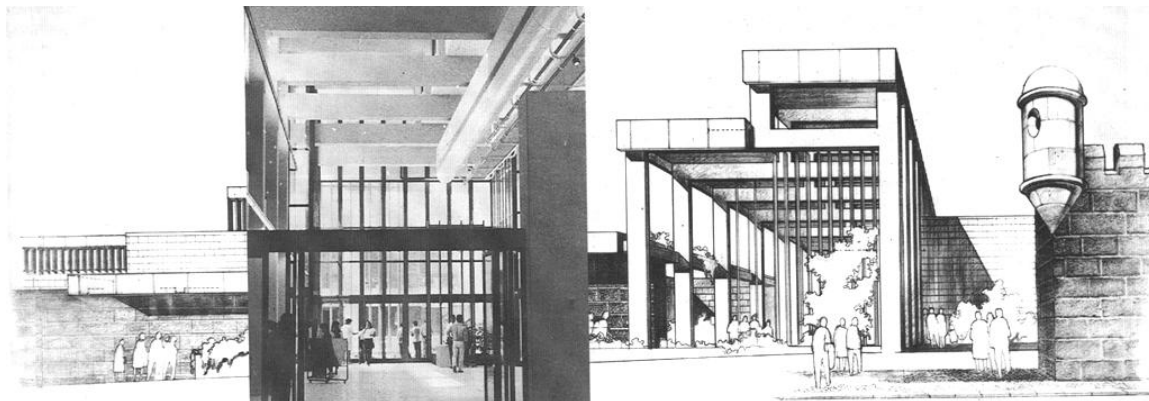


Figura 18 – Conjugação nos anos 60 do betão aparente, bronze, madeira, alumínio e vidro da Fundação Calouste Gulbenkian. Desenhos do projecto dos arquitectos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy Athougia.

O país continuava fechado sobre si mesmo. Com a revolução de 25 de Abril de 1974, Portugal abriu-se ao mundo ansioso de conhecer novas ideias. De repente tudo se alterou, iniciando-se uma renovação política, social e cultural.

Surge a lógica do “moderno”, que passa a ser utilizada como contraponto do existente considerado “ultrapassado”. “Moderno” passa a ser sinónimo de “contemporâneo” embora os dois conceitos sejam efectivamente distintos. A arquitectura da época cruza várias gerações e sensibilidades, pretendendo designar novos critérios cénicos para as edificações.

A década de 80 surge com esta dualidade marcada por excessos e contra-excessos. Experimentava-se a crise do “vale tudo” derivado do “tudo é belo”.



Fotografia 16 – Vista parcial da fachada Sul do Centro Comercial das Amoreiras em Lisboa, projectado por Tomás Taveira.

Segundo alguns qualquer solução arquitectónica é artificial, cultural, mediatizável, em síntese: «pós-moderna». Esta sensibilidade artística substitui a pureza de linhas e a sobriedade, manifestando-se na “intenção festiva” e no “efeito cenográfico”. Tomás Taveira é o porta-estandarte do estilo cujas características são o ornamental, o simbolismo, o historicismo cénico.

¹⁰³ Pais da Silva, J. (1993) – «Páginas de História da Arte», Volume 2, pág. 18

O contraponto surge a linguagem “culturalista” que tem como propósito preservar os sinais e a memórias do preexistente, em síntese “a identidade do local”. A sua lógica é de “continuidade” por adaptação ao contexto e através da análise do “autêntico”, buscando a integração no sentir próprio do lugar.¹⁰⁴

Álvaro Siza Vieira é o seu expoente maior. Em dissertação afirmou: “ (...) *em certos momentos, o projecto ganha vida própria. Transforma-se num animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros. Se as suas transfigurações não são compreendidas, ou dos seus desejos é satisfeito mais do que o essencial, torna-se um monstro. Se tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se ridículo. Se é demasiado contido, deixa de respirar e morre (...)* ”.¹⁰⁵

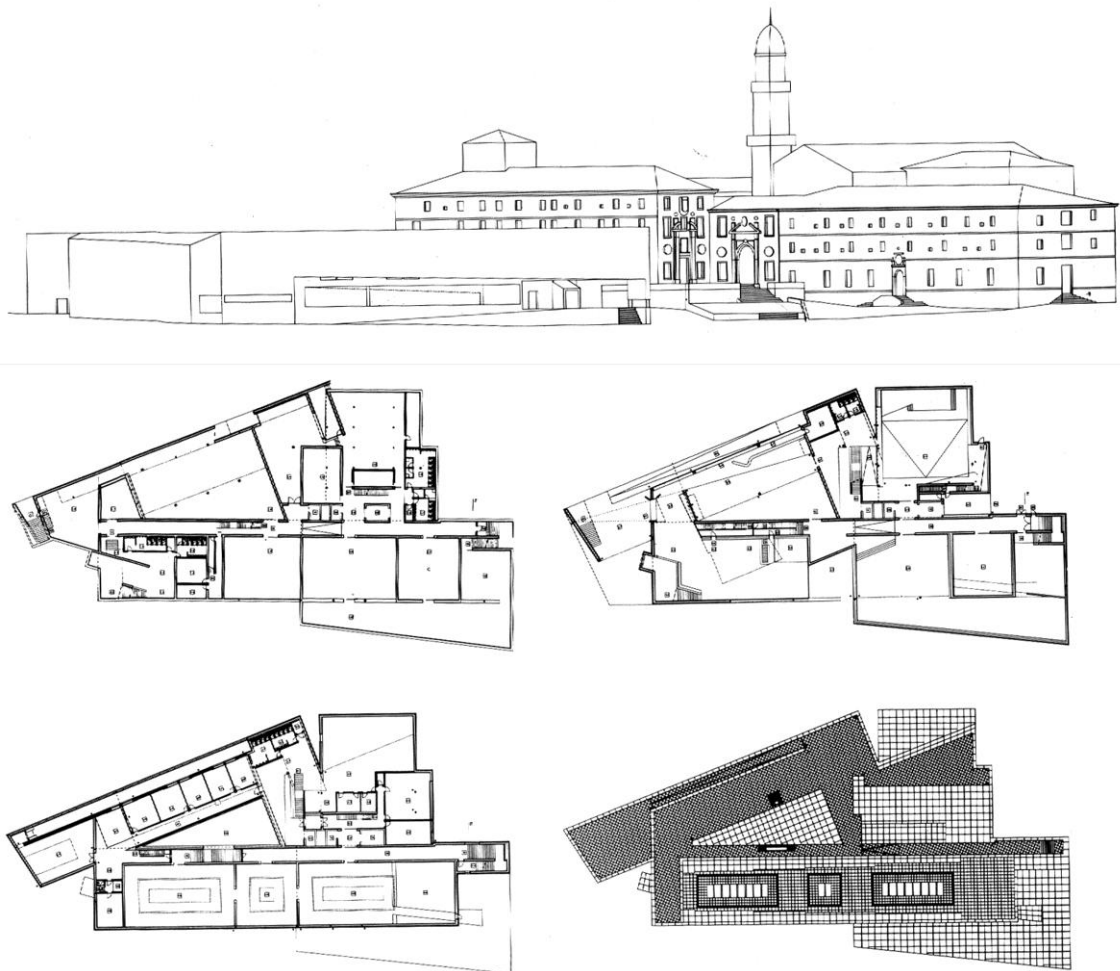


Figura 19 – Projecto de Siza Vieira do Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela: a) Em cima, alçado de integração; b) Em baixo, plantas dos vários pisos.

A partir da década de 70 a sedimentação cultural do «Movimento Moderno» passou a adoptar a memória como experiência vivencial. A História passa a integrar o denominado «Segundo Modernismo» ou «Post-Modernismo» como disciplina marcante. Este domínio, aliado à Sociologia, abriu áreas de pesquisa na reflexão sobre a sociedade actual, caracterizada pela obrigatoriedade do ser humano actuar de forma dinâmica, veloz e competitiva, de forma a progredir em constante actualização pela influência do poder da imagem, do aparato, da comunicação social acrítica, da massificação cultural. Esta evolução suscitou o aparecimento de

¹⁰⁴ Figueira, Jorge *in* jornal «Público» (30/03/07), destacável «Ípsilon» – Sobre Arquitectura, pág.s 36 e seguintes.

¹⁰⁵ Siza Vieira, A. (2005). Citado em Pessanha, M. «Metáfora e Ornamento na Obra de Siza», pág.23.

uma nova realidade marcada pela aparente contradição entre a angústia social colectiva e a necessidade de símbolos identitários como forma de evitar o alheamento individual dentro da própria comunidade.

Surge a «Fenomenologia», uma sabedoria que “ (...) *deseja compreender pela razão, perceber pela imaginação, entender pela sensação... ...uma nova filosofia poética introduzida pela arte ligada ao ser individual e às emoções colectivas, onde o nada é o elemento estruturante do significado (...)* ”.¹⁰⁶ Busca a essência inerente da aparência; procura representar a manifestação do âmago como revelação da realidade; tenta desvendar a compreensão extrínseca das coisas, aliando-a à percepção da especialidade intrínseca.

Integrado na corrente surge o movimento de “reconstruir o construído”, da reabilitação urbana, na salvaguarda do património de forma a manter as imagens públicas vivas como símbolos sociais. Estes são agora considerados atributos do «carácter», «significado» e «expressão» de todos – a mnemónica – que apoia, congrega e estimula a identidade colectiva. O que nos relembra Fernando Távora que em 1962 pressagiava: “ (...) *se a arquitectura, como todo o elemento organizador do espaço cria circunstância... ...ela não poderá colocar-se numa posição de vítima, mas deverá agir para melhoria da circunstância pré-existente (...)* ”.¹⁰⁷

A recuperação urbana apoia-se nos seus conceitos, incrementando a denominada «economia simbólica». A reconstrução do património edificado antigo e/ou rudimentar apoia-se no «sentido do lugar». Este passa a ser revitalizado e valorizado com novas funcionalidades. Os modelos tradicionais reabilitados permitem a conjugação do funcional com o simbólico. A força e o carácter da «Fenomenologia» apoiam a recuperação do património termal, pelo que tema é aprofundado nos últimos capítulos.

1.5 – Sobre o processo criativo.

“A Architectura é um saber adornado de mitos e conhecimento, a partir do qual se regulam todos os trabalhos feitos em qualquer arte. Compõe-se de prática e teoria.”

Marcus Vitruvius (activo entre 33 e 14 a.C.)

Arquitectura é ordenar o espaço, organizando-o com uma determinada finalidade e com uma intenção objectiva, dentro do quadro de vida humana.

Está em função duma época, dum meio, duma técnica e dum programa.

É o resultado do processo criativo que quando concretizado pela construção é, ou não, susceptível de valoração artística. Consequentemente, o que permite distinguir a arquitectura de uma simples construção é a qualidade do acto criativo, subentendo-se de intenção plástica.¹⁰⁸

O processo criativo carece de estratégias que, em abstracto, incentivam a concepção e estruturam fluxos espontâneos. Que, como método de trabalho, impulsiona o desenvolvimento de ideias e incrementa processos normalmente utilizados pela Arte e pela Arquitectura.

O artigo «Desenho: magia, jogo ou estratégia»¹⁰⁹ explica como o processo criativo e a concepção arquitectónica se organizam. Este documento é fundamentado no ensaio «Filosofia da Composição» de Edgar Allan Poe (1809-1849). No seu poema «O Corvo» ele descreve o processo introspectivo, decompondo o desenvolvimento do acto criativo. O tema é a «beleza do

¹⁰⁶ Consiglieri, V. (1995) – «A Morfologia da Architectura», volume II, pág. 320.

¹⁰⁷ Távora, F. (1996) – «Da organização do espaço», pág. 55.

¹⁰⁸ Conjugação do autor com as definições de: (1) Costa, L. em www.brgoncalves.blogspot.com (Dezembro 2008); e (2) Rodrigues, M. J. M. (2002).

¹⁰⁹ Dagmar, J. (Dezembro 2008): «Generalist, Architekturjournalistischem», revista nº0/2008 da Faculdade de Técnica de Architectura de Darmstadt, Alemanha (1960).

luto». Na sua análise observa a influência da organização do texto para efeitos de movimento e de liberdade; a força da densidade estética como potenciadora de tonalidades anímicas; o empenho emocional do autor como forma de atingir intensidade intimista. O que estrutura a própria concepção, pelas noções de estratégia e de actuação que reconhece.



Figura 20 – A forma do corvo é composta pelas frases explicativas do próprio texto – o todo é a conjugação da parte – um propósito construtivista.

Como um projecto, antes do próprio projecto.

Baseado no artigo mencionado, transpõem-se os fundamentos teóricos da elaboração do pensamento criativo. Ao se consubstanciarem, promovem-se vantagens metodológicas. Porque o tema é intrínseco à arquitectura e por inerência, à recuperação e modernização das Termas. Pelo que se enunciam as atribuições próprias da concepção e a estratégia para um desfecho esclarecido:

- Desenvolver do conceito antes do desenho. A estrutura do trabalho é concebida antecipadamente, associando observação e intuição à experiência. O reconhecimento do sítio e os seus relacionamentos – espaciais e emocionais – permitem que a composição se “aproxime” gradualmente do nível íntimo.

No início de um trabalho de arquitectura, o lugar de inserção deve ser analisado para se *perceber* a sua especificidade como lugar. O fecundar do conceito próprio do local permite desenvolver distanciamento das suas circunstâncias rígidas, possibilitando “ (...) *aparentemente e apenas assim que a sua condição de «especial» possa ser alcançada* (...) ”.¹¹⁰

- O fluxo criativo é iniciado. Regras de disciplina favorecem o desenvolvimento do processo. Estabelece-se a procura do sentir e da reflexão pela busca do relacionamento espacial com as formas; pela definição da linguagem estética e das técnicas a aplicar; pela ponderação das formas, dos conteúdos, das hierarquias e do carácter pretendido. O conceito é assim delineado pelo processo introspectivo, mesmo antes do primeiro rascunho.

A configuração de uma nova construção num contexto específico deve ser permeada por “ (...) *todos os aspectos da cultura e da sociedade, em suma, de todas as influências externas* (...) ”.¹¹¹ Não é prudente utilizar exclusivamente algum léxico existente na arquitectura tradicional. Deve ser pertinente à linguagem própria do tempo.

¹¹⁰ Zumthor, P. (1999) em: Kunthaus Bregenz - «Peter Zumthor , Kunthaus Bregenz», pág. 5; tradução livre.

¹¹¹ Nouvel, J. (1999), artigo «L' importance des idées ». Referenciado em : Conway L.M. «Jean Nouvel – Les éléments de l'architecture», pág.s 177a 181; tradução livre.

- Desenhar de acordo com regras. A concepção arquitectónica é caracterizada por inúmeros condicionalismos – espaciais, materiais, económicos, sociais, culturais e políticos – pelo que se devem definir antecipadamente os parâmetros, dentro dos quais as decisões podem ser tomadas. A evolução é lenta porque o desenho se organiza ao mesmo tempo que se desenvolvem os princípios. Tomam-se opções preferenciais em avaliação constante. Apreciam-se soluções possíveis dentro da teia das referências seleccionadas. Avaliam-se os prazos e as acções necessárias, definido alcançar concordância, preferencialmente. O programa aborda a complexidade das tarefas requeridas, e o seu tempo. A actuação é iniciada.

A arquitectura está enraizada em processos dinâmicos de pensamento e de ideias em circunstâncias distintas. Arquitectura não é uma ideologia modular ou um conceito predefinido a ser aplicado a todo e qualquer projecto. O desenvolvimento criativo fundamenta-se na análise que relaciona o corpo de cada edifício existente; inventaria as propriedades do sítio; busca o significado do contexto; e também nas oportunidades efectivas de actuação. Um encargo em “ (...) *descobrir uma «consistência extensiva» dentro da complexidade técnica e da arte visual (...)* ”.¹¹²

- Catalise criativa. Os conteúdos estão ligados às características estruturais e ao processo artístico. A concepção arquitectónica procura entrosar os campos «Genius loci» com o «Genius temporis» para uma solução integrada. O trabalho de consolidar uma expressão artística, intensifica-se. A atenção concentra-se no que vai ser transformado, a nível analítico e intuitivo. Abrange as características estruturais do lugar, a cultura da época e a criatividade no projecto. O direccionando do processo favorece o potencial intuitivo. Representa o percurso criativo para determinar a forma «como». Uma etapa que se prolonga até se pressentir “harmonia” entre as diferentes soluções possíveis.

O processo criativo permite frequentemente desenvolver uma sucessão de impressões como por exemplo: a distância, o tratamento da massa, as proporções, a cinética das fachadas, a ligação dos componentes, o aproveitamento da cor e da luz, o aperfeiçoamento dos detalhes, etc. É também a busca de um diálogo sensível entre as funções necessárias do novo edifício e o seu propósito efectivo, qualidades mencionadas desde sempre pelos tratadistas.

- Dualidade entre a análise e a intuição. Fases de trabalho analítico e de desenvolvimento intuitivo organizam-se conscientemente e em alternância. É uma combinação de procedimentos revezados entre o trabalho analítico e a fase de lógica criativa, entre a aptidão intuitiva e habilidade intelectual.

Com resultados muitas vezes surpreendentes.

Duas coisas são necessárias no processo criativo: uma certa complexidade, como efeito da ligação em plenitude ou melhor, em capacidade de adaptação; e então uma certa quantidade de inspiração, de sugestão, algo ainda por determinar.

As bases desta fase do trabalho são a dualidade intuitiva e a capacidade intelectual, “*as duas faces do espírito*”.¹¹³

Arquitectura permite mutação, transformação, integração, incorporação. O processo de intervenção torna-se complexo por se dispor em diversas escalas simultâneas, tanto no campo

¹¹² Conway L.M. (1999) - «Jean Nouvel – Les éléments de l’architecture», pág. 178.

¹¹³ Arnheim, R. (1904 —2007) psicólogo alemão e professor de Psicologia de Arte e ligado à Psicologia da forma. De acordo com a sua teoria, o pensamento recorre a imagens perceptivas, sendo portanto eminentemente visual. Emigrado em 1940 para os Estados Unidos da América.

sensitivo como no consciente mental.

- Polaridade entre o caos e a ordem. Na procura de soluções e devido aos inúmeros condicionalismos, a mente desenvolve “competição” interna. O processo arquitectónico requer exigência. Para se chegar a uma solução – que muitas vezes parece impossível – é exigida tensão psíquica constante e um alto grau de ocupação intuitiva. O autor necessita de condição física e anímica. Surgem contradições na selecção dos materiais, incoerência nas técnicas construtivas, dificuldades em harmonizar soluções, etc. É o momento para se distanciar do trabalho. Um afastamento voluntário como método que Alvar Aalto (1898 - 1976) comentava como “ (...) *muito similar ao da arte abstracta e (...) eu passo a desenhar por instinto (...) composições quase infantis, e desta maneira (...) a ideia principal progressivamente ganha forma através de um tipo de substancia universal que me ajuda a encontrar harmonia perante as inúmeras contradições dos componentes do problema, um processo em que algo de novo emerge (...)* ”.¹¹⁴

Esta dicotomia é conhecida como a polaridade dos caos e da ordem na «Teoria da Criatividade», como uma discrepância do inconsciente em oposição à consciência. Sobre esta doutrina criativa esclarece-se: “ (...) *o pensamento criativo geralmente exige trabalho duro, esforço, persistência, aprendizagem e uma grande dose de conhecimentos, mas também acaso, sorte e aproveitamento das oportunidades que surgem (...)* ”.¹¹⁵

Este processo de busca estimula um clima de tensão onde o trabalho dedicado, o empenho e a perseverança permitem fazer evoluir ideias criativas. O “vazio” entre os “cheios” é (também) um elemento estruturante e portanto significativo. Procura-se representar a essência das manifestações, revelando-se o essencial. Em contraponto com as aparências secundárias que se querem rejeitar.

- Decisão das três da madrugada. Depois de longos períodos a desenhar e de repente, surgem soluções no inconsciente criativo que sintetizam as múltiplas condições do projecto. Elas são atribuídas ao modo de perceber e à modalidade do pensamento do autor inserido numa cultura, sendo os motivos do “porquê” e do “como”. No hemisfério direito do cérebro localiza-se o pensamento não verbal, sintético, concreto, analógico, não temporal, não racional, intuitivo e holístico; diversamente o hemisfério esquerdo favorece o pensamento analítico, simbólico, temporal, racional, digital, lógico, o pensamento linear.¹¹⁶

Actualmente a investigação sobre o modo de processamento do cérebro usa cada vez mais metáforas da rede digital para configurar a complexidade das sequências cerebrais. Na praxis da concepção arquitectónica há abundância de rituais individuais aplicados de forma não deliberada. Alvar Aalto apelidava-os da “*Courage de trois heures du matin*”.¹¹⁷ Neste método de trabalho intuitivo, aleatório e claramente não planeado, acontece uma intensificação de processamento mental que conjuga todo o tratamento da informação. A acumulação de conhecimentos ocorre com a participação do

¹¹⁴ Alvar A. (1947) – «The Trout and the Mountain Stream». Transcrição de Dagmar J. – revista «Generalist, Architekturjournalistischem» nº0/2008; Faculdade de Técnica de Arquitectura de Darmstadt, Alemanha.

¹¹⁵ Lenk, H. (2000),: «Kreative Ausstiege. Zur Philosophie und Psychologie der Kreativität» ; artigo referenciado na revista da nota de rodapé anterior, pág. 12

¹¹⁶ Edwards, Betty, comentado em Edward, B. (1979): «Drawing on the Right Side of the Brain»: transcrição da revista indicada nas notas de rodapé anteriores.

¹¹⁷ Alvar A. (1947) – «The Trout and the Mountain Stream»: texto original em Francês com tradução “Coragem das 3 horas da manhã”,

inconsciente e da intuição, sendo reforçado pelo trabalho que se foca cada vez mais no problema, activando o imaginário interior e as memórias consideradas como “esteticamente belas”.

Um manancial criativo manifesta-se, por vezes, no processo projectual arquitectónico. A produção de um objecto requer compreensão, evolução, mutações de escala, de forma, etc. O inconsciente mental do criativo calcula operações de tal forma complexas que é a própria intuição que vislumbra conclusões, resumindo as múltiplas condições do projecto. É o produto da competição inter cerebral. Para acontecer é necessário envolvimento e dedicação ao serviço.

- Abertura intelectual como qualidade estética. Quem se “prende” a uma ideia no início da concepção tem dificuldade de incrementar resoluções alternativas. Todos os conhecimentos adquiridos no decorrer do trabalho são usados para a hipótese final. Pretender atingir um objectivo rapidamente faz que a apreensão específica dos factos possa não ser apreendida convenientemente e na relevância da conjuntura. Se a atenção é orientada para as qualidades do lugar, a observação pondera e faz desencadear uma postura de pesquisa. Esta atitude amplia o grau de concentração e consequentemente, desenvolvem-se possibilidades da composição. A pesquisa organiza-se e torna-se permanente. Pretende-se assim interpretar em coerência com o propósito de avistar a expressão adequada.

No ensaio «Filosofia da Composição», Edgar A. Poe apresenta um processo estruturado que serve de modelo para um projecto de desenho. Esta afirmação é válida porque o documento apresenta características artísticas que são indispensáveis para o resultado positivo do procedimento criativo. A integração do “know-how” – através de procedimentos formulados antecipadamente – permite o progresso diligente da concepção. A estratégia de trabalho é essencial para a expressividade final, ajudando a impulsionar ideias espontâneas. Denominadamente mediante moldes de actuação e por pausas efectivas.

A «magia» torna-se então uma ordem de desempenho.

Depois do tratamento de toda a informação surge a necessidade da decisão. Perante as diferentes hipóteses de soluções, o trabalho de síntese torna-se demorado. Muitas vezes é mesmo contraditório mas sempre emocionante. A escolha final é um trabalho solitário devido à responsabilidade própria da eleição. Porque no fundo quem organiza e interpreta o projecto é um poder oculto dentro do próprio responsável, que conjuga opostos que se cruzam, mesmo os do seu íntimo.

- Exagero experimental. O processo de planeamento é essencialmente dependente das decisões orientadas para o futuro, verificáveis só após a conclusão da obra. As decisões por sua vez estão vinculadas aos valores e às experiências pessoais do autor. Elas contêm contingências que só podem ser verificadas através da execução das premissas definidas anteriormente. As características da pesquisa em desenho, a “essência do jogo”, podem ser exageradas experimentalmente pela diferente configuração espacial e/ou por novas posturas dos materiais construtivos. Ao ampliar constrangimentos no desenho promovem-se acontecimentos anormais no processo. O que, como se de um passatempo se tratasse, implica o aspecto lúdico. O desejo de um bom resultado aumenta a intensidade emocional do desfecho do “jogo”, que é desconhecido. Sobre a teoria hermenêutica, esclarece-se: as possibilidades por um jogo tornam-se divertidas quando são investigados e explorados pelos jogadores, porque elas são hipóteses continuamente em aberto. A incerteza do curso do jogo impulsiona a curiosidade e a liberdade de acção. A impotência de domínio sobre o modelo dinâmico e sobre o desfecho do jogo fascina os jogadores. Eles não sabem se o jogo será sucedido, nem mesmo como. O risco de insucesso está-lhe inerente. Isto estimula, exige a vontade de assumir riscos, seduzindo os jogadores. Porque quem quer que entre no jogo, torna-se

sua parte integrante.¹¹⁸

A arquitectura tradicional fundamentava-se na distinção de *cheios* e *vazios*, abordagem que não explorava o potencial da luz. Para além deste, outros conceitos imateriais têm-se desenvolvido actualmente como a mutabilidade da claridade, a tensão espacial,¹¹⁹ etc. São novos materiais da arquitectura contemporânea que permitiram ampliar o seu vocabulário em direcções nunca imaginadas. Para além desta constatação surgiram novas técnicas e elementos construtivos que permitem a construção de edifícios de alto grau de complexidade.

O desenvolvimento de um projecto é um jogo analítico de carácter abstracto. Esta lógica não deve contudo ultrapassar a harmonia entre o local e seu próprio tempo porque, para além de emocional é um jogo de carácter real. O que evidencia a observação que " (...) a complexidade é resultado do acto crítico (...) ".¹²⁰

Esta análise apresenta-se proveitosa por:

- Fornecer uma justificação filosófica processual de teor válido;
- Favorecer a comunicação da dinâmica artística.

Contudo é um esboço abstracto que não pretende ser "o quadro único" da realidade fenomenal em projecto. O processo criativo ao ser observado permite ser visto como algo mais do que meramente subjectivo, apresentando-se também como uma oportunidade simultânea de ordem racional e intuitiva. Conjunção que pode ser compreendida como um "todo fluido".

A arquitectura moderna é genericamente caracterizada como sendo uma linguagem estética de índole internacional. Esta tendência apoia a nova sociedade que se mostra mais respeitadora do ambiente.

Contudo o termo «moderno» é uma referência genérica que não traduz as diferenças dos arquitectos duma mesma época. É mesmo criticada pelos «pós-modernos» que utilizam a revalorização histórica como sua divisa.

A arquitectura praticada nas últimas décadas é também caracterizada como uma reacção às próprias propostas modernas de índole racionalista.

Não basta portanto ser-se moderno ou aliar-se o conceito de progresso à construção.

Uma obra de arquitectura para ser considerada «arte» não deve ser exclusivamente de ordem política, nem sujeição social, nem mesmo a interpretação duma ideia de época.

Para possuir aquele atributo necessita fundamentalmente de desenvolvimento «criativo».

1.6 – Nota de capítulo.

O capítulo identifica a origem da «balneoterapia» e a especificidade da sua arquitectura. As suas estruturas assistiram o poder político romano, servindo-lhe como suporte de afirmação e prestígio. A sua distinção permitiu tornarem-se um fenómeno cultural que foi exportado para todo o Império como símbolo de uma civilização superior de carácter urbano.

O conceito manifesta-se nos balneários romanos do «Alto da Cividade» e de «Évora», situados no actual território nacional. As suas análises permitiram desenvolver um mapa dos materiais e das técnicas construtivas empregues na época.

¹¹⁸ Teoria publicada no artigo de Gadamer, Hans-Georg, intitulado «Die Ontologie des Kunstwerks und ihre hermeneutische Bedeutung; Spiel als Leitfaden der ontologischen Explikation» (1960) em nota de rodapé da revista nº0/2008 da Faculdade de Técnica de Arquitectura de Darmstadt, Alemanha, Dagmar, J. (Dezembro 2008): «Generalist, Architekturjournalistischem».

¹¹⁹ Tensão espacial no sentido da busca da relação "exacta" entre os elementos (nota do autor).

¹²⁰ Per Bak: físico teórico dinamarquês desenvolveu o termo e o conceito de «criticalidade auto-organizada» (1948, 2002).

O conceito das «Termas Imperiais» é utilizado no ressurgimento balnear iniciado durante século XVIII. Assim as Termas portuguesas de maior prestígio estão inseridas em vastos espaços verdes, superando a noção comum de “balneário”. As características deste equipamento ambiental e a sua influência na organização espacial são analisadas no capítulo.

Foi desenvolvida uma análise histórica sobre a especificidade da arquitectura portuguesa – desde o despontar do «Manuelino» (século XV) – pela relevância na configuração termal do estilo «Português Suave», também apelidado de «Tradicional Português». Apreciação que no final introduz a «fenomenologia». Esta cultura artística interliga a realidade emocional (individual e colectiva), apoiando a arquitectura para a melhoria das circunstâncias dos nossos dias sem perda de identidade preexistente.

O desenrolar do processo criativo é investigado como sendo parte integrante da arquitectura, quando em forma de arte.

Capítulo 2 – Tipologias dos equipamentos termais.

“As obras-primas do passado demonstram que cada geração tem uma forma de pensar, numa concepção e estéticas próprias, que exortam a totalidade dos meios técnicos da sua época a servir de base à sua fantasia”

Carta de Atenas (1933).

A representação termal

Cada momento histórico é circunstancial e requer novos meios, ou a modernização dos antigos. Este entendimento é de senso comum, sendo válido também para as Termas que desde o século XIX, nas épocas propícias, têm procurado evoluir para satisfazer os seus clientes. Elas têm-se procurado adaptar ao tempo pela modernização de técnicas e de serviços, adequando-se às novas exigências.

As Termas estão inseridas geralmente em parque arborizado murado e localizadas em meia-encosta. Esta qualidade é relativamente privilegiada se estivessem situadas:

- Em vales: mais sujeitas a neblinas e nevoeiros;
- Em topos: de oxigenação mais rarefeita.

A vivência no parque balnear permite o usufruto de luz filtrada pela copa das árvores, tornando-a suave e diáfana.¹²¹ A arborização permite o controle natural dos ventos e também oxigenando os seus ambientes pela boa qualidade do ar.

A sua expressão é reconhecida no modo como o espaço” (...) *se estrutura e se organiza que provém a comunicação estética arquitectónica* (...)”,¹²² e pela singularidade do seu carácter de encanto abrangente. A distinção termal deve-se a incorporarem simultaneamente a escala humana e dimensão natural o que lhes confere uma identidade fenomenal peculiar.

À caracterização balnear corresponde uma representação simbólica. Cada um dos edifícios deve ter a capacidade de atracção; e simultaneamente a capacidade de agradar como um todo, conjugando funcionalidades técnicas, ambientais, e anímicas. O que as qualifica como referências públicas emblemáticas.

Por combinarem teatralidade arquitectónica, motivam a índole dos utentes. A encenação afirma-se como «eclectica» porque se assenta em várias correntes estéticas, Ao sintetizar várias linguagens absorve os símbolos mais evidentes que procura harmonizar. Para tal simplifica, desapega-se do essencial, e interliga divergências ou oposições. Importa cenografias distintas de forma a motivar o momento presente, renunciando a ter de desenvolver o seu pensamento próprio. Esta forma artística “ (...) *conduz a uma aceitação de todos os «revivals», neo-grego, neo-romano, neo-gótico ... concilia-se bem com o estabelecimento termal, permitindo a celebração, a exaltação do festivo frente à dor* (...) ”.¹²³ Um estilo que enaltece o atractivo e que também consente as modernas correntes arquitectónicas.

Apresentam vários tipos de edifícios e de estruturas, elementos que configuram e caracterizam a singularidade destes microcosmos espectaculares. São os denominados «equipamentos termais».

¹²¹ O excesso de luz é considerado clinicamente como um excitante, um ansiogéneo, portanto desaconselhado a pessoas com perturbações psicossomáticas – informação pessoal da Dr.^a Soledad Coutinho Varela (Fevereiro, 2007) técnica superiora do Hospital Psiquiátrico Magalhães de Lemos, Porto.

¹²² Garcia Lamas, J. (1990) – «Morfologia urbana e desenho da cidade», pág. 80.

¹²³ Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – «El balneario – La ciudad ensimismada», pág.s 103 e104.

Para a sua análise houve que estabelecer uma hierarquia. Consideração contemporânea pois cada época pede a actualização dos equipamentos existentes ou a construção de novos edifícios. Acontecimentos que possibilitam a alternância de importância própria relativa ao agrupamento, como é referenciado nas Termas de Vizela que em 1951 possuíam “ (...) *estação de correio, telégrafo e telefone* (...) ”, ¹²⁴ equipamentos actualmente considerados desnecessários.

A competência fundamental duma estância termal é a capacidade curativa das suas águas. O *balneário* é por isso o seu equipamento principal. É um edifício cuja noção de entrada normalmente se torna evidente por um volume saliente na fachada mais alongada. Evidencia que serve de suporte do eixo de simetria da construção. O seu ingresso dá acesso a um hall distributivo ao qual confluem duas alas semelhantes, cada uma para o seu género. As suas divisões são dissemelhantes, devido às diferentes naturezas da mulher e do homem. Esta correspondência espacial tem permitido a recepção das naturezas íntimas em adequação à forma díspar de procedimento funcional de cada grupo.

Nas Termas a pressão das normas inter-pessoais abranda, o que possibilita o surgimento do insólito apaziguador. Este surge em contraste com a rotina habitual da vida urbana normalmente exigente, atribulada e dinâmica.

São locais notáveis de pacificação e de regeneração.

2.1 - Classificação

As Termas permitem várias classificações distintas que passamos a denominar:

A – Relativamente à água das fontes.¹²⁵

Características físico-químicas (segundo classificação do código do IHL):

1º) Quanto à temperatura:

- Fontes hipo-termiais: temperatura inferior a 25 °C.
- Fontes meso-termiais: temperatura compreendida entre 25 e 35 °C.
- Fontes termais: temperatura compreendida entre 35 e 40 °C.
- Fontes hiper-termiais: temperatura superior a 40 °C.

2º) Quanto aos gases (água a 20° C e 760 mm de Hg de pressão): ¹²⁶

- Fracamente radioactivas – as que apresentam um caudal gasoso mínimo de um litro por minuto (l.p.m.) com um teor de gás espontâneo compreendido entre cinco e dez unidades Mache por litro;
- Radioactivas – as que apresentam um caudal gasoso mínimo de 1 l.p.m. com um teor de gás espontâneo compreendido entre dez e 50 unidades Mache por litro;
- Fortemente radioactivas – as que apresentam um caudal gasoso mínimo de 1 l.p.m., com teor de gás espontâneo superior a 50 unidades Mache por litro.

3º) Fontes sulfurosas – as que possuem na emergência, formas reduzidas de enxofre ou de gás sulfídrico.

4º) Fontes toriativas – as que apresentam no mínimo, uma vazão gasosa de 1 p.m. com um teor em toronio na emergência, equivalente em unidades electrostáticas a duas unidades Mache por litro.

¹²⁴ Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal», pág. 44

¹²⁵ Alcântara Cruz, J. (Junho, 2009) – Director da Direcção Geral de Energia e Geologia – informação pessoal.

¹²⁶ A radioactividade das águas minerais em Portugal é genericamente fraca pelo que este tipo de classificação não é normalmente utilizado.

B – Apreciando a unidade termal como um todo conjugado, há a considerar o seu posicionamento no território, sua expansão e o tipo de relacionamento estabelecido com a vizinhança envolvente. Conjugando e desenvolvendo caracterizações anteriores, as Termas podem ser avaliadas como:

- Incluídas no núcleo da cidade – fazem parte integrante da localidade, estando incorporadas no tecido urbano como um equipamento singular. O seu relacionamento é interdependente. São exemplo as Termas de Caldas da Rainha, Termas de Vizela, Termas de Chaves, etc.;
- Sem relacionamento com centro da cidade – localizam-se afastadas do núcleo urbano, tanto a nível geográfica como funcional. A sua consolidação desenrolou-se de forma distinta no tempo mas conexas. São o caso das Termas de S. Pedro do Sul, Termas do Luso, Termas da Curia, etc.;
- Implantação em ambientes rústicos – a aglomeração balnear desenvolve-se como num mundo à parte, isolado territorialmente e/ou próximo de um núcleo populacional de pequena dimensão. Com relacionamento indirecto, resultando existências diferenciadas como as Termas de Vidago, Termas de Pedras Salgadas, Termas do Carvalhal, etc.

C – As instalações termais desenvolveram relacionamento com a sua envolvente habitada. Foi gerada interacção que apoiou a consolidação própria assim como a da povoação contígua. Perante este vínculo deriva a classificação:

- O balneário aparece como uma estrutura diferenciada, confinada a uma área determinada, com funções estritamente curativas, sendo tomada pelo crescimento da cidade da qual depende – ex: Termas de Chaves, Termas de Vizela, etc.;
- O burgo identifica-se com o balneário, nasce da sua utilização e convive com a sua exploração – ex: Termas S. Pedro do Sul, Hospital Termal das Caldas da Rainha, etc.;
- O balneário aparece fora do povoado, ao qual não se agrega mas depende pelos serviços complementares – ex: Termas de Vidago, Termas da Curia, etc.;
- O balneário é uma área independente estabelecendo uma relação de equilíbrio com o núcleo original – (ex: Termas de Monte Real, Termas de Monchique, etc.);
- O balneário forma parte integrante da localidade com a qual estabelece uma relação de equivalência dependente – (ex: Termas do Gerês, Termas de Caldelas, etc.);¹²⁷
- A cidade tem a génese no balneário. O estabelecimento perde importância devido ao desenvolvimento urbano, desaparecendo os indícios balneares significativos. No entanto o potencial hidrotermal que lhe deu razão é conservado (ex: Termas do Estoril).

D – Os estabelecimentos termais são formados por elementos arquitectónicos e por componentes naturais. Ao serem perceptíveis à vista e à sensibilidade humana, convertem-se em forças de atracção, o que permite várias abordagens. Podem ser consideradas como um todo articulado ou na conjugação de cada uma das partes. A abordagem pela fracção permite apreciar os elementos pela sua funcionalidade, denominadamente de:

- Tratamento – o edifício de carácter emblemático. O usufruto da sua função terapêutica permite relacionamento social.
- Albergue – outro edifício simbólico essencialmente para acomodação e lazer. Conexo o mais directamente possível às instalações terapêuticas.
- Entretenimento – veículos de lazer adequados ao estilo termal e à implantação territorial, podendo ser desportivos, culturais e deambulatórios. Permitem o relaxamento individual em contexto social.

¹²⁷ Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – «El balneario – La ciudad ensimismada», página 169.

Aprofundando a abordagem funcional dos elementos da cidade termal, deriva a classificação tipológica do seu equipamento, como sendo sanitário, de alojamento, cultural e recreativo, ambiental, de culto, desportivo e industrial.¹²⁸

2.1.1– Equipamento sanitário

“Certo é que a simples existência de duas construções em proximidade é suficiente para que se estabeleçam relações visuais, estéticas e ambientais que são do domínio da arquitectura”

José Garcia Lamas (1948-2003)¹²⁹

1) Balneário – é equipamento termal indispensável. A sua água, de qualidade e propriedades específicas, actua como geradora de serviços. O nível freático e os seus canais de condução são protegidos por lei, para se tentar evitar possíveis inquinações. O edifício desdobra-se por vezes em mais de um corpo com anexos do principal.

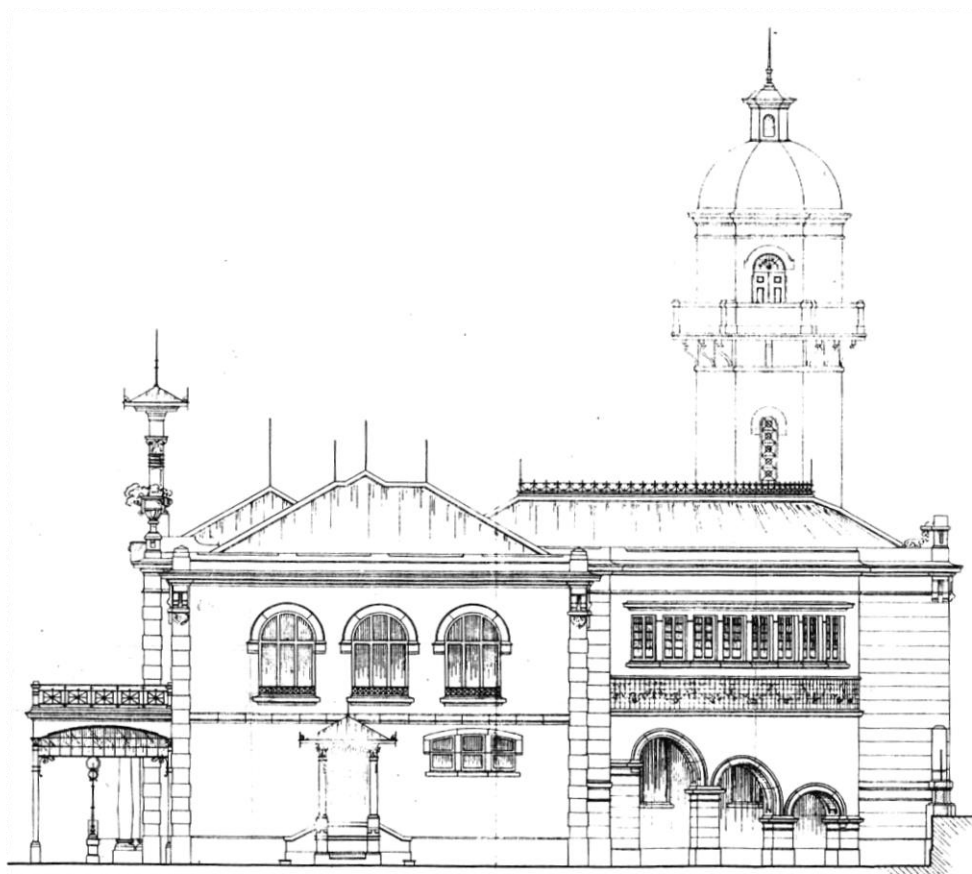


Figura 21 – Alçado lateral do projecto do balneário (com casino e cinema no andar superior) das Termas da Curia da autoria de Norte Júnior (1935). O torreão faz de eixo de simetria na fachada principal.

Originalmente não passava de uma piscina ao ar livre, tendo-se posteriormente convertido num edifício público coberto com funções diversas. Aqui se depararam os

¹²⁸Desenvolvimento da informação conjugada de: Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – «El balneario – La ciudad ensimismada» e Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas».

¹²⁹ Garcia Lamas, J. (1990) – «Morfologia urbana e desenho da cidade», pág. 51

serviços e os equipamentos necessários para a realização das técnicas terapêuticas. O exterior manifesta geralmente linguagem neoclássica de carácter simétrico. A sua regulação interior reflecte-se em dois corredores ortogonais. No seu cruzamento apresenta-se um amplo vestíbulo central que permite o encaminhamento do utente para a ala respectiva, conforme o sexo.

Actualmente o balneário procura proporcionar maior liberdade funcional, por se aliar a função terapêutica e o proveito de bem-estar. O edifício torna-se mais prático e formalmente mais aberto, passando a ser denominado também de «Spa».



Fotografia 17 – a) b) e c): Aparelhos balneares que se depararam nos corredores ortogonais do balneário das Termas de Vizela.

2) Buvete/fonte termal/bebedouro – local de ordem terapêutica por fornecer água medicinal para se tomar. É normalmente um edifício de planta octogonal aberta a um contexto que privilegia o contacto com a natureza e onde a bica é o elemento central. Dentro de um perímetro termal podem existir vários destes pontos de medicação.

São peças com características arquitectónicas distintas conforme a localização e fonte que representam. O seu traçado apresenta-se nos casos secundários em forma quadrada ou rectangular, com a localização do chafariz interior derivado da planta em cruz.

São edifícios com um ou dois patamares, expressivos de cor e de fantasia decorativa, peças escultóricas muitas vezes utilizadas nos folhetos como imagem publicitária termal. Servem também como referências de orientação relativa.

O bebedouro é ainda um ponto de abrigo para descanso e convívio em ambiente ideal.

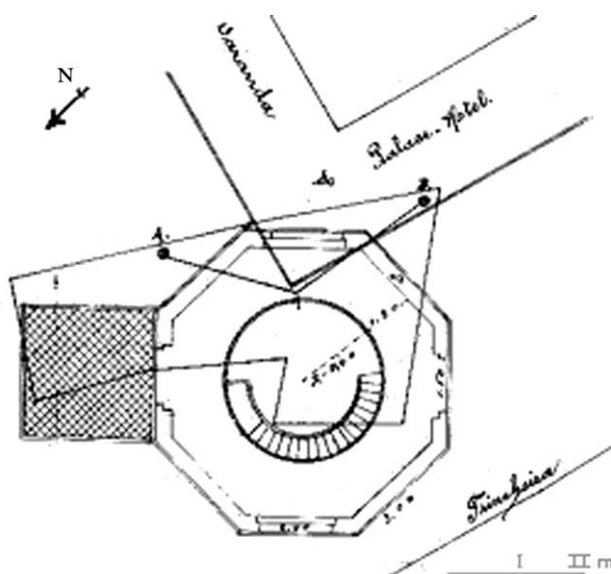


Figura 22 – Projecto da fonte termal em Vidago, de planta octogonal (1913).

O aproveitamento da água da mina permite que a natureza actue como sendo um dos palcos principais do cenário balnear. Os efeitos da sua ingestão directa são ampliados pelo

ambiente calmo e pela forma livre do seu usufruto. Nos dias solarengos a sua atmosfera ameniza-se devido às árvores frondosas e às sombras ondulantes, o que permite harmonização entre a temperatura do ar e a humidade relativa.

3) Piscina, banheiras – elemento de composição de relação implícita com a água. Como referenciado, o balneário original era uma piscina ao ar livre. A condução das águas medicinais permitiu serem construídas no interior de edifícios, normalmente no piso térreo como durante o século XVI no desenvolvimento do Hospital Termal das Caldas da Rainha.



Fotografia 18 – a) Banheira romana nas Termas de Monte Real; b) Piscina dos homens do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha.

Viriam a ser substituídas por banheiras de pedra e por tinas terapêuticas, facto que permitiu manter a temperatura da água de forma mais duradoura, evitando gastos de água e de energia excessivos.

É actualmente um complemento termal obrigatório, interior e/ou exterior, devido à moda da “*vida ao ar livre*” e do ideal estético de “*bronzeado, vigoroso e robusto*” em voga a partir nos anos 60.

4) Hospitais – a nível mundial são raros os hospitais termais, existindo dois em Portugal: Hospital Termal de Caldas da Rainha (pioneiro no mundo) e Hospital Termal de Monchique. Pela sua singularidade apresentam tipologias e sistemas organizativos originais, normalmente muito depurados e de forte teor regulamentar. No passado tinham duas tarefas a desempenhar: “ (...) *a da investigação clínica e a da medicina social* (...) ”.¹³⁰



Fotografia 19 – Fachada principal do Hospital Termal das Caldas da Rainha.

Estão ambos presentemente em fase de transformação, porque “ (...) *este equipamento manteve, desde sempre, questões de funcionamento e de conservação difíceis de controlar* (...) ”.¹³¹ Contudo não se teve conhecimento da modernização deste equipamento, conservando o atributo hospitalar.

¹³⁰ Narciso, A. (1943) «Diário de Notícias», referenciado em: idem nota de rodapé anterior, pág. 158,

¹³¹ Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pág, 159

2.1.2 – Equipamento de alojamento

1) Hotel – é uma edificação do conceito termal com importância similar ao balneário com o qual normalmente se interliga directamente. É um equipamento multifuncional de significado económico local, podendo também deparar-se fora da zona concessionada. No país apresentam-se com diferentes parâmetros de qualidade e de conforto fazendo que, nas respectivas entradas, o número de estrelas de qualificação turística varie, facto que também se manifesta no valor simbólico próprio do hotel das Caldas.

Normalmente o alojamento balnear foi favorecido tanto na localização como no enquadramento, pelo que recebeu desde sempre um cuidado redobrado no projecto arquitectónico e no mobiliário interior e exterior. Tinha como intenção tornar as estâncias tão emblemáticas quanto possível.

As Termas são locais que permitem sentir outra velocidade do tempo, como se ele andasse mais devagar. A satisfação dos utentes para o seu preenchimento é fundamental para o sucesso do estabelecimento. Pelo que entre as unidades hoteleiras, a competição para o bem-estar dos utentes é renhida.



Fotografia 20 – Hotel Palace de Vidago a) fachada principal; b) escadaria interior.

Assim o edifício concentra actividades de entretenimento diversificadas em espaços adequados como: sala de refeições, salão de festas – na época áurea do termalismo alguns hotéis chegaram a ter orquestras fixas – salas de estar, sala de jogo de cartas e de bilhar, sala de leitura, biblioteca, espaços para as crianças, etc.

A notoriedade do hotel depende, para além da hospedagem, dos estímulos que permite usufruir em lazer. Estes são consequentes das características que a disposição espacial proporciona. Assim a separação das suas zonas privadas, semi-públicas e públicas é feita com clareza. Apresentam generosidade nos espaços representativos, “ (...) *sem menosprezo pelo conforto e luxo das habitações que devem contar com quarto de banho. Salões e salas de jantar convertem-se em protagonistas, tanto pelas suas dimensões como pela sua linguagem formal, fornecido de um reportório exótico (...)* ”.

¹³²

Espaços considerados “abertos” ou “fechados” consoante o tipo de exposição social que possibilitam. Uma apreciação que também conjuga a qualidade de relacionamento com o exterior do edifício, privilegiando e/ou vedando focos de convívio.

2) Pensões e casa de aluguer – estabelecimento complementar aos hotéis que, pela diversidade de preços, permite o desfrute termal a estratos diversos da sociedade. A sua subsistência depende directamente da frequência da estância balnear, da qual se situa fora dos limites. Situado no piso térreo, possuem normalmente o restaurante que se

¹³² Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – «El balneario – La ciudad ensimismada», pág.120.

encontra aberto todo o ano.

Estas unidades sofreram uma redução significativa devido à diminuição da procura termal a partir da segunda metade do século XX. Alguns destes edifícios encontram-se em estado de degradação.

- 1) Chalés/vila – habitações unifamiliares ou pequenas residenciais particulares que permitem a estadia termal de famílias em proximidade. Ajudam o enquadramento geral do território termal, sobretudo nas áreas afastadas dos edifícios principais, rentabilizando o usufruto da área concessionada. Aparecem sobretudo nas estâncias francesas, tendo sido historicamente pouco habituais em Portugal.

A sua apresentação é actualmente considerada uma mais-valia no espírito de modernização das Termas a recuperar.

2.1.3 – Equipamento cultural e recreativo

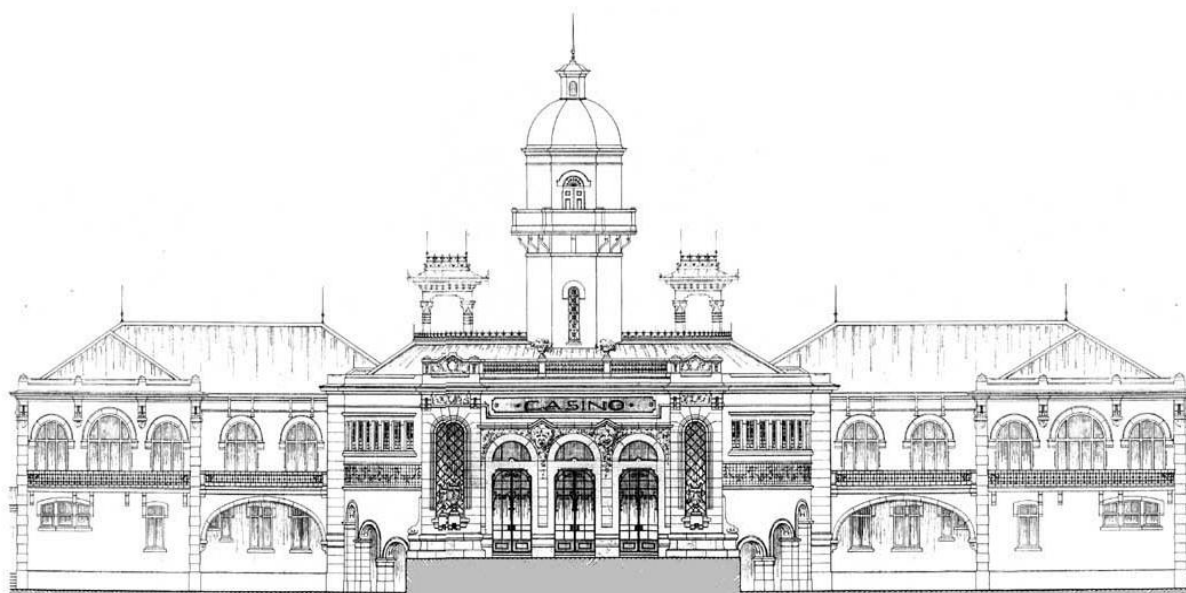


Figura 23 – Projecto do edifício casino/cinema, com o balneário no piso térreo das Termas da Curia da autoria de Norte Júnior (1935).

- 1) Casino – dentro do perímetro termal a denominação do edifício «casino» não tem a conotação que se conhece nos grandes da Europa, nem a mesma arquitectura arrojada. Aparece mais como um espaço banhar de luxo e de refinamento social. A sua planta confronta-se tradicionalmente em todos os pisos com um grande espaço central, correspondente ao vestíbulo. É o local distribuidor que permite encaminhar os utentes para as várias salas e/ou para os terraços.

A configuração do seu salão principal é normalmente rectangular. Este apresenta-se com grandes fenestrações e riqueza decorativa, o que proporciona a sensação de selectividade social. Funcionalmente comportava as atribuições aglutinadas de jogo, de festejo e de ócio. Era um local de convívio e de tertúlia semelhante às associações literárias e políticas, sendo frequentado pela índole masculina.

A figura feminina surgia somente durante a actuação de grupos musicais, nas esporádicas festas, ou nos faustosos bailes de Carnaval e do Fim de Ano.

2) Cinema /teatro – desde o início da sétima arte que as Termas pretenderam possuir uma sala de projecção, por vezes conciliando também o teatro amador ou as tournées das companhias teatrais. Eram pólos culturais de manifestação social. Na época frequentar o cinema e/ou o teatro era um costume de nomeada entre a população burguesa das cidades. Para além do aspecto civilizacional tinha como intuito *ver e ser visto*. Esta circunstância era planeada desde o desenho da fachada, projectando-se na plateia e no nível dos camarotes. A ocupação do espaço desenvolvia-se em ampla visibilidade e de acordo com triagem social pretendida.



Fotografia 21 – Coreto no parque termal das Caldas da Rainha.

3) Coreto – edifício de arquitectura aberta, colaborante para o relaxamento individual e para o convívio interpessoal. Servia de palco para concertos de bandas populares (característico do universo popular português) e de elemento decorativo/organizador do território ao definir o limite visual de um eixo ou o cruzamento de vários. Contribuía para a manutenção do espírito festivo dentro do perímetro concessionado. Congregava a ambiência protectora, embora em campo aberto.

2) Pavilhões – pequenos edifícios autónomos normalmente de carácter pitoresco. A instalação periódica de bancas de comerciantes na entrada, mas fora dos limites da concessão, amplia o seu efeito notório.

A sua funcionalidade é de ordem diversa, servindo para quiosques, de apoio desportivo e/ou turístico, ou como arrecadação de equipamento de limpeza. O poder de influência é caracterizado pela sua localização e grandeza.



Fotografia 22 – Pavilhão em Caldelas.

2.1.4 – Equipamento ambiental

1) Alameda – eixo rectilíneo configurado com árvores de copa larga que enfatizam um elemento edificado termal. Determinam percursos entre áreas balneares distintas, encaminhando te o utente de forma agradável. Jogos de ritmos cromáticos e de intensidade sombra/luz prolongam inconscientemente o interesse do espectador, que se sugestiona. A realidade natural torna-se terapia de influência.

2) Parque e jardins – elementos essenciais onde a natureza é adaptada à topografia do terreno. Conjugam normalmente o elemento água pela presença de chafarizes ou por lagos e ribeiros. A sensação de tranquilidade dilata-se pelo usufruto de ambiente puro em cenários verdes e na paisagem cadenciada. O seu desenho privilegia pontos focais como fonte de estímulos. Tem como função permitir a deambulação e favorecer o restabelecimento pessoal. A área verde é preenchida com mobiliário urbano e interliga os estabelecimentos balneares que integram a composição balnear. São pulmões ecológicos onde a árvore é o elemento mais representativo.

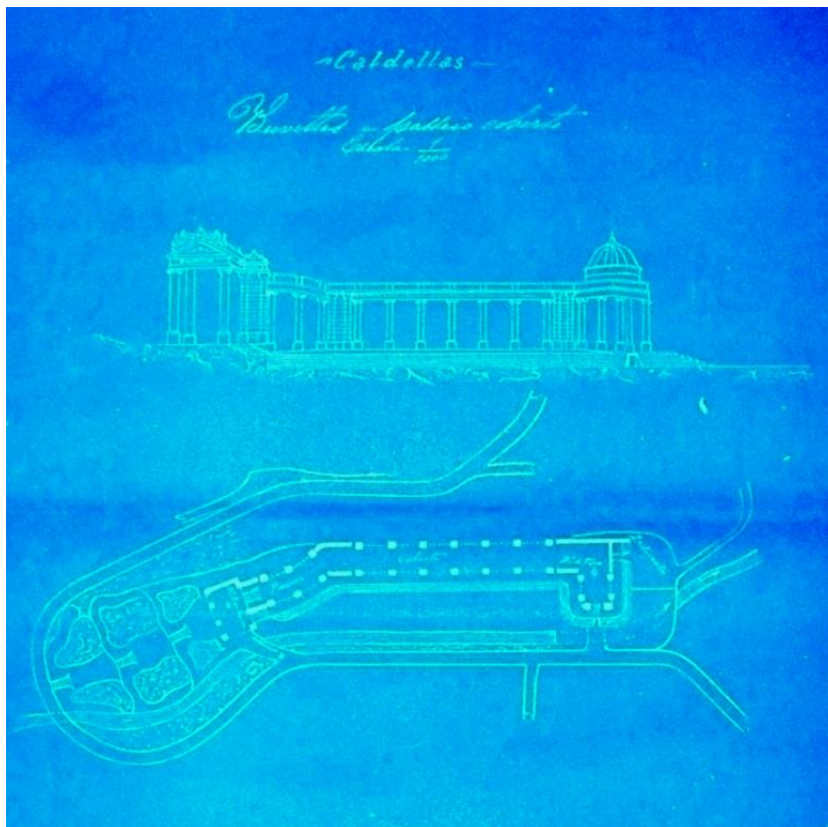


Figura 24 – Projecto não construído das buvetes das Termas de Caldelas, com passeio galeria (1908).

2) Bosques – entre as várias zonas surgem áreas verdes que não tendo grande primazia, potenciam a envolvência em meio equilibrado e ecológico. O aproveitamento das belezas naturais, da fauna, dos odores e dos sons permite desenhar percursos atractivos integradores da paisagem. Funcionalmente favorecem a recuperação salutar dos utilizadores.



Fotografia 23 – Lago no parque verde das Caldas da Rainha; ao fundo os Pavilhões do Parque.

- 1) Lago e rio – são referências orientadoras de menção paisagística. Apresentam-se como manifestações do ideal balear. Em alguns casos pode-se passear de barco ou em ocasiões do passado, assistir a regatas nos relvados que os rodeiam.

É mais uma forma de proporcionar distração durante o lazer, desfrutando o elemento água que, acomodando-se no terreno, se torna reflexa da actividade lúdica termal.

2.1.5 – Equipamento de culto



Fotografia 24 – Capela das Termas de Monte Real.

- 1) Capela – edifício normalmente de carácter historicista que permitia dar continuidade de culto religioso durante a estadia. Construções de pequena dimensão dentro do contexto termal, normalmente de representação sóbria e com uma só nave. Possibilita conjugar a libertação espiritual à depuração física promovida pelas dietas e tratamentos. Possuía uma “ (...) *posição intermédia entre os espaços representativos e secundários* (...) ”.¹³³
Inicialmente a celebração dominical e os demais sacramentos faziam-se num compartimento do hotel. Mas, com o tempo, houve a necessidade de se acrescentar um equipamento próprio, pelo que a capela foi construída dentro da área concessionada.

2.1.6 – Equipamento desportivo

- 1) Campos desportivos – para manterem o prestígio as Termas procuravam novos atractivos que era muito dependente das modas.
Já nos finais do século XIX se notava serem uma necessidade de apetrechamento por se constatar serem factores de atracção, “ (...) *pois estas tornavam-se ainda mais recreativas e simultaneamente apoiavam o fortalecimento dos pacientes* (...) ”.¹³⁴
Pelo que as distrações ao ar livre passaram a ser favorecidas, correspondendo à difusão dos novos desportos importados na época.
A sua presença passou a ser símbolo de elegância e de refinamento, pelo que foram surgindo lugares para realização da natação, golfe, ténis, críquete, patinagem, tiro ao alvo, etc.
Fizeram gerar instalações distintas e de configuração própria, tanto a nível funcional como para o seu apoio, o que permitiu a satisfação dos atletas e o prazer ocioso do público espectador.

¹³³ Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – «El balneario – La ciudad ensimismada», pág.133.

¹³⁴ Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pág. 184.

2.1.7 – Equipamento industrial.

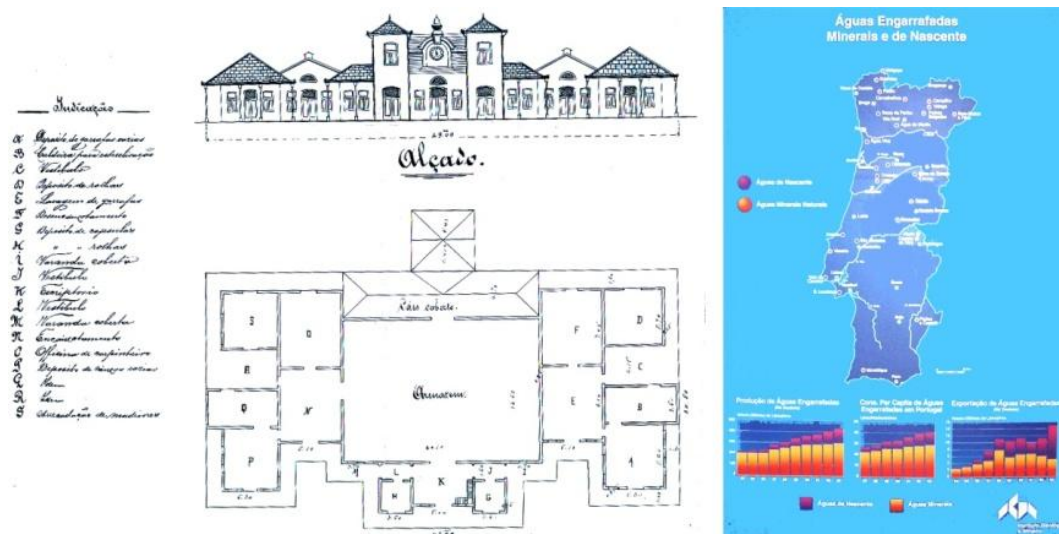


Figura 25 – a) Projecto do início do século XX para o engarrafamento das águas de Vidago; b) Mapa actual das unidades fabris com gráficos do último quarto de século de: 1) produção; 2) consumo; 3) exportação.

- 1) Unidade fabril – fonte económica que permitiu o desenvolvimento das estâncias devido ao engarrafamento e à comercialização das suas águas minerais para mesa, por vezes para exportação. Embora existam no país grande variedade de composição química de águas minerais – naturais, gaso-carbónicas e gaseificadas – só uma pequena percentagem é industrializada.

Nas últimas décadas têm-se desenvolvido o nível de produção deste recurso aquífero devido ao aumento de consumo *per capita* e à exportação. Salienta-se que a água mineral natural é um recurso com regulamentação jurídica especial que indica que:

- Deve circular em profundidade;
- Encontrar-se confirmada como estável no local de captação, a nível físico-químico;
- Ser bacteriologicamente pura;
- Possuir propriedades terapêuticas;
- Ser susceptível de exploração para engarrafamento.

A sua área de influência não se circunscreve à sua demarcação física, sendo também o suporte do desenvolvimento de actividades nas áreas do turismo. A sua crescente importância económica tem influenciado o conceito de recursos geológicos como recurso regional/nacional a proteger.

Pode-se então afirmar que esta indústria só subsiste efectivamente em edificado condigno, actualizado e inserido em ambiente aprazível. Embora no ramo industrial é também um agente impulsor do turismo de lazer e de saúde.

2.2 – Nota de capítulo.

As Termas renasceram como mundos em miniatura, delimitados e espectaculares.

Estes *microcosmos* necessitavam de se projectar exteriormente para serem considerados referências sociais. Para tal deviam ser reconhecidos por possuírem uma imagem cénica apelativa, pelo que o sucesso de certas formas arquitectónicas foi repetido em variantes diversas.

Estas «cidades de água» facultaram o despontar de novos equipamentos que conjugam os conceitos actualizados das «Termas Imperiais». Eles foram essenciais para a satisfação dos utentes nos momentos de lazer, o que favorecia o bom resultado dos tratamentos termais. Funcionalmente possibilitavam a permanência apropriada, nomeadamente através da conjugação de: equipamento com fins terapêuticos; equipamento de alojamento; de cariz cultural/recreativo; de carácter ambiental; de culto religioso; de âmbito desportivo; e ainda, a partir do início do século XIX, pelo modelo industrial. A estruturação destes elementos é classificada no capítulo o que permitiu constatar a sua condição na conjuntura balnear.

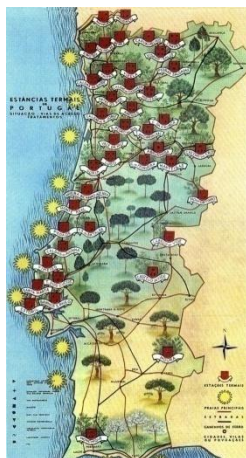


Figura 26 – As estâncias termais em Portugal (1958).

Genericamente é a expressão do próprio lugar que permite a inserção de novas estruturas e de edificações. A “ (...) ... *relação singular entre certa situação local e as construções que estão nesse lugar* (...) ” é fundamentada no conceito «locus», presente desde o tratadismo clássico pelo denominado «genius loci», divindade que preside todo o desenvolvimento dum lugar. ¹³⁶ Existe portanto um sistema de relações intrínsecas que se podem ler num lugar.

Como referido foi a conjugação do aproveitamento do manancial com propriedades minero-medicinais com ambientes naturais humanizados, que permitiu transformar o potencial de um lugar em «Termas» ou «Caldas». São locais apoderados pelo homem que possibilitam conjugar as suas potencialidades intrínsecas com o desejo de uma vida melhor. Dentro das suas fronteiras calculadas o ambiente é mantido tão natural quanto possível.

As «cidades de água» são apetrechados com equipamento terapêutico, de alojamento, jardins, bosque, lago, locais de culto, de protecção, etc. o que possibilita que os utentes desenvolvam satisfação – individualmente ou em pequenos grupos – em espaços protegidos apreciáveis (Curia tem 12 hectares; Caldas da Rainha - 19 hm²; Monte Real - 24 hm²; Vidago - 40 hm²; Pedras Salgadas - 100 hm²).

Os seus limites, organismos e organização permanecem estáveis desde há muito, consubstanciando a opinião de teóricos de nomeada que indicam «património» como sendo “ (...) ...*onde os edifícios de carácter fixo (de construção humana), constituem o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano* (...) ”. ¹³⁷

As Termas do nosso país rico em águas minero-medicinais têm potencialidades turísticas evidentes. Em regra têm um período de funcionamento de seis meses (Maio a Outubro), funcionando somente 3 delas durante todo o ano. De todas só uma dispõe actualmente de

¹³⁵ Nota: O levantamento histórico e as informações recolhidas deste capítulo são o resultado da investigação feita aos cadernos, brochuras, fascículos e livros em arquivo bibliotecário e acervo da Direcção Geral de Energia e Geologia (anteriormente denominada Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos). Foi realizada durante os meses de: Setembro de 2005; Maio e Setembro de 2007. É também fruto das gentis considerações do director, Dr. José Alcântara Cruz que soube prestar esclarecimentos conclusivos quando questionado sobre dúvidas sem esclarecimento documental).

¹³⁶ Garcia Lamas, J. (1990) – «Morfologia urbana e desenho da cidade», pág. 64.

¹³⁷ Hall, Edward T. (1986) – «A Dimensão Oculta», pág. 125.

internamento, o Hospital Termal D. Leonor nas Caldas da Rainha que é propriedade do Ministério da Saúde.

O universo balnear português tem a capacidade em responder aos diversos extractos sociais da população. A sua frequência tem vindo a aumentar desde 1985 até há pouco. Em 1989 verificava-se que: 1% da população portuguesa fez uma cura termal; que 70% dos doentes repetem os tratamentos; que mais de 80% das doenças tratadas são de origem reumática, músculo-esqueléticas, digestivas e respiratórias superiores; que 80% dos doentes manifestaram melhoras, número que aumenta para 90% por observação médica realizada seis a nove meses depois do tratamento termal. Segundo dados oficiais “ (...) no ano de 1970 inscreveram-se em todo o Portugal 59 mil aquistas; em 1981, cerca de 90 mil e em 1990, 97 427 utentes... ..Certas modas têm vida curta. Acontece que outras, que se julgavam esmorecidas, acabam por regressar. A Humanidade que há milénios inventou o culto das águas é conservadora. Ou seja, sábia. Conserva-se aquilo que dá bem-estar (...) ”.¹³⁸

Contudo há carência de investimento para possibilitar oferta actualizada. A adaptação às novas exigências contemporâneas não tem sido garantida pelo que, em 2006 o número de utentes que procuraram as Termas no conjunto das 31 em actividade no país foi somente 77 999 aquistas.¹³⁹ Realça-se que o levantamento de 1951 referenciava a existência de 56 estâncias hidrológicas em funcionamento no território nacional.¹⁴⁰

3.1.1 - As estâncias termais mais representativas em Portugal

Introdução

1 - Sobre o poder de regeneração aceita-se que a acção das águas no homem se exerce por efeito da denominada «transmineralização de Spiro». Esta realiza um conjunto de transmissões consequentes do contacto humano com o líquido – por ingestão ou imersão -a nível da sua composição química, estado dos elementos, divisão iónica e radioactividade. Salienta-se ainda que toda a modificação da qualidade original das águas motiva a perda de propriedades terapêuticas. Assim a exposição ao ar, tempo decorrido e influência de qualquer acção física externa são motivos para a sua alteração.

Devem ser por isso, e tanto quanto possível, utilizadas antes da influência de qualquer acção estranha.

2 - Por vezes a natureza é-nos generosa apresentando mananciais de águas minero-medicinais com poderes regenerativos. Nesses locais singulares o ambiente manifesta-se de forma amena por se encontrarem em vales de vegetação luxuriante, em maciços montanhosos de horizonte imenso, em planícies viçosas, ou integrada em contextos urbanos. Mas também se dá o caso dessas águas brotarem em locais inóspitos de acesso problemático. A conversão dessas potencialidades minero-medicinais para usufruto humano é um processo artificial desenvolvido na presença de um «balneário». O tipo de procedimento arquitectónico para sua existência pode ser sintetizado em duas vertentes:

- Aspiração de usufruir das potencialidades funcionais dessa água singular de forma tão

¹³⁸ Azevedo, C. e Vasconcelos, L. (1995) – «Termas portuguesas» com texto de Louro, M.R., pág. 2.

¹³⁹ «Jornal de Notícias» (16/05/2007), artigo sobre a reabertura do balneário D. Afonso Henriques em S. Pedro do Sul, depois de ampliado e remodelado.

¹⁴⁰ Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal» – ver o anexo II deste trabalho.

confortável quanto possível;

- Harmonização da construção com a envolvente modelada, empreendendo disposições e enquadramentos potenciadores de sensações.

A arquitectura tem como finalidade o usufruto pleno destes locais, conjugando a terapêutica com a paisagística. Frequentemente exprime-se em forma continuada com a natureza. O enquadramento balnear permite fazer entender que: "*(...) é essencial compreender que o espaço de carácter fixo constitui o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano (...).*"¹⁴¹

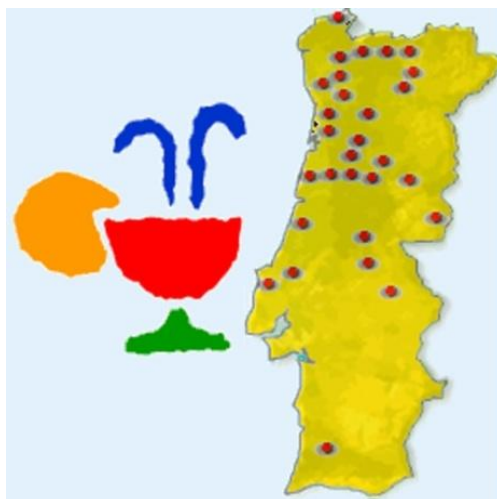


Figura 27 – localização das Termas agremiadas e logótipo da associação.

3 – É hoje genericamente reconhecido o benefício de curas termais, assim como a crescente importância da «crenoterapia». As estâncias termais são uma ferramenta de saúde pública que colabora para a regeneração de doenças, ou na sua prevenção.

As suas manifestações formais devem ser genuínas de modo permitirem desenvolver funcionalidades em expressão vivencial tão espontânea quanto possível. É o desenho arquitectónico que preside às morfologias espaciais. O seu desenvolvimento tem como intuito que as Termas sejam sentidas como um conjunto unitário.

O ambiente balnear é uma condição importante na medicação hidrológica pelo que a paisagística é um agente essencial. A natureza faz resultar consequências positivas do seu usufruto, permitindo a preservação da qualidade, temperatura e humidade do ar, assim como a renovação de oxigénio. E também do conhecimento público que o hábito de caminhar em zonas naturais, desde que em passeios não excessivos, ajudam a relaxar e a preservar a saúde.

São portanto áreas ecológicas e bálsamos tonificantes de estratégia terapêutica.

4 - As Termas têm riquezas latentes que requerem análise continuada das suas especificidades. Muitos exames geológicos, relatórios e recomendações têm sido realizados ao longo dos anos para a definição de perímetros de protecção e para preservar a qualidade das nascentes minero-medicinais.¹⁴² Embora este tema seja exposto na investigação, por estar fora do seu âmbito não é desenvolvido.

¹⁴¹ Hall, E. T. (1986) – «A Dimensão Oculta», pág. 125.

¹⁴² Acciaioli, L.M., em cinco publicações: 1- (1941) – «Esboço histórico das águas minerais de Portugal»; 2 - (1941) – «Águas de Portugal, Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939»; 3 - (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa»; Volumes III, IV, V e VI; 4 - (1944) – «Relatório de 1939»; 5 - (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46». Foi engenheiro civil e de minas e inspector superior da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Seleccção entre o universo termal nacional – fundamentação

Conforme informação oficial o actual número de agremiados da Associação das Termas de Portugal é de trinta e nove membros. Estas estâncias encontram-se concentradas sobretudo no Norte e centro do país, não tendo o Sul impacto significativo, existindo somente três concessões: Cabeço de Vide, Castelo de Vide e Monchique.

Para possibilitar uma análise aprofundada, elegeram-se como *representativas* oito Termas dentro deste grandioso universo. Esta escolha foi fundamentada na:

- Grandeza histórica e recente;
- Capacidade apelativa;
- Características únicas no país.

Procurou-se assim distinguir o prestígio conseguido pelo poderes de influência registados e pela qualidade ímpar de especificidade. Realce que sumariamente se explana:

- “ (...) *Com a afluência da aristocracia e burguesia endinheirada, as Termas tornam-se palco de elegâncias mundanas. Como sempre são as famílias reais a ditar a moda, acarretando o prestígio das estâncias escolhidas para vilegiatura (...)* ” – referencia às Termas de Vidago (especialmente), Curia e Monte Real;¹⁴³
- “ (...) *Em 1993 as inscrições com mais de 5000 utentes nas Termas nacionais encontra-se assim hierarquizada: S. Pedro do Sul – 19 470; Caldas da Rainha – 7 778; Gerês – 6 088; Vizela – 5 925; Monte Real – 5 737; Chaves – 5 540; Curia – 5 167 e; Caldelas – 5 065 (...)* ”.¹⁴⁴
- O Estoril é uma povoação que mereceu atenção real em meados do século XVIII, conseqüente do seu manancial terapêutico. O facto permitiu o aparecimento de um balneário inserido na pequena aldeia piscatória. A localidade cresceu em consequência do desenvolvimento urbano assente num planeamento global, até gozar de renome internacional durante o início do século XX. Contudo o crescimento turístico compeliu à desatenção termal, o que fez definhar as capacidades no âmbito.

Pelas considerações de acima e outras que se lhe assemelham no juízo, foram seleccionadas as Termas (que se apresentam por ordem alfabética de localização geográfica e com o momento de análise):

- Caldas da Rainha (Capítulo 3);
- Caldelas (Capítulo 3);
- Curia (Capítulo 5);
- Estoril (Capítulo 5);
- Monte Real (Capítulo 3);
- São Pedro do Sul (Capítulo 3);
- Vidago (Capítulo 5);
- Pedras Salgadas (Capítulo 5).

Todas elas foram visitadas *in loco* na intenção de se experimentar as suas características. E tentar registar o circunstancial de cada uma. Durante as visitas e por consequência de contactos prévios foram possíveis encontros com os responsáveis das estâncias; nomeadamente com o Arquitecto Manuel Remédios nas Caldas da Rainha, Dr.^a Idalina Russell em Caldelas, Dr. Joaquim Mexia Alves em Monte Real (Maio, 2007). Na UNICER, firma concessionária das Termas de Vidago e do Parque Termal de Pedras Salgadas situada em Leça do Balio, houve um encontro com o responsável dos projectos Dr. Manuel Marques que forneceu informação variada importante (Junho, 2007). Quanto à visita à primeira destas duas últimas concessões foi condicionada pelas obras em curso e de acordo com a autorização do encarregado, o

¹⁴³ Azevedo, C. e Vasconcelos, L. com texto de Louro, M.R. (1995) – «Termas portuguesas», pág.14

¹⁴⁴ Idem nota de rodapé anterior, pág. 21.

Engenheiro João Caldeira (Maio, 2008). Quanto ao Parque de Pedras Salgadas não foi possível visitá-lo por se encontrar encerrado, tendo sido observado somente pelo exterior do muro circundante (Maio, 2008).

Em Dezembro 2009 e Janeiro de 2010 houve encontros com o representante do concessionário do novo edifício termal do Estoril, o Dr. Francisco Xavier Correa de Barros, director do Hotel Palácio, que na altura se encontrava em fase de conclusão.

Entre das oito estâncias mencionadas existem cinco que actualmente estão a ser recuperadas. Foi possível recolher os seus programas de arquitectura, excepto de uma. A excepção são as Termas de Monte Real e as concessões com projecto de modernização são as Termas da Curia, Estoril, Vidago, e Pedras Salgada. Estas são relatadas no capítulo 5 por ordem de disposição e de método.

3.1.2 – A situação balnear actual.

A – A imagem balnear tradicional é considerada como um património precioso e emblemático. A sua salvaguarda merece portanto uma atenção especial pelo prazer que permite desfrutar – estável e reconhecido – implicando a renovação dos edifícios existentes mas também das suas estruturas circundantes – construídas ou naturais – nos quais se integram e interagem.¹⁴⁵

Pela sua autenticidade, e consequente necessidade de conservação, apoiamo-nos por analogia em pareceres sobre o «centro histórico» que indicam: “ (...) não por ser a zona mais valorizada, mas porque a partir daí se pode começar a estabilizar a relação entre população e ambiente, partindo de uma estrutura física já organizada em relação a esse objectivo... ...cuja autenticidade material revela alguns valores não reproduzíveis (...) “. ¹⁴⁶

A própria sociedade transporta na memória colectiva esquemas simbólicos da estrutura dos lugares que lhe são representativos, sendo “ (...) ...essencial compreender que o espaço de carácter fixo constitui o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano (...) “. ¹⁴⁷

O reconhecimento do património balnear está associado a um certo tipo de imagem de carácter público. A sua vivência está ligada à ideia de recuperação física, em bem-estar e em espírito social.

B – Em Portugal as estâncias balneares apresentam-se geralmente inseridas em ambiente arborizado num vasto perímetro murado. A partir dos finais do século XIX consagraram um ideal de vida integrada com equipamentos próprios, tendo assumido uma variedade de funções cada vez mais complexas. O seu conceito identifica-se na conjugação de outros, manifestados a dois níveis:

- Arquitectónico – na tipologia das «Termas Imperiais», patente em Roma a partir do século I d.C. As estâncias mais conceituadas da idade contemporânea apresentam a mesma manifestação formal e integram estabelecimentos análogos: alamedas, jardins, piscinas, ginásios, bibliotecas, auditórios, etc.
- Urbanístico – o modelo comparável ao da «cidade-jardim», concepção surgida durante a Revolução Industrial.

Esta última analogia fundamenta-se na concepção desenvolvida em Inglaterra no final do século

¹⁴⁵ Extrapolação pela conjugação das opiniões de: (1) Lynch, K. (1996) – «A Imagem da Cidade», no texto “Sobre a cidade antiga”; (2) Hall, E. T (1986) – «A Dimensão Oculta», no capítulo «Psicologia e Arquitectura».

¹⁴⁶ Benévolo, L. (1998) – «A Cidade e o Arquitecto», pág. 79.

¹⁴⁷ Hall, E. T. (1986) – «A Dimensão Oculta», pag. 125.

XIX denominada a «cidade-jardim». ¹⁴⁸ O conceito foi consequente da necessidade “ (...) *de ruptura com a cidade tradicional, propondo modelos alternativos para a cidade moderna* (...) ” e como resposta dos problemas consequentes do rápido crescimento das cidades. A sua morfologia expõe-se por princípios idênticos aos deparados na configuração termal, designadamente por:

- Espaços, ruas, acessos e percursos hierarquizados em diversos níveis de acordo com a sua funcionalidade e com a morfologia do terreno;
- Existência de amplas áreas de utilização pública e desportiva;
- Favorecimento da comunicação entre os diferentes espaços colectivos – visual e física – constituídos predominantemente por jardins e por superfícies arborizadas;
- Disposição de espaços com carácter semi-público para convívio exclusivo dos habitantes da zona, de maneira a facultar o seu relacionamento social;
- Condicionamento de acesso das viaturas, conciliando o comportamento das pessoas e a necessidade de utilização dos veículos de forma espontânea. ¹⁴⁹

C – A renovação termal não é um processo de âmbito teórico. O empenho de execução tem sido ponderado pelos vários concessionários balneares, estando a sua realização sujeita a vários condicionalismos. Actualmente e dentro do grupo das oito estâncias termais referenciadas como «mais representativas», decorrem as seguintes acções:

1. Hospital Termal das Caldas da Rainha: são as únicas Termas no país pertencentes ao Estado Português através do Ministério da Saúde. A Fundação Rainha D. Leonor foi constituída para congregar o enorme acervo e o repositório balnear (a fundação representa institucionalmente o complexo termal diante do Município e perante o Estado). ¹⁵⁰
Existe um projecto arquitectónico da autoria do Arquitecto Manuel Remédios para a salvaguarda e valorização da estância termal que se encontra aprovado. Este complexo por estar localizado no núcleo central da cidade é parte integrante do seu plano urbanístico, sendo a sua recuperação considerada de «estratégica» para o desenvolvimento das Caldas da Rainha. Actualmente o processo jurídico-administrativo aguarda o despacho ministerial que permita dar início à execução de um plano de âmbito regional. ¹⁵¹
2. Termas de Caldelas: o balneário foi remodelado e ampliado em 2003 pelo projecto do gabinete PMC arquitectos. Actualmente não está em curso qualquer projecto para a modernização dos outros estabelecimentos; ¹⁵²
3. Termas de Curia: projecto de recuperação desenvolvido pelo gabinete do Arquitecto Manuel Gil Graça (2007). Encontra-se actualmente ainda em apreciação.

¹⁴⁸ O tema das Termas Imperiais foi analisado no Capítulo 1.1 e 1.4.

¹⁴⁹ Garcia Lamas, J. (1990) – «Morfologia urbana e desenho da cidade», pág.s 311 a 316.

¹⁵⁰ Realçamos o trabalho desenvolvido pelo Arquitecto Miguel Duarte que está a fazer o levantamento exaustivo como tema de sua tese de mestrado (Dezembro 2008).

¹⁵¹ Arquitecto Manuel Remédios (Dezembro 2008). Informação do técnico superior responsável do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, por contacto pessoal.

¹⁵² Comentário do Arquitecto Carlos Sousa Coelho da PMC arquitectos, autor do projecto de remodelação do balneário (Dezembro 2008).

4. Termas do Estoril: projecto de arquitectura dum edifício construído de raiz «balneário/spa» da autoria de Manuel Gil Graça (projecto de 2002, reformulado em 2005). O conceito funcional fundamenta-se na reunião de duas práticas semelhantes mas efectivamente distintas: 1) o terapêutico; 2) e o de saúde e de bem-estar. O novo edifício tem ligação por túnel subterrâneo com o emblemático Hotel Palácio, que se encontra adjacente. A ser inaugurado no 1º semestre de 2010.¹⁵³
5. Termas de Monte Real: o projecto de recuperação, renovação e valorização a cargo do Arquitecto António Garcia, com remodelação total do balneário. Foram inauguradas em meados de 2009.¹⁵⁴
6. Termas de São Pedro do Sul: segundo a imprensa regional é um dos maiores complexos da Europa. Incorpora dois balneários: 1) o «Rainha D. Amélia» – foi totalmente recuperado e remodelado, tendo sido inaugurado em 2002 sob projecto conjunto do Arquitecto Pedro Marta com a Câmara Municipal de São Pedro do Sul; 2) o «D. Afonso Henriques» – foi inaugurado no início dos anos 80 por projecto do Arquitecto Januário Godinho. Voltou a receber obras de requalificação, renovação e remodelação sob projecto do Arquitecto Manuel Carlos Abreu. Reabriu ao público em Julho de 2007.¹⁵⁵
7. Parque das Pedras Salgadas: tem um projecto do Arquitecto Álvaro Siza Vieira para a recuperação, reorganização e renovação do global parque. É composto por: demolição (integral e parcial), recuperação, requalificação, ampliação e construção de raiz de edificado (novo hotel e edifício *spa*) Este equipamento foi inaugurado em 2010, estando prevista a abertura completa do Parque em 2011.¹⁵⁶
8. Termas de Vidago: com projecto de recuperação integral do complexo termal com demolição (integral e parcial), recuperação, adaptação, ampliação, valorização e construção de raiz de edifícios (equipamento *spa*, casas do parque e edifícios de manutenção) a cargo do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. Inauguração prevista para o primeiro semestre de 2010.¹⁵⁷

¹⁵³ Foi inaugurado em Abril 2010.

¹⁵⁴ Sobre as Termas da Curia e das Termas de Monte Real: informação do Dr. João Barbosa, director da Associação da Termas de Portugal (Dezembro 2008).

¹⁵⁵ De acordo com: Eng. Fernando Albuquerque e Eng. João Pedro Marques Mouro, funcionários superiores da Câmara Municipal de S Pedro do Sul (Dezembro 2008).

¹⁵⁶ A população tem manifestado o desagrado pelo constante adiamento das obras do Parque (imprensa diária em Junho 2010).

¹⁵⁷ Foi inaugurado em Outubro 2010. A informação da previsão foi do Engenheiro João Caldeira, director da obra dos Parques de Vidago e Pedras Salgadas (Dezembro, 2008).

3.2 – O Hospital Termal das Caldas da Rainha

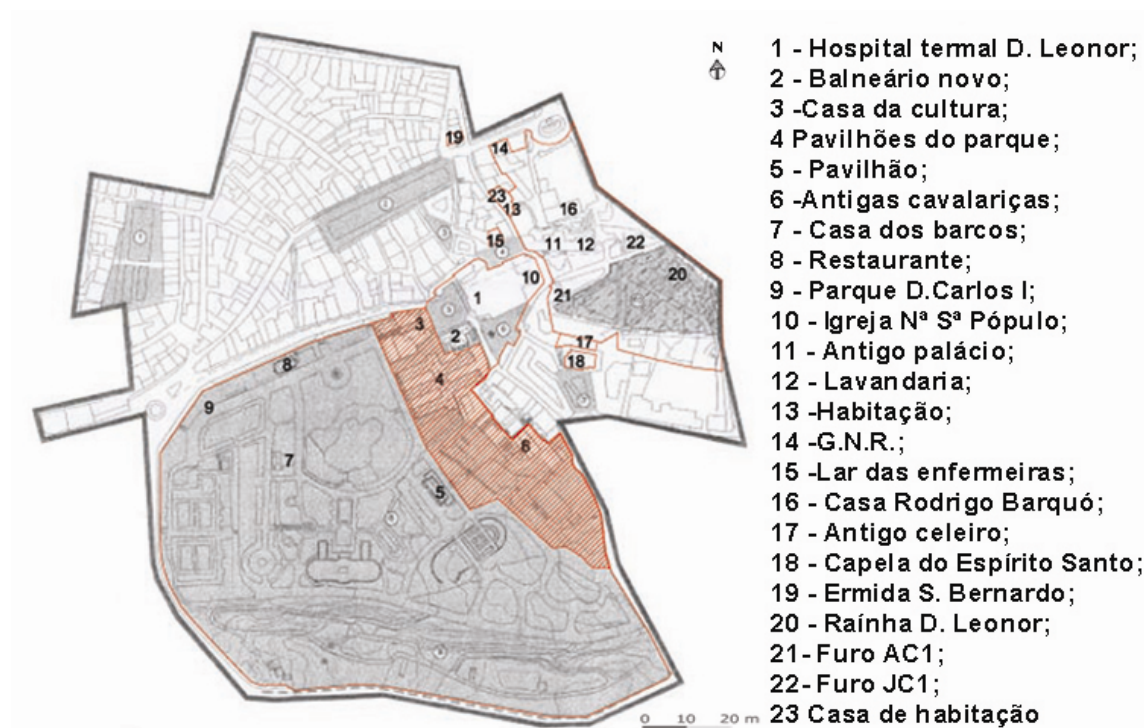


Figura 28 – Planta geral da concessão termal das Caldas da Rainha.

A – Descrição funcional

As Termas hospitalares encontram-se à sombra de um aglomerado urbano onde estão inseridas centralmente. Consideração que fundamenta a incumbência do Município que “ (...) ... se prende na sua responsabilidade em salvaguardar as condições ambientais envolventes do local (...) ” principalmente sobre a poluição do rio Alchoa e pelas consequências das suas inundações habituais.¹⁵⁸

São destinadas aos aquistas com indicações terapêuticas reumáticas e músculo-esquelético, doenças respiratórias inferiores e superiores, de pele e ainda patologias de reumatismos inflamatórios.

Em 15 de Maio de 1943 foi inaugurada a sua época termal “ (...) ...onde se inscreveram 3239 doentes... ...Da totalidade 77,8% sofriam de reumatismo; 16,1% de afecção do aparelho respiratório (...) ”.¹⁵⁹

B – Características da água

Água mineral natural sulfúrea, cálcica, cloretada sódica, magnesiana, sulfídrica e levemente fluoretada. Nasce a 34,5°C, com um pH de 6,79 a 22°C.¹⁶⁰ Na segunda metade do século XVIII, o Dr. José Martins da Cunha Pessoa desenvolveu o «Estudos analíticos das águas termais das Caldas da Rainha», “ (...) nunca até agora exactamente analisadas (...) ”.¹⁶¹

¹⁵⁸ Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pág. 110.

¹⁵⁹ Acciaiuoli, L.M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46», pág.s 135 e 136.

¹⁶⁰ Informação conjugada de: 1) obra do item anterior, com o 2) «Anuário Termas de Portugal» (2006).

¹⁶¹ Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos (1955) – «Estudos analíticos das águas termais das Caldas da Rainha».

Relativamente à importância hierárquica dos estabelecimentos da estância termal “ (...) ... surge prioritariamente o património natural relacionado com os recursos aquíferos e com o ambiente (...) ”.¹⁶² Por que se encontrar quase na totalidade protegido de inquinações superficiais o «Plano Director Municipal» de 1996 notou a necessidade de considerar o seu «Perímetro de Protecção» na definição da «Reserva Ecológica Nacional», antevendo os riscos potenciais do aquífero denominadamente: as possíveis contaminações da bomba de gasolina a menos 100m das nascentes; os colectores permeáveis; a falta de fiscalização de toda e qualquer obra dentro da área, etc.).¹⁶³

C – Localização



Figura 29 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

As Termas situam-se na cidade das Caldas da Rainha, freguesia e concelho com o mesmo nome, distrito de Leiria, a 10 km da praia da Foz do Arelho. Está a 92 km a Norte de Lisboa ao qual se liga por auto-estrada.

A conjuntura geográfica privilegiada da cidade proporciona aos turistas excursões a nível de arte, de arqueologia e de lazer: a estrada de São Martinho e de Alcobaça é simplesmente admirável; Óbidos é uma urbe antiga com casario típico, com ruínas e uma lagoa limítrofe; Batalha e Alcobaça manifestam-se pelos seus monumentos de grande valor histórico e que fazem perceber a escala da Nação; a paisagem da vila piscatória da Nazaré é simplesmente deslumbrante; as águas calmas da baía de São Martinho do Porto são inspiradoras de serenidade; e outros mais motivos se podiam enunciar para uma visita a esta região.

D – Resumo histórico

O balneário foi fundado sobre resquícios de ruínas romanas, sobre édito da Rainha D. Leonor de Lencastre, mulher de D. João II, em 1485. Das estruturas primitivas nada chegou aos nossos tempos e o que existia ter-se-á perdido na empreitada das obras mandadas executar pela soberana. Em 1484, depois de um aborto seguido de infecções e nevralgias, “foi desenganada dos médicos” que a aconselharam a tomar banhos termais no termo da Vila de Óbidos. Por ter melhorado, resolveu mandar construir no lugar um Hospital-Balnear. Para tal e por haver três grupos de fontes no espaço de 4 km encarregou o seu médico pessoal Mestre António Lucena

¹⁶² Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas», pag 253.

¹⁶³ Carvalho, M.J.S. (2006) – «Proposta de Definição do Perímetro de Protecção das Captações e Nascentes das Caldas da Rainha», documento oficial.

de escolher o local de inserção. Ele convidou vários doentes pobres que sofriam de «frieldades» a banharem-se nas fontes para analisar o local.



Fotografia 25 – Alçado norte da Igreja de Nª Sª Pópulo, assente em continuidade com o hospital.

Por ter demonstrado melhoras relativamente a qualquer outra das fontes analisadas foi escolhida a fonte de maior caudal. A nascente passou a ser o núcleo fundamental da cidade que “ (...) das águas se fez e por elas se desenvolveu (...) ”.¹⁶⁴

Foi uma operação política complexa o fazer surgir de um descampado, uma povoação. Com a construção do hospital que se prolongou para além da morte de D. João II – único do género na altura e em todo o mundo – apareceram as primeiras casas destinadas a doentes não internados. Também foi mandado construir uma casa para peregrinos, uma igreja e enfermarias para os doentes.

O doente foi o elemento fundamental para o traçado dos programas arquitectónicos, desenvolvidos para o seu bem-estar. O modelo organizacional induzia a uma expressão de racionalidade moderna face ao desenho dos hospitais medievais em voga na altura. Marcado pela simetria, proporção e regularidade relativa demonstrava o propósito de afirmação da política da monarquia portuguesa e de reconhecimento europeu.

Em termos planimétricos o hospital tinha uma planta semelhante à dos hospitais medievais como por exemplo o Santo Spirito in Sassi, Roma, mas com a particularidade de apresentar uma sucessão de espaços que se dispõem paralelamente e segundo o eixo longitudinal.

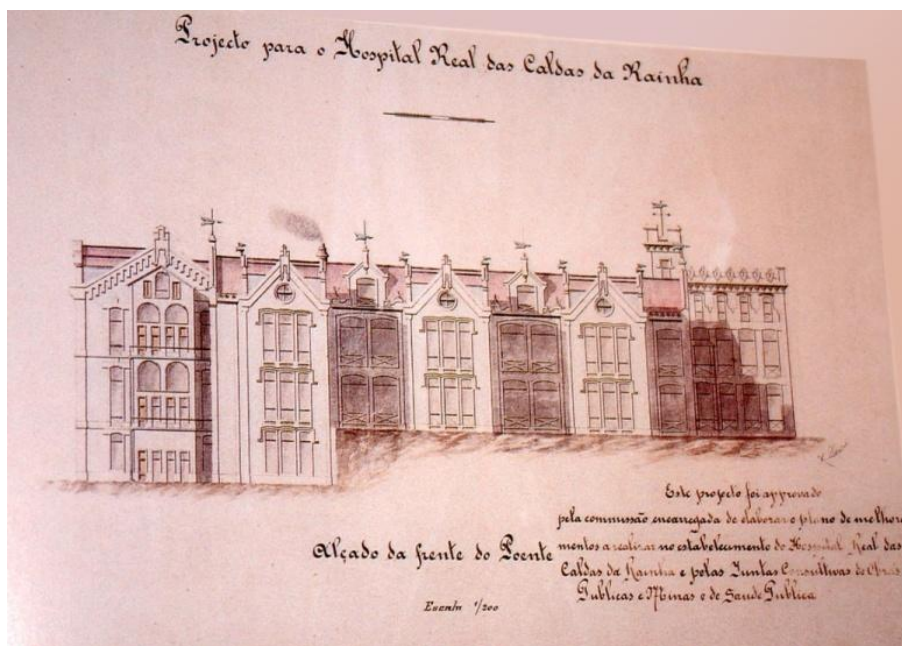


Fotografia 26 – Hospital termal D. Leonor (à esquerda) e Balneário (à direita) nas Caldas da Rainha.

Deste facto resultou um conjunto de volumes densos, consequentes do processo de junção dos sucessivos corpos. O imóvel era animado pela figura cimeira de uma Igreja com a qual se interligava, pela força de influência do poder religioso do século XV.

¹⁶⁴ Grupo de trabalho interdepartamental; Caldas da Rainha; (1984) - «Estudo e Proposta de Medidas de Recuperação do Hospitalar de Caldas da Rainha», pág. 11.

O edifício central apresentava planta em forma de T, ou cruciforme, com o eixo e as duas alas da fachada centradas na imponente entrada. Esta porta principal do hospital era rendilhada em estilo Manuelino com as armas da Rainha D. Leonor. Uma varanda era suportada por uma arcaria que dominava a frontaria do edifício de um lado ao outro da porta.



Fotografia 27 – Projecto do alçado dos Pavilhões do Hospital Real de Rodrigo Berquó.

O corpo central do edifício era ocupado por enfermarias. À esquerda havia um edifício mais alto terminado em alpendre com colunas donde se podia avistar todo o balneário e o resto da vila. Logo depois da porta principal encontrava-se uma ampla sala, uma copa com uma grande mesa onde eram distribuídas as refeições aos doentes que aí chegavam. Para a copa abriam-se duas portas no fundo: a da esquerda com grades como nos conventos, à qual correspondia a enfermaria com capacidade de 19 camas para as mulheres entrevadas; e a da direita com lotação de 21 camas servia os homens nas mesmas condições. Ambas eram contínuas à igreja para que os doentes pudessem assistir aos ofícios através duma porta contígua com rótulas. As camas eram suficientemente largas para receberem mais de um indivíduo; estavam dispostas lateralmente ao longo das paredes, sendo protegidas por alcovas. “ (...) *Só no meio do século XVIII é que se mudou na Europa a estrutura típica dos edifícios hospitalares* (...) ”.¹⁶⁵

Segundo análise histórica, a Norte e a Sul da copa ficavam duas piscinas com capacidade de 30 e 24 utentes respectivamente, respeitando a separação dos sexos. Eram cobertas de abóbadas com clarabóias abertas na pedra por onde entrava a luz.

À esquerda da entrada encontrava-se a «botica do Hospital» (a farmácia e que, segundo alguns autores, seria a mais bem servida do país) e junto dela a cozinha e suas dependências. No andar superior estavam outras enfermarias, onde também se situavam os «cubículos de purga» e um oratório.

Tinha ao todo 110 camas, dependência para habitação de provedores, médicos e mais empregados e um acanhado paço real. O seu pessoal formado era constituído por 27 empregados assistidos por 9 escravos para os serviços modestos.

A época balnear iniciava-se em 1 de Abril e durava até fim de Setembro.

Durante a construção e depois de ponderadas todas as necessidades, a soberana, organizou «o Compromisso» o regulamento do estabelecimento. É documento notável que se encontra no

¹⁶⁵ Lindeman, M. (2002) – «Medicina e Sociedade no início da Europa Moderna».

arquivo histórico do actual balneário que foi terminado em 1512. Todos os doentes eram purgados no primeiro dia, sendo-lhes fornecida roupa. O tempo de demora no banho higiénico era contado por relógios de areia. As normas instruídas na fundação mantiveram-se até efectivas até ao século XVII, sendo o serviço considerado genericamente como “bem organizado”.



Figura 30 – Planta do piso 1 do Hospital Termal D. Leonor – levantamento actual.

Neste século o Hospital D. Leonor sofreu uma transformação completa tanto a nível material, como sob o ponto de vista clínico. As primeiras análises químicas foram feitas. Foram publicadas as primeiras observações clínicas assinadas pelo médico. Iniciou-se a construção da *buvete*.

O rei D. João V veio aqui tratar-se de uma hemiplegia, tendo mandado restaurar «a fundamentis». As suas deslocações periódicas levaram ao levantamento topográfico da vila em 1742, o qual é atribuído ao arquitecto João Pedro Ludovice. Este trabalho representou o arranque do empreendimento régio cujos projectos e obras foram coordenadas posteriormente pelo Engenheiro Militar, Manuel da Maia. O plano das obras incluiu o arranjo da praça em conformidade com a reconstrução do hospital e a construção da «Casa da Convalescença» (1747 a 1750). A nova «Casa da Câmara» localizada no Rossio passou a ser excêntrica ao núcleo termal. A vila foi equipada por uma rede de abastecimento de água potável e por três novos chafarizes, um deles lateral ao Hospital devido à construção de um aqueduto. O edifício termal, e como alude a própria filosofia do estilo Barroco, influenciou a envolvência. Passou a constituir um marco da arquitectura termal pela inovação das soluções funcionais e resoluções construtivas. A reforma pombalina completou a transformação e a organização do balneário, tendo o regulamento inicial sido substituído pelo Marquês de Pombal em 1775.

Nos finais do século XIX e através do plano de Rodrigo Berquó (1889) desapareceram as enfermarias dos entravados; a farmácia e a cozinha do rés-do-chão foram retiradas; construindo-se dois elevadores rudimentares que transportavam doentes; instalaram-se novas

tinas e duches; ensaiaram-se novos aparelhos de inalação; edificaram-se para alojamento os «Pavilhões do Parque», a casa do director, o Palácio Real (actualmente museu); e foi retirada a «clínica geral» do hospital para um pavilhão à saída das Caldas. O balneário e o hospital tornaram-se modernos, confortáveis e o seu conceito mais completo. R. Berquó é considerado o maior reformador do Centro Hospitalar, depois de D. João V.



Figura 31 – Alçado principal dos Pavilhões do Parque, de Rodrigo Berquó.

A sua aspiração de tornar as Caldas da Rainha uma das melhores estâncias termais da Europa é lembrada hoje face à evolução recente da metrópole. As Termas estão-lhe inseridas centralmente na cidade, sendo considerado que o ambiente urbano não salvaguardou adequadamente a sua zona balnear e histórica.

Em 1926 foram iniciadas grandes obras no Hospital D. Leonor, no balneário e nos anexos pela mão do capitão Luís Franco. Ele mandou demolir o balneário primitivo e o edifício da convalescença, e fez construir uma nova casa das máquinas e uma central eléctrica. Também determinou a que cozinha fosse colocada no mesmo andar das enfermarias; a instalação no balneário de um novo elevador eléctrico; a montagem de uma moderna lavandaria; a construção de novas defesas sanitárias por esgotos modernos; a perfuração de novas captações; e o arranjo no parque por trabalhos de ajardinamento.

Em 1930 o Hospital-Balneário situava-se no mesmo local da sua fundação, tendo o seu exterior o aspecto que lhe deixou D. João V. Exceptua-se o 1º piso onde está propriamente o Hospital Termal e que foi construído no tempo de Rodrigo Berquó. O edifício principal ocupa uma área aproximada de 2 000 m². O parque adjacente é um vasto recinto com árvores frondosas seculares. Contem um lago, campos de ténis, teatro com cinema, coreto, cafés com esplanadas – um deles na ilha do lago – permitindo um retiro apazível ao utente urbano. No lado nascente do edificado termal perdura outro esplêndido refúgio intitulado «a mata», de onde se pode desfrutar a vista panorâmica de S. Martinho do Porto até Óbidos.¹⁶⁶

A expressão arquitectónica termal apresenta diferentes registos consequentes dos sucessivos acrescentos e transformações, experimentando-se contudo algum sentido conjunto de unidade espacial.

A revolução no âmbito dos serviços de saúde iniciada na década de 60 (que introduziu a quimioterapia na medicina) e o processo de remodelação na época contemporânea da rede hospitalar em Portugal, determinaram o quase esquecimento do Hospital D. Leonor.

O hospital está integrado no Hospital Distrital desde 1971 beneficiando de serviços de apoio

¹⁶⁶ Texto baseado na conjugação de: 1) Ferrari, A., Ferrari, M., Coreia, F. S. (1930) – «Hospital termal das Caldas da Rainha, sua história, as suas águas, as suas curas»; 2) Mangorrinha, J (1999) – «Pavilhões do Parque, Património e Termalismo das Caldas da Rainha» e (2000) – «O lugar das Termas»; 3) em documentação vária em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia.

geral o que levou a uma evolução da sua procura: em 1976 – 4 692 doentes; em 1978 – 5 764 doentes; em 1980 – 6 136 doentes; em 1982 – 6 145 doentes. Contudo 90% dos seus utentes são dos 5 distritos limítrofes.¹⁶⁷

E – Potencialidade de valorização

A reconversão da estância termal das Caldas da Rainha é actualmente considerada imperiosa, assim como a modernização de todo o seu vasto património,

A reanimação das suas potencialidades deve-se apoiar numa estratégia de vasta amplitude, ultrapassando a sua extensão própria de 19 hectares. A cidade é pólo de uma região turístico-termal, pelo que o programa deve ultrapassar os limites concelhios. É um factor impulsionador de âmbito regional.

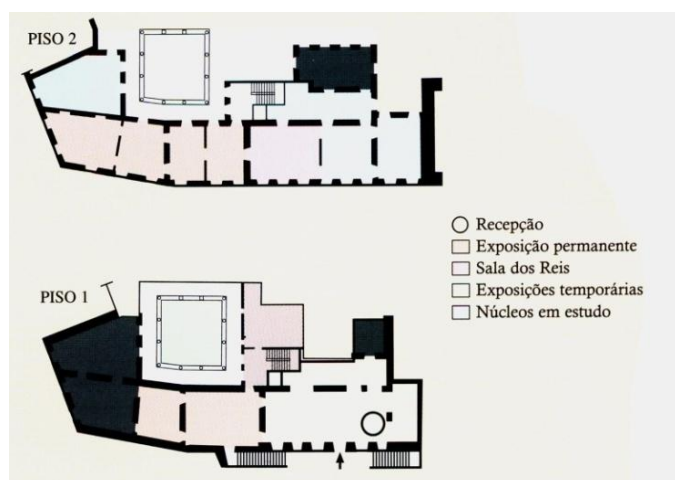


Figura 32 – Planta do Palácio Real, actual museu da cidade.

O relançamento termal deve assentar em sinergias conjugadas que se apresentam como essenciais. Damos como por exemplo:

- “Requalificação total do actual Hospital Termal quer com a recuperação e preservação patrimonial adequada, quer pela reactivação, modernização e diversificação plena dos tratamentos termais, quer ainda com a criação de um Centro Reumatológico articulado com uma Escola de Termalismo.
- Construção de uma nova unidade termal, eventualmente nos Pavilhões do Parque D. Carlos I, permitindo, ao mesmo tempo a recuperação e dignificação deste património, através da execução de um projecto de grande qualidade, integrando harmoniosamente o moderno no antigo, e mantendo a imagem de marca de um conjunto edificado de grande significado histórico e arquitectónico. Construção de uma unidade de lazer e de um Centro de Medicina Desportiva e, se necessário, um pequeno hotel de charme”.¹⁶⁸

Terá de se procurar uma visão conjugada global e em simultâneo, um cuidado especial na pormenorização. A título de exemplo técnico salienta-se a necessidade da canalização da água termal ter as seguintes características (ou similares):

- Ser em aço inox referência AZ316L – para não ser corroída;

¹⁶⁷ Grupo de trabalho interdepartamental; Caldas da Rainha; (1984) - «Estudo e Proposta de Medidas de Recuperação do Hospitalar de Caldas da Rainha».

¹⁶⁸ Mangorrinha, J., Barros, L.A., Zêzere, J. L., Pinto, H., Trancoso, V., Guedes, N. (1984) – «Caldas da Rainha, património de águas», pág. 296.

- Ser desinfetada com vapor de água;
- Não ter ar dentro da tubagem – evitando-se assim a cultura da bactéria pseudomona;
- Possibilitar que a velocidade do caudal seja similar ao do nível freático donde é proveniente.¹⁶⁹

São conhecimentos consequentes da longa experiência em saúde pública. Como exemplo da sua importância, salienta-se que nos finais dos anos 70 as águas terapêuticas de Bath (Reino Unido) deixaram de poder ser ingeridas, ou utilizadas para imersão, devido a problemas de salubridade. O recurso termal deixou de ser utilizado resultando graves prejuízos para toda a cidade. Como assinalado mais à frente, a revitalização do culto das águas Bath de só se voltou a verificar a partir de 1997.

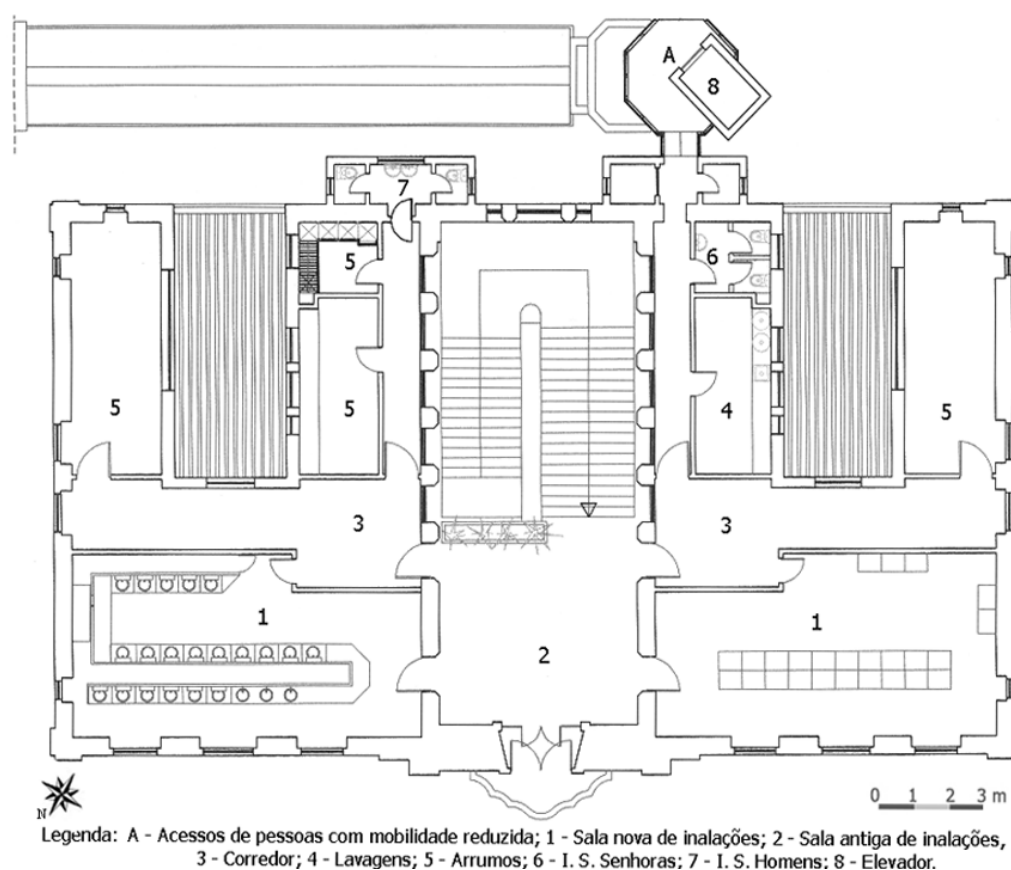


Figura 33 – Planta do piso 1 do Balneário Novo.

¹⁶⁹ Remédios, Manuel (Abril, 2007) - informação pessoal do técnico responsável do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha.

3.3 - Termas de Caldelas.

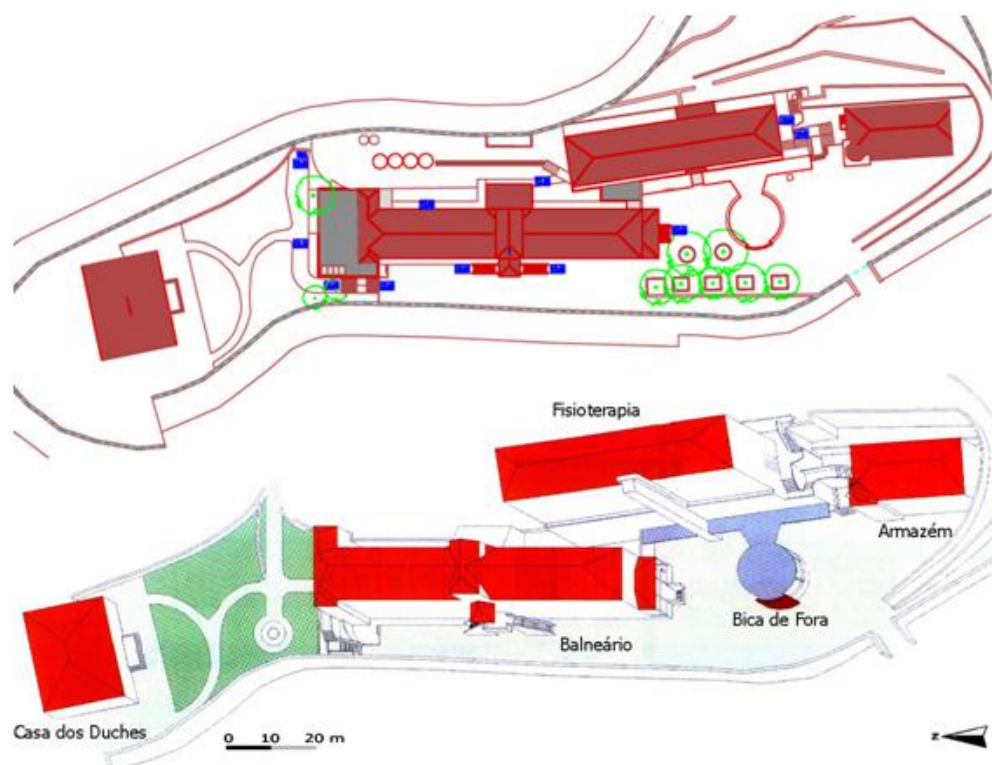


Figura 34 – a) Planta e b) axonometria de implantação do recinto termal de Caldelas; o Hotel Bela Vista não está abrangido nos dois desenhos.

A – Descrição funcional

O edifício balnear é destinado a atendimento de doentes com problemas de nutrição e do aparelho digestivo – cólon irritável, obstipação, dispepsias, flatulências e disfunção da vesícula – tratamento de doenças de pele, reumatismo e afecções das vias respiratórias.

Pode ler-se no Relatório de Inspecção de Águas de 1939: " (...) Esteve o balneário aberto durante cento e vinte e três dias, tendo frequentado a Estância 1 766 doentes dos quais 243 com inscrição gratuita. Das doenças tratadas foram 95% de gastrointestinais; 1,4% de fígado, e as restantes 3,6 distribuídas por reumatismo e outras doenças. Foram feitas os seguintes tratamentos: banhos de imersão 8 128, de bolhas de ar 661, de enterocolise 1 150. Aplicações fisioterápicas: de luz 311, e electricidade 1 070; e enterocolise 7 140. Pagou um imposto proporcional e 4 032 escudos (...) ".¹⁷⁰

E o médico Ascensão Contreiras registava sobre a estância termal: " (...) ...em 1951 possuía além de três hotéis e sete pensões, cinema, estação de correio, telégrafo e telefone (...) ".¹⁷¹

B – Características da água

As suas águas brotam das diáclases de granito porfíroide do local. Segundo o Eng.º Carlos Freire de Andrade (1921) as nascentes são devidas à intercepção da depressão do Rio Álbite

¹⁷⁰ Acciaiuli, L.M. (1941) – «Águas de Portugal, Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939», pág. 37.

¹⁷¹ Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal», pág. 31.

Pelas suas indicações terapêuticas são consideradas semelhantes a Plombières (França), Raggatz (Áustria) e a Gastein (Suíça).¹⁷²

(...) " 173

C – Localização



Figura 35 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

As Termas situam-se no coração da província do Minho, na freguesia de Santiago de Caldelas, concelho de Amares, distrito de Braga (a 17 quilómetros), e a 45 quilómetros a Norte da cidade do Porto.

D – Resumo histórico e memória descritiva

Ninguém pode precisar desde quando se conhecem os efeitos terapêuticos das águas de Caldelas, Júlio Formigal informa que no tempo dos romanos já seriam célebres, como se pode admitir pelas duas lápides do Império descobertas no local, e que presentemente se encontram expostas no interior do Hotel Bela Vista.

Durante a Idade Média parece terem sido abandonadas pois não foram encontrados vestígios materiais da época, nem os livros da altura lhes atestam utilidade.

No século XVII o mosteiro de Rendufe, que dista três quilómetros, tomou conta das Termas. Em 1779 existia um balneário rudimentar que o Mosteiro explorava com o nome de «Caldelas de Rendufe». Mais tarde, com a extinção das Ordens Religiosas, ficou o pároco de Caldelas encarregue da administração e da sua abertura aos doentes. Já em 1808 o povo de Amares

¹⁷² Conjugação da informação de: Acciaiuoli, L.M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46» com (2006) «Anuário das Termas de Portugal».

¹⁷³ Castro, O. (1899) – «A cura de Caldellas», pág. 23.

tinha construído quatro poços de secção quadrangular em cada uma das nascentes (2,50 m X 0,5 m com 0,6m de altura). São as nascentes denominadas de «Elefantíase», «Fresco», «Reumatismo», e «Carvalho».



Fotografia 28 – Lápides romanas em exposição no Hotel Bela Vista, Caldelas.

Desta data até 1845 não existem documentos devido a uma revolta popular que na altura lançou fogo aos arquivos do Município. A Câmara Municipal responsável pelo balneário desde então. Em 1889 a edilidade fez um contracto de arrendamento com o Visconde de Semelhe. Ele de imediato mandou acrescentar um edifício ao lado dos poços que ficou conhecido por «Balneário das Tinas». Tinha onze quartos com banheiras forradas de azulejo e sala de duches.

Mais tarde mandou edificar um chalé junto às nascentes, com acomodações para algumas famílias. Logo depois e como se a casa não bastasse, mandou construir no sopé da montanha de S. Pedro um grande edifício de hospedaria com a capacidade para duzentas pessoas. Mandou também edificar uma casa de duches que apetrechou com os mais modernos aparelhos de hidroterapia e onde estabeleceu uma direcção médica. Por suas ordens todo o espaço que rodeia os edifícios foram arborizados.¹⁷⁴



Figura 36 – Alçado principal do Balneário do projecto de 1913.

Já em 1908 o Visconde de Semelhe requereu a expropriação de uma parcela de terreno à Câmara Municipal, através de pedido formal ao Ministério das Obras Públicas. Indicava como

¹⁷⁴ Acciaioli, L.M. (1941) – «Esboço histórico das águas minerais de Portugal».

razão o manifesto interesse de utilidade pública das águas termais. Com o deferimento mandou construir no local duas «buvetes» semelhantes, de secção circular de 9,0 metros de diâmetro e 5,70 metros de altura. Estariam interligadas por uma colonata de 110 metros de comprimento por 7 metros de largo “destinada a passear as águas”.¹⁷⁵

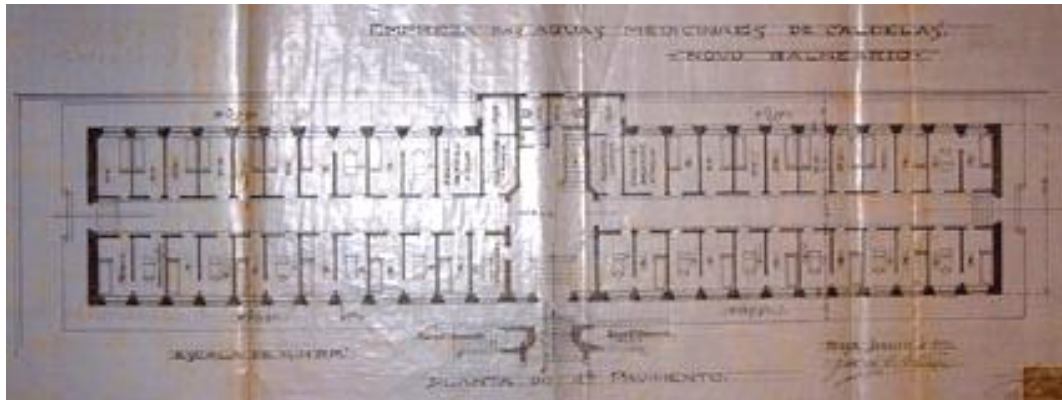


Figura 37 – Fotografia da planta do piso Térreo do Balneário (1922).

No ano de 1913 foi apresentado o projecto de arquitectura do balneário que não chegou a ser construído por morte do concessionário. A estrutura teria a forma rectangular de 50x25 metros e a separação de sexos. Seria composto por uma cave com 28 quartos de banhos de imersão para os pobres, arrecadações, caldeira e serviços diversos; piso térreo com átrio, banhos de imersão públicos, consultório médico, etc.; e no piso superior estariam situadas as câmaras de irrigação, a sala de massagens, os banhos especiais e o local de leitura.

Posteriormente os direitos foram transferidos para a Sociedade das Águas Minero-Medicinais de Caldelas, consórcio que os herdeiros do Visconde mantiveram interesse. O deferimento de 1920 impunha como condição a apresentação de um projecto de captação de águas, bem como a construção de um novo estabelecimento hidro-terapêutico. Para este fim e conforme informação em arquivo, foi apresentado em 1922 um novo projecto de arquitectura da autoria do arquitecto José Vilaça. É um edifício de carácter simétrico de dois andares. Novamente o átrio de entrada actua como centro difusor de uma rede axial composta por dois eixos ortogonais.



Fotografia 58 – Buvete das Termas de Caldelas.

De realçar que o preçário dos tratamentos tinha de ser deferido pelo Ministério da Economia, pelo que os melhoramentos ocorridos em 1934 a nível técnico (laboratório de análises) e

¹⁷⁵ Contreiras, A. (1934) – «Águas Medicinais – Monografia de algumas nascentes».

funcional (o aumento de número de cabines com duche) foram feito à custa dos fundos próprios da sociedade.¹⁷⁶

Segundo os documentos oficiais, em 1946 deu entrada uma projecto para obras de reparação e remodelação do balneário que não chegou a ser realizado. Tinha como propósito a substituição do pavimento do primeiro piso para laje de betão armado com 12 cm de espessura; e também uma nova armação na cobertura do telhado onde se incluía um novo sistema de ventilação que evitasse o elevado grau de humidade e as correspondentes condensações na construção. Simultaneamente o organigrama funcional seria substituído pela construção de quatro salas de espera (2 salas por pavimento, com uma para cada sexo); quatro rouparias; dois vestiários; e duas salas de arquivo. Desta maneira e também pela renúncia de catorze cabides preexistentes, aumentaria o número de instalações e a comodidade dos utentes.

Em 1955 deu entrada no Ministério novo projecto de remodelação e modernização do balneário da autoria de J. Nunes Correia (deferido em 1956), que incidia sobre três pontos básicos:



Fotografia 57 – Restaurante do Hotel Bela Vista, recriado de acordo com o transatlântico «Queen Elizabeth».

- Distribuição nas cabines de banho de água mineral em pressão constante fornecida por um novo reservatório com electro-bombas (anteriormente a operação realizava-se por gravidade);
- Melhor desenvolvimento funcional pela criação de quatro salas de espera; arranjo das escadas de acesso ao nível superior e na rede de distribuição de serviços (revestida a mármore com gradeamento em ferro forjado com elementos alegóricos);
- Reformulação completa de: pavimentos – revestidos a «plastic» isolante que por ser elástico evitaria as juntas, tornando-se mais higiénico; paredes – as cabines com azulejo branco até 1,5 metros de altura e remate em tiras de cor; e tectos – com um sub tecto em betão armado com caixa de visita às instalações.

Em 1973 foi entregue um projecto de remodelação do Hotel Bela Vista da autoria dos arquitectos António Meneres e J. Canto Moniz. Estava integrado no plano geral de beneficiações a efectuar nos edifícios balneares de estilo marcadamente «Português Suave». Obteve parecer favorável em 1974. O projecto de alteração, para além de outras benfeitorias, recaía principalmente em dois pontos:

- Beneficiação dos quartos com montagem de quartos de banho privativos, eliminando-se as instalações sanitárias colectivas;
- Beneficiação das comunicações verticais, incluindo um elevador.

Contudo as obras não se iniciaram devido à agitação política da altura (revolução de Abril de 1974).¹⁷⁷

¹⁷⁶ Acciaiuoli, L.M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46».

¹⁷⁷ Alcântara Cruz, José (Setembro de 2005), Director da Direcção Geral de Energia e Geologia – seus comentários quando questionado.

Nos anos seguintes desenvolveram-se vários estudos de forma a melhor caracterizar geologia e hidrologia da área que afecta as nascentes e os furos. Tinha como finalidade redefinir a zona de demarcação de protecção bacteriológica, possibilitando aperfeiçoar medidas preventivas no interior do perímetro (deferida em 1986).

Novos projectos de remodelação técnica foram atendidos como o de captação de água mineral no furo AC6, o renovado sistema de desinfecção da rede de água mineral, e o moderno programa de adução, armazenamento e distribuição da água termal no balneário.

A nível de arquitectura entraram para deferimento administrativo vários projectos de modernização que enunciámos sucintamente:

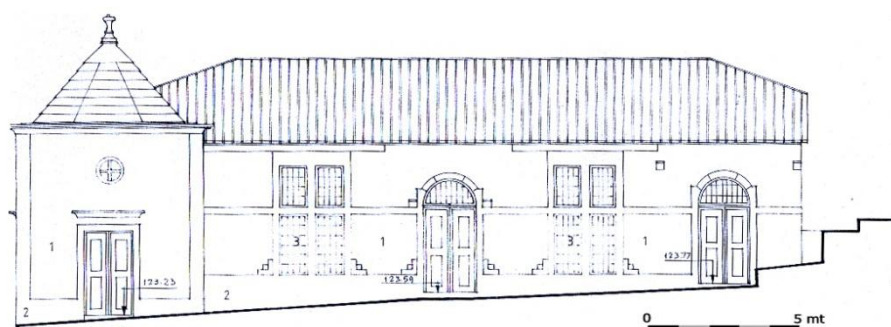


Figura 38 – Alçado do antigo cinema. O projecto de 1995 pretendia reutiliza-lo para cafeteria-bar.

No ano de 1995 – projecto de remodelação da autoria do arquitecto Fernando Gordo. Tinha como objectivo melhorar a integração formal do edificado preexistente, actualizando-o. Assim o antigo cinema seria reutilizado para cafeteria-bar; o pavilhão dos duches seria reformulado para rentabilizar o espaço interior de forma a possibilitar duplicar o número de utilizadores diário; beneficiação da galeria de acesso ao elevador pela integração de uma nova bica; melhoria dos isolamentos nas coberturas; beneficiação da ventilação natural; e modernização do sistema eléctrico.

Em 1997 – projecto parcial de remodelação do balneário principal, pelo mesmo autor. Tinha como objectivo a instalação de novos equipamentos pela transformação de quatro espaços interiores em duas cabines para o tratamento de doenças do aparelho digestivo e de pele (duche-vichy).

No ano de 2000 – projecto de alteração parcial do balneário principal da firma PMC arquitectos. Tinha como finalidade de obter o espaço necessário para a maturação, preparação e aplicação de lamas.

Por fim, em 2003 – projecto de ampliação e remodelação do interior do balneário principal a cargo da mesma firma, agrupando todos os tratamentos no mesmo edifício, reorganizando os percursos internos e pondo termo à divisão espacial por sexos. As zonas dos diversos tratamentos foram reestruturadas por categorias, tendo sido criadas três zonas distintas:

- Uma para tratamentos intestinais;
- Outra para os restantes tipos de tratamento;
- Uma zona complementar delineada pela construção de piscina coberta.

A concepção arquitectónica pretendeu harmonizar o conceito de Spa com as capacidades terapêuticas que o complexo balnear já oferecia. A obra concluída manteve a traça original do edificado.¹⁷⁸

¹⁷⁸ De acordo com os documentos processuais analisados (em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia, Lisboa entidade pública que tutelava as Termas até 2004) e confirmado por constatação no local.

Foram contactados a directora clínica das Termas e o gabinete de arquitectura PMC sobre o futuro da concessão que indicasse a plausível modernização do Hotel Bela Vista e do antigo cinema que actualmente serve de armazém (Setembro, 2007). Contudo não houve uma resposta sobre o assunto.



Figura 39 – Planta do actual Balneário de Caldelas, projecto de 2003.

3.4 - Termas de Monte Real

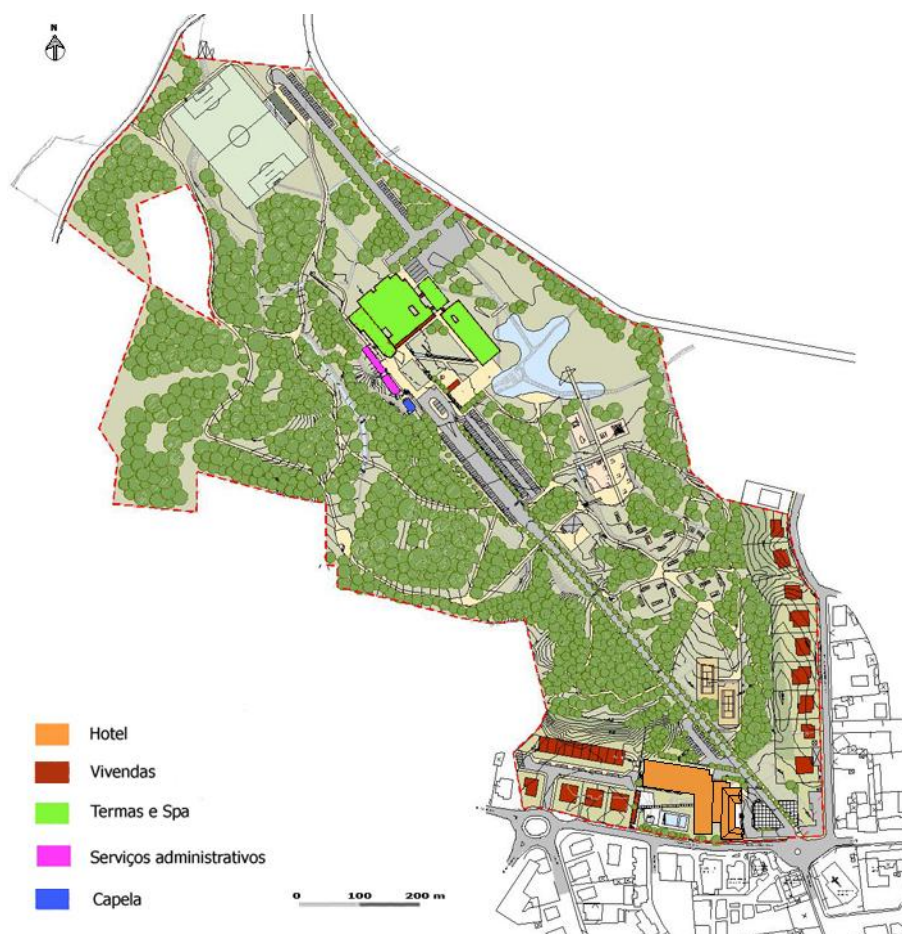


Figura 40 – Planta de implantação do projecto turístico habitacional.

A – Descrição funcional

Destinada a aqistas com doenças gastrointestinais, hepato-biliares, reumatismo e aparelho respiratório. Na monografia de Luís Acciaiuoli são expressas as qualidades terapêuticas da água termal da seguinte maneira: “ (...) ...além do conhecido efeito recalcificante e hemostático, mostra-se tónico cardíaco, aumentando a amplitude do ritmo cardíaco, diminui a excitação das fluxões brônquicas, anti-inflamatório da pele e das mucosas, e desensibilizador nas reacções anafiláticas, donde as suas vantagens no combate à asma, edemas e algumas dermatoses como a urticária, eczemas e pruridos. O magnésio, como factor de defesa celular, torna o organismo mais resistente e apto às trocas nutritivas, actua como agente de reforço curativo As águas de Monte Real eram vendidas nas boticas a 120 reis por libra, segundo Decreto de 12 de Julho de 1858 (...) ”.¹⁷⁹

No Relatório de 1939 pode ler-se que a estância se tem: “ (...) ... desenvolvido muito nos últimos anos. Em 1929 era de 405 o número de inscrições que dez anos passados subiu para 2 022...em Novembro de 1939 existiam 14 residências particulares, 41 casa de alugar, 1 garagem, 2 vacarias, 3 talhos, padaria, pastelaria e farmácia e foi ampliado o hotel, obras feitas no prazo e 8 anos (...) ”.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Acciaiuoli, L.M. (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa», pág.s 49 e 284.

¹⁸⁰ Acciaiuoli, L.M. (1944) – «Relatório de 1939», pág. 158,

B – Características da água

A classificação química da água é sulfatada cálcica associada ao tipo sulfúreo neutro. Tem solúvel um notável conteúdo de cálcio no estado solúvel e de perfeita ionização, fixando-se assim, facilmente nos tecidos.

Segundo um relatório das suas qualidades físico-químicas: “ (...) ...as águas de Monte Real contém elementos raros de valor, em quantidades ponderáveis (iodo, bromio, flúor, sílica, arsénico, lítio, etc.). Sob o ponto de vista minero-medicinal constitui um *typo hydro-mineral novo, ainda não encontrado ou descripto em Portugal* (...) ”.¹⁸¹

É semelhante às Aguas de Santa Águeda (Espanha), Allevard, Les Fumades, Enghien Les Bains, Saint Boés (França), Schinznach e Gurnigel (Suíça), não havendo em Portugal outras águas que com ela se possam confundir, aproximando-se somente às das Caldas da Rainha e da Curia. Nasce a uma temperatura de 18°C, com um pH de 7. É considerada hipersalina, a nível de mineralização.¹⁸²

C – Localização

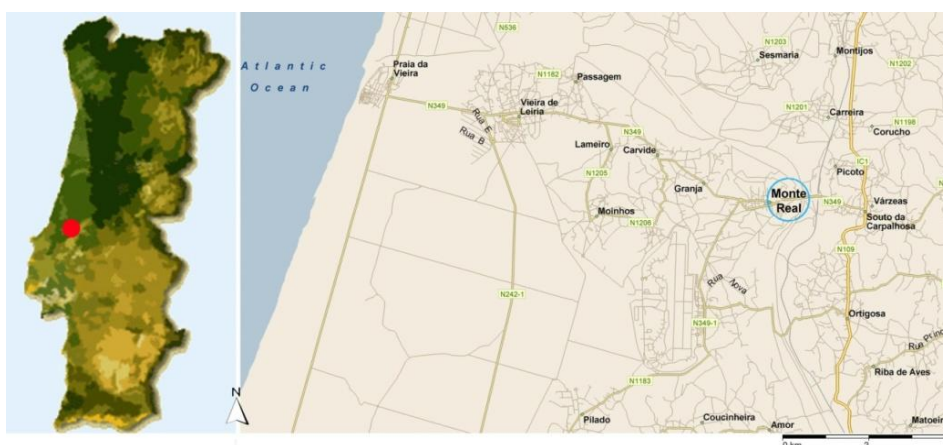


Figura 41 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

As fontes emergem a uma altitude de 64 metros, a cerca de um quilómetro da estação do caminho-de-ferro de Monte Real, Lugar de Covões, Freguesia de Monte Real, Concelho de Leiria (15 quilómetros a NW), no distrito de Leiria e a cerca de 130 quilómetros a Norte de Lisboa. O estabelecimento termal debruça-se sobre a Ribeira de Liz e está enquadrado numa espessa mata de pinheiros e eucaliptos. Do seu miradouro pode-se observar os píncaros da Serra de Porto de Mós. Em 1950 possuía parque, casino e campo de ténis, além de dois hotéis e seis pensões.¹⁸³

D – Construção e Memória Descritiva

Conforme no relata Luís Menezes Acciaiuoli é no livro do: “ (...) ... Dr. Francisco Tavares (1810) que encontramos a primeira referência às águas de Monte Real, dizendo ser de 1806 as

¹⁸¹ Lepierre, C (1920) – «Analyse Chimica e Estudo da Radio-actividade da Água das Thermas de Monte Real», pág.18.

¹⁸² Conjugação da informação de: 1) Acciaiuoli, L.M. (1947) «Hidrologia Portuguesa» e; 2) «Anuário Termas de Portugal» (2006).

¹⁸³ Contreiras, A.1951) – «Manual Hidrológico de Portugal».

escavações mandadas fazer por D. Manuel de Aguiar, Bispo de Leiria, para aí se construírem duas pequenas casas de madeira, afim de nelas se tomarem banhos (...) “Durante estes trabalhos apareceu a «Árula», que se supõe ser do século II ou III. É um paralelepípedo calcário com 22cm de altura e 45x12cm que, devido aos elementos e inscrições romanas que apresenta é objecto de estudo da religião dos lusitanos-romanos (em depósito na Biblioteca Nacional). Avançando a informação do mesmo autor “ (...) ... só muito recentemente a estância se tornou realmente conhecida através do desempenho do Sr. Manuel da Silva Pereira que se tornou seu concessionário por alvará em 1915, e posteriormente pelo Sr. Olimpo Duarte Alves (1925), que a fez desenvolver a ponto de se poder considerar uma das mais adiantadas Termas portuguesas, a nível instrumental terapêutico (...) ”.¹⁸⁴

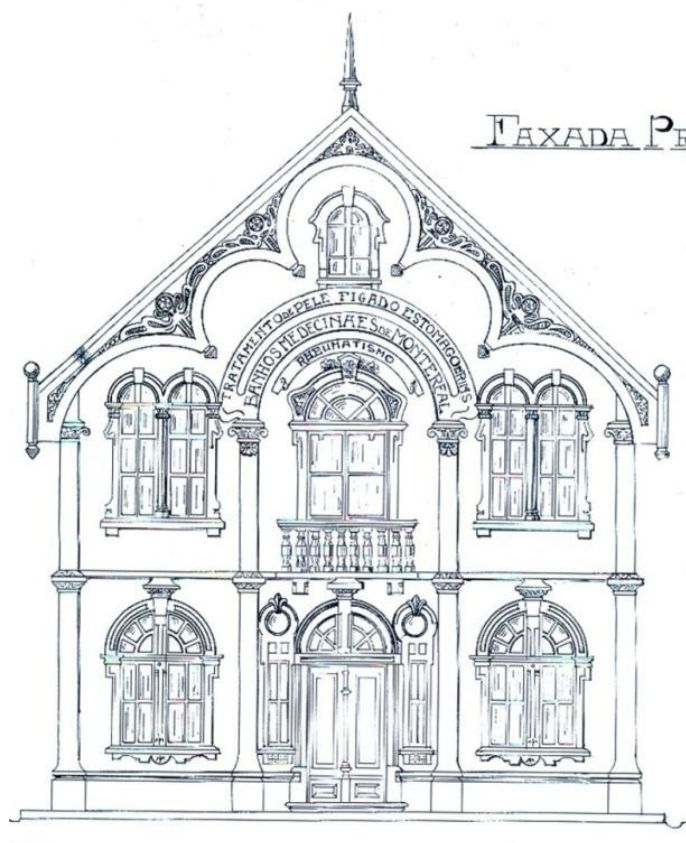


Figura 42 – Alçado principal do projecto do Edifício Termal (1915).

Todos os edifícios e logradouros existentes foram demolidos em 1919 para a construção do Edifício Termal e do Grande Hotel-Casino.

O primeiro era formado por pavimento térreo com 32 X 11 metros e andar superior com 11x8,5 metros, os dois com 4 metros de pé direito. No rés-do-chão, ao centro do edifício e a todo o seu comprimento, encontrava-se o corredor com 32 X 3,20 metros. Do seu lado direito existiam 4 casas de banho, sala de espera, mais 6 casas de banho, consultório médico e ao fundo um hall de entrada; no lado esquerdo, 2 casas de banho, sala de espera, sala de duches com 5 portas, sala de beber água (onde está a nascente), mais 3 casas de banho e ainda mais uma para doenças contagiosas.

As escadas davam acesso ao 1º andar também de corredor central. O piso era essencialmente para os doentes de vias respiratórias que precisavam de maior conforto e higiene; tinha 4

¹⁸⁴ Acciaiuoli, L.M. (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa, volume IV», pág. 28

aposentos, sendo 2 para inalações (homens e senhoras), uma sala de leitura e um escritório.¹⁸⁵ O Hotel-Casino é constituído por cave e três pisos superiores. É um imponente edifício com planta simétrica em forma de «U», com comprimento da base sensivelmente 3 vezes igual à largura dos braços.

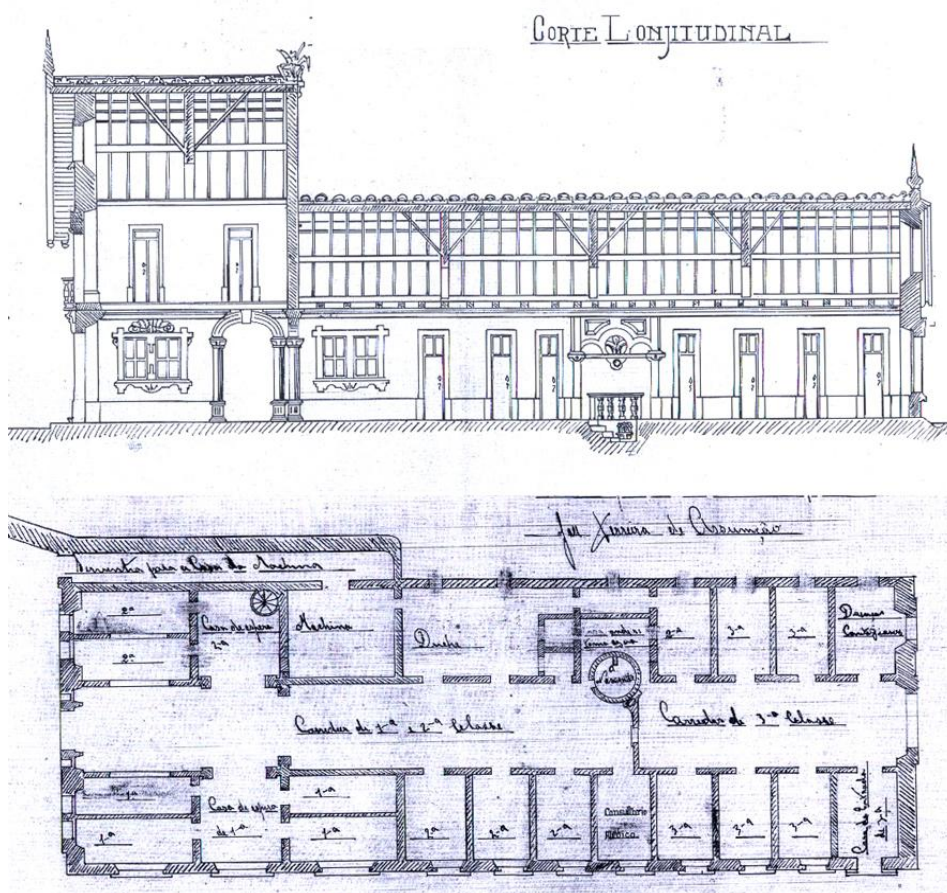


Figura 43 – a) Corte longitudinal e b) planta piso térreo, projecto de 1915.

A estrutura inaugura formalmente o eixo estrutural das Termas, formado pela longa alameda central. O enfiamento do arvoredo é rematado na fachada do balneário, edifício de estilo «Tradicional Português» e em edificações de serviços de estilo despretenso e sóbrio.

A abordagem através de um eixo estrutural ajuda a enfatizar e a dar coerência ao cenário cinematográfico termal. O encanto do local é ampliado pelo harmonioso artificialismo da avenida frondosa e da envoltência.

Posteriormente e devido ao constante aumento de inscrições foi aprovado e executado o projecto de remodelação e ampliação da Estância Termal (1939). Foram construídos um novo Balneário, a Capela, enquanto que a Buvete teve obras de isolamento e o antigo Balneário de 2ª classe foi readaptado. As obras foram executadas em 4 anos. O novo Balneário é constituído por duas secções, uma para Homens e outra para Senhoras.

Na masculina foram criadas 23 cabines para duchas subaquáticas e banhos, e sala de duchas com 5 cabines. A ala das Senhoras passou a ser constituída por 21 cabines e uma sala de duchas com 5 cabines. No hall principal situam-se os consultórios médicos.

A Buvete ficou com acesso independente. As fundações são em cimento armado; a construção acima do pavimento é de blocos de cimento e areia de 0,20 m e a cobertura em lusalite. Os pavimentos são em marmorite. As cabines de banho e de tratamento são em lambris de azulejo de 1,50m.

Novas obras de modificação e adaptação do Balneário foram realizadas em 1953, 1972 e 1975

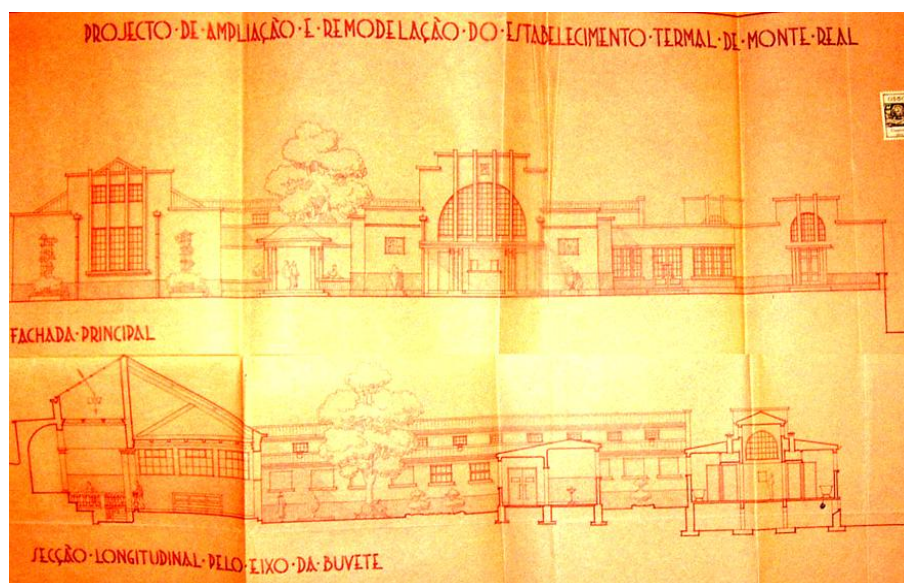
¹⁸⁵ Lepierre, C. (1920) - «Analyse Chimica e Estudo da Radio-actividade da Água das Thermas de Monte Real».

por projectos dos Architectos Camilo Korrodi e Célio Cantante. Assim em 1953, para além das obras interiores de carácter de manutenção foram demolidas as cabines de enterocolise, para aumentar a zona de repouso da Buvete, conforme era solicitado pela Direcção Geral.¹⁸⁶ Posteriormente em 1972 e conforme documentação em arquivo, construí-se um novo corpo exclusivamente para os serviços médicos, um laboratório de análises médicas, um local para os ficheiros clínicos e ainda um recinto de espera para o público.



Fotografia 29 – a) Hotel Monte Real; b) Balneário.

A zona onde estavam instalados os serviços médicos foi recuperada, sendo composto por 7 cabines de banhos medicinais, 4 gabinetes de agentes físicos e um bloco sanitário para ambos os sexos. A instalação da rede eléctrica foi modernizada e o abastecimento de águas medicinais tornou-se independente da rede de abastecimento público, com água quente e fria. Resolveram-se assim problemas de ordem funcional, surgidos pela crescente afluência de frequentadores. Em 1972 o corpo de gabinetes médicos foi aumentado com mais 6 cabines de intercolise e banho mantendo-se os dispositivos e equipamentos existentes. A fachada foi alterada pela ligação em galeria dos corpos da expansão, com o edifício primitivo. E no ano de 1975 a Secção de Homens foi ampliada, completando o Plano de Remodelação e Ampliação da Estância Hidrológica. No início da década de 80 fez-se um acrescento de um imóvel novo que pretendia ser uma extensão complementar do Balneário existente.



Fotografia 30 – Fotografia do projecto de 1939 do Balneário – a) fachada principal e; b) secção longitudinal.

As novas instalações de piso térreo com 26,40x13,10 metros têm como finalidade albergar os Duches Escoceses, Hepáticos e Circulares. É consequente da crescente procura de utilizadores.

¹⁸⁶ Conforme análise documental do arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia.

Em 1998 iniciaram obras de captação, transporte, armazenamento e distribuição de água mineral.¹⁸⁷ Com uma área de implantação de 24 hectares, o complexo termal está em fase de actualização através do projecto de recuperação e valorização a cargo do Arquitecto António Garcia.¹⁸⁸ O conceito de desenvolvimento mantém a terapêutica clássica como impulsionador termal (com serviços dirigidos por médicos acompanhados por pessoal formado), sendo ampliado por oferta nos campos de turismo, de bem-estar e de valência desportiva.



Figura 44 – Alçado principal do projecto de remodelação e ampliação do Hotel, da autoria do Arquitecto António Garcia (2006).

A intenção é requalificar o edifício balnear que deverá manter o volume e estrutura de origem, eliminando-se as construções que lhe tem vindo a ser anexas e que o desqualificam estética. A sua modernização inclui a construção de um Spa abastecido por água medicinal, uma piscina termal coberta, novas áreas de serviços, etc.

O hotel é renovado com o objectivo de ser classificado com quatro estrelas (101 quartos e 5 suites), devolvendo-se o volume e a qualidade que o caracterizou inicialmente.

Conforme habitual nas estâncias francesas, moradias individuais em banda tipos chalé/vila são edificadas junto ao perímetro da concessão, o que ajuda o enquadramento dentro do perímetro termal. Os edifícios administrativos são requalificados e onde se prevê formação interna, potenciando o próprio espírito de inovação da empresa.

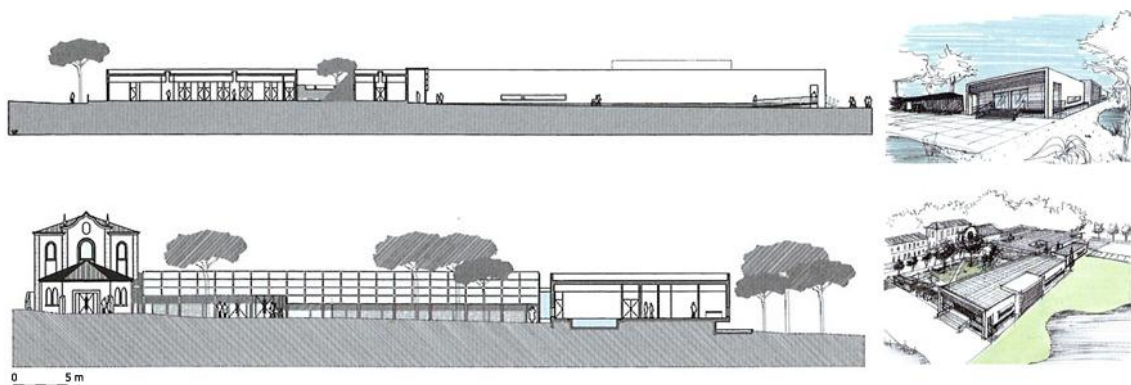


Figura 45 – Alçado, corte e esboços do projecto do Arquitecto António Garcia (2006)

A nível desportivo para além da construção de um campo de futebol e respectivos edifícios de apoio (vai permitir o estágio de equipas profissionais), estão projectados dezoito campos de

¹⁸⁷ Informação contida nos documentos em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia, entidade pública que tutelava as Termas até ao ano de 2004.

¹⁸⁸ Mexia Alves, Joaquim, (Maio, 2007) Administrador da concessão termal – informação pessoal.

ténis, percursos de manutenção, etc. O plano do Parque continua estruturado por um eixo central difusor que organiza o conceito termal unitário. Por ele são propostos percursos diferenciados – quer pela recuperação dos existentes quer pelo traçado de novas ligações – de forma a permitir variedade de escolha em área consagrada que se pretende valorizar. As obras deverão estar concluídas até ao final de 2009 (o que se veio a confirmar).

3.5 -Termas de São Pedro do Sul

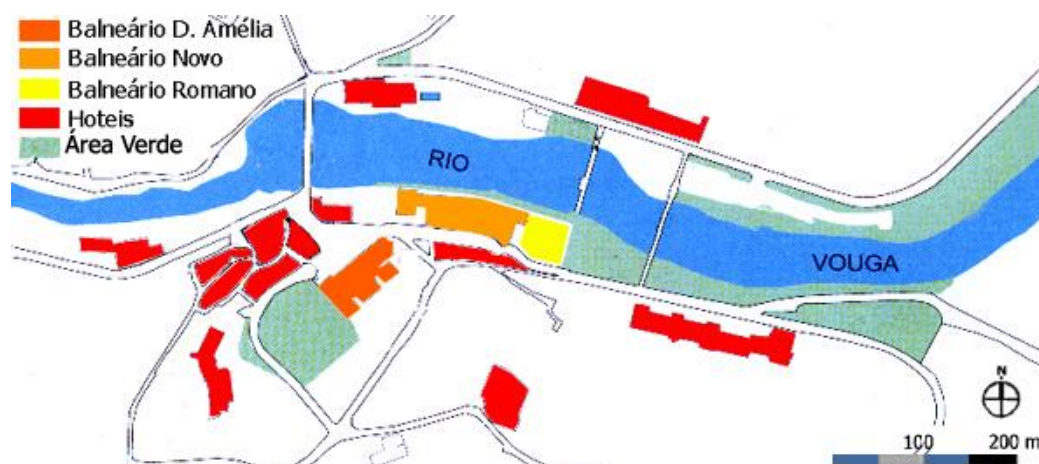


Figura 46 – Planta das Termas de S. Pedro do Sul.

A – Descrição funcional

Com diversos nomes ao longo do tempo – «Caldas do Banho», «Caldas de Lafões», «Caldas Rainha D. Amélia» e actualmente «Termas de São Pedro do Sul» – são famosas pelas suas águas de confirmadas propriedades terapêuticas.

Os seus actuais Balneários denominados «Rainha D. Amélia» e «D. Afonso Henriques», são destinados a atendimento de doentes com patologias do foro reumatismal; osteoporose; febre reumática; artrite gotosa; doenças do foro O.R.L. e vias respiratórias; medicina física e reabilitação; afecções do sistema nervoso, do foro músculo-esquelético, do sistema circulatório e linfático. Sobre a sua importância terapêutica, transcreve-se da primeira compilação histórico-descritiva das nascentes portuguesas: " (...) em 1945 houve 1747 inscrições, com 175 grátis... ...houve, 11,3% de curados, 65,5% de melhorados e 23,2% no mesmo estado (...) ".¹⁸⁹

Sobre a sua competência em angariar público de frequência pode ler-se no documento da Câmara Municipal S. Pedro do Sul: " (...) ...é o maior e mais frequentado centro termal de Portugal (...) ".¹⁹⁰



Fotografia 31 – Ruínas do Balneário romano.

São muito antigas as raízes do conhecimento e utilização das Termas, pensando-se que remontem ao período Celta, portanto anterior à ocupação romana. No entanto a designação

¹⁸⁹ Acciaioli, L.M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46», pág. 240.

¹⁹⁰ Projecto de arquitectura (2000) – Remodelação e ampliação do edifício termal.

mais antiga que se conhece é «Balneum Romano» que é fruto da permanência romana na Península, como atestam os vestígios arqueológicos existentes.



Fotografia 32 – Capela S. Martinho – a) exterior e b) interior.

No local “ (...) *teriam erguido um templo dedicado a Júpiter, onde eram colocados votos. E não teria sido só ao maior deus do politeísmo latino mas também a Mercúrio e possivelmente a outros deuses, que no Balneum se teriam erguido altares (...)* ”.¹⁹¹

O Balneário romano/medieval foi frequentado ao longo dos tempos pela monarquia, destacando-se o alojamento dos reis D. Afonso Henriques, D. Manuel I e da rainha, D. Amélia, esposa de D. Carlos I. Estão classificados como Monumento Nacional mas encontram-se voltadas ao abandono. Existe a intenção conjunta da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul e do I.P.P.A.R. de desenvolver um projecto de salvaguarda e de valorização das ruínas, sem contudo haver prazo de calendarização.

Sobre a sua utilização terapêutica certifica-se que a água “ (...) ... *vinha para tanques por um aqueduto de pedra de distância de «um tiro de mosquete» – na expressão do Padre Luís Cardoso em 1732. Em 1900 era levada por pinheiros cavados em meia cana e fechados com tábuas.... ...Apesar da grande distância da nascente, as águas precisavam de ser arrefecidas. Para tal se construíram dois tanques, separados do edifício e coberto de telha vã. Serviam eles para depois temperar os banhos (...)* ”.¹⁹² Nos finais do século XIX foi substituído pela construção de um novo edifício termal promovido pela Câmara Municipal. Como ao gosto da época apresenta linguagem neoclássica, passando a ser denominado «Balneário Rainha D. Amélia», o que acontece ainda actualmente.¹⁹³



Fotografia 33 – Balneário Rainha D. Amélia.

Na década de 80 esta edificação foi remodelada e ampliada seguindo a estética do movimento moderno iniciado nos anos 20 da escola *Bahaus* na Alemanha. A localidade possui 14 unidades

¹⁹¹ Santos, E. (1972) – «As Termas de S. Pedro do Sul, achegas para a sua História», pág. 21.

¹⁹² Idem nota de rodapé anterior pág. 27.

¹⁹³ Acciaioli, L.M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46».

hoteleiras, a capela de S. Martinho erigida em 1524, piscinas, praia fluvial, campos de ténis, etc. Realçamos os dois hotéis construídos no início da década de 1930, o Grande Hotel Lisboa e o Palace-Inatel.



Fotografia 34 – Vista parcial da fachada principal do Hotel Palace–Inatel.

Este último foi recentemente remodelado, sendo uma construção notável pela ousadia, traça arquitectónica e volumetria. Tem mais de cem quartos, um grandioso salão e uma imponente sala de jantar.

É considerado Monumento Nacional desde 1938, sendo propriedade da I.N.A.T.E.L.¹⁹⁴ desde 1959. Escasseiam informações sobre esta obra mas de acordo com o director do hotel (Junho, 2007) foi recuperado e remodelado pelo Arquitecto Alberto Caetano que respeitou a traça original (inaugurado em 1997).

Entre as duas guerras mundiais houve uma procura significativa de alojamento de qualidade na zona. O facto foi devido à exploração desenfreada das minas de volfrâmio e estanho no vale de Lafões (Serras de S. Macário e da Freita), cuja actividade levou a um claro abandono da actividade agrícola local pela população.

Na década de 80 houve um novo crescimento turístico, fruto do dinamismo empresarial da empresa «Beira Vouga». A sociedade soube congregar os interesses da localidade organizando um aparelho que difundiu as qualidades terapêuticas e difundiu a capacidade turística de S. Pedro do Sul. A ocorrência publicitária permitiu o seu engrandecimento por transferência da clientela de outras Termas do país. Quanto a algumas destas, e devido ao período de graves dificuldades económicas, tiveram mesmo de encerrar.

B – Características da água

Água francamente mineralizada, doce, com reacção muito alcalina, bicarbonatada, sódica, carbonatada, fluoretada, sulfídrica e fortemente silicatada. Nasce a 69°C com um pH de 8,89 a 18°C. Sobre o manancial das águas de S. Pedro do Sul, transcreve-se:” (...) ...vinda directamente da nascente e reunida em grande volume, escoia-se borbulhante de gases pelo bordos duma taça granítica construída para efeitos decorativos do jardim da estância. Na face exterior das paredes, a água deixa um abundante depósito de enxofre que em menos de 24 horas, atinge uma espessura de cerca de 1mm (...) ”.¹⁹⁵ A força geotérmica das suas águas é aproveitada tanto no circuito de água da piscina (é reaquecida pela recuperação do calor no condensador da unidade de produção de água refrigerada) como para o aquecimento por convexão dos edifícios termais.

¹⁹⁴ Siglas de Instituto para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores. Antiga F.N.A.T. - Fundação Nacional da Alegria no Trabalho)

¹⁹⁵ Acciaiuoli, L.M. (1944) – «Relatório de 1939», pág. 204.

C – Localização

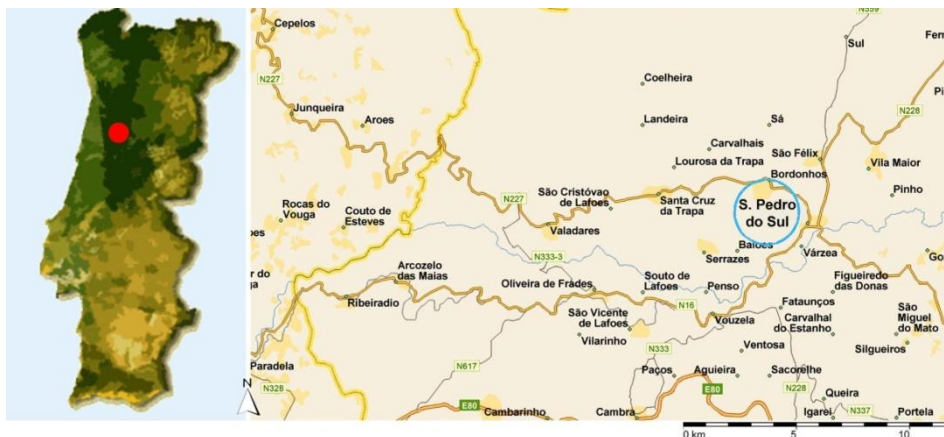


Figura 47 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

Situa-se no coração da Região de Lafões na margem esquerda do Rio Vouga, localidade de Várzea S.P.S., freguesia de Várzea, Concelho de S. Pedro do Sul (a 2km), distrito de Viseu (a cerca de 22km).

O Balneário Rainha D. Amélia confronta-se a Sul com a rua principal, a Norte com o rio Vouga, a nascente com as Termas Romanas e a poente com uma unidade hoteleira.

D – Construção do Balneário Rainha D. Amélia

O local das Termas de S. Pedro do Sul é uma povoação situada a cerca de 3 km da vila capital do Concelho com o mesmo nome: S. Pedro do Sul. O seu desenvolvimento deve-se exclusivamente ao turismo termal, não tendo adoptado ainda o conceito de turismo de lazer.

O edifício Rainha D. Amélia é pertença à C. M. de S. Pedro do Sul que tem a concessão das águas termais.

O Balneário é um edifício sumptuoso e monumental que se confronta lateralmente com um pequeno jardim termal. Até aos finais dos anos 70 funcionava ininterruptamente e de forma tradicional, o que o tornou desadequado. O facto motivou à sua remodelação.

Sobre o modo de funcionamento transcreve-se a exposição do seu director clínico Dr. Almeida Trinta do início do século XX: “ (...) é composto de dois pavimentos. O primeiro é formado por duas alas simétricas ligadas anteriormente por um espaçoso vestíbulo. De cada lado do vestíbulo há uma sala, sendo a do lado direito destinado a consultório médico e a do lado esquerdo a bilheteira... ..tanto a sala de douches como a de pulverizações são amplas e iluminadas por seis janelas. As banheiras são em número de 10 de cada lado, sendo as da ala direita em mármore e as da ala esquerda de alvenaria, forrada a azulejo branco (...). “ E termina o inventário de uma forma que seria uma um verdadeiro luxo civilizacional para a época: “ (...) em todos os quartos de banho, sala de douches há instalação de campainhas eléctricas (...) ”.

196

O edifício disponha também de igreja, oficinas, sala de exposições, de reuniões, etc. o que permitia fomentar actividades complementares.

A sua remodelação foi projectada pelo arquitecto Januário Godinho, e ampliada funcionalmente para ter uma capacidade de cerca de 4500 aquistas/dia, (somatório da potencialidade

¹⁹⁶ Trinta, A.(1910) – «Thermas Rainha D. Amélia», pág.s 22 e 23.

instantânea por funcionamento de 10 horas nos inúmeros gabinetes de diferentes tratamentos). A imagem do balneário renovado foi influenciado por características modernistas de inspiração «corbusiana»,¹⁹⁷

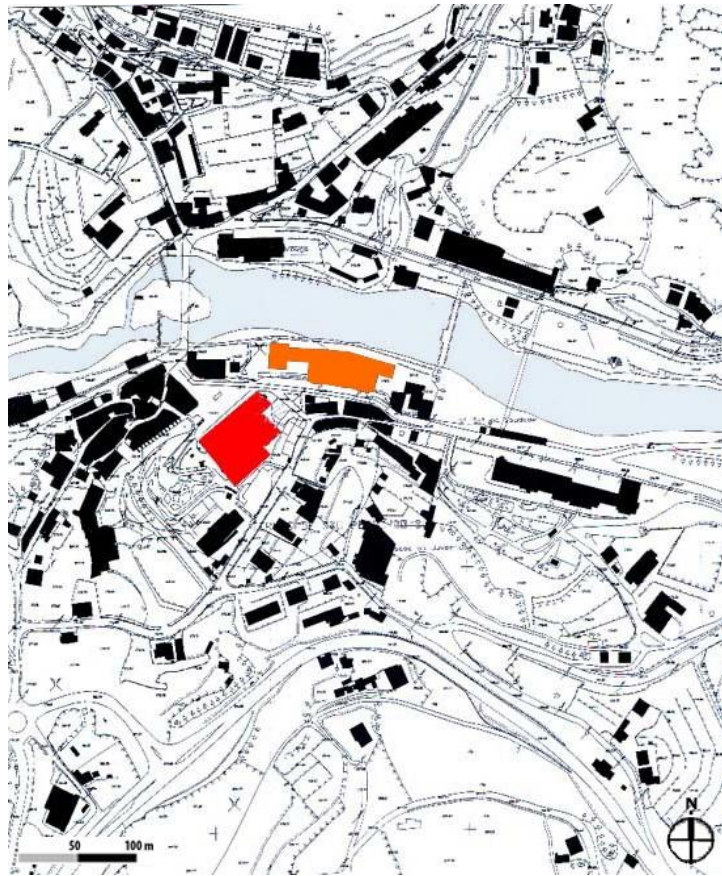


Figura 48 – Planta de implantação; 1 – a vermelho: Balneário Rainha D. Amélia; 2 – a laranja: Balneário D. Afonso Henriques.

E – Memória descritiva da remodelação e ampliação

A solução arquitectónica dos finais dos anos 70 manteve a área de implantação e pretendeu renovar o aspecto do edifício sem o descaracterizar. Foi levantado em granito alterado, facto que obrigou a intervenções profundas a nível das infra-estruturas, das fachadas, das coberturas, dos vãos, dos pavimentos, da impermeabilização; assim como no redimensionamento dos seus espaços interiores, na reabilitação dos espaços exteriores e no arranjo da envolvente urbana. Dentro do possível tentou-se respeitar um compromisso entre o bem-estar e a eficiência funcional aos espaços interiores termais; e procurou integrar a configuração urbana moderna com a imagem neoclássica do edifício.

Para tal e conforme «memória descritiva» do arquitecto projectista, conferiu uma nova harmonia plástica ao edifício, concedendo-lhe integração por relacionamento com o espaço envolvente e o jardim termal; e conservou os elementos mais notáveis, como por exemplo a escadaria em madeira, a cúpula de ferro e vidro do espaço museológico, etc. Através da dinamização do alçado Norte, proporcionou aos utentes uma visão do espelho de água com a envolvente. Este

¹⁹⁷ Segundo documentos em acervo na Direcção Geral de Energia e Geologia, entidade pública que tutelava as Termas até 2004.

facto foi conseguido pelo aumento da área dos vãos envidraçados ao 1º piso e pela criação de uma circulação interior em corredor panorâmico, no 2º piso. O que permitiu actualizar funcionalmente as comunicações verticais pela introdução de um elevador.

A intervenção pretendeu que o monumento conservasse a imagem, o valor e a dignidade passada mas permitindo a utilização funcional contemporânea. Requeria-se a manutenção do estatuto emblemático que outrora já possuía. Para tal e a nível exterior compuseram-se os passeios e a praça à frente do edifício; à sua direita desenvolveu-se um jardim de Inverno; à esquerda tratou-se do antigo jardim; e na parte posterior foi recuperada a central geotérmica.

Relativamente aos materiais construtivos empregues e ainda segundo a «memória descritiva» do projecto houve as seguintes alterações:

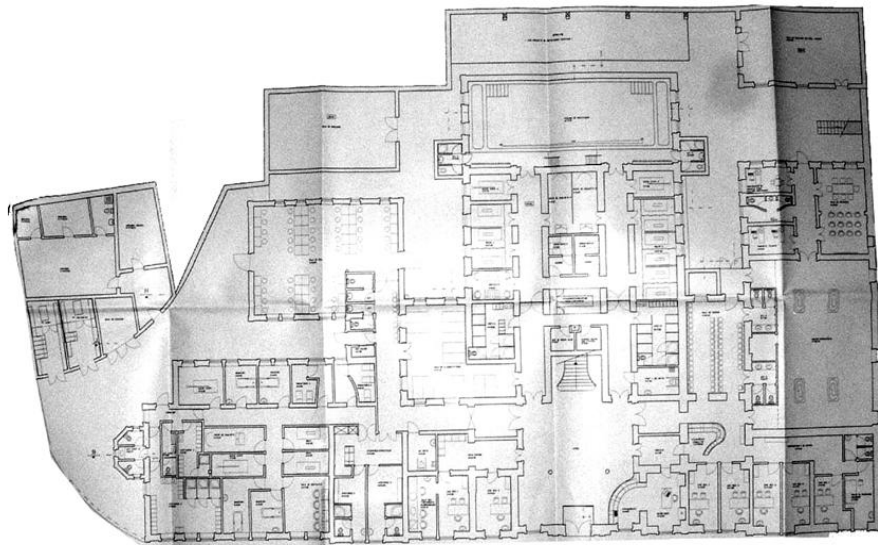


Figura 49 – Planta piso 1 do projecto do Arquitecto Januário Godinho, dos finais dos anos 70.

Estrutura – resistente com paredes em alvenaria de pedra. Recebeu directamente lajes maciças pré-esforçadas com armaduras de cintagem, associadas a uma estrutura de betão armado, pilares e vigas.

Piso 0 – nos revestimentos exteriores utilizaram-se tijolos vermelhos escuros de face à vista (tipo «vale de gândara»), conjugados com blocos de vidro 24x24x8 (tipo «elga») e panos envidraçados. Os vãos exteriores são constituídos por caixilharia em alumínio de cor natural, com vidro duplo de uma face laminada. Encontram-se instalados nos serviços de tratamento, nos gabinetes médicos, nos serviços administrativos, no corredor de exposições (67m²), no núcleo museológico com 6 salas de exposição (52m²) e nos serviços de geotermia (69m²).

Piso 1 – os vãos foram tratados de forma idêntica ao piso 0. Revestido a reboco com acabamento areado fino pintado em cor branca. Apenas o pano adjacente à entrada principal é revestido com placagem de granito amarelo bujardado.

Este piso passou a poder desempenhar índoles culturais como centro cívico urbano. Tem espaços de utilização flexíveis (tradicionalmente para actividades lúdicas complementares ao tratamento médico), permitindo a realização de eventos na nova sala multifuncional (espectáculos, conferências, exposições, etc.). O que permitiu resolver uma lacuna do interesse social da região (anteriormente funcionava também aqui a igreja do Balneário). Permitiu usufruir de novas funcionalidades pela sala multiuso (170m²); pela galeria de exposição (86m²); cafetaria (22m²); hall (30m²); sanitários; camarim; e pelo terraço panorâmico (130m²)

A cobertura foi restaurada com telha nova sobre ripa e vara moldada sobre a laje de cobertura. Nas novas coberturas foi utilizado fibrocimento e aplicou-se isolamento térmico e impermeabilização.

Foi renovado todo o sistema de captação e drenagem de águas pluviais e tubagens da água termal, mantendo-se o seu traçado (aço inox AISI316, com ligações soldadas e flangeadas). Todo o equipamento balnear foi modernizado para salvaguardar às actuais exigências funcionais e de salubridade, nomeadamente as banheiras de hidromassagem, estufas de vapor, rede eléctrica, etc.

Espalhados pelo edifício existem pequenas referências históricas como mobiliário antigo, portadas, banheiras, inscrições, etc.

Embora ao Balneário D. Amélia estivesse classificado de «património municipal» desde os finais dos anos 90, estava contudo em situação de abandono, sofrendo de ruína quase eminente. Perante o facto a Câmara Municipal resolveu restituir-lhe a dignidade devida, pelo que em 1998 iniciou um processo para a sua recuperação e remodelação que fez executar. Foi inaugurado em 2001.¹⁹⁸

F – O Balneário D. Afonso Henriques

As Termas de S. Pedro do Sul são o pólo dinamizador de desenvolvimento regional consolidado no turismo. Em 2006 e aproveitando o encerramento da época termal, a nascente termal foi requalificada e o perímetro do aquífero protegido. Também foram iniciadas obras de consolidação urbana, de renovação do Balneário D. Amélia e a ampliação do seu segundo balneário, o denominado «D. Afonso Henriques».



Fotografia 35 – Balneário Novo, também apelidado de D. Afonso Henriques – a) alçado principal e b) alçado posterior.

Este edifício foi inaugurado em Junho de 2007 depois de profunda remodelação do pré-existente (tinha sido construído de raiz em 1987) denominadamente na estrutura, nos interiores e nas coberturas. Foram ainda ampliadas algumas áreas do segundo corpo existente.

Na nova estrutura foram colocados novos depósitos para armazenamento da água termal, substituindo os existentes já degradados. Por ser equipamento considerado necessário e inexistente até esta altura executaram-se quatro novas piscinas: “ (...) *bertholaix, pedidaix, hidropressoterapia, hidromassagens fixas, duche d’Aix, duche circular* (...) ”.

Com esta obra o balneário D. Afonso Henriques dobra a sua oferta de serviços, possuindo actualmente uma capacidade que poderá ir dos 40.000 aos 45.000 utentes/ano. Este segundo pólo termal aposta “ (...) ... *sobretudo na vertente do termalismo de saúde e bem-estar, muito procurado pelo mercado europeu, especialmente o alemão* (...) ”.¹⁹⁹

Calculava-se que o complexo poderá dar emprego a mais de seiscentas pessoas se

¹⁹⁸ Conforme informação dos processos em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia.

¹⁹⁹ Conjugação de informações: 1 – visita ao local (Julho, 2007); 2 - «Jornal de Notícias», (25 de Novembro de 2006), pag. 38.

conseguir...” (...) ...*dar o salto e ao termalismo clássico, associar o de lazer e bem-estar, que está a crescer ao ritmo de 10% ao ano (...)*”.²⁰⁰

3.6 - Outras estâncias termais no país

Como atrás referido existem em Portugal mais de 40 estâncias termais, autênticos mananciais de forte potencial para o desenvolvimento turístico/regional. Muitos encontram-se em latência, à espera de actualização fruto de investimento (público, privado ou em parceria). Não apresentam homogeneidade de características nem de situação patrimonial. Merecem serem investigadas para que um diagnóstico possa ajudar à sua recuperação, perante as necessidades respectivas. Esse estudo poderia ser realizado agrupando as Termas por ordem territorial. Este tipo de pesquisa está contudo para além das possibilidades deste trabalho.

3.7 - Nota de capítulo

O universo balnear no país é riquíssimo.

Contudo dos complexos termais actualmente existentes, apenas cerca de uma dezena têm capacidade de proporcionar uma estadia de qualidade aos seus utilizadores. E constata-se a necessidade premente de os modernizar. Propósito que permite que a exploração futura venha a consagrar o conceito terapêutico em simultâneo com o turismo de lazer.²⁰¹

Neste capítulo faz-se o levantamento do universo balnear nacional. Todos os concessionários membros da «Associação das Termas de Portugal» foram contactados no sentido de se obter autorização de acesso aos arquivos em acervo na Direcção Geral de Geologia e Energia. Dos trinta e nove contactos, houve a permissão de investigação ao repositório de vinte e um recintos balneares. Dentro destes não foram examinados três por indisponibilidade temporal (Castelo de Vide, Peso de Melgaço e Ladeiras).

Para efeito de aprofundamento efectivo da investigação foram designadas oito Termas como as mais representativas do universo balnear português.

Por razão de método são examinadas neste e no capítulo cinco.

²⁰⁰ «Diário de Notícias», (30 de Maio de 2007), referenciando Dr. António Carlos Figueiredo, Presidente da Câmara de S. Pedro do Sul.

²⁰¹ Decreto-lei 142/2004 que revoga o Decreto 15401 que permitia somente a exploração termal através do turismo terapêutico (vigente desde 1928).

Capítulo 4 – A regeneração termal no resto da Europa.

“Em arte, procurar não significa nada. O que importa é encontrar.”

Pablo Picasso (1881-1973).

1 - O ressurgimento termal teve início na Idade Contemporânea.²⁰² O facto foi derivado do desenvolvimento científico da época, conjugado com os novos interesses a nível público e privado.

Teve como consequência – e depois de séculos de indiferença – o aproveitamento efectivo das qualidades terapêuticas das suas águas minero-medicinais.

O progresso por toda a Europa das estâncias termais foi consequente dos serviços medicinais proporcionados e do desenvolvimento de capacidades apelativas próprias. Para tal construíram-se edifícios funcionalmente conexos que, grandiosos e conjugados por capacidade atractiva, fizeram prosperar a ordem de assentamento das comunidades e influenciaram a paisagem destes lugares privilegiados.

A qualidade própria das características manifestadas permitiu a afirmação termal e sua continuidade no tempo.

O benefício desta água medicinal fundamenta-se na crenoterapia (ingestão) e na balneoterapia (banhos). Estes meios de tratamento são os principais agentes de uma ampla relação entre o Homem e a Natureza, um sistema peculiar e dinâmico denominado: a cultura termal.

2 - A sociedade europeia dos séculos XVIII e XIX rapidamente descobriu estes novos locais de culto que, ao adquirirem uma consideração especial, fizeram surgir:

- Soluções urbanísticas efectivas;
- Novas práticas construtivas.

A monumentalidade arquitectónica estabeleceu-se como uma forma apelativa de encenação. Esta grandeza foi o suporte das Termas que, durante alguns meses do ano, se tornavam verdadeiramente centros sociais e cosmopolitas. O seu esmero permitiu que algumas das estâncias balneares alcançassem rapidamente renome internacional.

A grandiosidade cenográfica manifestava-se através de eixos frondosos de encaminhamento rematados com agradáveis praças de acolhimento; por escadarias grandiosas criteriosamente ajustadas na expressividade da fachada dos edifícios; pela iluminação de amplos vestíbulos com vitrais coloridos nas cúpulas celebrando a difusão de percursos; pela conjugação de numerosas manifestações inter-relacionadas.

O ambiente verde – concordante com a morfologia do terreno e pontuado aqui e ali por pavilhões, chalés, lagos, pontes, chafarizes, etc. – permitiu a integração orgânica dos vários elementos. Dentro do perímetro balnear foram compostas articulações conexas, o que permitiu ao utente usufruir de:

- Enlace funcional dentro de relacionamento espacial;
- Bem-estar assente em ambiente natural protector.

3 - A arquitectura termal europeia expôs-se por uma variedade de estilos surgidos desde o ressurgimento (finais do século XVIII) até ao seu declínio (segundo quarto do século XX). É caracterizada por ser eminentemente «eclectica» cujos traços dominantes apresentamos:

²⁰² Espaço de tempo iniciado com a revolução francesa (1789) até à actualidade. Foi marcado pela corrente Iluminista que salientava a importância da razão,

- Inicialmente o modelo termal utilizado foi o Barroco final. Este estilo era a continuação do modelo renascentista mas apresentando maior tensão, dinamismo e exuberância. Manifesta uma tendência exacerbada pelo decorativo – em Portugal são exemplos o Hospital Termal D. Leonor e o Balneário Novo nas Caldas da Rainha.
- A imagem balnear seguinte baseou-se no Neoclassicismo. Foi consequente dos ideais iluministas e serviram de reacção aos modelos artísticos da época. Inspira-se nos novos conhecimentos arqueológicos da Civilização Greco-Romana da altura. Tinha como características ser de configuração regular, geométrica, de teor simétrico; e como intenção alcançar o equilíbrio harmonioso pela simplicidade formal. Conforme o território e cultura histórica própria surgiram os derivados como o neo-romântico, o neo-gótico, o neo-árabe, o neo-flamengo, o neo-veneziano, etc. – em Portugal é exemplo a Termas da Curia.
- Posteriormente e logo após a 1ª Guerra Mundial (1914-18) predominou o estilo «Belle Époque» – um bom exemplo em Portugal são as Termas de Vidago. Dentro desta destacam-se a influência da:
 - «Arte nova»: permitiu alargar o relacionamento interior/exterior dos edifícios. O facto deve-se à influência conjugada de: a) maior dimensionamento das fenestraçãoes muitas vezes curvilíneas, possibilitado pela introdução a nível construtivo do ferro, do betão e do vidro; b) a aplicação de motivos orgânicos ondulados derivado de formas naturalistas. Esta associação trouxe dinamismo expresso pela a) maior interligação dos espaços interiores com as manifestações exteriores; b) aproximação com a natureza;
 - «Arte deco»: privilegiava a utilização de novos materiais como o aço inoxidável, o alumínio e também o vidro. Eram utilizados para apresentar formas geométricas em cores brilhantes; compondo simetrias alongadas de carácter abstracto.
 - «Tradicional Português» ou «Português Suave»: referido no Capítulo 1.4.2. Como o nome indica, teve influência somente no país (exemplo: Termas de Monte Real).
- Após a «Exposição Internacional de Arquitectura» de Nova York (1932), surge a racionalidade do «Estilo Internacional». Baseado nos conceitos da «Bauhaus» é representada por formas visuais simples sem interferências ornamentais, delineadas com linhas sóbrias e depuradas. Esta expressão artística estabeleceu o conceito: “a forma segue a função” – exemplo em Portugal: as Termas do Luso.

Para se manter significativa a oferta termal foi-se actualizando. tanto a nível formal como funcional. Para tal aproveitaram as estéticas arquitectónicas de vanguarda que, integradas no pré-existente, incorporaram novas lógicas programáticas.

O edificado termal na Europa tem-se feito representar no tempo em contemporaneidade com a arquitectura.

4 – a) As Termas são lugares imersos em atmosferas exóticas, onde o corpo e a mente se relaxam longe das preocupações quotidianas.

Contudo pergunta-se e perante as actuais circunstâncias, se é imaginável a sua vivência actualmente nos condicionalismos do edificado existente? Será possível manter a oferta termal com as características desenvolvidas no passado?

A resposta evidente é «não»!

b) Esta apreciação aparece relacionada pelo facto de o homem moderno ser normalmente uma pessoa apressada com necessidade de tratar do corpo e de descansar a mente. A sua esperança e qualidade de vida assim o exigem. Por isso ele pretende:

- Praticar desporto;
- Passar férias com a família longe da sua zona residencial;
- E deseja que, parte delas, sejam passadas em estâncias balneares.

c) Como referido sempre se fizeram investimentos para a modernização dos complexos termais,

principalmente nos de maior dimensão e renome. Estes, porque são forças difusoras de processos e de conceitos, aperfeiçoaram atributos próprios. Ao serem exportados, tornaram-se inerentes do universo balnear, manifestando-se da seguinte forma:

- Carácter formal genericamente reconhecido pelo público;
- Interligação clara do interior do edificado com o exterior;
- Inserção dos estabelecimentos em ambiente pitoresco;
- Traçado urbanístico conjugado em massa verde;
- Diferenciação de acessos: público – francos e visíveis; serviços – discretos e funcionais.

d) Presentemente a renovação termal tem surgido como uma necessidade transversal em todo o mundo ocidental. Esta constatação leva-nos a tomar em consideração o que se tem feito no Velho Continente, designadamente os programas na reabilitação de:

- Escala urbana – complexos baseados no conceito das «Termas Imperiais»;
- Edifícios balneários – baseados no conceito da «Balneários» romanos.

Os agentes concessionários das estâncias termais – e depois da longa época de adormecimento – voltam a investir para se apresentarem como locais fenomenais de características únicas.

Confirmando este empenho, referimos dentro do âmbito os projectos realizados actualmente por toda a Europa (excluindo Portugal):²⁰³

- Limes-Therme Aalen na Alemanha sobre projecto de Rudolf Wienands (1983-85); Hôtel Les Themes em Dax, França, da autoria de Jean Nouvel (1990-92); remodelação em Vichy, também em França do edifício de 1933 de Charles Letrosne denominado Thermes Callou, delineado por Douat & Harland (1990-93); Caldea em Andorra, do arquitecto Jean Michel Rouls (1990-94); Termas de Vals na Suíça conformem o projecto de Peter Zumthor (1986-96); Blau Blumau na Áustria de acordo com Friedensreich Hundertwasser (1993-97); Bad Saarow em Pieskow na Alemanha da autoria de Hufnagel/Putz/Raphaelian (1996-98); Bad Radkeersburg na Áustria sobre traçado de Jorg Wallmuller/Team A Graz (1978-99); Bad Elster na Alemanha com projecto de Christof Jantzen (1994-99); Bad Brambach de acordo com a proposta de Auer, Weber & Partner também na Alemanha (1995-2000); Guitiriz em Espanha da autoria de Gustavo Díaz García e Lucas Díaz Serra (2001-03); Therme Nova em Koflach na Áustria de acordo com o projecto desenvolvido por Team A Graz (2000-04); Thermes Nationaux de Chevalley em Aix-les-Bains, França, com traçado de Stanislas Fiszer (2000-05); Hotel Termas de Merano em Itália segundo o projecto de Matteo Thun (2003-05); Bath no Reino Unido da autoria de Sir Nicholas Grimshaw/ Grimshaw & Donald Insall Associates (1987-2006); Tschuggen Bergoase em Arosa na Suíça com traçado de Mario Botta (2003-06); e Romerbad Spa em Bad Kleinkirchheim na Áustria (2005-06) e Bad Aibling Spa na Alemanha (2003-07), ambos de Behnisch & Partner. Uma alusão ainda a dois concursos de 2006: os banhos de Algyo na Hungria cujo projecto ganhador foi o de Dom Architects; e o balneário austríaco de Schruns-Tschagguns que AS-IF/Raumzeit foi vencedor.

5 - Embora os atributos das Termas se tenham desenvolvido no passado, necessitam actualmente de se caracterizar com a modernidade própria do século XXI.

O processo da sua remodelação tem atributos comuns de concepção teórica que podem ser considerados previamente.

²⁰³ Gonçalves Pinto, H e Mangorrinha, J. (2009); «O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa», pág. 25.

Razão para o quadro de abaixo onde forças de influências são apresentadas, discriminadas na ordem do tempo:

Características balneares	Século XXI	Até século XX
Morfologia do edificado	Simbólica; de conjugação contextual; de carácter dinâmico, singular, heterogéneo	Simbólica; impositiva no contexto; de carácter compacto, regular, simétrico
Relacionamento de exposição	Antigo/novo; Interior/exterior	Interior/exterior
Esquemas de circulação internos	Policentricos; variados; de interacção	Uniformes; estáticos; monótonos
Configuração das piscinas	Orgânica; geométrica	Simples; geométrica
Materiais construtivos	Betão armado; pedra; vidro; aço; madeira; tijolo	Pedra; tijolo; madeira; betão armado
Luz interior	Regulada; ajustada	Consequente das fenestraçãoes
Cores	Variadas; alegres	De tendência monocromática
Aproveitamento energético	Sim	Não
Funcionalidades	Turística; terapêutica e de lazer	Terapêutica e de lazer
Representação social	Funcional	Aparatoso
Segregação social	Não	1ª, 2ª e 3ª classe
Separação de géneros	Se conveniente	Obrigatório
Notas	<p>1 – Nos complexos desenvolvidos segundo o modelo tipológico das «Termas Imperiais», o ambiente natural mantém-se como o instrumento privilegiado de interligação espacial;</p> <p>2 - As Termas procuram actualmente funcionar durante todo o ano e não por sazonalidade.</p>	

Quadro 2 – Tabela comparativa das características termais em duas épocas distintas.

6 - Na impossibilidade de apreciação dos projectos balneares mencionados, evidenciamos três da autoria de arquitectos de renome internacional evidente: o Hotel «Les Thermes», as Termas de Vals e a revitalização balnear em Bath. São resposta de revitalização termal bem sucedida. O contributo arquitectónico de cada um dos complexos é considerado pela especialidade como projectos de qualidade. São portanto representantes de valor no modelo cultural ocidental. Sobre a selecção deste conjunto heterogéneo entendeu-se que cada uma deveria apresentar:

- Diferentes grandezas patrimoniais – de edificado e paisagístico;
- Potencialidade de utilização distinta;
- Condicionantes urbanas diversificadas;
- Situação geográfica díspar;
- Culturas balneares diferenciadas.

A primeira nota comum foi a constatação de que o enquadramento urbano existente seria alterado – por continuidade ou em ruptura. O facto conduziu ao procedimento análogo nos três arquitectos, nomeadamente por:

- Consideração da identidade local;

- Desenvolvimento de uma harmonia estética não nostálgica com o passado.

A análise destes projectos permite observar um leque de respostas que permitem a concepção de soluções criativas e eficazes na desejada regeneração do parque termal em Portugal (também ele heterogéneo).

4.1 – O Hotel «Les Thermes».²⁰⁴

O primeiro balneário da cidade de Vichy foi um pequeno edifício apelidado de «Logis du Roi», construído no início do século XVII entre as nascentes «Grand-Grille» e «Chomel». As capacidades terapêuticas das suas águas permitiram o aparecimento desta modesta residência possuidora de duas tinas abastecidas com a água medicinal.

Este facto histórico contrasta com a actual imponência dos seus estabelecimentos, sendo considerada a mais famosa e grandiosidade «ville d'eaux» de França.

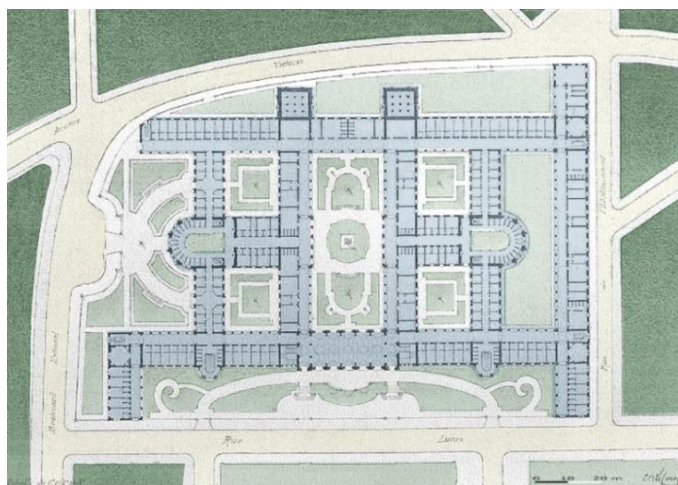


Figura 50 – Projecto prévio de 1894, com planta do piso térreo para o estabelecimento termal de 1ª classe em Vichy, da autoria do arquitecto Charles Lecoeur.

A pequena casa foi ampliada em 1787 a pedido das filhas do rei Luís XV, Adélaïde e de Victoire de France, com projecto do arquitecto Barthélémy Jeansen. Foi ampliada com 13 arcos semicirculares, uma disposição que formava uma avenida em galeria na sua dianteira. Este desenvolvimento interligou espacialmente as fontes «Lucas» e «Chomel», situadas nas extremidades do lugar.

Um século mais tarde o dinamismo do prestígio de outras estações termais do centro da Europa – Marienbad, Baden-Baden, Karlsbad, Spa-Francorchamps, etc. – forçaram a concessionária a iniciar uma vasta campanha. O projecto inicial tinha como objectivo elevar a categoria dos estabelecimentos balneares e modernizar o regime dos seus tratamentos, fundamentando-os nos conhecimentos clínicos desenvolvidos na época.²⁰⁵

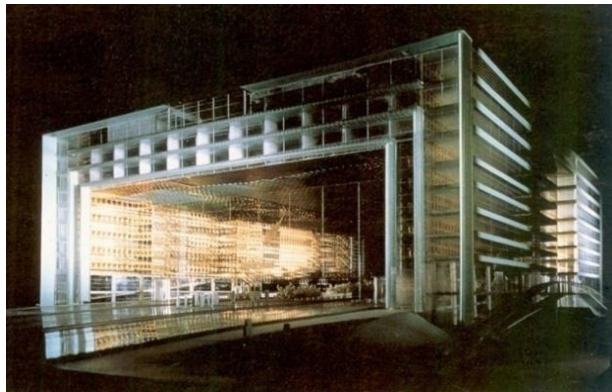
Vichy encontra-se situada no centro da França, numa região denominada Auvergne, tendo sido a capital da resistência político-militar durante a invasão alemã da Segunda Guerra Mundial.

Actualmente é uma cidade com cerca de 60.000 habitantes cuja reputação termal se mantém a

²⁰⁴ Capítulo 2.4.1 fundamentado em: site do arquitecto Jean Nouvel (www.jeannouvel.com - Julho 2009); Conway, L.M (1999), «Jean Nouvel – Les éléments de l'architecture»; Nouvel, J. (1997) «Architecture and Design 1976-1995»; Nouvel, J. (2002) «Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia Madrid»; Boissière, O. (1992) «L'inist dans l'oeuvre de Jean Nouvel» ; Fontes, M. (1998) «Jean Nouvel, Olivier Boissière»; Goulet, P. (1994) «Jean Nouvel» ; e revistas «L'architecture d'aujourd'hui» nº 284 (1992) e «El Croquis» nº 65/66 (1994).

²⁰⁵ Morillon, C. (1992) «Histoire de l'Art», revista nº19, pág.s 65 a 67, tradução livre.

nível internacional. Uma das concessionárias balneares lançou nos anos 80 um concurso para a recuperação dos seus edifícios de referência.



Fotografia 36 – Imagem virtual do projecto balnear em Vichy

O arquitecto Jean Nouvel ganhou este certame. A nova construção foi iniciada em 1989 mas pouco depois foram dadas ordens para a sua paragem definitiva. O projecto era inovador porque resolvia um problema urbano aparentemente insolúvel: a existência de uma fronteira de transposição crítica, configurada por uma avenida que separa o edifício balnear do parque termal de l'Allier. A ideia orientadora era a exibição da água que é o símbolo da cidade. A proposta manifestava-a em exposição solar máxima, e utilizava-a para interligar o que estava separado espacialmente. O programa era a construção de um monólito de paredes exteriores em vidro, formado lateralmente por um balneário (do lado Norte) e pelo hotel (a Sul). Estes dois edifícios estariam interligados por dois tabuleiros com as piscinas (no topo e no subsolo), de maneira a que a leitura final fosse a de um conjunto unitário. Para a efectiva interligação visual haveria ainda um estriado de finas faixas de água, de plantas aquáticas e de cipós – longitudinalmente e por todo o exterior da edificação – que facilitariam o ajuste formal. Por sua vez o patamar superior seria proveitosamente ensolarado (ajudando a manter a temperatura e a humidade relativa dentro de valores estabelecidos) e simultaneamente permitiria que os utentes pudessem desfrutar da vista panorâmica sobre a cidade



Fotografia 37 – Hotel «Les Thermes» em Dax.

Um projecto cuja modernidade irá “ (...) dois anos mais tarde beneficiar o desenvolvimento do Hotel «Les Thermes» em Dax (...) “. ²⁰⁶ Dax é uma cidade onde habitam cerca de 20 000

²⁰⁶ Goulet, P. (1994) «Jean Nouvel», págs 115 a 117.

peessoas, sendo considerada o segundo maior centro termal gaulês.

Está situada no sudoeste de França, concretamente na Aquitânia na região entre Bordéus e Biarritz, a cerca de 90 km a Norte da fronteira com Espanha. Os efeitos terapêuticos das suas nascentes termais são reconhecidos desde a ocupação romana. É relatado que “ (...) o imperador Augusto a teria visitado em busca de alívio para o seu reumatismo (...) ” aproveitando os efeitos das águas termais e dos banhos em lama. Este material é consequente dos depósitos aluviais do rio Adour – que atravessa a localidade – impregnados com a água medicinal. O seu proveito continua a ser considerado benéfico para as doenças de ossos e para o alívio de problemas circulatórios e ginecológicos.

A história da cidade inicia-se nos tempos pré-romanos, tendo sido quase totalmente destruída pelos bárbaros depois da queda do Império. Só durante o século XIX as suas qualidades terapêuticas voltaram a dar-lhe notoriedade. O ressurgimento foi devido às indicações médicas em voga na altura – assentes na «teoria vitalista»²⁰⁷ – e também pela inauguração da estação ferroviária na cidade.

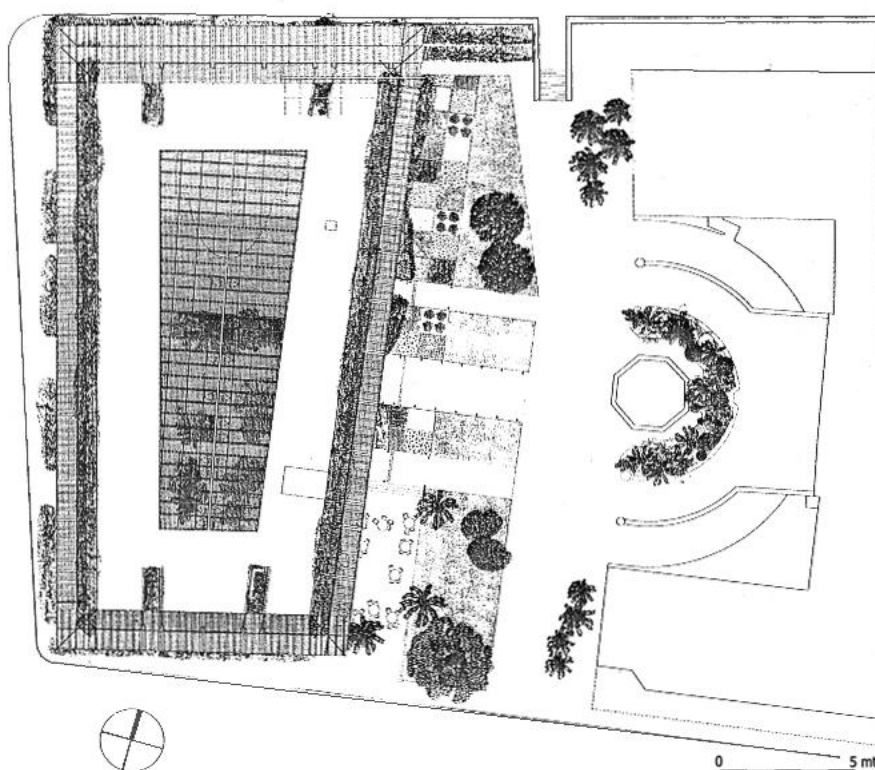


Figura 51 – Planta do quinto alçado do Hotel «Les Thermes» com massa vegetal interior.

Nasceu então o desejo de aumentar a sua reputação, pretensão que logo permitiu a construção da Catedral de «Notre» – obra de estilo neoclássico construída sobre a antiga catedral de estilo gótico – e a «Fontaine Chaude» – estrutura em estilo romano com uma piscina interior pública de água termal quente.

É actualmente uma cidade de vida agradável que inclui outros valores patrimoniais para além dos mencionados como: a praça de touros – construída em madeira com todos os toros de igual dimensão; o Hotel «Splendid» – obra-prima «Art Deco» dos anos trinta do século XX, “ (...) cujo brilho do passado ainda se mantém irresistível (...) ”;²⁰⁸ e o Hotel «Les Thermes» – edifício de

²⁰⁷ Estipulava a existência de uma força ou impulso vital sem a qual a vida não poderia existir.

²⁰⁸ Nouvel, J. (Julho, 2009), página web: www.jeannouvel.com; tradução da «Memória Descritiva» do projecto.

arquitectura da moderna construído segundo o projecto de Jean Nouvel. O arquitecto foi convidado para desenvolver o projecto do Hotel-Spa «Les Thermes» que foi inaugurado em 1992.

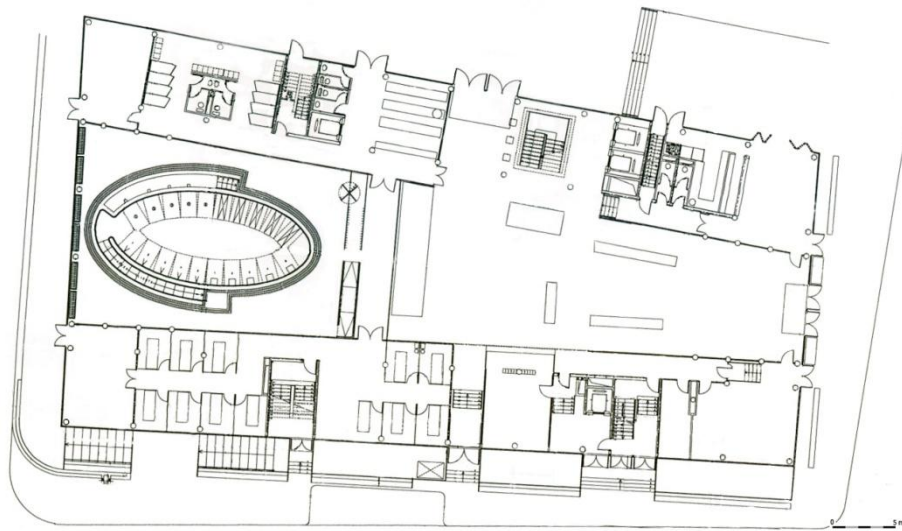


Figura 52 – Planta do piso térreo do Hotel «Les Thermes» (1990).

O local de inserção é no centro da cidade, contíguo ao respeitoso Hotel Splendid (com o qual se alinha formalmente) e junto à margem do rio Adour. Aquela contiguidade permitiu estimular um diálogo cénico entre duas épocas, facto que faz realçar a cobertura (também) solta no novo hotel, que se apresenta curvilínea nas alas de menor dimensão. Assim é definido o eixo principal da nova construção, a noção de entrada e o percurso dominante no interior. Facto que também permite depreender a vontade de consonância com os arcos desfraldados que adornam o topo das empenas do edifício limítrofe em «Art Deco».

A consciencialização da forma

Depois do Instituto do Mundo Árabe em Paris ter sido inaugurado (1987) foram construídos por todo o mundo vários projectos de Jean Nouvel. Alguns são considerados ícones da arquitectura contemporânea, mas todos os seus trabalhos partilham de uma mesma visão caracterizada por:

- Interligação da materialidade com a transparência;
- Utilização da tecnologia com propósitos estéticos;
- Revelação de soluções criativas;
- Esmero da forma e da expressão arquitectónica;
- Conjugação da função com o contexto;
- Manifestação urbana em fluidez espacial.



Figura 53 – Corte longitudinal (1) e transversal (2) do Hotel «Les Thermes» (1990).

qualidades " (...) de persistência, de imaginação, de exuberância e ainda um desejo permanente de experimentação criativa (...) ". A sua atitude de desafio perante as normas habituais foi também elogiada porque tem permitido dilatar os limites da própria arquitectura. Ele tem equacionado novas ideias em cada projecto, colocando-as à prova de forma carismática. Como oportunidades de aperfeiçoamento de novos princípios. Ele tem desenvolvido processos onde é introduzida a própria complexidade da vida contemporânea, utilizando-a com intuítos artísticos, dinâmicos e profissionais.

Ele tem procurado o diálogo contemporâneo entre "a massa construída e o vazio", considerações de relacionamento da estrutura formal com o sítio mencionadas por Vitruvius há séculos.

Inicialmente ele procura absorver a experiência de cada lugar no contexto, para depois desenvolver uma modernidade própria. A sua arquitectura enraíza-se na formulação de ideias baseadas na análise formal. A sua concepção busca coerência dos elementos arquitectónicos – "a cor, a luz, a grelha e o detalhe" – na intenção de dar sentido dinâmico a cada obra por uma sucessão de impressões racionais, engendradas até ao pormenor.

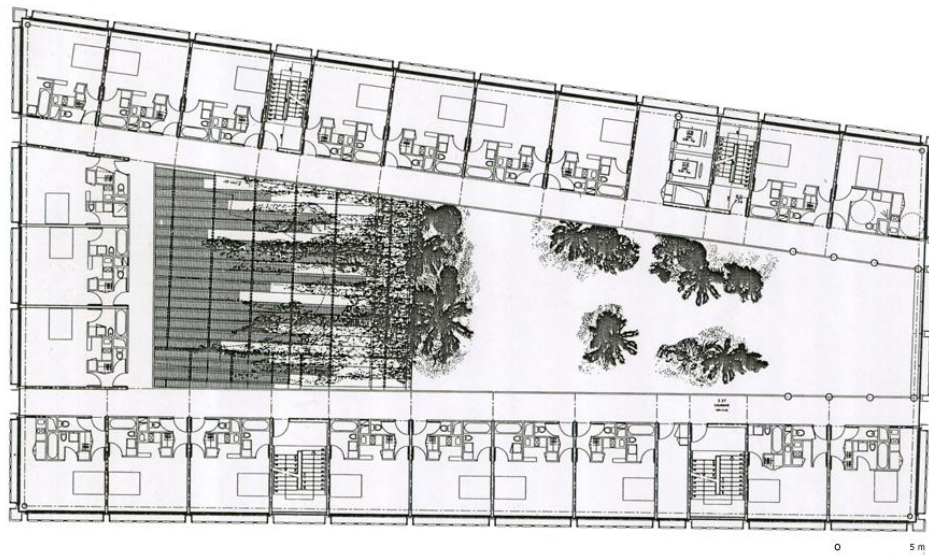


Figura 54 – Planta do segunda andar do Hotel «Les Thermes» (1990).

A sua atitude fundamenta-se na intenção de acrescentar inter acção nos elementos materiais com os imateriais. Esta prática é trabalhada em projecto e a sua transposição para o espaço real é uma valorização lógica fruto de metodologias racionais.

Durante o processo criativo o conceito como que se "dilata", o que tem permitido que cada uma das suas obras tenha adquirida uma energia fluida própria, emersa em complexidade que se pretende adequada e conveniente. Ele é muitas vezes apresentado como um arquitecto de "high tech", rótulo que formalmente rejeita. O próprio explica a sua actuação: " (...) Modernidade é vida, não é um qualquer movimento histórico que foi interrompido a algumas décadas. Modernidade é fazer o melhor uso da nossa memória colectiva e movimentarmo-nos para a o futuro o mais rápido possível em termos de desenvolvimento...A técnica deve servir a emoção ou ser simbólica. Na modernidade actual, o que é prioritário é a estética do milagre ... eu utilizo a situação de desenvolvimento técnico na arte quando a descubro útil (...) ",²⁰⁹ A sua obra concretiza-se na percepção da forma – oportunamente deslocada do convencional – acentuando intencionalmente a noção de movimento. Nesta época em que a tecnologia, os materiais e as técnicas construtivas se têm desenvolvido de uma forma espectacular, a sua obra

²⁰⁹ Nouvel, J. (1997), «Architecture and Design 1976-1995», pág.s 11 e 12.

pode ser descrita como: moderna e contemporânea; ela é fruto de argumentos objectivos resultantes da análise do relacionamento com o contexto, seja em meio de natureza, na cidade histórica ou na urbe moderna.

A sua expressão é fluida e natural, reflexa do aproveitamento do desenvolvimento tecnológico contemporâneo; ela procura uma nova harmonia entre os volumes que são desmaterializados pela inclusão de formas transparentes e pelo aproveitamento da luz. Perante um seu objecto arquitectónico a sensação é de transformação formal.

Sobre o Hotel Les Thermes

A sua volumetria é positivamente distinta de toda a envolvente. Tem um formato paralelepípedo irregular, vazado centralmente, com rés-do-chão de duplo pé-direito e quatro andares. O telhado é em grande parte envidraçado. O interior do edifício é protegido da luz solar por um gradeamento de madeira, um filtro de persianas e de telas de sombra. Forma uma membrana que envolve todo o edifício, conferindo-lhe singularidade formal e expressiva.

Este conceito tinha sido desenvolvido anteriormente no seu projecto para o Hotel Saint James em Bordeaux-Boliac (França, 1987/89).



Fotografia 38 – Hotel Saint James, a utilização do conceito de membrana envolvente (1987).

Também aqui os telhados, as grandes fenestrações e as fachadas cinzentas escuras estão revestidos por um gradeamento que envolve totalmente a construção – neste caso metálico e em cor de ferrugem – formando um jogo texturado de linhas ortogonais.²¹⁰

Do ponto de vista tipológico o Hotel Les Thermes dispõe-se em redor de um átrio longitudinal espaçoso, que se prolonga por toda a altura do edifício. Para ele abrem-se os 90 apartamentos tipo «studio», que confluem com o salão central através de patamares amplos. Salienta-se a interligação efectiva que se desenvolve entre o utente e o ambiente natural. Um vínculo demonstrado (1) tanto pelo enlace visual do interior do hotel com as manifestações na margem do rio; (2) como pela introdução da natureza no edifício, conforme as árvores que se elevam até ao 2º piso, situadas no jardim do pátio central.

A sensação de aproximação ao hotel emana dinâmica. Esta apreciação é devida ao volume do edifício estar desmaterializado e em sintonia com o espírito do lugar;

O hotel agrupa duas funções há muito individualizadas: a balneoterapia e o alojamento. A sua vivência interior permite experimentar bem-estar. O hall principal é convidativo e confere relaxamento pela sua:

²¹⁰ Nota do autor – O conceito tem sido utilizado por outros profissionais e é qualificado como um modelo da «arquitectura ecológica».

- Atmosfera com luminosidade reflexa em tons de azul – é proveniente do impacto da luz no revestimento de cor na piscina e na sua transparência nos vidros coloridos; sendo reforçada pelo contraste da textura vegetal das palmeiras com as polidez das divisórias brancas;
- Contraste entre a horizontalidade dos amplos patamares com a verticalidade das árvores – em espaço folgado, arejado e tonificante;
- Amplas fenestrações ao longo de todo o piso térreo – interligam toda a sua actividade interior (onde se inclui a prática da piscina terapêutica em formato elíptico) com a animação de vida das margens e a dinâmica do próprio rio;
- Pelos cabos de aço que emolduram ortogonalmente as escadas e os varandins – sensação ampliada pelos focos de néon que pontuam os corredores de acesso.

Tanto a zona do jardim como a da piscina estão separadas por uma gaiola de aço e vidro colorido opaco, arrematado horizontalmente no 2º patamar. O topo é de qualidade transparente o que permite que dos andares se observe todo o piso térreo como se duma grande estufa interior se tratasse. Este esquema permite a sentir a noção de distinção no hall central, designadamente entre as duas áreas mencionadas, cada uma com o seu ambiente próprio; e possibilita simultaneamente diferenciar verticalmente as zonas de carácter semi-público e semi-privado.



Fotografia 39 – Vista do espaço central do hotel desde o interior da piscina (vazia).

O edifício sobre o ponto de vista construtivo é composto por:

- Um esqueleto de cimento armado – interiormente suporta os sistemas de distribuição espacial, que são leves de aparência e de materialidade.

Exteriormente a estrutura do hotel sustenta as fachadas totalmente envidraçadas, que se desenvolvem de forma simples, sendo recobertas por:

- No rés-do-chão - vidro transparentes e toldos de cor clara que, em conjunto com a liberdade expressiva da cobertura, permite a sensação do “*levitar*” de toda a massa do Hotel-Spa.
- Nos quatro andares superiores com apartamentos – um sistema de persianas em cedro vermelho envolvendo todo o edifício envidraçado. Formam uma cortina modelar contínua de batentes em madeira. A sua movimentação pode ser controlado electronicamente e permite dosear a luminosidade interior.
- Os apartamentos – são espaçosos, luminosos e despojados de ornamentação. A sua parede com o exterior é de vidro, o que confere ao edifício uma significância informal. Traça uma cenografia de interacção pelos reflexos do céu, da vegetação, da vida citadina, dos edifícios envolventes, etc. com os obturadores de madeira que podem ser removidos.

Os «studios» desenvolvem--se ortogonalmente ao eixo maior da piscina elíptica, linha administrativa dos percursos no edifício. Os utentes têm-se referido ao hotel com agrado, considerando-o fruto de “*arquitectura inteligente*”. Sobre os apartamentos há contudo algum desagrado pela sonoridade dos frigoríficos, facto que provoca incómodo.

Inicialmente o orçamento disponibilizado só permitia atingir os níveis de conforto turístico de duas estrelas, segundo os parâmetros de qualidade para edifício classificado.

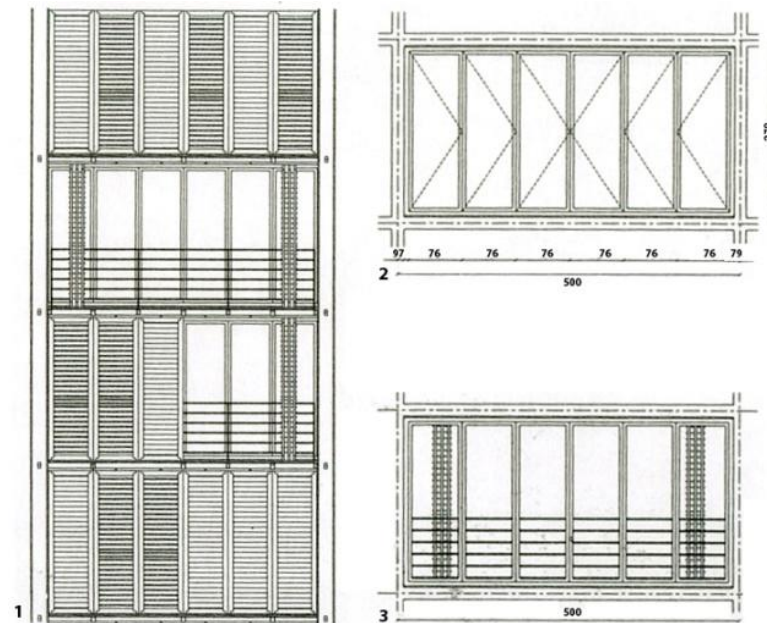


Figura 55 – Cortina modelar de: 1) Alçado exterior tipo; 2) vidros do alçado exterior de habitação tipo; 3) alçado interior de apartamento tipo.

Contudo quando a inspecção o vistoriou concedeu-lhe mais uma estrela pelos requisitos encontrados, sendo a 3ª estrela mérito exclusivo da arquitectura. Donde se depreende a importância das ideias em arquitectura.

Conclusões: As diferentes oportunidades e constrangimentos circunstanciais foram interpretados pelo arquitecto de forma ampla por incluir a cultura, o local, o programa e o interesse do cliente; o processo criativo foi desenvolvido por uma estratégia caracterizada pela dicotomia entre o desafio e a adaptação. Este antagonismo permitiu desenvolver e efectuar procedimentos artísticos coerentes.²¹¹

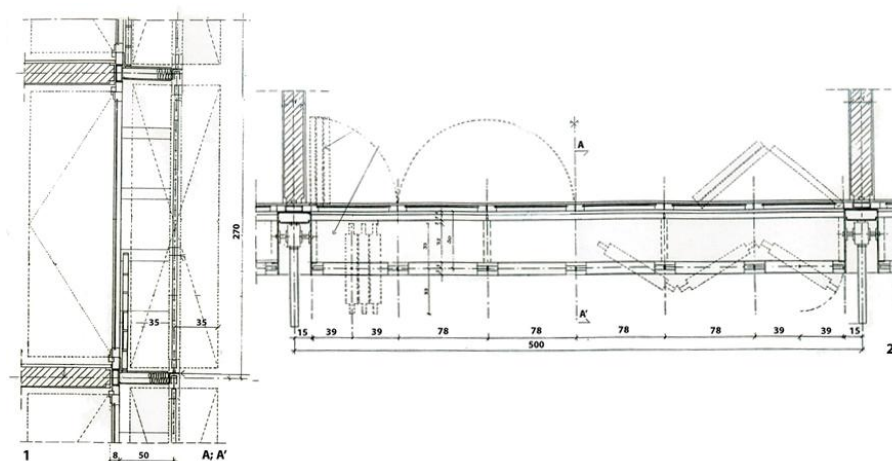


Figura 56 – Batentes exteriores; pormenores construtivos tipo: 1) Secção; 2) Planta.

²¹¹ Jean Nouvel projectou para a cidade de Le Havre (França) um complexo de lazer e desportivo denominado «Bains des Docks» inspirado no conceito dos banhos romanos. A água é o seu elemento primordial mas como é não termal faz que a sua análise esteja fora do âmbito deste trabalho.

4.2 – As Termas de Vals.

“O talento desenvolve-se no amor que pomos no que fazemos. Talvez até a essência da arte seja o amor pelo que se faz, o amor pelo próprio trabalho.”

Máximo Gorky (1868-1936).

As Termas de Vals encontram-se situadas a 170 km de Zurique, numa pequena aldeia com o mesmo nome nos Alpes Suíços de Graubünden, no local onde se produzem as águas engarrafadas de Valser.

A sua descrição é relatada do seguinte modo: “ (...) *Num prado verdejante, ergue-se uma capela em direcção ao céu, silenciosa e sóbria, como se fosse mais um elemento geológico. Num vale escondido desponta uma estância termal, da cor das montanhas que a circundam, um suave plano entre elevações abruptas. Na margem de um lago suíço, um cubo transparente devolve a luz espelhada nas águas (...).* ”²¹²

A expressão do seu interior é considerada como uma “ (...) *exposição uniforme da pedra que atribui um aspecto quase monolítico (...)* ”.²¹³ Os desenhos e as soluções técnicas foram concebidos para reforçar esta ideia, uma conjugação de identidades variadas representadas em espacialidade homogénea. No início da década de 80, a comunidade da povoação comprou a unidade hoteleira, composta por três edifícios dos anos 60. A população contactou Peter Zumthor para projectar um novo edifício termal – mais tarde ele foi galardoado com o prémio Pritzker (2009), tendo o júri destacado três obras: as Termas de Vals (1996), a Capela de St. Nikolaus von der Flüe e o Kolumba Museum em Colónia, ambas localizadas na Alemanha (2007).



Fotografia 40 – A interligação com os Alpes. a) Alçado do Spa; b) a cobertura verde e ao fundo o hotel dos anos 60, remodelado; c) uma perspectiva da sua piscina exterior.

Para a sua concepção o arquitecto utilizou imagens das pedreiras envolventes e da água a fluir naturalmente do solo. Pretendeu com isto incorporar a noção de “*tempo arcaico*”, como reflexo sugestionado pela massa rochosa das encostas. É o que informa as palavras do arquitecto ao comunicar: “ (...) *Montanha, pedra, água – construir na pedra, construir com pedra, para a montanha, construção fora da montanha, sendo dentro a montanha – como podem ser interpretadas arquitectonicamente esta associação de palavras e quais as implicações finais? Todo o conceito foi evoluindo pela integração desta interrogação: pelo que tudo foi moldado passo a passo (...)* ”.²¹⁴

Construído de raiz, o novo edifício foi inaugurado em 1996. Tornou-se rapidamente um ícone da arquitectura contemporânea. É um reduto inspirador de “*transcendência*” que atrai turistas e comentadores de todo o mundo. Possui uma forma aparente simples, admiravelmente

²¹² Página web (Setembro, 2008) – Bienal de Lisboa: «Peter Zumthor: Edifícios e Projectos 1986-2007» – www.experimentadesign.pt/2009..

²¹³ Zumthor, P. (1998) – «Peter Zumthor Works», pág. 157, tradução livre do autor.

²¹⁴ Página web (Setembro, 2008) – www.therme-vals.ch; portal do hotel das Termas suíças.

integrada. O arquitecto tinha como condicionante o terreno em forte declive. Mas ele soube, inspirado pela envolvente acidentada, incorporar o espírito grandioso da circundante.

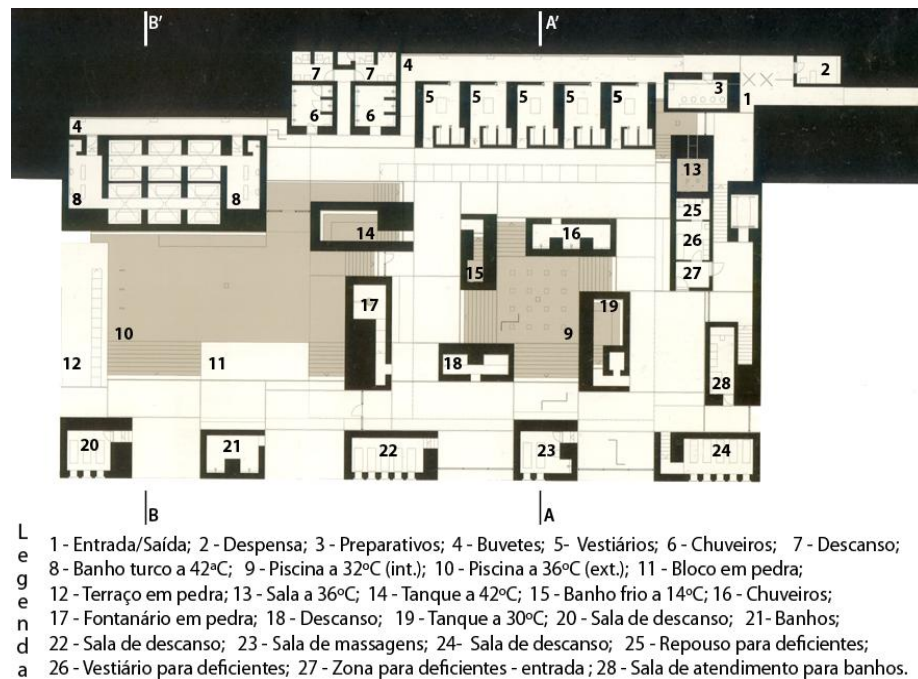


Figura 57 – Planta piso térreo pelo nível das piscinas.

Pode-se afirmar que a arquitectura se constrói de matéria, de luz e de espaço. São os elementos desta obra, aliados também à água, ao calor e ao vapor da sua coligação. O edifício é constituído a partir da rocha metamórfica local – como preconizado pelos tratadistas romanos – cujos componentes principais são o quartzo e o cimento armado.

A fachada principal apresenta um ritmo de fenestrações de configuração simples mas de forte intensidade. A sua leitura permite perceber que os utentes podem usufruir do exterior através das amplas aberturas que conectam directamente com a natureza, tendo como fundo o céu e topos alvos das montanhas com neve. Simultaneamente a própria densidade do betão armado – é o principal material construtivo do exterior do edifício – que conjuga várias dimensões de pequenas aberturas, permite considerar o interior como de intimidade reservada.

Aqui os espaços são definidos pela luz e pela textura tectónica das paredes. Sente-se constantemente a ideia de “ (...) *um monólito vazado guarnecido com cavernas* (...) ”.²¹⁵

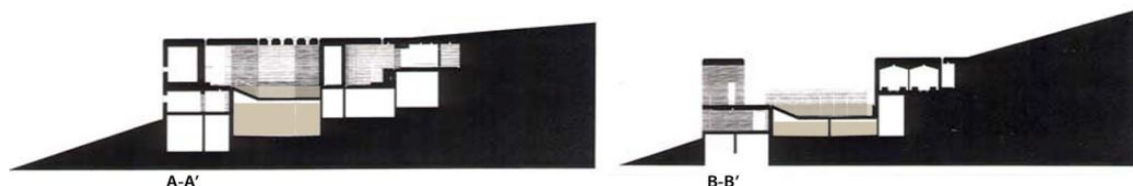


Figura 58 – Cortes seccionais do edifício.

Esta imagem ajudou a definir a estratégia da luminosidade inspirada nos banhos turcos de Budapeste: a abertura de ranhuras na massa de pedra que formam uma rede de fissuras que banham os espaços de luz natural. Os meandros dos espaços internos são estruturados por

²¹⁵ Zumthor, P. (1998) - Peter Zumthor Works, pág. 157; tradução livre

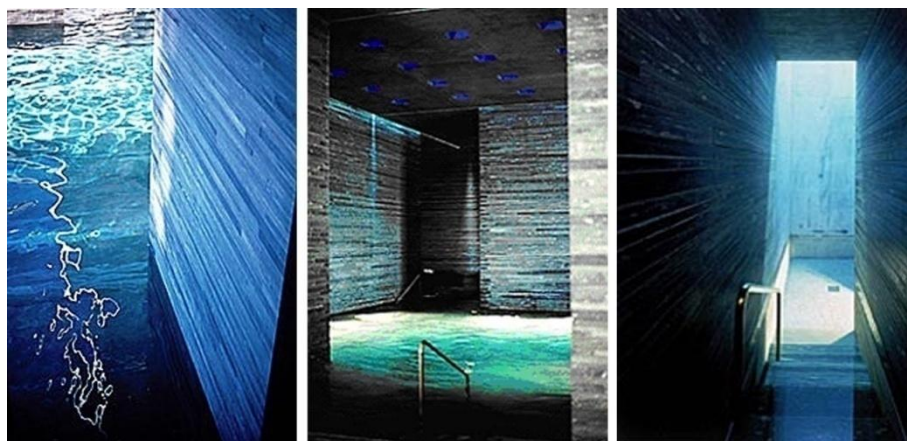
molduras luminosas como "quadros" geométricos incrustados na própria pedra. Isto cria uma nova dimensão espacial porque os escalonamentos da luz permitem a criação de ambientes contrastantes.



Fotografia 41 – Estudo da luz na maqueta das Termas de Vals.

Esta sensação é ainda exponenciada pelo silêncio quando imerso nas águas tépidas das piscinas embutidas na massa bruta da própria montanha. O contacto directo com a pedra regional das paredes faz sobressair a luz texturada de cor cinzento azulado. A intensidade deste efeito espacial é reflexa do empenhamento de Zumthor em apresentar o essencial, depreciando as superficialidades. Ele mesmo considera que o maior segredo na arquitectura é criar espaços pela junção das coisas do mundo – os materiais. E sobre “as coisas do mundo” ele afirmava que “ (...) soam em conjunto e irradiam. É desta composição que nasce algo único (...)”.

Sobre o processo de escolha da pedra local como material tectónico – e em conformidade com os procedimentos prescritos pelos tratadistas romanos – transcrevemos o sentir do próprio, que racionalizando, elucida: “ (...) Gradualmente descobríamos uma fé crescente na pedra escolhida. Nem sempre estivemos convencidos que somente esta pedra deveria ser utilizada. Houve alturas, principalmente numa fase mais ou menos a meio do projecto, que consideramos trazer uma «irmã do estrangeiro» e unir a nossa pedra nativa a uma segunda «voz»: a massa sólida do edifício proveniente da pedra de Vals, emparelhada com uma fina membrana de «dorata de pietra» nos pisos, uma pedra proveniente de Itália.

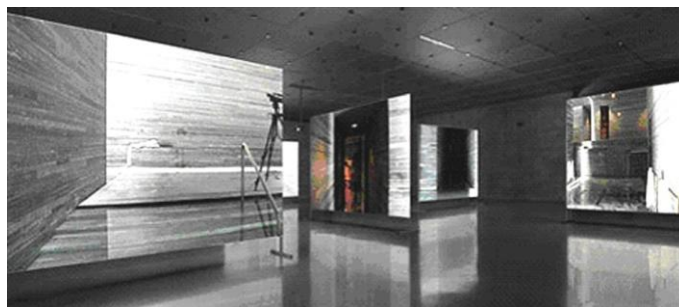


Fotografia 42 – a), b) e c) A difusão da luz nas piscinas interiores das Termas de Vals.

Mas logo descobrimos uma coragem renovada que nos fez confiar exclusivamente na «nossa

pedra» e nas qualidades ela já nos tinha demonstrado (...) “. ²¹⁶ “ (...) Os materiais são infinitos – imaginem uma pedra que se pode serrar, limar, furar, cortar e polir, e ela será sempre diferente. E depois pensem nesta mesma pedra em quantidades muito pequenas ou em quantidades enormes, será outra vez diferente. E a seguir exponham-na à luz e será mais uma vez diferente. Apenas um material e já tem mil possibilidades. Amo este trabalho e de certa maneira, por mais tempo que o faça, mais misterioso se torna (...) “. ²¹⁷

O gabinete de arquitectura construiu uma maquete para ser apresentada no festival que se realizava na povoação de Vals, um modelo em escala construído com esta pedra regional, que depois foi preenchida com água. Através dela o arquitecto constatou que a pedra e água podem relacionar-se naturalmente, e que permitem mesmo fazer usufruir uma relação espontânea sólida. Porque “ (...) a água ama a pedra. E a pedra ama a água, talvez mesmo mais do que qualquer outro material. Os modelos concluídos assim o certificaram: a pedra dá forma ao espaço; o espaço feito em pedra abraça a água que contém; a iluminação especialmente localizada faz com que a pedra se ilumine; a água comunica reflexos, às vezes como um espelho, outras vezes como uma massa sólida – e eis este ambiente, esta atmosfera especial. Há simplesmente que estar atento. É como uma bênção (...) “. ²¹⁸ O encanto potência a produção de ambientes, pelo que é um apoio da arte de bem-fazer. Por isso tudo tinha de estar perfeito em Vals.



Fotografia 43 – Interior do edifício das Termas de Vals.

A temperatura da pedra foi considerada para que não contrastasse com a do corpo humano. Zumthor desenvolveu um sistema para aquecer a pedra como os edifícios termais romanos que utilizavam processos de radiação desde o terceiro século A.C. Até porque (...) *hipókausis significa calor vindo de baixo* (...) “. ²¹⁹ A pedra metamórfica apresenta-se com impacto próprio. Nos locais de banhos ela envolve em sequência constante, acrescentando a sensação de continuidade; a nível individual o seu contacto faz supor que ela é um berço de carícia duradoura.

O arquitecto considerou que não deveria haver imposição de formas arquitectónicas rebuscadas ou de visões escultóricas demasiadas.

Esta decisão permitiu determinar regras precisas: “ (...) a massa – grande e serena – deveria ser deixada sozinha de forma a permitir que a presença da pedra se sinta pelo seu próprio efeito e se possa manifestar nos próprios corpos. Quanto mais confiámos na pedra e lhe permitimos que desempenhe uma função principal, mais ela nos revela as suas subtilidades, o seu grão, as suas estruturas, a sua beleza (...) “. ²²⁰ Sobre a sua vivência o arquitecto comentou “ (...) o spa não está equipado com as tecnologias mais recentes de diversão como jogos de água, jactos,

²¹⁶ Hauser, S. e Zumthor, P. (2008)– «Peter Zumthor Therme Vals», pág. 140.

²¹⁷ Zumthor, P. (2006) – «Atmosferas», pág.s 23 e 25.

²¹⁸ Idem da nota de rodapé anterior, pág. 105.

²¹⁹ Idem da nota de rodapé anterior, pág. 74.

²²⁰ Sigrid, H. e Zumthor, P. (2008)– «Peter Zumthor Therme Vals», pág. 140.

sprays e slides. Antes foi procurado oferecer uma experiência tranquila de limpeza e relaxamento... fruto da relação da sensação da água balneares e do contacto físico com a pedra regional (...).

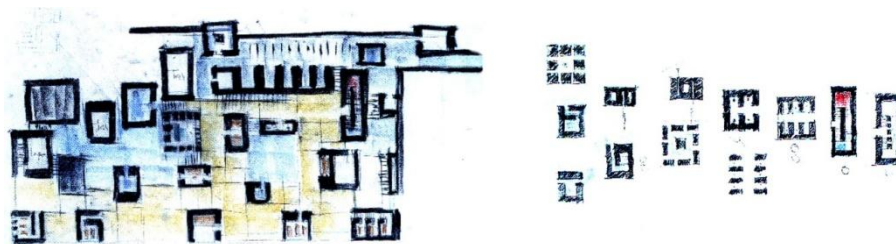


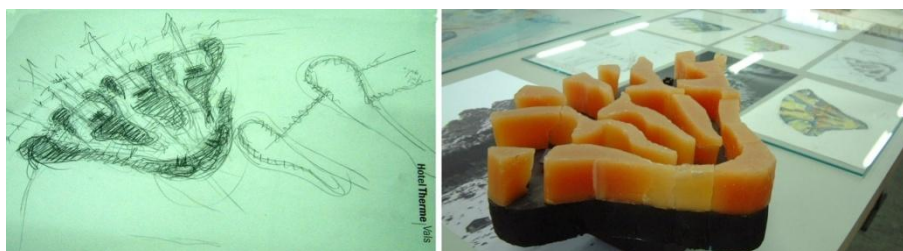
Figura 59 – Esquícios para estudo dos recursos naturais: as instalações balneares incrustadas na própria paisagem.

O hotel é um edifício moderno dos anos 60, branco e curvilíneo. As suas acomodações actuais são de estilo minimalista com mobiliário em madeira escura, quase preta, desenhado pelo próprio arquitecto.

O hall de entrada possui uma enorme janela donde sobressai o campo de relva. É a cobertura verde do próprio spa, alicerçada numa cota um pouco mais baixa.²²¹ Os dois edifícios estão ligados por uma passagem subterrânea com espaços próprios para a mudança de vestuário. A utilização do spa é exclusiva para os hóspedes do hotel entre as 7 e as 11 horas.

O piso principal é organizado por uma série de “pedras cúbicas” que formam as salas de banhos, de vapor, os chuveiros e as áreas de descanso. Entre essas formas descobrem-se espaços vazios que conduzem os utentes até às montanhas, enquadradas em duas grandes janelas. Na zona central encontra-se a piscina principal com ligação ao exterior por continuidade. O piso inferior é de terapia, onde se encontram os pequenos consultórios de massagem, de fisioterapia, etc.

Todo o complexo faz perceber que o arquitecto soube relacionar a água, o lugar e o tempo. O conceito espacial embora aparentemente estático é de facto dinâmico. Esta dualidade facilita o relaxamento e faz despertar dos sentidos. A sua arquitectura expõe ambientes que possibilitam que o utente vagueie em campos imersos simultaneamente em meio líquido e na massa tectónica.²²²



Fotografia 44 – a) Esquícios do Hotel das Termas de Vals; b) Maqueta.

Peter Zumthor é considerado um indivíduo reservado, um arquitecto tipo “anti-estrela”. Sobre a sua resistência de se colocarem relógios no interior das Termas, apesar de pedido pelos utilizadores, ele comentou: “ (...) as razões prendem-se com os rituais do banho. É diferente se se está a construir uma estação de comboios ou um aeroporto. As Termas são muito especiais, é uma nascente quente, um espaço concentrado na água. Se estiver lá... vai certamente tirar o

²²¹ «Los Angeles Times» (14 de Setembro de 2008); página web, tradução livre.

²²² Página web (Setembro, 2008) – www.galinsky.com/buildings/baths, tradução livre do autor.

seu relógio. Há pessoas, clientes das Termas, que vêm ter comigo e dizem que os utilizadores deviam usar apenas fatos-de-banho pretos ou brancos, porque sentem que esta é uma atmosfera especial, de pureza, e que resulta melhor se não houver demasiadas cores. Não é um centro comercial. Mas eu sou sempre pela vida, na sua melhor forma. (...)”.²²³ Este comentário expõe claramente diversidade do conceito latino de vivência balnear, e que nos é conjecturalmente estranho – sugere um comportamento cultural determinado, distante da ideia de actuação em lazer fluido e conforme o espírito mediterrâneo.

Segundo os comentários do ensaísta Hans-Joachim Muller, os edifícios de Peter Zumthor nada têm de triunfal, parecendo “ (...) ... desprovidos de gestos de arrogância reprimida, da grandiosidade da prestigiada arquitectura contemporânea, desprovidos da urgência de ter de atrair a atenção geral no espaço público.... ...A arquitectura de Zumthor é distinta, destaca-se da sua envolvência, e dispensa um gesto extravagante para se fazer notar... ... é atravessada por sentido de dignidade que inclui o respeito pela vulnerabilidade do local da construção, pela preciosidade dos materiais de construção (...)”.²²⁴

Na análise desenvolvida sobre as Termas de Vals apercebemo-nos dum ponto fulcral, que embora dissimulado é de grande amplitude: o tempo na arquitectura.

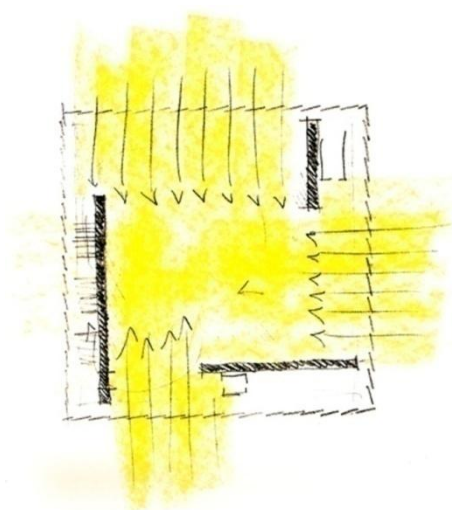


Figura 60 – Estudo de Peter Zumthor que conjuga a matéria, da luz e do espaço - Kunthaus de Bregenz, projecto que obteve o prémio Mies Van der Rohe.

1 - A busca do essencial mostra Peter Zumthor como um arquitecto de *tempo lento*, em aparente contra-ciclo com a dinâmica temporal que a sociedade imprime ao indivíduo (genericamente obrigado a vivências - pessoais e profissionais - pouco adequadas com a sua escala temporal própria).

2- Noções do *tempo* que é confirmada no comentário da entrevista realizada pelo autor a Álvaro Siza Vieira que entende: “ (...) um problema que têm os arquitectos – não sei se é o maior mas é um grande problema – é: dêem-nos tempo para pensar e executar em condições.... ... Na parte construtiva – que vai sendo quase regra – relativamente aos prazos em que se pode fazer uma obra. O panorama geral, na minha actuação é este: nos concursos, os construtores dão prazos baixíssimos que sabem que não podem cumprir. Como foi o caso deste quando soube do prazo do contrato. Disse: isto é impossível!!! (...)”.²²⁵

3 - Ainda a considerar o relacionamento de edifícios de tempos históricos diversos – do hotel e

²²³ Prado Coelho, Alexandra (6 Setembro de 2008), Jornal «Público», P2

²²⁴ Página web (Setembro, 2008) - www.experimentadesign.pt/2009, sobre a exposição da bienal: «Peter Zumthor: Edifícios e Projectos, 1986-2007».

²²⁵ Entrevista apresentada no Anexo I dEste trabalho.

do *spa* de Vals. Eles careciam de conciliação estética que não tinha de ser necessariamente mimética. É provável que o trabalho para a preservação de edifícios históricos nos primeiros dez anos de carreira de Peter Zumthor tenha formado a sua sensibilidade para este propósito. A experiência permitiu-lhe desenvolver conscientemente a integração temporal, fundindo o passado no presente em conjugação harmoniosa com a envolvente.²²⁶

É elucidativo que a apresentação das inúmeras ilustrações ao livro que fundamentou este capítulo se deparam sem texto explicativo.²²⁷ Quanto ao texto, os comentários do arquitecto demonstram um raciocínio sustentado na modernidade e na tradição – uma visão criativa do mundo actual apoiada nas orientações preconizadas nos «Os dez livros de arquitectura de Vitruvius».

Conclusão: a prática da arquitectura requer uma multiplicidade de conteúdos podendo-se afirmar que é também “*pensamento*”.

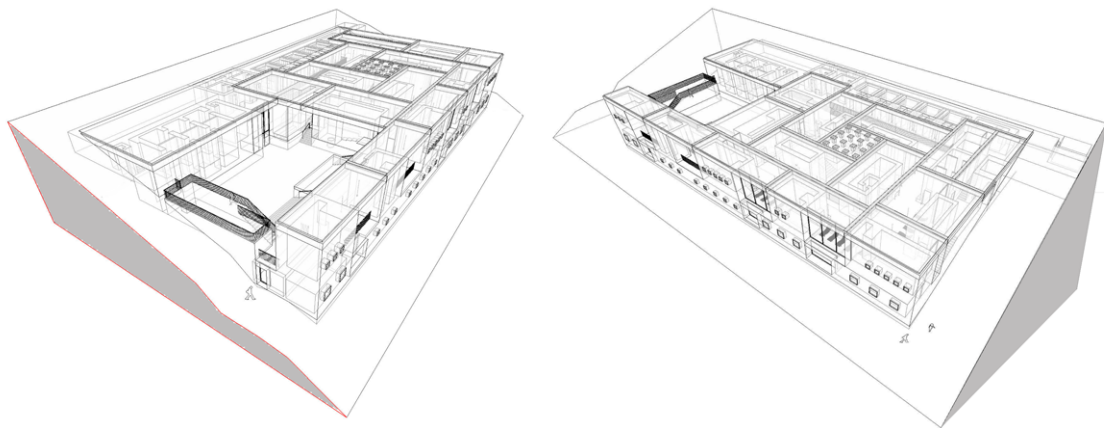


Figura 61 – Termas de Vals: Perspectivas laterais cónicas transparentes.

²²⁶ Página web (Setembro, 2008) – www.royalacademy.org.uk, tradução livre

²²⁷ Hauser, S. e Zumthor, P. (2008) – «Peter Zumthor Therme Vals».

4.3 – A revitalização balnear em Bath.



Fotografia 45 – Díptico termal e em 2º plano, a fachada principal da Catedral de Bath

Bath é uma cidade banhada pelo rio Avon com cerca de 85.000 habitantes. Está situada no condado de Somerset, a 119 quilómetros a Oeste de Londres, Inglaterra, Reino Unido. É uma metrópole graciosa, classificada pela UNESCO de «património da humanidade» pela riqueza arquitectónica dos seus edifícios. Eles expressam conjugação do passado com o presente, pelos traços de modernidade introduzidos na recuperação do seu grandioso património histórico. Dos mais de cem locais dignos de registo, anunciam-se:

- A catedral gótica do século XV, construída sobre uma igreja de origem normanda – famosa pelos vitrais; o «King's Circus» – conjunto de 33 casas em estilo neoclássico construídas em 1754 por traçado de John Wood "o Velho", formando um círculo completo; o «Royal Crescent» – via residencial em semi-elipse constituída por 30 mansões em estilo Vitoriano de três andares sobre um piso rústico, de acordo com o projecto de John Wood "o Filho" inaugurado em 1767; residências voltadas para o «Royal Victoria Park», um imenso parque relvado inaugurado em 1830; a «Palladian Bridge» – uma das 4 pontes no mundo em estilo de Andrea Palladio, construída em 1755 e que se localiza sobre o lago do jardim bucólico «Prior Park Landscape Garden»; a «Pulteney Bridge» – ponte sobre o rio Avon construída em 1773 por desenho do arquitecto Robert Adam, com lojas em ambos os lados e em semelhança com a ponte Vecchio em Florença; o «Pump Room» – "buvete" datada de 1795, com restaurante e salão de chá; os «Banhos Romanos» – piscinas públicas de águas térmicas, construídas originalmente pelos romanos entre os anos 60 e 70 d.C., únicas em Inglaterra; o «Thermae Bath Spa» – complexo termal contemporâneo contextualizado com os edifícios históricos envolventes: e etc.

A cidade teve origem e deve o desenvolvimento às águas termais provenientes de três nascentes, inicialmente exploradas pelos romanos. Devido às suas capacidades de tratamento, tornou-se um local de moda e de distinção social durante o século XVIII. Actualmente e para além da sua condição balnear, é considerada um modelo notável de planeamento urbano no Reino Unido, com influências georgianas e vitorianas.

As propriedades terapêuticas das suas águas – brotam a 46 graus e são arrefecidas para ingestão ou imersão – caíram em desuso nos finais de 70 por questões de salubridade. O desperdício deste recurso terapêutico tornou-se notório, assim como o desaproveitamento da energia natural proveniente das profundezas subterrâneas porque a água quente chega à superfície em borbulhões contínuos. O poder municipal da cidade considerou que a situação tinha de ser corrigida e simultaneamente, satisfazer as necessidades próprias do século XXI da população.

Para isso em 1997 programou revitalizar o culto das águas através de:

- A salubridade efectiva das águas e das nascentes termais;
- O lançamento de um concurso público para a construção de um novo spa.



Fotografia 46 – Imagem virtual do novo edifício integrado na envolvente

A firma «Grimshaw & Partners» ganhou a prova. Ficou também com incumbência da recuperação do complexo termal existente – o adjacente «Cross Bath» e vizinho «Hot Bath»,²²⁸ – edifícios que evoluindo ao longo do tempo e se tornaram emblemáticos.

O líder da firma vencedora, Sir Nicholas Grimshaw é uma figura emblemática da arquitectura actual. Ele é reconhecido como um construtor de edifícios com características modernistas do tipo “high-tech”. Simultaneamente é também um representante da tradição britânica que integra a engenharia nos domínios da arquitectura.²²⁹

A sua obra tem inúmeros edifícios de grande dimensão, facto que lhe faz denotar vocação para obras de escala urbana. Elas têm como características:

- O rigor do desenho;
- O aprofundamento da concepção técnica das estruturas;
- A selecção criteriosa dos materiais construtivos apropriados.

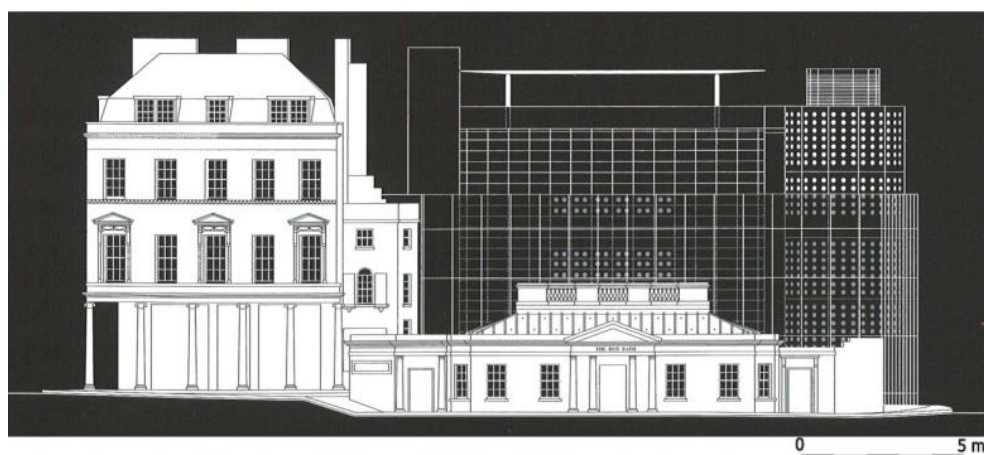


Figura 62 – Alçado principal do Spa

Destacam-se entre outras suas obras: a estação internacional de comboios «Eurostart», adjacente à estação ferroviária de Waterloo, Londres (1993); a Bolsa de Valores de Berlim,

²²⁸ Edifícios reconstituídos por Thomas Baldwin (1789) e por John Wood “o Filho” (1779) respectivamente.

²²⁹ Powell, K. (1993) – «Structure, Space and Skin – the work of Nicholas Grimshaw & Partners»; pág.9

Alemanha (1997); o «Projecto Éden» na Cornualha, Inglaterra, Reino Unido (2001) – a maior estufa do mundo, constituída por centenas de edifícios transparentes interligados em forma de hexágonos e de pentágonos; a Fundação de Arte «Caixa Galícia» na Corunha, Galiza, Espanha (2006) – edifício de contradições premeditadas porque exteriormente é apelativo pela transparência que convida a entrar; e interiormente pelos espaços articulados e fluidos que permitem demarcação pela individualização de grupos.

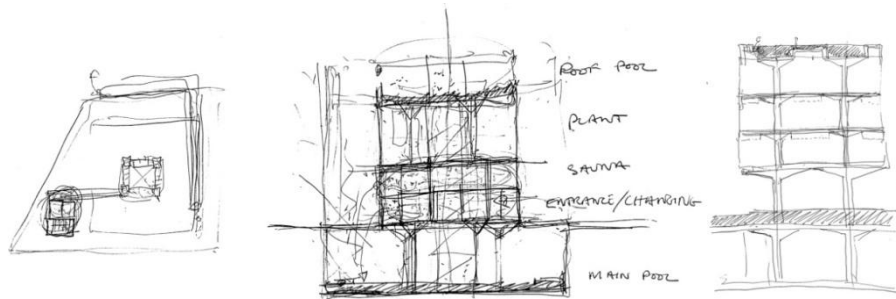


Figura 63 - Esboços de estudos: da cobertura (1); do relacionamento entre andares (2); da estrutura (3).

Ele foi eleito presidente da prestigiada «Royal Academy of Arts» em 2004 e a sua firma tem escritórios em Londres, Nova York e Melbourne. De acordo com o arquitecto “ (...) *um moderno edifício bom deve ter a capacidade em se amarrar a qualquer configuração espacial onde se insere (...)* ”.²³⁰ A sua opinião fundamenta-se em que até ao século XX as pessoas construíam o melhor que podiam, tendo:

- Menor quantidade de materiais de utilização;
- Condicionantes individuais e urbanas mais simples;
- A inexistência da complexidade dos requisitos actuais.

O local de inserção para o novo spa em Bath está rodeado de património histórico. O sítio desfrutava do precedente de lazer porque o local era ocupado pela piscina municipal – a piscina de Beau Street construída em 1927 e considerada como de “*banal*” – que na altura se encontrava em situação de abandono.



Fotografia 47 – Maqueta apresenta na exposição de verão na «Royal Academy», Londres, 1999.

A empreitada consistiu em construir um novo balneário/spa com piscinas de água quente, sauna e salas de tratamento. Para este fim toda a envolvente foi investigada, analisando a volumetria de cada edificado e a escala própria relativa. A nível de caracterização foram examinados os materiais construtivos preexistentes, assim como a consequência da dinâmica solar sobre cada

²³⁰ Grimshaw, N. citado em: Perman, H (2000) - «Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners»; pág

edifício. “. ²³¹ Só depois foi possível designar “ (...) ...um edifício totalmente moderno que se relaciona proveitosamente ...um invólucro de vidro brilhante em torno de um cubo sólido (...).”

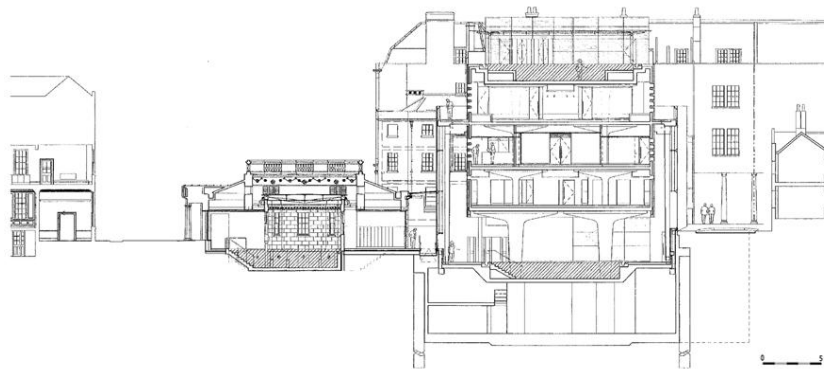


Figura 64 – Secção longitudinal e sua integração na envoltória.

A empreitada envolvia a criação dum edifício moderno num centro urbano galardoado, assim como a remodelação substancial de quatro edifícios classificados. Contudo quando Grimshaw venceu o concurso não tinha experiência de trabalhar em contextos históricos.

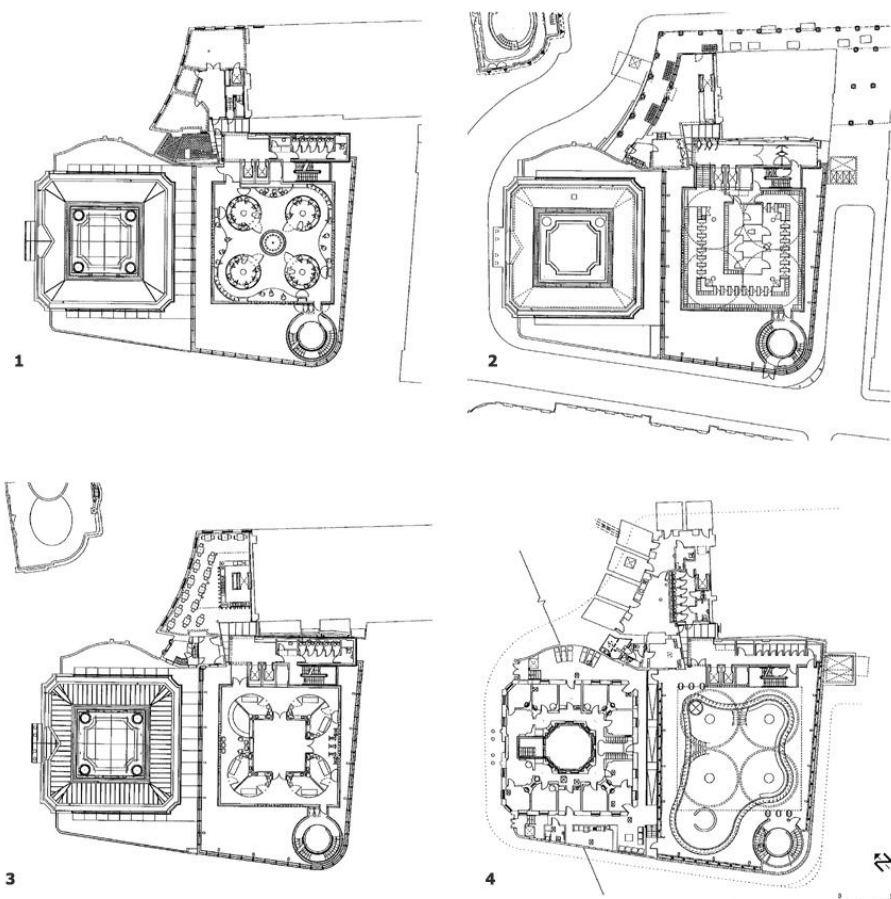


Figura 65 – Plantas no novo balneário: 1- Terraço e área de vapor; 2- Piso de entrada e vestiários; 3- Piso -1 Ginásios, café, gabinetes de tratamento; 4- Piso -2 Banhos quentes e piscina principal.

²³¹ Idem da nota anterior

O seu conceito foi consagrar “*unidade*” ao conjunto, integrando por relacionamento o novo balneário no contexto existente. Outra intenção foi garantir que o novo complexo contribuísse positivamente sobre o ambiente local de maneira a:

- Permitir o seu usufruto também aos residentes;
- Apoiar o lazer nocturno local.

A iluminação, o vidro e a pedra regional das fachadas do novo spa foram elementos determinantes para a criação de relacionamento. Porque:

- A nível diurno – o brilho da pedra dourada nas frontarias origina efeitos subtis apelativos. E a luminosidade dos vidros e o reflexo da envoltória apoiam a integração da imagem citadina e a vida pública urbana.
- Durante a obscuridade – a disposição congregada da luz artificial reforça a legibilidade do tecido urbano e cria uma composição cénica coesa.

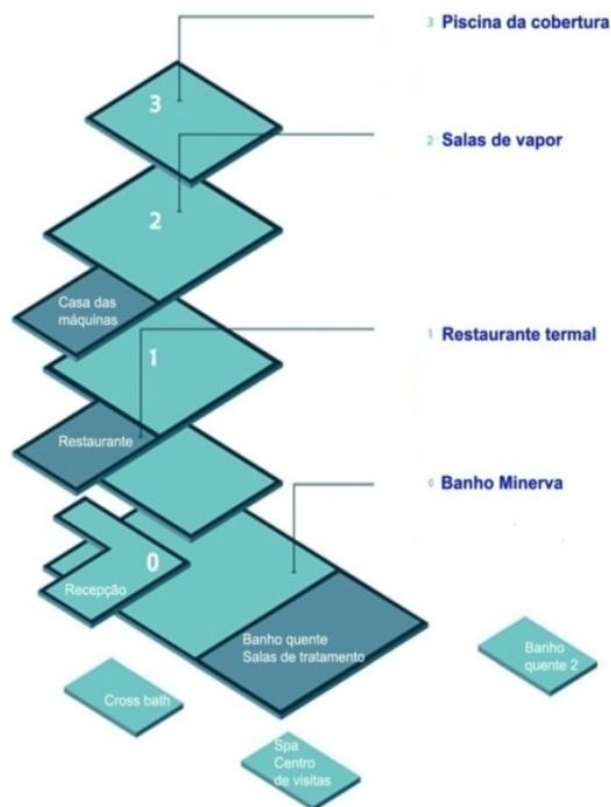


Figura 66 – Esquema funcional do Royal bath.

O novo edifício conjuga-se a nível cénico e funcional com os outros estabelecimentos restaurados do complexo, considerado “*único*” do género no Reino Unido. O novo «Royal Bath» tem a forma de um cubo de três andares, revestidos por pedra dourada proveniente da zona. Está inserido numa caixa de vidro e em continuidade com a linha da curva da rua. A ideia de sequência e de conexão está inserida nas:

- Paredes translúcidas (iluminadas por tons suaves) que cria a sensação de interligação,
- Exibição pública de água e vapor, anunciando os banhos romanos a curta distância.

Outro conceito fundamental foi permitir o usufruto da água no nível térreo e no piso superior do edifício balnear. A configuração das piscinas da nova edificação sugere espontaneidade em contraste com a aparência da antiga piscina de desenho geométrico elementar.

A piscina do piso inferior engloba quatro colunas «Brobdingnagian» – têm a forma de taça requintada – que sustentam todo o enorme cubo. Este é apreendido internamente como um modelo flutuante; que por ser uma forma pura permite integração; e que compreende os vestiários, as salas de vapor e uma piscina (como nas Termas de Vals). A sequência espacial

culmina na cobertura plana com uma piscina ao ar livre; o seu usufruto permite também que o utente contemple a cidade histórica, as colinas verdes e o horizonte.

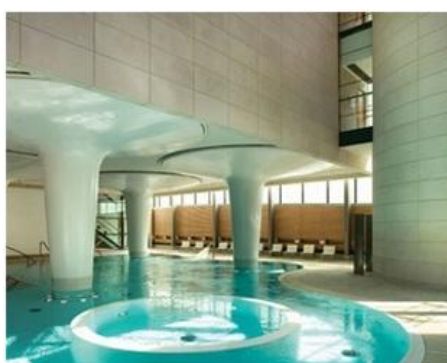
Este projecto é um dos edifícios mais pequenos e invulgares da obra de Grimshaw, reunindo muitas facetas da sua obra. Nele são apresentados:

- Uma forma criativa de edificar no núcleo duma cidade histórica,
- A inclusão de modernidade na restauração:
- A importância do detalhe na integração.

Com um orçamento de 60 milhões de euros apresenta princípios de sustentabilidade energética pelo aproveitamento do:

- Calor natural da água;
- Qualidades de armazenamento térmico da pedra local.²³²

Conclusão: a expressão arquitectónica do complexo demonstra um propósito integrador, realizado de forma coerente e sensível; a própria concepção da iluminação – a pública e a privada – apoia o relacionamento de conteúdos num contexto histórico variado e exigente.



Fotografia 48 – A piscina e as colunas «Brobdingnagian»

4.4 – A cultura termal europeia.

O carácter termal

Os actuais modelos citadinos são caracterizados como “*monótonos*” devido à pobreza de estímulos que proporcionam. O facto resulta do paradoxo das presentes teorias de planeamento desejarem um melhor ambiente para o homem, ignorando a identidade orgânica dos lugares. Actualmente a organização do «lugar» é essencialmente baseada nas considerações funcionais dos elementos que o integram. Normalmente a identificação de um lugar revela-se indistinta, escassa e monótona; e vulgarmente consentem efeitos sensoriais análogos. Este modelo de projectar confere identidades semelhantes a lugares geográficos distintos.

Contudo a experiência urbana deveria permitir que o cidadão se relacionasse por reconhecimento, por surpresa e por empatia. Mas quando tal acontece é vulgarmente pela presença de elementos arquitectónicos e/ou de massa verde que, deixados no tempo, se fazem distinguir. A sua manifestação faz activar impressões próprias que são associados à experiência pessoal. Tornam-se assim referências espaciais, o que faculta o reconhecimento mnemónico, a orientação relativa e a experiência positiva do lugar.

Por contraste as Termas são lugares caracterizados de «carácter», principalmente as de maior

²³² Perman, H. (2000) - «Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners», pág.s 68 a 75

dimensão. A distinção deve-se a incorporarem simultaneamente a escala humana e a dimensão natural, facto que lhes confere identidade fenomenal e simbólica. Estes valores manifestam-se a dois níveis, designadamente:

- De carácter genérico – são entendidos como «espaços existenciais» que permitem «sentir»: a estrutura em massa verde; a consagração da água; a vivência ambiental; a estabilidade dos percursos; o reconhecimento dos pisos pedonais; os sons; as tonalidades da luz; as cores; etc.
- De carácter concreto – os estabelecimentos balneares permitem sensações que para se manifestarem, requerem actividade em lugares próprios.

Assim o seu «carácter» apresenta-se de: «protectivo», por estarem inseridos intra-muros; «natural», por decorrerem em espaços sociais de ambiente espontâneo; «funcional», por permitirem diferentes práticas, adequadas a distintas finalidades; «festivo», por possibilitarem a satisfação do convívio selectivo aos utentes; e «solene», por espontaneamente consagrarem disciplina.²³³ Pode portanto afirmar-se que o carácter termal é parte integrante da experiência balnear, sendo “ (...) *determinado pela constituição formal e material ... que depende da articulação formal do lugar ... que está relacionado com a maneira como construímos... (...)* “.

²³⁴ Donde se depreende que o simbolismo balnear depende:

- Da estrutura topológica do lugar;
- Que a organização própria se manifesta na ambiência dos seus espaços.

O sensorial e o simbólico é consequente da maneira como a realidade termal foi desenvolvida; a tecnologia utilizada é também parte integrante da imagem figurativa, onde se inclui a «high tech».

Efectivamente o carácter termal depende de como as «coisas» lhe estão realizadas.

O estilo termal

1 - «Estilo arquitectónico» é uma expressão considerada para referenciar características formais, técnicas e/ou construtivas comuns em períodos históricos determinados. O desenho termal contudo tem sido influenciado não por um cunho mas por uma variedade de tendências, sendo por isso qualificado de «eclectico». Actualmente os modelos aplicados nos novos estabelecimentos termais mantêm viva esta diversidade. A inserção de novas construções faz anunciar modernidade ao parque existente, apresentando características de:

- Contextualismo com a envolvente;
- Diversidade tipológica;
- Organização espacial heterogénea;
- Valorização dos espaços públicos;
- Amplas fenestraçãoes nos edifícios – principalmente nos locais semi-públicos e públicos;
- Introdução de novos conceitos nos programas funcionais.

2 - A nível de frequência, a clientela balnear europeia do século XXI reconhece as características da nova representação balnear – com as quais se identifica – constatando-se que:

- As Termas apresentam-se democratizadas;
- O aparatoso tornou-se funcional;

²³³ Texto baseado em Heidegger, citado em Norberg-Schulz, C. (1984) - « Genius Loci, towards a phenomenology of architecture», pag13, onde indica:“(…) ...A boundary is not that at which stops but, as the Greeks recognized, the boundary is that, from which something begins its presencing (...)”,

²³⁴ Norberg-Schulz, C. (1984); «Genius Loci-Towards a phenomenology of architecture»; pág. 14, tradução livre.

- Os espaços tornaram-se “*diferenciados*” em vez de “*separadores*” de classes e géneros;
- A representação formal pretende-se dinâmica;
- Nova capacidades tecnológicas são associadas ao preexistente;
- São indiciadores de aproveitamento energético – facto socialmente elogiado.

Quadro comparativo das Termas referenciadas.

A arquitectura actual tenta responder às múltiplas alterações da contemporaneidade como por exemplo: às novas formas de viver, às possibilidades construtivas, à introdução de funcionalidades, etc. Também se associa ao momento formal assumindo a imagem de «modernidade». É portanto consequente das diversas soluções construtivas desenvolvidas; procura responder criativamente (qualitativamente e harmonicamente) às alterações dos modos de viver (a nível individual e social); e utiliza devidamente o potencial (tecnológico, construtivo, etc.) para o bem-estar e benefício dos utentes.

A arquitectura balnear está também implicada neste processo. Pela sua dimensão a incumbência é acrescida pelos compromissos de:

- Inovação formal inserida em contextos de qualidade;
- Organização espacial salvaguardando o meio natural;
- Representar o “*incorpóreo*” na gama dos materiais construtivos.

Perante estas incumbências são expostos comparativamente os três complexos termais investigados. Eles foram construídos de raiz pela mesma altura e com um intuito idêntico: satisfazer os requisitos do turismo balnear moderno.

Salienta-se que o quadro se baseia em condicionantes específicas dissemelhantes.

	Hotel Les Thermas	Termas de Vals	Royal bath
Programa	Reabilitação de um volume único	De escala urbana	De escala urbana
Expressão arquitectónica	4 (massa translúcida)	5 (massa monolítica)	5 (massa transparente)
Imagem	5 (Formal)	5 (Intemporal)	5 (Simbólica)
Inserção no contexto urbano	4	5	5
Interligação interior/exterior	5 (expositivo)	5 (intimista)	4 (contextual)
Esquemas de circulação	3	5	4
Espaços colectivos	3 (circunscritos)	5 (diversificados)	4 (diversificados)
Materiais construtivos	Betão armado; madeira; vidro; aço.	Betão armado; pedra.	Vidro; pedra regional; betão armado
Luminosidade interior	4	5	4
Cor	4	5	5
Total	32	40	36
Legenda: 5 - Excelente; 4 - Muito bom; 3 – Bom; 2 – Razoável; 1 – Sofrível.			

Quadro 3 – Tabela comparativa de três referências termais contemporâneas na Europa (sem Portugal).

4.5 – Nota de capítulo.

Qualquer coisa que permaneça demasiado tempo sem evoluir, aos poucos vai perdendo a energia própria e a torna-se letárgica.

Tal acontece também às Termas que depois de conheceram um longo período de estagnação se projectam para o futuro. O facto é comprovado nos três projectos de modernização termal de comprovada qualidade, da autoria de Jean Nouvel, Peter Zumthor e Nicholas Grimshaw (situados respectivamente em Dax, em Vals e em Bath). Os complexos adaptaram-se à contemporaneidade pela criação de ambientes funcionais em espaços de impacto moderno.²³⁵

Os seus programas apresentam simultaneamente:

- Índole criativa;
- Respeito pelo contexto do local de inserção;
- Propósito de satisfazer as necessidades da sociedade contemporânea.

Da análise das três obras sobressaem diferentes atitudes para a regulação da luminosidade interior nos edifícios. Conjugando-as, surge a constatação que:

- A “luz” é um material primordial na arquitectura actual;
- A inovação não se realiza apenas pela alta tecnologia.

A investigação permite ainda colocar a questão sobre a regulação da luminosidade interior do Hotel-Spa «Les Thermes»: terá a arquitectura considerado que a luz diurna dentro do edifício pode ser um estimulante psicológico e portanto não recomendado a nível terapêutico?²³⁶

²³⁵ De notar que a criação arquitectónica utiliza e conjuga os materiais (também) para criar «ambiência», uma qualidade emocional que somente o artista espacial tem a capacidade de gerar, já que os materiais por si próprios são impotentes e insensíveis.

²³⁶ Conforme referido a luminosidade é um excitante quando em demasia, sendo portanto desaconselhável a nível psiquiátrico. No caso, a luz diurna parece manifestar-se de forma viva, se não haver uma atitude cuidadosa e constante da parte do concessionário. Daí a dúvida académica.

“A arquitectura é um fenómeno concreto que engloba a paisagem e as ocupações humanas, os edifícios e as conjugações expressas. Refere-se a conteúdos e significados existenciais que resultam de fenómenos naturais, humanos e espirituais, experimentados como ordem e carácter. Significam lugar, caminho e domínio, isto é, a estrutura concreta do ambiente humano. Por isso não pode ser descrita através de conceitos geométricos e semiológicos.”

Christian Norberg-Schulz (1926 - 2000).

Capítulo 5 – Análise de quatro intervenções termais em Portugal²³⁷

“A tradição é um desafio à inovação.”

Álvaro Siza Vieira (1933)

1 - No domínio da concepção mental «unidade» não é incompatível, nem antagónico com a diferenciação das partes porque estas são subordinadas, interdependentes e complementares com o todo. Também não significam homogeneidade, pois pressupõe a ideia de uma unidade estruturada em diversidade, ou de uma pluralidade unificada. Em suma, quanto maior a diferenciação dos componentes, mais necessária é a unidade do seu conjunto; quanto maior é a riqueza diferenciada dos componentes, mais necessária se torna a sua síntese unitária; quanto mais complexo for o conjunto, mais difícil a sua fragmentação se torna. Pode-se assim afirmar que a interdependência de um corpo coligado corresponde em proporção directa com as distintas partes que o constituem.

O mesmo se passa com a «cidade termal». Ela é uma trama estruturada inserida na natureza com diversos equipamentos balneares interrelacionados. A interligação das partes e a sua conciliação numa entidade entrosada promove:

- Sentido de identidade de conjunto unitário;
- Expressão patrimonial congregada.

A incorporação na topografia, o carácter dos seus serviços, as interligações espaciais, as interdependências funcionais, etc. faz estabelecer correspondências dentro de uma conjugação integrada. São as parcelas de um sistema estrutural (também) abstracto que, conjugado com a memória própria do «lugar» constituem condicionantes para a modernização balnear. Ao considerá-los, a avaliação do projecto deve desenvolver uma imagem de influência contemporânea e, simultaneamente, apoiar o turismo de lazer e o turismo de saúde.

De notar ainda que disposição urbana da concessão se faz sentir também fora do perímetro termal porque, o seu raio de influência extravasa a própria configuração.

A esta noção associa-se ainda a “*escala mental do lugar*” que, devido aos comentários dos seus utilizadores, favorece (ou não) a distinção apelativa. E assim extravasa o âmbito regional.

2 - A importância dos estabelecimentos termais como receptáculos de vida urbana deriva das qualidades terapêuticas inerentes. Estas propriedades facultaram o desenvolvimento balnear formando sistemas estruturados que integram a natureza e a paisagem. A sua capacidade apelativa permite definir e caracterizar o próprio local de inserção, sendo os seus modelos genericamente reconhecidos pela população.

A sua configuração harmonizada – desenvolvida historicamente em conceitos ecológicos – contribui para os paradigmas do comportamento social. O facto é influenciado também pelos equipamentos existentes, salientando-se que “ (...) os «*objectos*» *parasitários* tão *profusamente* *ilustrados nas cidades* (...) ”²³⁸ não se fazem aqui representar, o que privilegia o relacionamento entre utilizadores e a natureza.

Ou seja, a ligação que se estabelece entre o homem e o lugar termal goza dum carácter qualitativo que se distingue de todos os outros. Além de terapêutica, a estância consagra-se

²³⁷ Nota: cinco das oito estâncias atrás seleccionadas conhecem actualmente processos de modernização. Destes foi possível obter quatro projectos de recuperação denominadamente as Termas da Curia, do Estoril, de Pedras Salgadas e de Vidago. As suas fontes de informação são idênticas às mencionadas na nota introdutória do capítulo 3 e ainda, pelos amáveis esclarecimentos dos próprios autores.

²³⁸ Garcia Lamas, J. (1989) – «Morfologia urbana e desenho da cidade», tese de doutoramento, pág. 84.

como um indutor emocional porque admite e favorece o acontecimento insólito.

3 - A intensidade para o relacionamento salutar é acalentada pelos elementos significativos da unidade. Eles formam as forças próprias que definem a qualidade do espaço balnear. São o reflexo do conceito «genius loci» – o espírito do lugar – que:

- “ (...) *É uma ideia sustentada pela apreensão da atmosfera geral, através da forma e da essência das partes que definem o carácter de um espaço (...)* ”; ²³⁹

E de acordo com:

- “ (...) *As circunstâncias locais como a identidade particular ou o “espírito”, que pode ser descrito por meio de termos concretos, termos “qualitativos” (...)* ” denominadamente pelo: «terra e céu»; «interior e exterior»; «estrutura»; «espaço»; «ambiente»; e, especialmente importante, pelo seu «carácter». ²⁴⁰

²³⁹ Norberg-Schulz, C (1981) - «Genius Loci: Paysage, Ambiance, Architecture» referenciado em Mangorrinha, J. (2000) – «O lugar das Termas» pág. 238.

²⁴⁰ Norberg-Schulz, C. (1984) - «Genius Loci – towards a phenomenology of architecture», pág. 10.

5.1 - As Termas da Curia.

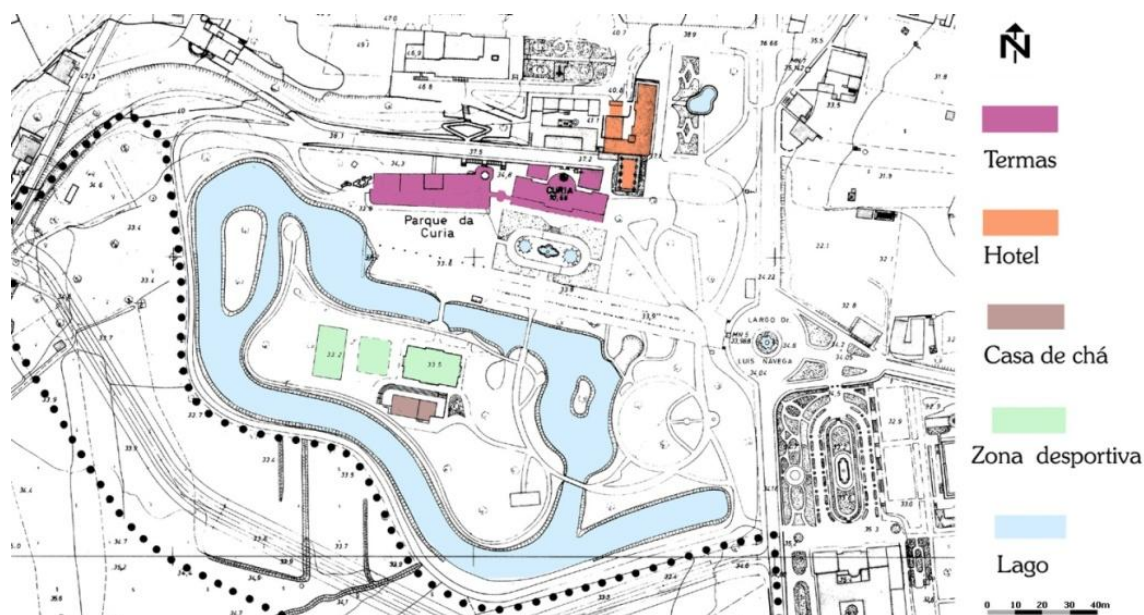


Figura 67 – Planta parcial do Parque Termal da Cúria.

A – Descrição funcional

A estância termal é destinada aos enfermos com doenças metabólico-endócrinas (gota, obesidade, diabetes, doenças reno-urinárias, litíase renal, infecções urinárias), doenças reumáticas e músculo-esqueléticas, artroses, artrite reumatóide, polimialgias, hipertensão arterial. Segundo um fascículo da empresa, a temporada indicada para o tratamento de “ (...) ... cure, é de 15 dias a um mês, conforme os casos, havendo vantagem em repetir durante a época termal, com o maior intervalo possível. A quantidade para cada dose, deve variar entre 30 e 300 gramas, conforme os casos (...).”²⁴¹

As águas das suas três principais fontes são do mesmo tipo hidrotermal. São as denominadas: «Principal» (a mais rica em Sulfatos, cálcio. sódio), «Albano Coutinho» (a mais rica em mineralização, carbonatos e ferro) e; «Olhos» (a que tem menos mineralização, mas a mais carbonatada e rica em magnésio).

Sobre os efeitos terapêuticos pode ler-se: “ (...) ...quer dizer, em 97,5% dos caso de litíase renal houve uma melhoria acentuada....em 93,5% dos casos de reumatismo houve uma melhoria acentuada...nas nefrites obtivemos 100% de melhorias acentuadas...aos casos de hipertensão arterial obtivemos 86% de grandes melhorias (...) ”.²⁴²

B – Características da água

Conforme análises do insigne professor dos Instituto Superior Técnico, Charles Lepierre, é uma água fria que brota a cerca de 19°C, mesosalina, sulfatada e bicarbonata cálcica, magnésica, sódica. É uma água incolor de gosto salobro, que não se turva nem se precipita. A sua

²⁴¹ Sociedade das Águas da Curia (1915) – «As Águas da Curia e a sua Estância».

²⁴² Acciaiuoli, L.M. (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa; em Arquivos Clínicos das Termas da Curia»; III fascículo.

mineralização alterna conforme a fonte, sendo de 2,26 a 2,33 mg/l. Apresenta um pH de 6,9.²⁴³ A Curia tem qualidades terapêuticas singulares, sendo “ (...) a *Contrexéville portuguesa sem exagero e, como esta, deve ser essencialmente uma cura de boisson*”.²⁴⁴ Por ser uma água sulfatada cálcica é também semelhante a água de Vittel e Caporein (França). Segundo o relatório técnico-curativo de 1946:” (...) *Das doenças tratadas, verificaram-se as seguintes percentagens: doenças de rins – 39%; reumatismo – 34%; doenças de circulação – 10%; doenças nervosas – 5% e gastrointestinais – 1%... ...Saíram 12 991 litros de água, dos quais 11 352 litros em garrafas e o resto, em garrafões (...)*”.²⁴⁵

C – Localização e acessibilidade

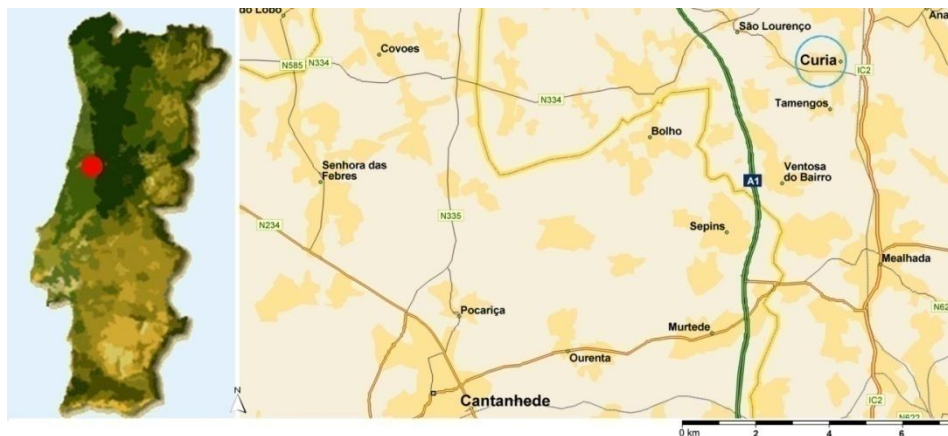


Figura 68 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

Está situada na Freguesia de Tamengos, concelho de Anadia, distrito de Aveiro, distando a Sul da cidade do Porto cerca de 95 quilómetros, e 230 quilómetros a Norte de Lisboa. A estância é de fácil acesso: tem ligação contígua ao itinerário que liga as duas principais cidades do país, tanto à estrada nacional nº1, como à auto-estrada A1.

D – Construção e resumo histórico

Segundo «As Águas da Curia e a sua Estância», a terminologia «curia» tem origem grega ou árabe e é indiciadora dum local com abundantes nascentes e regatos. Por ser um lugar farto de água os seus habitantes cultivavam a vinha, a oliveira e cereais. Contudo as vinhas desapareceram e o local tornou-se ermo devido à filoxera que ocorreu entre 1884 e 1885.

Outra tese sobre a denominação do local comunica que nos tempos da dominação romana: “ (...) ...*tinha o nome de Aqua Curiva, patronímico latino que quer dizer a água que cura; como a sua vizinha Anadia era Aqua Nativa, água natural, sem as virtudes terapêuticas da outra. Pois aquela designação leva-nos a crer que os romanos já tinham em apreço o calor crenológico da Aqua Curiva (...)*”.²⁴⁶

As duas teses são concordantes aquando ao surgimento da importância local. Estavam as nascentes no esquecimento colectivo quando em 1862 um funcionário, em serviço de

²⁴³ Conjugação da informação de: 1) Acciaioli, L. M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46»; 2) Anuário Termas de Portugal (2006).

²⁴⁴ Sociedade das Águas da Curia (1915) – «As Águas da Curia e a sua Estância», pág. 32

²⁴⁵ Acciaioli, L. M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46», pág.s 34 e 35.

²⁴⁶ Rocha Brito, A. M. da (1954) – «O lugar da Curia na crenoterápia portuguesa»; separata da revista «Clínica, Higiene e Hidrologia», pág. 5; transcrição de informação na conferência do Dr. Piel.

assentamento da 1ª linha-férrea que viria a ligar Lisboa ao Porto, se cura rapidamente duma dermatose nas pernas que há muito o incomodava. A sua regeneração seria consequente do simples facto de se ter banhado no poço abandonado por várias vezes. Espalha-se a notícia dos efeitos miraculosos e o local passa a local de peregrinação entre 1890 e 1900. A intuição clínica do médico Francisco Cancela manda erguer um barracão onde as águas se passaram a aplicar aos doentes reumáticos, ulcerosos e com problemas dermatológicos. O direito à sua exploração pertencia por à Câmara Municipal da Anadia que contudo não lhe dedicava qualquer atenção especial. Terá sido o médico Luís Navega (1897) a encomendar a sua análise laboratorial ao cientista francês Charles Lepierre, então radicado em Portugal.

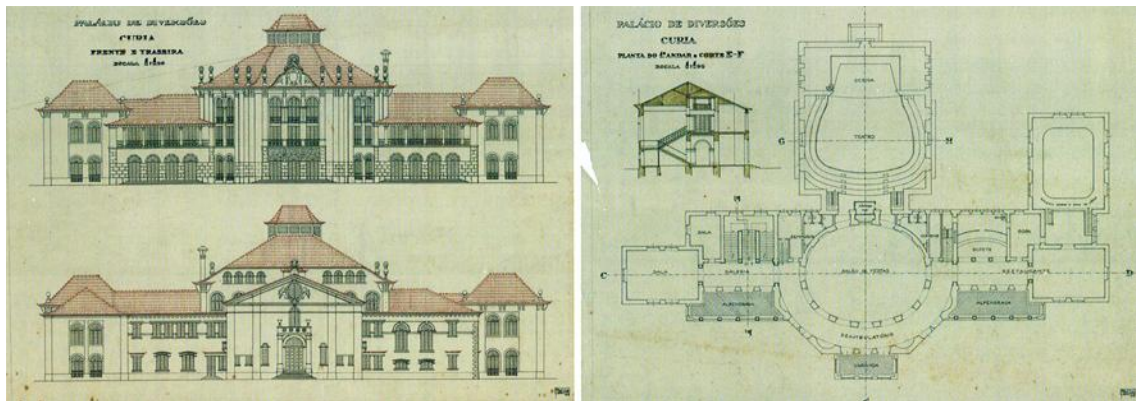


Figura 69 - – Alçados e planta do 1º pisos da proposta do «Palácio das Diversões» de Raul Lino (1918).

Pouco tempo depois foi constituída a Sociedade das Águas da Curia, associação regional que tinha como propósito a exploração destas águas de características únicas. O consórcio obteve a concessão por alvará régio de D. Carlos I em 1902. Logo depois foi feita a primeira captação, tendo-se iniciado a comercialização de água engarrafada, que foi também exportada para o Brasil e para África.

Posteriormente o terreno argiloso e encharcado foi drenado e regularizado de forma a permitir a construção e o funcionamento de três hotéis, inaugurados em 1903.

No relatório de 1906 o Inspector Médico Tenreiro Sarzedas considerava esse balneário de " (...) *modesto e um pouco acanhado, mas dotado com o indispensável para a exploração das águas da estância (...)*." Este «*indispensável*» consistia em dois gabinetes com banheiras de mármore para banhos de 1ª classe, e oito banheiras de zinco das quais, quatro destinadas para 2ª classe e as outras para 3ª. O relatório instigou à construção de uma piscina de 8 X 5 m, duche de agulheta, duche circular e «*duche de chuva*».

Segundo documentação administrativa, a buvette foi inaugurada em 1913 de acordo com o projecto do arquitecto Jaime dos Santos. Um pavilhão acolhia as três nascentes – relativamente próximas entre si, formando um triângulo de lado maior com 11 metros – que permitia abrigar os aquistas que aí queriam permanecer. O balneário era construído segundo os moldes dos estabelecimentos congéneres na Europa da altura, ligando-se à buvette por uma galeria coberta. Componha-se de três corpos ligados, sendo os dois laterais exteriormente simétricos entre si, e destinados aos banhos para cada um dos géneros. Nesta década foi também construída a casa de correio, a casa de engarrafamento, a casa das máquinas, o laboratório de análises clínicas e o parque foi delineamento. Em frente dos balneários foi desenhado o jardim com um lago central. Junto à buvette, sob a escadaria de tipo império, mandou-se construir uma pequena gruta. O parque foi organizado por um lago, diversas pontes, campos de jogos e uma casa de chá.

Em poucos anos o estabelecimento termal ficou servido por todo o tipo de infra-estruturas modernas para a época; estação telegráfica (1910), iluminação pública eléctrica (1914), telefone (1924), etc. O Hotel do Parque-Curia da autoria do arquitecto Carlos João Chambers Ramos foi construído em estilo Arte Nova em 1922. No mesmo ano iniciaram-se as obras de remodelação

e ampliação do Palace Hotel – imponente edifício situado exterior à área concessionada – por projecto do arquitecto Norte Júnior.

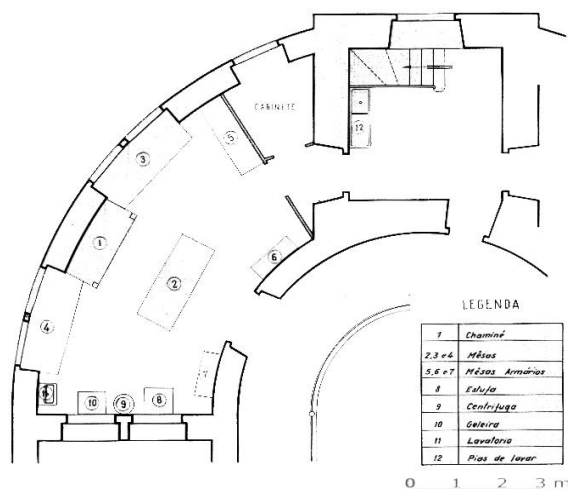


Figura 70 – Projecto de laboratório de análises clínicas, construído na década de 1920.

Este arquitecto foi seleccionado também para projectar a remodelação da piscina termal e do balneário; e ainda para lhe integrar uma área para o jogo e outra para dança. Esta intervenção (1935) é considerada do tipo “*eclética tardia*” pela conjugação do vocabulário «art nouveau» (nos vitrais, gradeamentos, mobiliário, etc.) no estilo «neo-clássico» (na escadaria, colunas, cúpulas, etc.). Razões de ordem financeira fizeram que o projecto fosse realizado parcialmente.

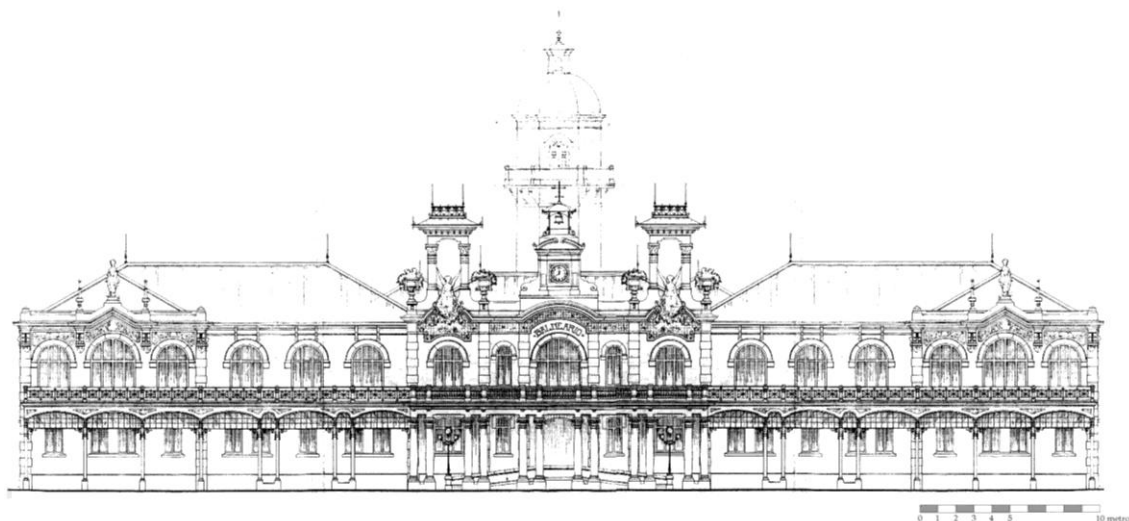


Figura 71 – Alçado principal do «balneário antigo» do projecto da autoria de Norte Júnior (1935), não totalmente construído como por exemplo, as três pequenas torres centrais do 1º plano.

Devido às interrupções da rede geral que faziam parar das bombas, realiza-se em 1942 a rede própria de distribuição eléctrica; e um novo furo de captação de água para proteger e garantir o caudal da poluição; e também se completou a rede de esgotos da água das bicas e dos banhos que permitia a sua fiscalização por um raio de 50 metros devido à existência de uma caixa de visitas.²⁴⁷

²⁴⁷ Conforme autorizações documentais da tutela.

Em 1944 foi inaugurada a estação dos caminhos-de-ferro, segundo o projecto do architecto Cottinelli Telmo (1938). Em 1938 o architecto Raul Lino foi convidado para desenvolver a transformação das Termas, assentes no projecto de Norte Júnior (1935).

Em parceria com o mestre Teixeira Lopes e com o engenheiro Freire de Andrade desenvolveram os ante-projectos (1939) para a remodelação do balneário existente e à construção de um novo. Posteriormente projectou a transformação do «Pavilhão das Fontes» (1941). Estes programas não chegaram a ser concretizados.

Em 1945 a estância sofre uma transformação radical destacando-se a capacidade de Manuel Pinto de Azevedo, um empresário da cidade do Porto.²⁴⁸ Interessado em manter o espírito balnear em evolução, o gestor contracta uma nova equipa de architectos que projecta a ampliação e remodelação do balneário de 1º classe; e procederam-se a notáveis investimentos, destacando-se a conjugação urbanística dos novos edifícios.



Fotografia 49 – Arcada de acesso ao Balneário, Casino e Cinema.

Assim o eixo principal – avenida central com um enfiamento de arvoredo – concorda no troço final com a extensa fachada do novo balneário de 62 metros de comprimento. Este edifício forma com aquela alameda um largo ângulo obtuso, delimitando a perspectiva de aproximação de forma ampla. O deambulatório segue ao longo do eixo longitudinal do edifício, comum a todos os aquistas, é uma alta galeria com 6 metros de pé direito, bem iluminada pelo alto e pavimentada a mármore. Transversalmente é cortada a meio por uma parede divisória que separa os géneros; e é composto por: sala de agulheta com vestiários; câmara de banho de imersão; sala de massagens; rouparia; e sanitários.²⁴⁹

O balneário foi delineado para a comodidade dos banhistas – tinham à sua disposição toda a terapêutica da altura – mas com sentido económico do espaço. O pavimento do edifício foi afundado para que o enchimento das tinas se desse por gravidade. A construção dos planos exteriores seguiu em conformidade com o tradicional português, sendo utilizada cantaria com paredes rebocadas, caiadas com cor clara. Como material de cobertura foi utilizada telha mecânica de encaixe da “ (...) *Cerâmica Dr. Elvas, Caramujo ... que se assemelha no feitio e cor aos telhados antigos (...)* ”.²⁵⁰ Vários problemas surgiram pela altura, devido à acentuada descida de nível de captação das águas termais. A situação, anormal e alarmante, foi devido ao

²⁴⁸ Brochura informativa do Hotel da Curia (Maio, 2007), de distribuição pública.

²⁴⁹ De acordo com informação obtida pela análise documental dos dossiers das Termas, em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia.

²⁵⁰ Memória descritiva do projecto em repositório na Direcção Geral de Energia e Geologia.

grande débito das bombas eléctricas dos poços do terreno particular situado próximo do perímetro de concessão (Quinta de Tamengos - anteriormente os poços serviam a rega assistidos por engenho de bois). A dificuldade foi resolvida por acordo mútuo com a intervenção do Ministério da tutela. A partir desta altura não foi permitido a abertura de novos poços para fins agrícolas nas cercanias (o problema demonstra a importância da correcta delimitação do perímetro da concessão termal).



Fotografia 50 – Fonte Albano Coutinho no interior da Buvete.

Em 1955 as instalações indústrias para a lavagem de garrafas e para o engarrafamento das águas comercializadas são reformuladas; em 1964 a fábrica é ampliada, possibilitando a introdução de novas técnicas.²⁵¹

Em 1968 o declínio da estância é constatado como informa a notícia do jornal diário «A Capital» ao referir: " (...) *O desinteresse dos responsáveis faz que, de ano para ano, os visitantes sintam um profundo descontentamento e desejem uma melhoria de serviços, cuja desorganização atinge desagradáveis proporções...o mais alarmante de tudo, é ainda, a falta de água, embora as nascentes estejam a transbordar...*".²⁵²

Dentro das expectativas resultantes do ressurgimento termal, a concessionária actual das Termas da Curia encomendou ao arquitecto Manuel Gil Graça um projecto de remodelação e requalificação dos dois balneários.

²⁵¹ Desde 1913 que as «Águas da Curia» vinham a aumentar a produção diária industrial; nesse ano de cerca 3 000 litros, equivalente 10 000 garrafas. Em 1964 a produção diária era de 12 000 litros. (informação baseada nos documentos em acervo na Direcção Geral de Energia e Geologia).

²⁵² «A Capital» (28/071968). O jornal deixou de ser publicado em 2005; recorte da noticia arquivada nos dossiers da Direcção Geral de Energia e Geologia.

5.1.1 - Projecto de modernização das Termas da Curia



Figura 72 – Folheto com planta do projecto do parque das Termas da Curia da autoria Arquitecto Manuel Gil Graça.

A nível global nota-se actualmente um surto de valorização das estâncias termais tradicionais. Mas cada região tem as suas características específicas “ (...) pelo que se deve avaliar antecipadamente e com profundidade os impactos a nível de ambiente social, físico e locais, produzidos pelo turismo – considerado uma indústria de sucesso. Deverão desenvolverem-se competências, capacidades técnicas e económicas que permitam a viabilidade de definição do «produto» turístico regional (...) ”. ²⁵³ Para tal, o investimento nas infra-estruturas é indispensável. É este o modelo que permite encetar numa nova fase naqueles locais de notoriedade (terapêutica e social), potenciando simultaneamente o desenvolvimento local e regional.

É o caso da Curia. A povoação beneficia de ser um dos vértices de um triângulo turístico que reúne valores etnográficos, folclóricos, artísticos e patrimoniais dignos de nota (Curia/Luso/Buçaco). Aliam-se ao facto as qualidades terapêuticas das nascentes da Curia, facto que permitiu que se desenvolvesse um parque termal de cerca de 14 hectares com vegetação luxuriante; com um grandioso lago que serpenteia o terreno e por onde deambulam animais de presença graciosa; e onde estão inseridos os estabelecimentos balneares.

Na envolvente exterior da estância cresceu um pequeno núcleo habitacional que teve início na via de acesso da estação do caminho-de-ferro e da estrada nacional nº1 ao lugar balnear. O pequeno burgo é constituído por conjunto diversificado de edifícios turísticos que mantêm uma fraca relação com o parque. É constituído por pensões, numerosas casas particulares de acolhimento, restaurantes, etc. e ainda pelo Palace-Hotel. Este edifício destaca-se pelo carácter majestoso, *informando* o viajante da aproximação a um universo peculiar.

Foi inaugurado em 1926 segundo o projecto Arquitecto Norte Júnior. ²⁵⁴ Manifesta-se em estilo

²⁵³ Moura Ramos, Maria Helena, directora geral de turismo (1992) – «Termalismo na Comunidade Europeia»; seminário internacional.

²⁵⁴ Vencedor por cinco vezes do Prémio Valmor.

«Belle Époque» com influência «Arte Nova».

O hall deste sumptuoso edifício aproxima-se do conceito de recinto “ (...) *porque se assemelha a um grande salão de concepção entre uma grande sala de estar e um grande terraço ao ar livre, com duplo pé direito. No balcão donde se pode contemplar o espectáculo do ir e vir dos utentes, multiplicam-se as possibilidades de encontro e de controlo sobre tudo o que ocorre no edifício: a festa está servida (...)* ”.²⁵⁵ Uma construção foi introduzida nos seus jardins com a forma de navio desenhada pelo arquitecto Raul Martins. Foi e inaugurada em 1934 e denominada a «piscina-praia».



Fotografia 51 – Curia Palace Hotel durante a fase final da sua modernização (2007).

Também o Palace-Hotel entrou em decadência em resultado do declínio termal dos anos 60.

Em Junho de 2008 reabriu as portas ao público depois de prolongadas obras de requalificação a cargo do gabinete de arquitectura Capinha Lopes & Associados. O hotel manteve a traça original em atmosfera «Art Déco», melhorando os níveis de conforto de acordo com os parâmetros requeridos para um edifício de quatro estrelas.²⁵⁶ Uma nova ala foi-lhe anexa onde a piscina interior, o spa e o auditório para 200 pessoas se encontram. O jardim histórico foi reconstituído pelo gabinete de arquitectura paisagística de Cláudia e Udo Schwarzer. Eles também desenvolveram o conceito para a quinta pedagógica da propriedade que se estende até ao sopé da Serra do Buçaco (com 12 hectares). Aí foram organizados terrenos para a agricultura biológica (fornece a gastronomia do hotel) e espaços para o enoturismo²⁵⁷ (aproveita a recuperação da vinha, do bosque e da paisagem para fins turísticos).

O restante edificado do pequeno burgo foi construído genericamente na primeira metade do século XX. É maioritariamente de tipo modesto e sóbrio, geralmente de um a três pisos de volumetria. São estabelecimentos que também sofreram com a redução do número de aquisições, pelo que alguns proporcionam actualmente uma aparência pouco qualificada.

A Curia faz pressentir grandiosidade passada que requer modernização.

A – Sumário da proposta

A actual concessionária das Termas encomendou um projecto de remodelação e requalificação a Manuel Gil Graça (2002). A concepção proposta por este arquitecto teve como linha de força a requalificação da unidade termal; teve como intenção permitir que o complexo balnear possa usufruir de qualidade contemporânea, promovendo em simultâneo o turismo termal e o de lazer;

²⁵⁵ Leboreiro Amaro, Maria A. (2004) – El balneario – La ciudad ensimismada, pág.s 122.

²⁵⁶ Marques, Célia in semanário «O Sol», dossier «Bolsa imobiliária» (28/06/2008); confirmado posteriormente pelo escritório que desenvolveu o projecto e por visita do autor.

²⁵⁷ Actividade turística baseada no apreço pelo aroma e sabor dos vinhos, e nas tradições culturais da localidades que os produzem.

e como propósito pretendia valorizar as reconhecidas características ambientais do lugar.²⁵⁸ Uma metodologia foi definida para atingir objectivos que foram baseados na avaliação patrimonial existente e em conclusões de estudos económicos. A sua elaboração determinou critérios que transcrevemos:

- “ (...) Considerar o enquadramento deste empreendimento dentro de uma perspectiva e dimensão Nacional e Ibérica;
- Defender o conceito do Termalismo e Turismo permanente;
- Propor um Estabelecimento Termal moderno, com dois centros de atracção, o Balneário antigo, e o Balneário novo, ambos com tratamentos clínicos Termais, dimensionados para funcionarem durante a maior parte do ano;
- Reservar espaços para a realização de eventos sociais, com particular ênfase para a realização de reuniões e congressos, que privilegiem ambientes tranquilos;
- Desenvolver o projecto de uma forma integrada, que possibilite a interligação e o funcionamento das diferentes unidades do equipamento e que consolide os objectivos propostos, o que, no seu aspecto formal, se traduz por uma adequada concepção e dimensionamento dos espaços, suas interligações, privilegiando o ambiente calmo, tranquilo e repousante;
- Assumir a realidade da rede viária interna do Parque e a localização dos edifícios, considerando-a adaptável às novas condições criadas pelo projecto, sem que no entanto se percam as características do Parque (...) ”.²⁵⁹

O projecto integra os dois balneários, dos quais se destacam o “balneário antigo”; o hotel; uma galeria; a piscina exterior; a casa de chá; áreas desportivas; jardins, o lago e o parque; etc. Ele propõe uma nova concepção de urbanidade na área concessionada, denominadamente por:

- Melhorar as condições do parque pela introdução de novas espécies da flora e da fauna, com ordenamento da mata, do lago e naturalmente, da paisagem.
- Organizar a circulação dos caminhos rodoviários/pedonais existentes, constituídos por uma trama há muito consolidada de avenidas, vias, trajectos e ligações com a rede viária exterior, sem a transformar;
- Manter a linguagem estética dos edifícios existentes, conservando as fachadas e as fenestraçãoes;
- Renovar o valor funcional e patrimonial dos vários equipamentos;
- Ampliar o Hotel das Termas;
- Requalificar a Casa de Chá como espaço de atracção museológico,
- Dotar os edifícios de uma concepção estrutural actualizada, privilegiando a utilização de materiais duráveis;
- Introduzir profundas modificações nos interiores dos edifícios. A remodelação permite a introdução de novas capacidades funcionais nas comunicações verticais, na segurança, na ventilação, na iluminação, na acústica, etc.²⁶⁰

O programa encontra-se ainda em fase de apreciação (2010).

B – Concepção arquitectónica

O actual projecto arquitectónico privilegia os dois edifícios balneares existentes, os designados: «balneário antigo» e «balneário novo». Estes dois estabelecimentos foram construídos em períodos distintos; actualmente o primeiro encontrando-se desactivado e o segundo em

²⁵⁸ De acordo com informação dos documentos cedidos próprio Manuel Gil Graça (Novembro de 2007).

²⁵⁹ «Memória Descritiva» do projecto.

²⁶⁰ Arquitecto Manuel Gil Graça – o teor da proposta do projecto.

funcionamento. Hierarquicamente o balneário antigo é sem dúvida o componente mais importante do conjunto arquitectónico balnear. Devido ao seu carácter e valor estético excepcional ele é a expressão central de toda a definição formal das Termas. É um edifício de estilo Belle Époque de traço ilustre e monumental. Desenvolve-se por um eixo de simetria que define a entrada, a escadaria, a balaustrada e o torreão. Estende-se ritmadamente com pilastras cadenciadas nos seus ângulos, colunas adornadas com capitéis poderosos e numerosas janelas de tamanho e de ordem distinta conforme a localização altimétrica.

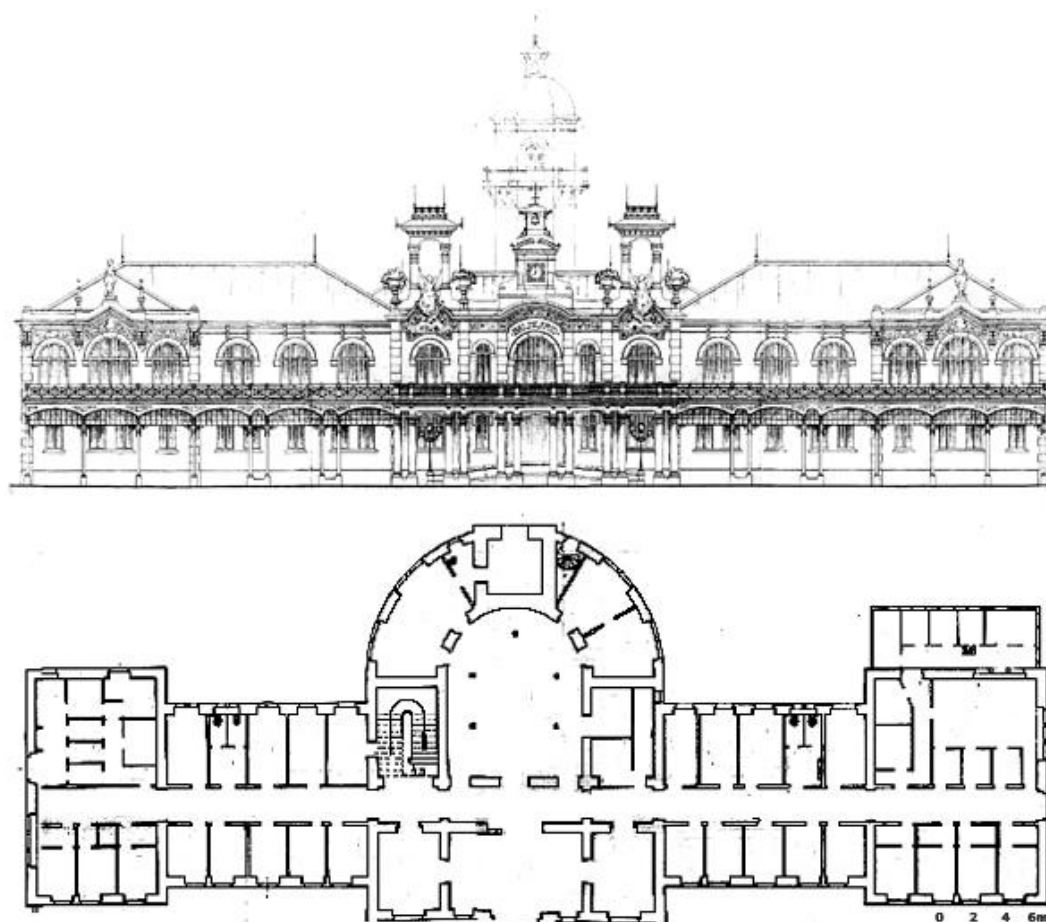


Figura 73 – Alçado principal e planta do primeiro piso do projecto de transformação do estabelecimento balnear da autoria de Norte Júnior (1935).

Funcionou simultaneamente como estabelecimento balnear, casino, cinema e buvete, conforme piso e ala de utilização. Os balneários estão interligados com o hotel por uma galeria que prolonga a grandiosidade do edifício de Norte Júnior (1935). A sua imagem evidente caracteriza o local. Possibilita que o utente sublima as contrariedades porque, a sua manifestação visual induz vitalidade.²⁶¹

C – Balneário antigo

As paredes exteriores existentes e as fenestranças no edifício são respeitadas e consolidadas no projecto de remodelação. A demolição será essencialmente no interior devido à nova

²⁶¹ Congregação da informação recolhida em: (1) investigação documental em depósito na Direcção Geral de Energia e Geologia e com o (2) teor da proposta do Arquitecto Manuel Gil Graça.

concepção funcional e à organização reformulada do espaço.

As comunicações verticais passam a ser organizadas também com ascensores, permitindo a utilização das instalações por indivíduos com incapacidades motoras e salvaguardando uma eventual necessidade de uma rápida evacuação do edifício (conforme as normas de segurança exigidas para um edifício de carácter público).

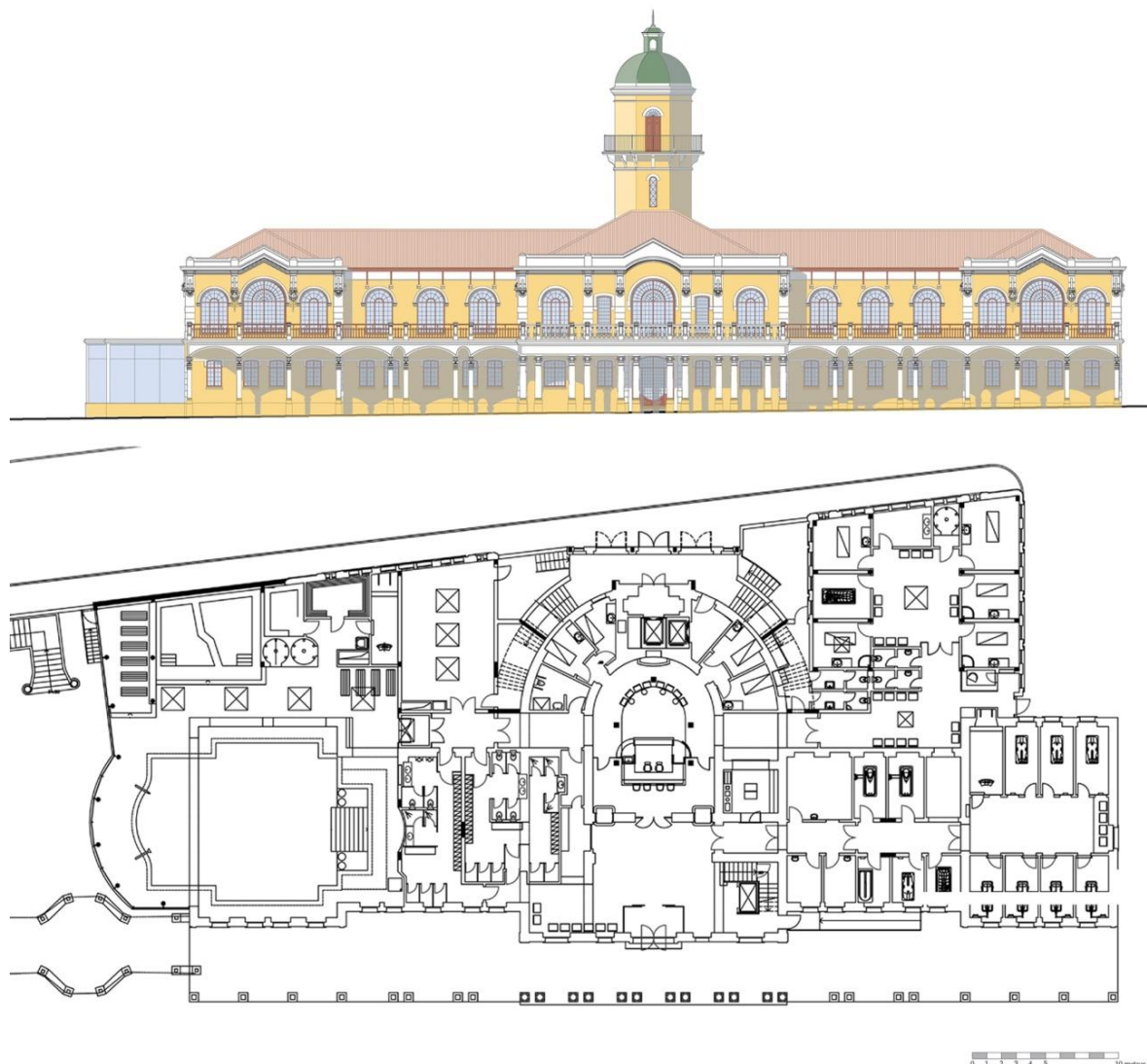


Figura 74 – Alçado principal e planta do primeiro piso do «balneário antigo» do projecto de 2002.

As escadas passam a ter uma nova localização por se ter considerado a necessidade de serem rapidamente referências pelo público. Funcionalmente os dois pisos do balneário passam a oferecer:

- Rés-do-chão: grande hall de entrada com guarda-vento, recepção e zonas de espera (permitem conciliar várias actividades); piscinas termais; salas de banhos de vapor e sauna; duches circulares; ginásio; salas de tratamento; duche escocês; banheiras hidromassagem; duche Vichy; salas polivalentes; balneários e sanitários para ambos os sexos; gabinetes médicos com primeiros socorros; e instalações de pessoal
- 1º Andar: grande hall de recepção com zona de espera e sala polivalente de actividades; sala de reuniões que permite o convívio entre os utentes; grande terraço orientado a Sul; bengaleiro; copa / catering; instalações sanitárias para ambos os géneros; e instalações de pessoal

D – Balneário novo

O edifício é formado por dois volumes projectados com diferentes intencionalidades e de estilos insuficientemente harmonizados. A sua imagem apresenta-se descontínua e pouco concertada, mesmo considerando o «ecletismo» da arquitectura termal. Assim:

- A fachada Sul ostenta dinamismo, percebendo-se intuitos de expressão decorativa. Tem alguns indícios característicos do movimento «Arte Nova» e nota-se o propósito de apresentar harmonia, proporcionalidade e carácter. Não permite uma ideia sequencial com o balneário antigo, com o qual se encontra formalmente dissociado. Existe uma interrupção a nível estético e funcional entre os dois balneários, evidenciando uma deficiente capacidade de circulação;
- A fachada Norte apresenta-se como um módulo vulgar, de aspecto sólido e estático, não se percebendo a ideia subjacente. O actual projecto confirma a situação e esclarece que: “ (...) ...embora se reconheça esta contradição, nesta altura não se mostra viável numa intervenção acentuada ao nível das fachadas (...) ”.²⁶²



Figura 75 – Alçado Sul do «balneário novo» remodelado pelo projecto de Manuel Gil Graça (2002).

O novo projecto contempla uma coerente disposição de comunicações, serviços e actividades no balneário novo. Passam a estar distribuídas da seguinte maneira:

- Rés-do-chão: grande hall de entrada e recepção; piscina terapêutica; salas de tratamento, banheiras, massagens; ginásio; vestiários e sanitários para os dois géneros; instalações de pessoal; serviços técnicos e mecânicos;
- 1º Andar: grande hall de circulação; sala de repouso; gabinetes médicos; sala de análises; sala de primeiros socorros; salas de fisioterapia; e instalações sanitárias para ambos os géneros.

Quanto às comunicações e às circulações verticais deste edifício, prevê-se a construção de uma nova escada e de um ascensor que irão ligar o hall de entrada principal ao 1º andar. Todas as barreiras arquitectónicas existentes foram eliminadas pela introdução de caminhos de fuga rápida, conforme as actuais normas legais de segurança de riscos contra-incêndios.

Genericamente a nova proposta propõe na reformulação das instalações, dos serviços e das comunicações para poder actualizar e receber novas funcionalidades. Uma organização espacial efectiva que se adapta ao carácter e à volumetria do pré-existente; uma estrutura que simultaneamente conserva a ambiência e o impacto visual do passado com mais capacidades, amplas e modernizadas.

²⁶² Conjugação de informação em: 1) «Memória descritiva e justificativa» da proposta para a remodelação dos dois Edifícios dos Balneários das Termas da Curia do projecto desenvolvido pelo Arquitecto Manuel Gil Graça; 2) dados documentais em depósito na Direcção Geral de Energia e Geologia; 3): Leboreiro Amaro, M. A. (2004) – El balneario – La ciudad ensimismada.

E – Infra-estruturas técnicas e aspectos construtivos



Fotografia 52 – a) e b) Pormenores do balneário antigo de influência neoclássica.

O projecto de execução será devidamente detalhado e apoiado com projectos de especialidade, observando:

- As diferentes situações construtivas;
- Os vários materiais com testes de qualidade, durabilidade e resistência ao fogo;
- Características térmicas e acústicas dos espaços;
- As instalações mecânicas, electromecânicas, de climatização e de ventilação;
- Redes de emergência, de protecção e combate a incêndios.

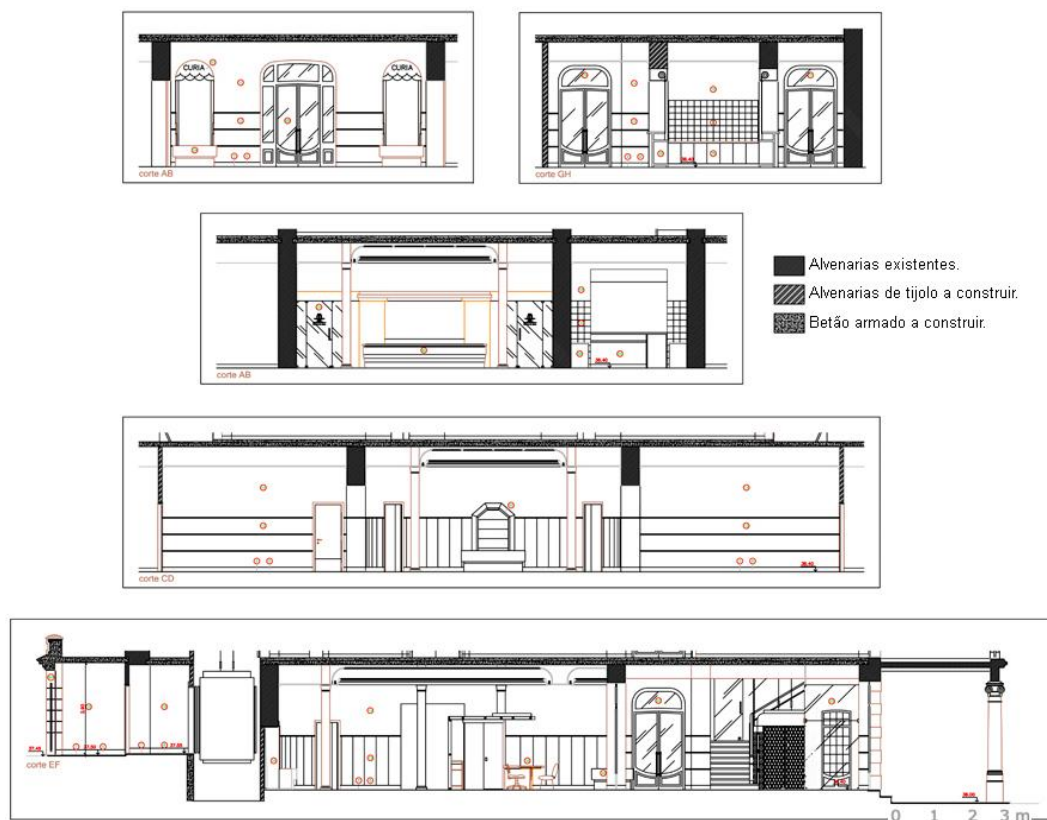


Figura 76 – Cortes pormenorizados do hall da entrada do Piso 0.

As redes de água de consumo, de drenagem e de esgotos serão objecto de projectos especiais, com especial atenção pelo esquema da água termal. Alguns dos componentes estruturais existentes não têm a resistência, a rigidez e a capacidade de deformação capazes de receber a

actual tecnologia para satisfazer os objectivos contemporâneos de desempenho. Pelo que foram desenvolvidos projectos técnicos de conservação e estabilidade para a instalação de:

- Climatização e de ventilação;
- Sistemas electromecânicos;
- Para a sua utilização continuada.²⁶³

O tratamento e a recuperação dos vários componentes construtivos serão feitos caso a caso e em obra. Procurar-se-á descobrir respostas orgânicas adequadas – sem produtos solventes e com resistência ao desgaste das águas minerais – para que as soluções preconizadas venham a perdurar no tempo.

A avaliação dos processos e técnicas construtivas será apoiado em atitudes activas que conciliem o existente com a necessidade de introduzir novos materiais. Haverá um especial cuidado na consideração conjugada do todo com as partes e vice-versa.

Em síntese, o projecto arquitectónico procura respeitar a imagem conceituada do pré-existente, dignificando a sua autenticidade e encaminhando as Termas para o futuro. Uma atitude equilibrada mas pouco audaz que protege a memória do lugar com o tempo actual.

Não se pode prever para quando a efectivação do projecto.

²⁶³ Conforme a proposta de recuperação e modernização da autoria do Arquitecto Manuel Gil Graça.

5.2 – As Termas do Estoril

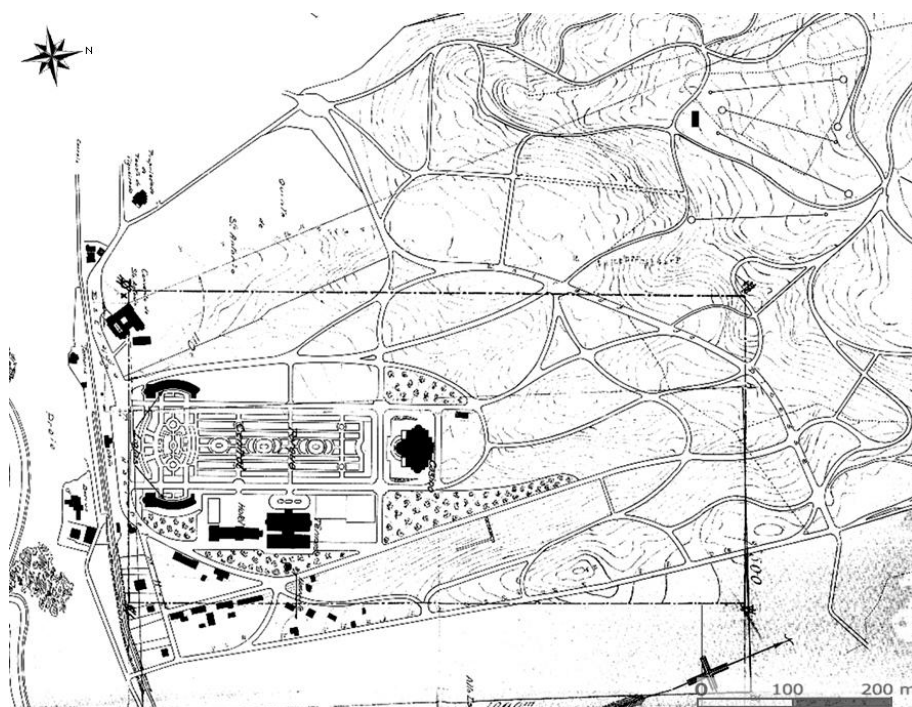


Figura 77 – Projecto urbano (termal e turístico) da Quinta de Viana, na Costa do Estoril.

A – Descrição funcional

O balneário termal é para atendimento de doentes com artrismo, reumatismo, gota, doença das senhoras, aparelho circulatório, aparelho gastrointestinal, aparelho respiratório e pele. Pode ler-se no relatório de 1943: “ (...) *reumatismo, 36,4%; sistema nervoso, 20,9%; circulação, 8,1%; aparelho digestivo, 6,0%; aparelho respiratório, 6,0%; dermatoses, 5%; o restante é distribuído por outras doenças (...)* ”.²⁶⁴

Nesse ano o movimento de aqistas foi de 4 224, tendo sido pago, imposto proporcional, no valor de 1 809 escudos. O volume de meados do século XX esclarece: “ (...) ...a *localidade desfruta um clima tónico, relativamente seco, de temperaturas médias superiores a Biarritz e Nice (...)* ”.²⁶⁵

B – Características da água

Água termal hipersalina, cloretada sódica, sulfatada e bicarbonatada cálcica, radioactiva, retendo no seu seio elementos raros, como: o bromio, flúor, iodo, arsénico e sílica.

É incolor, sem cheiro, gasosa, com sabor levemente salgado (taxa salina de 5,094 gr./l). A sua temperatura é de 32,4° quando exposta ao ar. Por vezes liberta gases, que são constituídos principalmente por azoto (90%). Há três nascentes termais próximas umas das outras de propriedades idênticas. São as denominadas: «Estoril», «Poça» e «Santo António do Estoril». A nascente do Estoril está situada no local onde se insere o estabelecimento termal; a nascente

²⁶⁴ Acciaiuoli, L.M. (1947) – Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46.

²⁶⁵ «Estoril é uma estação de Inverno» (1923) – panfleto em arquivo na D.G.E.G.

da Poça está situada a 200 da precedente, à beira-mar no local apelidado de Cadaveira; e a última, a Oeste da primeira, no extinto Convento dos Franciscanos, em Santo António do Estoril. As suas águas são comparáveis nas qualidades terapêuticas com as Termas de La Toja, na Galiza, Espanha.²⁶⁶

C – Localização e acessibilidade

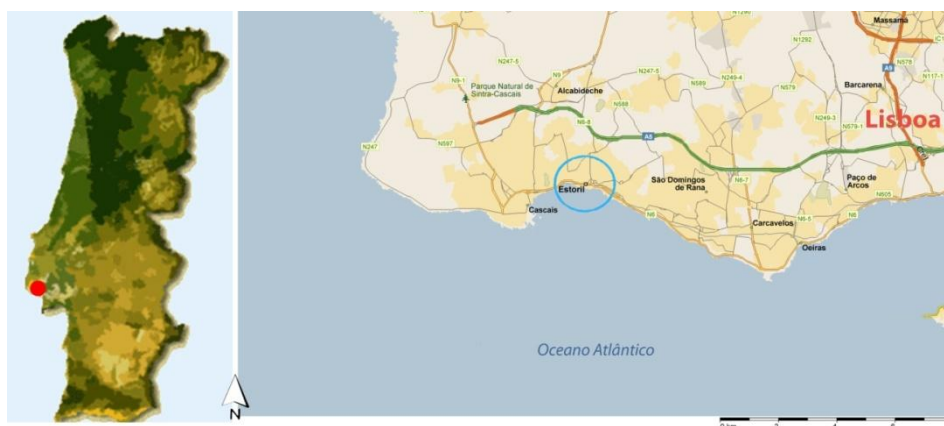


Figura 78 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

Situa-se na Freguesia do Estoril, concelho de Cascais (dista 1,5 quilómetros), distrito de Lisboa (17 quilómetros). Está localizada próxima ao mar na famosa «Costa do Sol». Possui ótimas acessibilidades tanto por estrada ou auto-estrada, como por transportes públicos, donde se realça o comboio.

Foi a estância termal que permitiu o desenvolvimento desta vila e lhe deu importância; de início não era mais que uma vulgar aldeia piscatória.

D – Construção e Memória descritiva

Em 1726 as Caldas do Estoril eram descritas da seguinte forma: “ (...) ...no fundo de um tanque que existe na quinta do Sr. José Viana da Silva brotam três olhos de água que, ao romper da manhã, está quase morna e pelo dia adiante, se põe menos fria que qualquer água comum (...) ”.²⁶⁷ Segundo nos certifica Luís Acciaiuoli, o primeiro edifício termal nesta localidade foi construído durante o reinado de D. José I, tendo-se o rei lá deslocado por vários anos.

Foi mais tarde ampliado. Em 1880 foi construído o «novo balneário» a curta distância em estilo Neo-árabe; que por sua vez foi abatido para construção de um outro, também posteriormente demolido. Com a construção do «novo balneário», o edifício primitivo passou a fornecer os banhos aos pobres, com 15 gabinetes e banheiras de mármore em volta de um pequeno jardim quadrado coberto. Tinha uma estreita galeria na entrada que servia de sala de espera. Como estava situado a alguma distância da nascente, foi mandado construir um edifício para protegê-la e não ficar a descoberto.

A parte central do edifício em estilo Neo-árabe era ocupada por um vasto e luxuoso recinto em estilo oriental; no seu centro encontrava-se uma enorme piscina circular de água salgada. Tinha dezoito gabinetes – cada um mobilado com uma banheira de mármore onde, conforme a

²⁶⁶ Informação conjugada em: 1) Acciaiuoli, L. M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46»; 2) «Anuário Termas de Portugal» (2006).

²⁶⁷ Acciaiuoli, Luís de Menezes (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa Volumes IV (1944)»; pág. 117.

prescrição, se ministrava água do mar ou mineral – para além de um consultório, sala de espera, dependência para serviços e local de caldeira. Foi frequentado em 1907 por cerca de 1 000 doentes, possuindo hidroterapia, fototerapia, termoterapia, maço-terapia, electroterapia e mecanoterapia.

Por esta altura a estância possuía também parque, piscina, ténis, hipismo, tiro, esgrima, casino, cinema e estação de correio.²⁶⁸

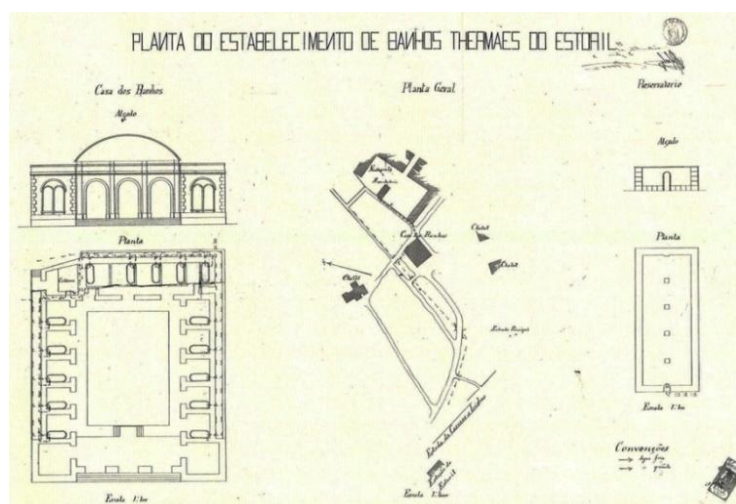


Figura 79 – Proposta de remodelação do Balneário de José Viana Carvalho (1893).

Os decisores políticos do início do século XX consideraram urgente a construção de grandes hotéis em Portugal. Este facto era resultado da estratégia que pretendia fazer florescer o turismo – reconhecido como um factor de progresso – e à semelhança do que acontecia noutros países europeus. Por isso o Estado concedeu vantagens e isenções à iniciativa privada da altura, denominadamente pela isenção de contribuição de «*registo de aquisição*» e de «*contribuição predial*» durante dez anos.

Por esta altura Fausto Cardoso já tinha exercido durante alguns anos a profissão de farmacêutico, depois de terminar o curso na Escola Superior. Depois, ao passar “ (...) ...a fazer parte do conselho de administração da Companhia dos Caminhos-de-ferro Portugueses, fez largas viagens pelo estrangeiro, nelas adquirindo vastos conhecimentos sobre turismo, que o seu rasgado espírito de iniciativa lhe fez ambicionar introduzir em Portugal (...) ”.²⁶⁹



Figura 80 – Estabelecimento hidro-mineral de estilo Neo-árabe

Este homem visionário adquiriu então a «Quinta do Viana» no Estoril. Tinha a intenção de realizar

²⁶⁸ Acciaiuoli, L M. (1947) –« Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46».

²⁶⁹ Página web (Maio, 2007).

um sonho: fixar entre nós os estrangeiros que normalmente rumavam a Biarritz, San Sebastian, Vichy ou Mareinbad, proporcionando-lhes tanto ou mais conforto. Gostaria de lhes poder oferecer “ (...) as emoções da vida principesca com casinos, magníficos estabelecimentos thermais, praias de banhos de elite, terraços suspensos sobre o mar (...) “. ²⁷⁰

Com a cooperação do sócio Augusto Carreira de Sousa e do arquitecto francês Henri Martinet decidiu fazer do Estoril uma cidade balnear semelhante ao que de melhor existia na Europa. O empreendimento ficou denominado «Estância Marítima, Termal Climatérica e Desportiva do Estoril». Ele acreditava na promoção turística portuguesa de uma feição completamente diferente do efectuado até aquela altura. Pretendia que a Costa do Estoril se tornasse num lugar excelentemente, aprazível e harmonioso.

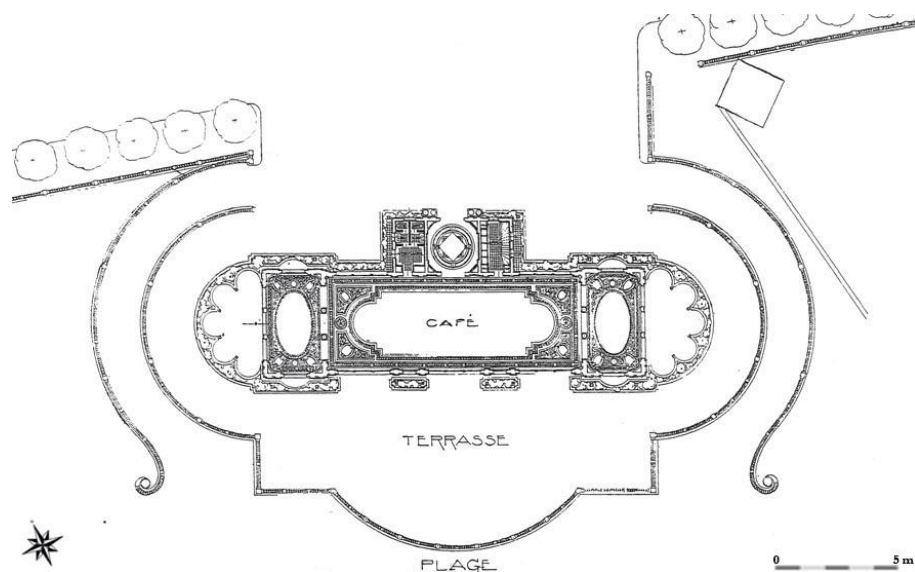


Figura 81 – Planta do Estabelecimento de banhos de mar.

Mais de que um projecto pessoal Fausto Figueiredo acreditava que podia transformar este lugar marginal perto da cidade de Lisboa, num destino turístico internacional de alto gabarito. Para tal constituiu uma sociedade que posteriormente mandado erigir o Hotel Palácio, o casino e o campo de golfe (um dos mais antigos e emblemáticos do país).

O seu objectivo era retirar o cunho algo romântico ao local de forma a tornar a zona moderna e apelativa. E nos terrenos adquiridos mandar construir infra-estruturas de qualidade servindo de apoio à zona balnear e de referência turística. Nasceu então a sociedade Estoril-Plage que mandou construir quatro hotéis (os denominados «Inglaterra», «Parque», «Paris» e «Palácio» - 1918), o edifício das Termas; o Casino do Estoril. Tudo isto influenciou decisivamente a implantação do caminho-de-ferro Lisboa/Cascais.

Para além da tradicional separação dos géneros, o estabelecimento termal tinha instalações para duas classes sociais distintas, uma de preços bem mais modestos. A circunstância devia-se à intenção de tornar a frequência acessível ao maior número de pessoas (ver a distinção social na planta de acima e também no projecto de 1915 das Termas de Monte Real), facto apoiado na diversidade da qualidade, de conforto e de preços dos hotéis e pensões então existentes.

Com o início da I Guerra Mundial Fausto Figueiredo foi obrigado a abrandar o projecto a que se

²⁷⁰ Sem autor (1914) – «Estoril – Estação Maritima, Climaterica, Thermal e Sportiva», pág. 31.

tinha proposto. Contudo a primeira pedra do casino foi colocada em 1916, obra que se veio a tornar um dos mais importantes exemplares modernistas do concelho. Como Portugal não sofreu as agruras da guerra internamente, o Estoril tornou-se um refúgio internacional de aristocratas, artistas, intelectuais, e refugiados, oriundos de vários países donde eram perseguidos; além de espiões de ambos os lados do conflito. A neutralidade do país e as condições do lugar permitiram que Figueiredo pudesse continuar a desenvolver a sua visão sonhadora.

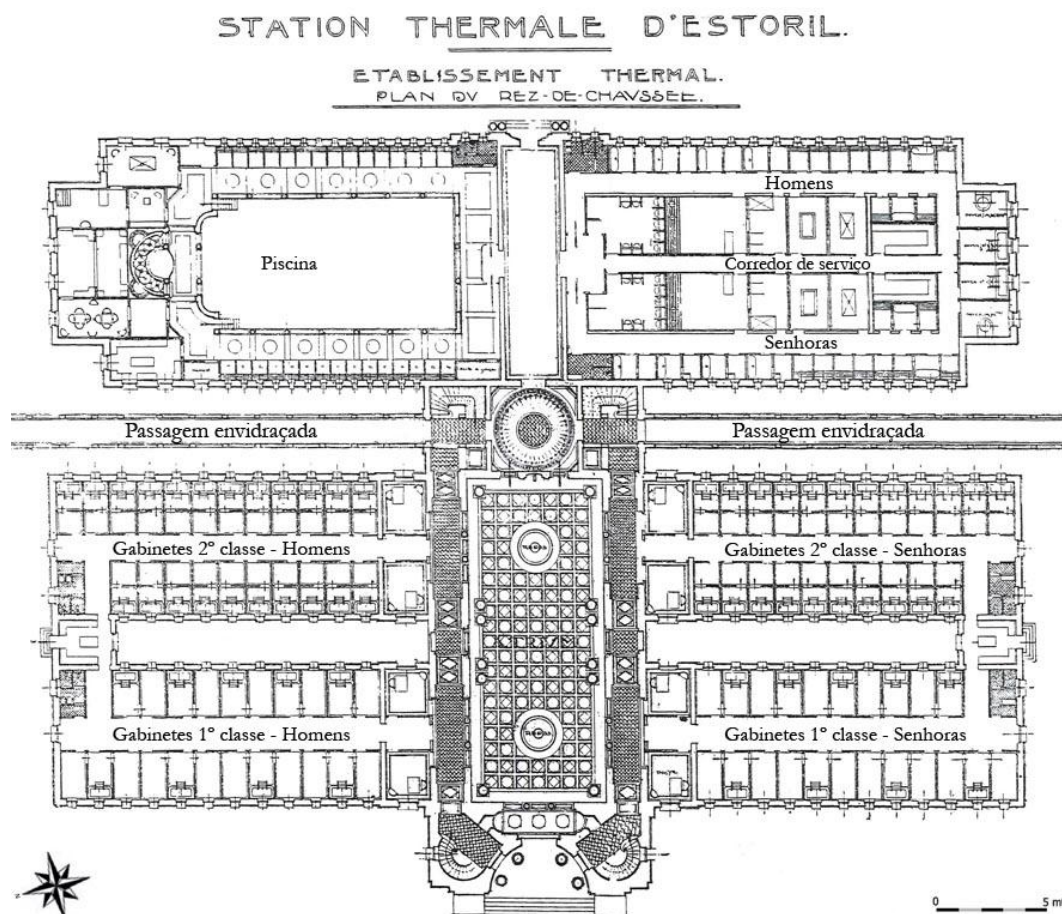


Figura 82 – Planta do piso térreo do Estabelecimento Thermal (1914).

Sucedem-se construções em zonas ocupadas por pinhais, terras de lavoura e pedreiras. Em 1926, a concessão da electrificação da linha-férrea de Cascais é proposta pela Sociedade Estoril que é propriedade da empresa. A influência cénica é marcada pelas novas edificações – o edifício das Termas, o grande casino internacional e os hotéis Inglaterra, Paris e Palácio – que se transformaram nos elementos aglutinadores de uma localidade pujante. Como característica estética e construtiva da época, quase todos estes edifícios se enquadram no estereótipo criado em torno dos valores da «Casa Portuguesa Tradicional».

Conforme o projectado inicialmente, o Hotel Palácio iniciou a actividade em Agosto de 1930. Sobre o Casino e apesar da inauguração ter acontecido em 1931, a primeira pedra tinha sido lançada em 1916, tendo a sociedade obtido a concessão do jogo em 1927. A ligação ferroviária entre Paris e Lisboa, ainda actualmente denominada como «Sud-Express» passou a ter o seu término nesta localidade. O estabelecimento termal foi edificado no início da década de 30 com a fachada principal do estilo neo-clássico e de acordo com o desenho do arquitecto António Rodrigues, sendo anexo ao Hotel Palácio.

Entre 1939-46 as Termas do Estoril encontravam-se abertas todo o ano. O seu corpo clínico era constituído por 3 médicos com uma frequência média anual de cerca de 1 500 registos. Os

tratamentos realizados consistiam na utilização de balneoterapia nomeadamente: banhos de imersão; banhos salinos; carbogassos; duches escoceses; duches subaquáticos; banhos de infravermelhos e de ultravioletas; aplicações de galvanização e ainda massagens gerais ou parciais.

Esta pujança assumiu especial relevo em termos políticos devido ao surgimento do Estado Novo na década. A propaganda governamental utilizava o Estoril como cenário privilegiado para os seus eventos. Passou a representar a consolidação dos novos valores nacionais: servia de incentivo à promoção turística no estrangeiro; e patenteava a nova forma de ser e de estar em Portugal. O prestígio alcançado pelo Estoril foi resultante de um cuidadoso planeamento global prévio. Este foi caracterizado pela qualidade dos projectos que consolidaram um espaço homogéneo e bem definido. O seu traçado definiu as características urbanísticas das diferentes zonas e os modelos arquitectónicos das construções. Também tentava prever e enquadrar as diversas dinâmicas sociais e culturais da altura.

Tudo isto fez aumentar o interesse comercial dos lotes para novas construções.

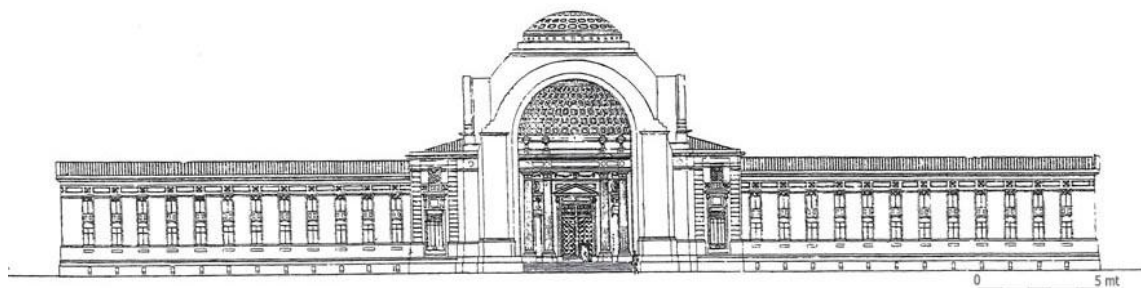


Figura 83 – Alçado principal do Estabelecimento Thermal (1914).

O Estoril rapidamente se expandiu para além dos seus próprios limites. O seu centro passou a ser formado por um parque delimitado lateralmente por duas avenidas paralelas com cerca de meio quilómetro; e no topo junto ao mar por uma grande praça com um amplo jardim circunscrito por dois corpos de edifícios em forma de meia laranja com arcadas. Estes previam utilização mista: de comércio e de habitação. Logo depois nos termos das avenidas paralelas surgiu: no lado junto ao mar a estação do comboio que ficou anexa ao estabelecimento de suporte da praia e dos banhos; no sítio oposto e em situação mais elevada, o monumental casino, de cujo terraço se podia “ (...) *desfrutar a perspectiva de uma vasta obra de civilização* (...) ”.²⁷¹ A qualidade da formulação urbanística do projecto e o enquadramento arquitectónico coerente permitiram que o Estoril se tornasse num espaço citadino de referência, tanto pela qualidade de vida que permitiu, como pelo equilíbrio social que desenvolveu.

Baseando-se em linhas mestras comuns fez coexistir a habitação, o comércio, os serviços e o lazer.

Na década de 40 faz-se a ligação viária até à capital pela estrada marginal que ainda hoje permite ao viajante satisfazer a vista sobre o oceano. Esta via veio a facilitar a construção da linha de comboio electrificada que se encontra relativamente paralela. Foi o próprio empresário que influenciou as autoridades competentes politicamente para a construção destas duas estruturas, tendo-a mesmo financiado.

A capacidade de Fausto de Figueiredo em ultrapassar as vicissitudes do sistema instituído e a importância que arquitecto H. Martinet dispensou na distinção espaços do projecto urbano, permitiram o surgimento de uma povoação com características únicas no país. Algumas

²⁷¹ Estoril – Estação Marítima, Climatérica, Thermal e Sportiva (1914), pág. 8

experiências de urbanização com planeamento prévio global já tinham sido tentadas com sucesso noutras partes da Europa; mas em Portugal foram uma inovação construtiva e administrativa (talvez com a excepção da reconstrução da baixa pombalina em Lisboa após do terramoto de 1755, porque apresenta alguma similaridade).

Provou-se assim ao país ser possível na idade moderna a concretização de projectos de índole global, bastando para tal que se conjugasse:

- A arquitectura;
- Os capitais necessários;
- A cooperação oficial das instituições políticas.

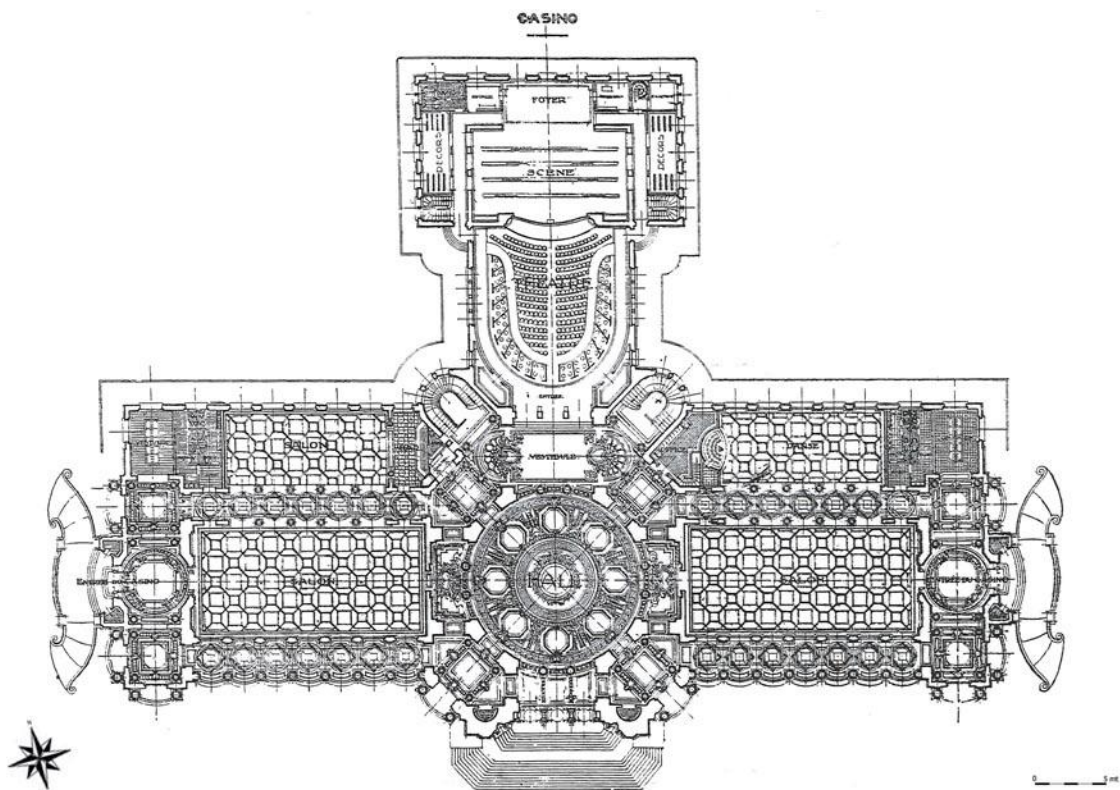


Figura 84 – Planta piso 0 do Casino (1914).

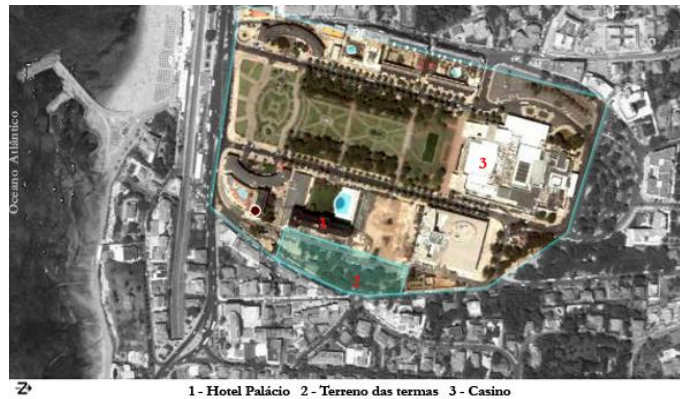
5.2.1 - Projecto de modernização do Estoril (balneário-spa)

A família Figueiredo manteve a concessão do jogo garantido o funcionamento da «Estância Marítima, Termal Climatérica e Desportiva do Estoril» como um todo unificado. Contudo em 1958 o governo lançou um concurso para renovação da concessão do casino na condição de se construir um novo edifício. A família Figueiredo como proprietária do Hotel Palácio achou que manteria a licença pelo que, nem concorreu.

Por esta altura o Hotel do Parque e o edifício das Termas foram demolidos na expectativa de se construírem novos estabelecimentos mais funcionais e adaptados aos modernos conceitos do turismo e do termalismo. Porém o empresário Teodoro dos Santos ganhou o concurso para a concessão do jogo passou e tomou conta do "velho" casino em 1958. Dez anos depois inaugurava um novo. Ele tinha fundado a Sociedade Estoril-Sol para a sua exploração e também para se projectar na hotelaria. Posteriormente o empresário macaense Stanley Ho tomou conta desta sociedade, tendo ganho numa nova concessão de jogo por 20 anos (iniciado em 1985, com prorrogação por mais 15).

No entretanto os herdeiros de Fausto de Figueiredo (falecido em 1950) venderam a Sociedade

Estoril-Plage a um grupo empresarial. Este grupo ficou proprietário do emblemático Hotel Palácio e detentor da concessão das águas minerais. E no final da década de 80 lançou a ideia de reactivar o espírito balnear. Neste âmbito foi-lhes recomendado a captação de água mineral através de dois novos furos artesianos, para assim se garantir o abastecimento do futuro estabelecimento termal em qualidade e quantidade. Em 2004 o veio aquífero foi atingido a cerca de 200 metros de profundidade.



Fotografia 53 – Estoril actual – zona central do Estoril com a antiga quinta de Viana (a cores) e a ampliação actual do perímetro termal (em baixo).

A água foi sujeita a análises que confirmaram as reconhecidas propriedades terapêuticas, assim como a sua temperatura e a condutividade. Recorde-se que as Termas do Estoril tiveram utilização pública até 1961, altura em que o balneário e o Hotel do Parque foram demolidos (encontravam-se agregados tendo sido inaugurados em 1918). Depois o ideal termal desvaneceu-se no Estoril. Dentro daquele espírito, a concessionária encomendou um projecto de arquitectura para a construção de um Baneário-Spa a Manuel Gil Graça. O programa foi entregue em 2002 para apreciação.

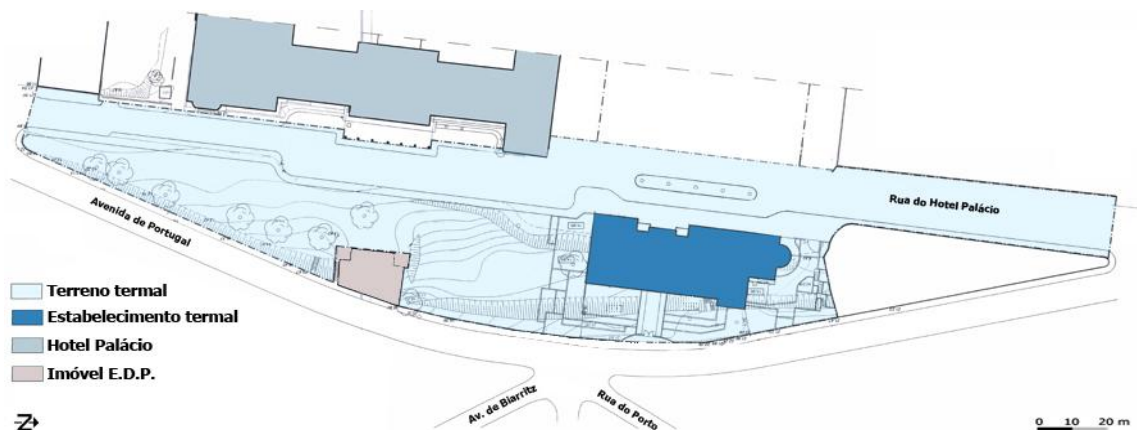


Figura 85 – Perímetro do terreno termal no Estoril e implantação do novo balneário/spa (2002).

Em 2005 a empresa pretendeu dar início à construção do novo balneário de área coberta com cerca de 4500 m², incorporando dois conceitos funcionalmente distintos, denominadamente para:

- Tratamentos terapêuticos – pelo aproveitamento da vocação naturalmente das suas águas;
- Turismo de saúde e de bem-estar – componente que pode ser utilizada por pessoas

consideradas saudáveis.²⁷²

O projecto para a nova edificação – inserida entre a Avenida de Portugal e a Rua do Hotel Palácio – fazia parte de um plano urbanístico que previa para além do novo edifício:

- A ampliação da ala Norte do Hotel Palácio (transformando a sua planta de formato em "T", para um "U");
- A construção do «Parque Palácio», condomínio residencial e comercial a ser localizado ao lado do Centro de Congressos e com 368 lugares de estacionamento subterrâneo.



Figura 86 – Alçados do edifício Balneário/Spa do projecto de Manuel Gil Graça (2002).

O seu conceito fundamenta-se na separação efectiva de duas praticas distintas, apresentando-se no complexo espacial e funcionalmente independentes. A ideia do promotor era desenvolver as duas tendências em proximidade pela afinidade de objectivos.

Tinha contudo entradas independentes e de localização oposta; e também um piso seria compartilhado (todo o andar que integra o piso 2 do intitulado «Clube de Beleza e Saúde» e o piso -1 do «Clínica Termal e Clube de Saúde»). Assim coexistiriam no mesmo edifício os conceitos de:

- Bem-estar: nos 3 pisos inferiores. Baseado em concepções orientais baseados na busca de harmonia holística, segundo conceitos tradicionais animados pela firma asiática «Banyan Tree»
- Terapêutico: nos 3 andares superiores. De acordo com a tradição balear ocidental.

O Hotel Palácio tem acesso aos serviços de bem-estar através de um túnel subterrâneo que o liga ao piso -1 do edifício termal, podendo os seus clientes usufruir deste complemento. Estes serviços foram também desenvolvidos para poderem funcionar autonomamente, sendo utilizados por clientes da localidade.

Para tal existe uma entrada ao nível da Rua do Hotel Palácio – claramente perceptível ao público em geral – que dá acesso ao piso 0 do novo edifício balnear. A entrada para os serviços terapêuticos é feita pela Avenida de Portugal.

A nível formal e segundo a «Memória Descritiva» do projecto para o novo Balneário/Spa de 2002, a organização volumétrica é composta por três volumes articulados entre si, tendo como intenção cénica o enquadramento harmónico com o Hotel Palácio e o futuro Edifício Parque Palácio que virá a completar o conjunto do Complexo Turístico do Estoril Plage.

Segundo o mesmo documento, as actividades e os serviços estão assim distribuídos:

Clínica Termal e Clube de Saúde (na parte superior do edifício):

- Piso -1 – entrada de serviço, unidade de tratamento da água; área técnica; Piso 0 – Hall de entrada com ligação em passadiço à Avenida de Portugal;
- Piso 1 – Hall de entrada, recepção, buvette, piscina terapêutica, gabinetes médicos, ginásios, sanitários, instalações administrativas e pessoal;
- Piso 2 – gabinete direcção, unidades de tratamento (duches, banheiras, lamas, Vichy),

²⁷² Conforme o Decreto-lei 142/2004 que permite que os balneários termais aliem as «terapêuticas de bem-estar» aos «tratamentos curativos» tradicionais (mencionado anteriormente).

salas massagens, repouso e buvete.

Clube de Beleza e Saúde (na parte inferior do edifício):

- Piso -1 (subterrâneo) – sauna, equipamento de ar condicionado, instalações de pessoal, hall de chegada do túnel do Hotel;
- Piso 0 – hall de entrada com ligação à Rua do Hotel Palácio, recepção, piscinas termais, salas de inalação e banhos vapor, vestiários e sanitários, escritório, lojas;
- Piso 1 – ginásio e gabinetes de tratamento massagens, lamas, Vichy;
- Piso 2 – ginásios.

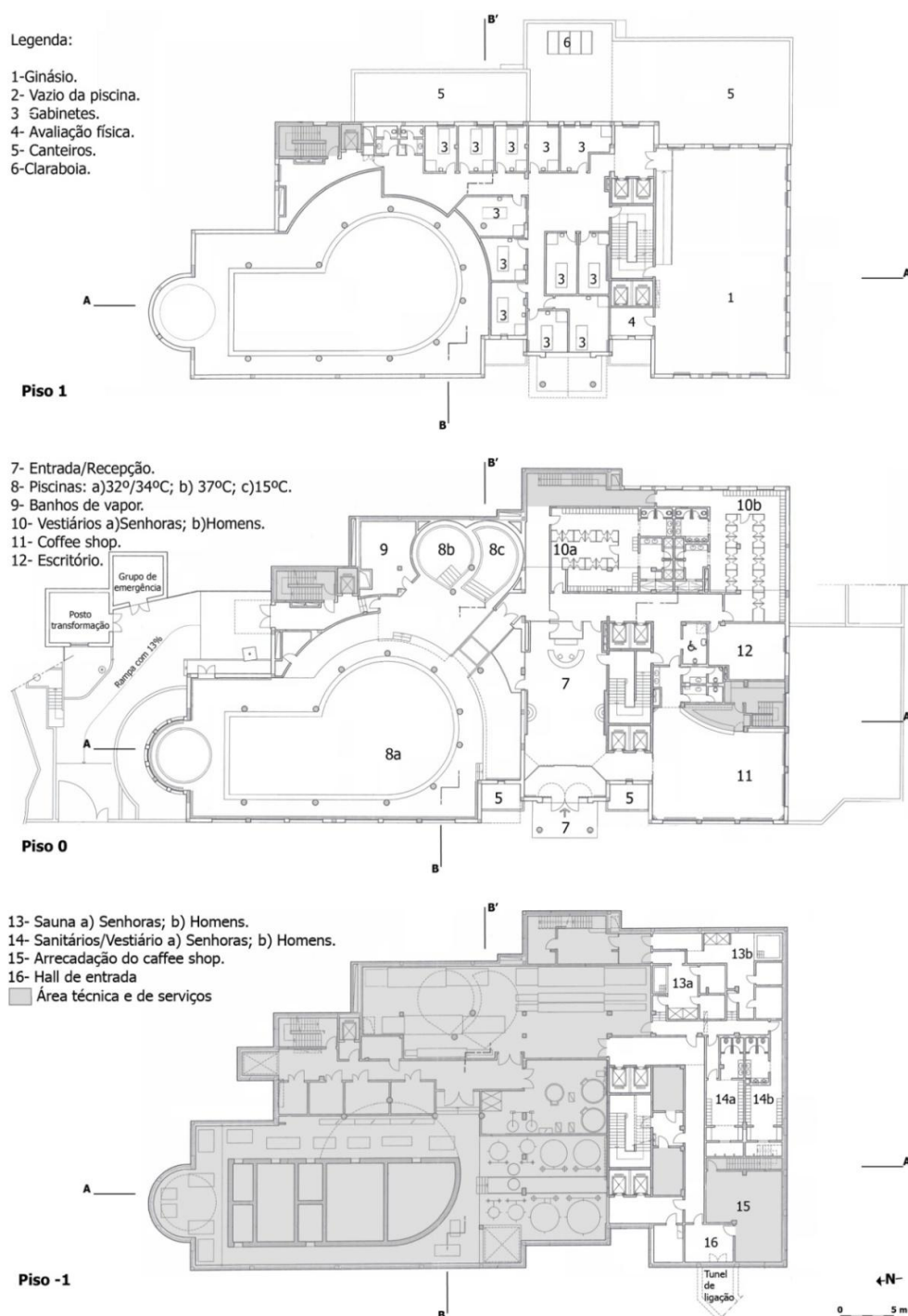


Figura 87 – Plantas do edifício Balneário/Spa de Manuel Gil Graça (2002).

A nível construtivo a concepção estrutural é baseada em ductilidade melhorada, de forma a permitir deformações, sem diminuição significativa da capacidade resistente.

As armadoras serão protegidas da corrosão (o edifício está próximo da orla marítima); as paredes exteriores serão em alvenaria de tijolo duplo (0,15 pelo exterior e 0,11 no interior), mais caixa-de-ar preenchida por poliuterano injectável e interiormente paredes divisórias com tijolo de 0,11. Contudo este projecto nunca chegou a ser construído.



Figura 88 – Corte longitudinal e transversal do projecto do Arquitecto Gil Graça para o edifício Balneário/Spa.

A um dado momento surgiu a advertência de que a linguagem cénica do projecto teria de imagem antiquada, com características formais similares ao «Português Suave». Devido ao reparo foi pedido a Manuel Gil Graça um novo projecto que reestruturasse o desenho relatado.

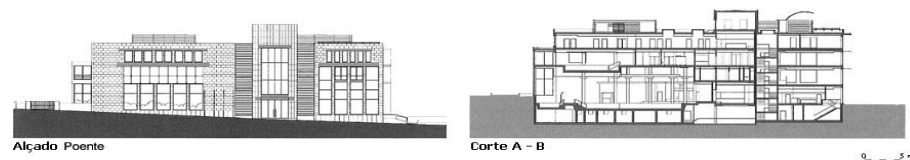


Figura 89 – Alçado da Rua do Hotel Palácio e corte longitudinal do projecto de Manuel Gil Graça (2005).

Um renovado programa arquitectónico foi entregue em 2005 que, depois de apreciação dos promotores e das várias entidades administrativas foi diferido, tendo-se pouco depois iniciado a construção. O novo Balneário-Spa do Estoril foi inaugurado no 1º semestre de 2010, como previsto.

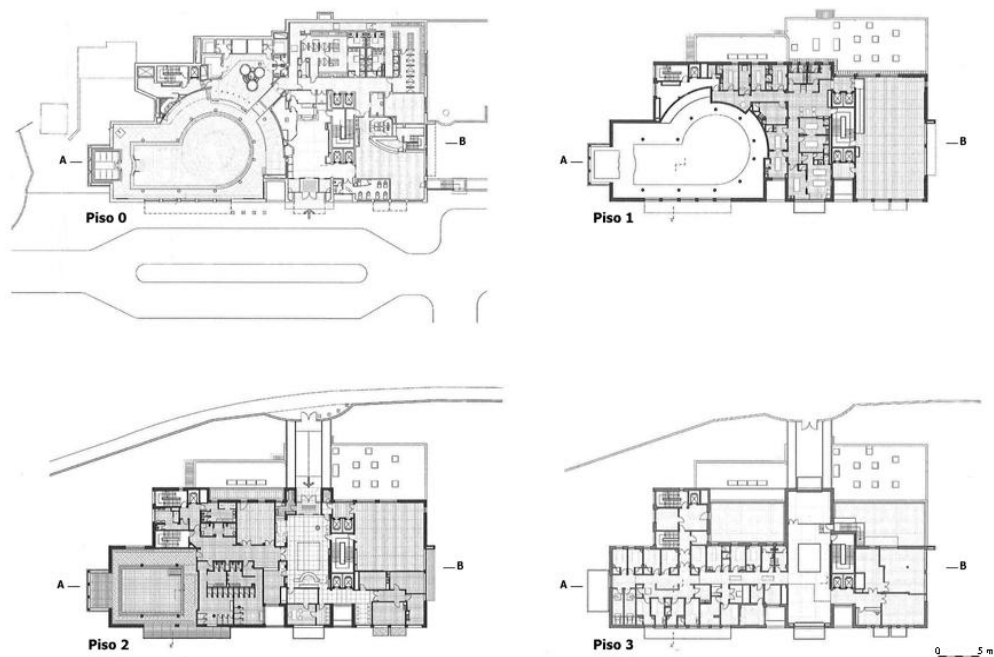


Figura 90 – Plantas no edifício balnear da autoria do Arquitecto Manuel Gil Graça (2005).

Na cave, a parede exterior é em betão armado impermeabilizado com Flintkote; protegido no

encosto de terras por drenos de pedra arrumada à mão e manta geotêxtil; com caixa-de-ar (drenada e ventilada, cujas condensações serão canalizadas para a rede de águas pluviais); e forrado interiormente com tijolo 0,11.

Os elementos estruturais em contacto com o exterior são revestidos com alvenaria tijolo de 0,03, para anular pontes térmicas, sendo a laje da cobertura impermeabilizada com telas e isolamento tipo Roofmate.²⁷³

Relativamente à imagem do projecto anterior, a nova construção apresenta uma linguagem arquitectónica em estilo moderno. Comparativamente com o desenho de 2002, ressalta de imediato uma nova abordagem da luminosidade.

No entanto a interligação formal do edifício Balneário/Spa com a envolvente cosmopolita, a sua configuração própria e a conjugação continuada de dois materiais pelos quatro alçados (pedra e vidro) sugerem que o projecto teve representação reflexa em todas as fachadas.

A organização espacial do projecto de 2005 denota suporte no anterior. Reorganiza-o de forma flexível, mantendo os dois conceitos funcionais relatados e as duas entradas públicas distintas – uma para a área clínica que interliga o edifício balnear (através de um passadiço à Avenida de Portugal) e outra que comunica directamente com a Rua Hotel Palácio; tem ainda outra de carácter semi-público, que possibilita o trânsito por túnel subterrâneo de hóspedes do Hotel.

Todo o terreno do complexo termal foi devidamente arranjado, valorizando-se as árvores de porte existentes. Diversas outras foram plantadas que, com o tempo, irão intervir no lugar termal que, como mencionado, se insere adjacente ao centro urbano.²⁷⁴



Fotografia 54 – Alçado Sul (em 1º plano) e poente (com a entrada da Rua do Hotel Palácio).

²⁷³ Informação em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia sobre o projecto.

²⁷⁴ Embora com autorização oficial da administração da Sociedade Estoril-Plage e depois de várias solicitações dirigidas a Gil Graça Arquitectos Associados, Lda. para o acesso à informação (sempre anuído mas nunca efectivado) não foi possível ao autor obter o acesso directo ao projecto de 2005. Os desenhos técnicos deste projecto foram encontrados em: Gonçalves Pinto, H. e Mangorrinha, J. (2009) – «O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa», colocado no entretanto no mercado.

5.3 - As Termas de Pedras Salgadas.

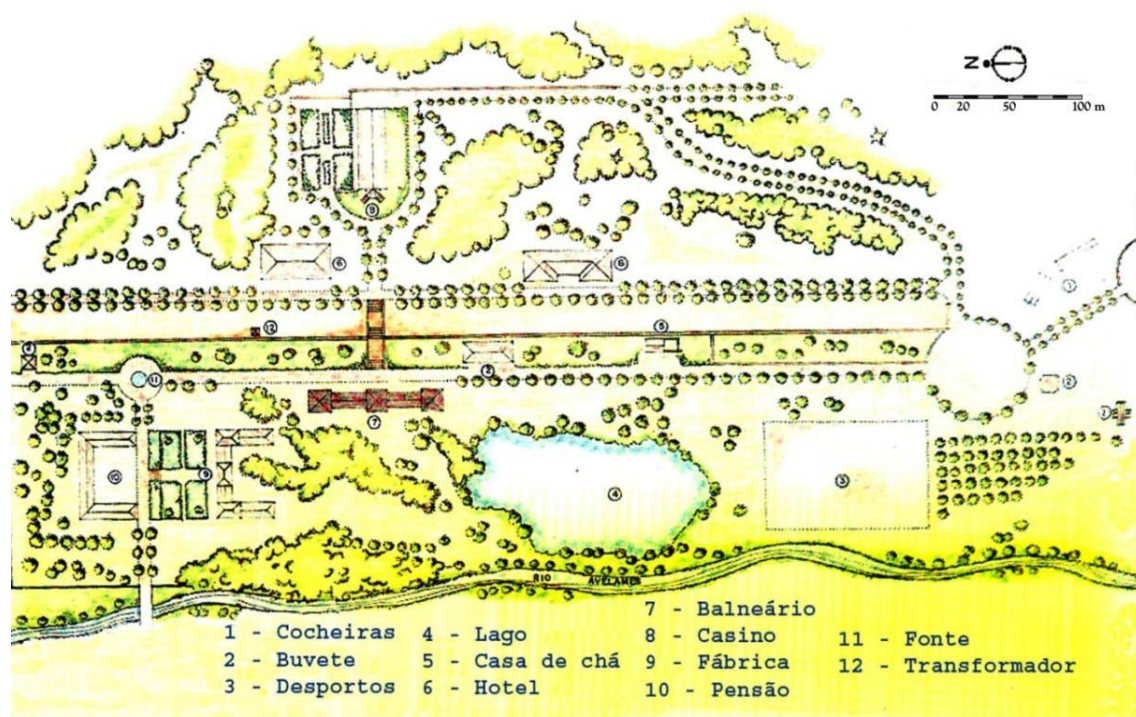


Figura 91 – Planta topográfica de Pedras Salgadas (ano?).

A – Descrição funcional

É destinado ao tratamento de doenças do estômago, fígado intestinos, rins, pele e nutrição. A bebida, os banhos quentes, os duches, pulverizações e inalações são aplicadas somente sobre controlo médico. Sobre as suas qualidades «Breve noticia acerca da nascente em Trás-os-Montes perto de Rebordechão» refere que “ (...) ...a água mineral descoberta em 1870 apresenta o resultado do estudo químico por ele realizado, considerando-a mineral gasosa, muito superior à água de Selters e à maior parte das nascentes de Vichy (...) ”.²⁷⁵

Crê-se que as águas foram utilizadas em épocas remotas devido à existência no lugar de habitações romanas ou pré-romanas, de antigas fortificações e de fragmentos cerâmicos. Contudo, não há vestígios de banhos ou de estabelecimentos balneares. Em 1875 as quatro nascentes apelidadas de «Penedo», «Rebordechão», «Rio» e «Estrada» passam a ser concessão da Companhia das Águas de Pedras Salgadas. Posteriormente e conforme descrito sobre as minas “ (...) ...eram 5 as nascentes exploradas sendo assim denominadas: «Maria Pia», «D. Fernando», «Pedras Salgadas», «Grande Alcalina» e «Penedo» (...) ”.²⁷⁶ Estas são as fontes principais. Além do manancial designado emerge do solo a água (de mesa) da fonte da «Preciosa»; e também a fonte do «Sabroso», mais tarde licenciada para exploração de fins industriais. Todas as nascentes têm pavilhões privativos e distam poucos metros, umas das outras.

Conforme documentado foram inscritas “ (...) ... 1 595 doentes dos quais 25 gratuitos. A

²⁷⁵ «Breve noticia acerca da nascente em Trás-os-Montes, perto de Rebordechão» (autor? -1871), transcrição de Cruz, A. (1909) sobre Rodrigues, Dr. José Júlio – «Relatório Clínico do Estabelecimento Hidrológico da Companhia das Águas de Pedras Salgadas e seus recursos therapeuticos».

²⁷⁶ d'Alcobaça, Frei G. (1928) – «Pedras Salgadas das Thermas de Portugal a melhor», pág.12.

*frequência dos doentes pode dividir-se quanto às afecções diagnosticadas, nas seguintes percentagens: afecções gástricas 42%, afecções biliares 28%, afecções intestinais e hepáticas 12% cada, e os restantes 6% são divididos por afecções renais, etc. Informa o director clínico que os resultados terapêuticos continuam a confirmar as observações das épocas anteriores (...) ».*²⁷⁷

B – Características da água

Água fria que brota entre os 12,6°C e os 19,4°C de temperatura, consoante as fontes. É bicarbonatada sódica, gasosa, lítica, arsénica, mesolalina. Obteve diplomas de mérito nas exposições de Viena e Filadélfia, sendo-lhe dispensada a observação do júri que destacamos: ” (...) ... as águas de Pedras Salgadas suportam com vantagem a comparação com as célebres águas de Vichy (...) ».

²⁷⁸

C – Localização



Figura 92 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

Situam-se na margem esquerda do Rio Avelames que é afluente do Rio Tâmega. Encontra-se a cerca de 600 metros acima do nível do mar, na meia encosta dos primeiros contrafortes das montanhas que a Oeste limitam o Vale de Sabroso. Pertence à freguesia de Bornes de Aguiar, concelho de Vila Pouca de Aguiar (dista 6 km, a Norte), distrito de Vila Real, a 148 km do Porto. A sua situação relativa às montanhas torna o estabelecimento abrigado dos ventos Sul e Oeste e exposto aos de Norte e nordeste. Em 1950 existiam no local, ” (...) *parque, casino, campo de ténis, golfe, além de quatro hotéis e cinco pensões* (...) ».

²⁷⁹

D – Resumo histórico e memória descritiva

De acordo com informação em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia, coube à

²⁷⁷ Acciaiuoli, L. M. (1944) – «Relatório de 1939», pág.197.

²⁷⁸ Conjugação de informação em: 1) «Anuário das Termas de Portugal» (2006); e 2) Acciaiuoli, L.M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46».

²⁷⁹ Contreiras, A. (1951) – «Manual Hidrológico de Portugal».

primeira administração da empresa (1876) a instalação dos complexos serviços que uma estância termal exige. Na época foram mandados construir hotéis, pavilhões, um posto metrológico, o balneário e a plantação do parque foi iniciada.

Quanto ao balneário é um edifício rectangular cuja linha central da fachada principal serve de eixo de simetria. O esquema de circulação interno é em forma de cruz com uma galeria de banhos para cada ala, correspondendo à separação por géneros. A buvete é de grandiosidade fora do normal e possui uma planta rectangular ao nível da rua. Um deambulatório interior permite descer, dando acesso à buvete propriamente dita de planta octogonal.

Todo o edificado está adaptado à topografia acidentada do terreno. Por sua vez o imenso parque tudo conjuga, criando uma simbiose perfeita. A exploração da nascente do Sabroso foi licenciada em 1908. A sua actividade foi iniciada depois de diferido e edificado o projecto de arquitectura industrial. No edifício foi então encetada a laboração de engarrafamento, de armazenamento e de distribuição das águas minero-medicinais que, devido ao sucesso, chegaram a ser exportadas. Em 1927 a «Sociedade de Exploração Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas» tomou conta da concessão termal.



Fotografia 55 – a) Portão de entrada do Parque e b) edifício «Buvete».

Posteriormente dois projectos de arquitectura foram diferidos, sendo executados em 1940. Um era relativo à construção da casa da caldeira: tinha como objectivo deslocá-la 60 metros do sítio onde se encontrava, para evitar que os resíduos da chaminé se espalhavam pelas proximidades, que incluíam o balneário. O outro projecto foi para a secção das Senhoras no topo Sul do balneário: da autoria do Arquitecto António Janeira reformulou o interior e melhorou a sua ventilação natural (o arejamento era realizado por toda a parte superior do edifício, considerando-se um defeito de construção).

Três anos mais tarde um novo projecto de remodelação da secção de Homens foi deferido para que o balneário se apresentasse esteticamente uniforme; também para racionar a circulação interior; e ainda para melhorar a ventilação, considerada geradora de patologias. Formalmente a imagem do balneário é sóbria, de um piso e com distribuição regular de vazios simples nas fachadas; contudo a sua manifestação está associada ao pitoresco, pelo uso da cor e pela força dos torreões com molduras em madeira.²⁸⁰

De realçar o decréscimo de aquistas na década de 50, conforme o relatório que informa: “ (...) continuamos a notar a diminuição de frequência nas Termas o que torna cada vez mais difícil e antieconómico a exploração dos nossos hotéis por parte da Empresa (...)”²⁸¹

Para inverter esta situação económica, a empresa pretendeu aumentar a produção industrial através dos avultados investimentos necessários – a procura da água engarrafada das Pedras Salgadas era muito superior ao débito de água das fontes.

²⁸⁰ Conforme informação dos documentos processuais, em depósito na D.G.E.G.

²⁸¹ Idem da nota de rodapé anterior in «Relatório e Contas do Conselho de Administração» referentes ao exercício do ano de 1955.

Para que a capacidade produtiva pode-se crescer, preservando simultaneamente a qualidade do aquífero, foram realizados exames geológicos às nascentes e no perímetro de protecção bacteriológica. Os resultados foram muitos documentos com recomendações imprecisas.

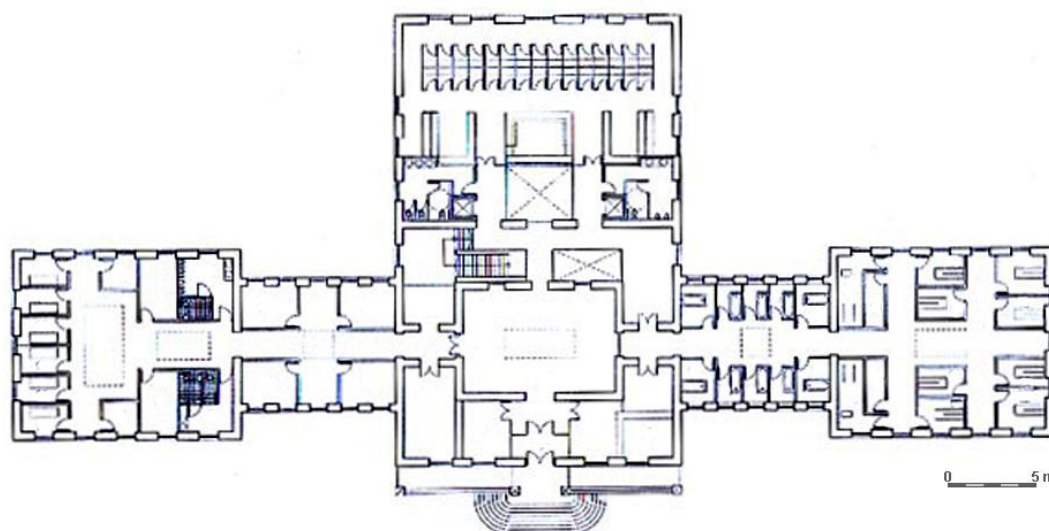


Figura 93 – Planta do balneário desenvolvido pelo Arquitecto Perry de Azevedo, piso 1 (1999).

Foi então necessário contratar um técnico de incontrovertida idoneidade para o aconselhamento nesta matéria tão delicada. Daí o relatório desenvolvido ao longo de vários anos pelo Dr. Hartmut Seifert e concluído em 1961, denominado «Orientação para efeitos de exploração e maior rentabilidade económica, conservando o bem dominial (águas minerais) fundamentado a partir da estrutura geológica, das águas bicarbonatadas existentes no terreno e em técnicas de captação».²⁸² Esta exposição técnica foi bem considerado pelo poder que tutelava na época as minas e os serviços geológicos, tendo sido requerido um projecto dos trabalhos a executar com uma memória descritiva.

O documento foi entregue em 1963, tendo sido deferido em 1964. A partir desta altura, e baseado na campanha de sondagens estabelecida pelo Dr. Seifert, várias novas captações foram realizadas, que não são comentadas por estarem fora do âmbito deste trabalho.



Figura 94 – Proposta de remodelação do Balneário dos Arquitectos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (1997 – projecto não realizado).

A arquitectura do edificado balnear é variada, de estilo sóbrio; e embora se assuma como um

²⁸² Relatório consumir por este geólogo estrangeiro de indiscutível competência, com parecer concordante do Eng. Brian, director técnico de Vichy, também consultor das Termas de Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

espaço autónomo, o parque absorve naturalmente todo o edificado que está totalmente integrado na envolvente. Mas as Termas de Pedras Salgadas também se tornaram letárgicas com o passar do tempo. A estância tem cerca de cem anos e portanto com edificado, com esquemas de circulação, com funcionalidades, etc. poucos adequados à vivência requerida actualmente. Ao sofrerem de estagnação, requerem modernização.

Um projecto da autoria do Arquitecto Perry de Azevedo para a sua remodelação e ampliação foi deferido em 1999.. Segundo a «Memória Descritiva», tinha como intenção:

- Manter a imagem formal e plástica – através da harmonização do projectado com o pré-existente, compondo uma unidade moderna;
- Interligação visual dos espaços – utilização de vidros transparentes duplos em caixilharias de alumínio (piscina/ginásios/bar);
- Requalificação dos espaços internos – adaptação dum programa não diferenciador de géneros;
- Criação de zonas de convívio/lazer, de espera e de repouso;
- Redefinição das instalações sanitárias, contemplando os deficientes motores;
- Introdução de zonas de serviço.

Contudo este projecto não foi executado. Posteriormente a actual concessionária, o grupo UNICER ²⁸³ avançou com um novo pedido de recuperação das termas de Pedras Salgadas a Álvaro Siza Vieira. Este arquitecto desenvolveu um projecto de intervenção em consonância com o conceito de «Sustentabilidade», a ser inaugurado no segundo semestre de 2008. ²⁸⁴

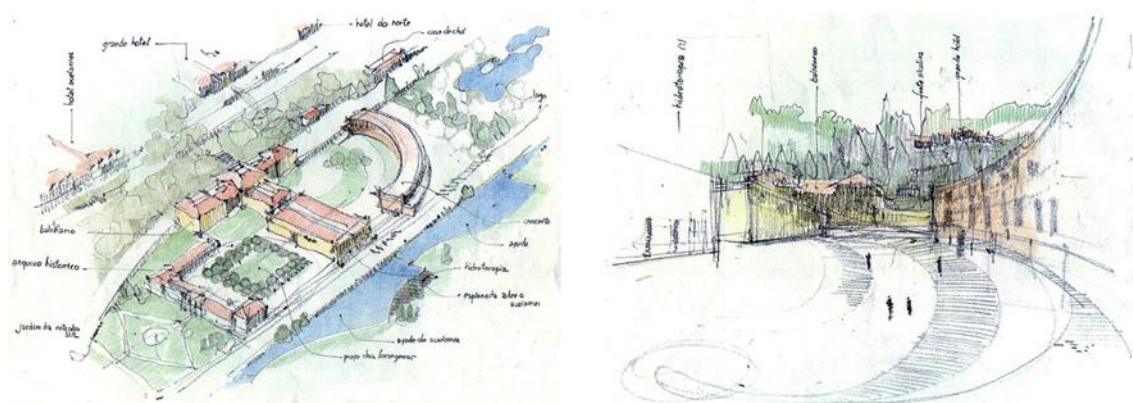


Figura 95 – Esquícios perspécticos do plano de remodelação de Pedras Salgadas da autoria dos Arquitectos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (1997 – não realizado).

²⁸³ Com sede na área metropolitana do Porto, em Leça do Balio.

²⁸⁴ Denominado projecto «Aquanattur», que gentilmente foi fornecido pelo director da UNICER, Dr. Manuel Marques (Junho, 2007). Segundo o Director de Manutenção e Obras, Engenheiro João Caldeira (Maio de 2008), esta data de inauguração será somente para as Termas de Vidago. Devido a atrasos, a abertura ao público de Pedras Salgadas está programada para o ano de 2011.

5.3.1 - Projecto de modernização das Termas de Pedras Salgadas



Figura 96 – Planta do projecto do Arquitecto Álvaro Siza Vieira do Parque de Pedras Salgadas.

A estância está anexa a uma vila de cerca de 2.000 habitantes com mesmo nome. O pequeno burgo é identificado essencialmente como via de acesso às Termas; e no outro topo, a estação dos caminhos-de-ferro. A povoação apoia o abastecimento e os serviços do complexo balnear; por sua vez o parque termal apresenta-se de relacionamento autónomo, desde logo pelo muro como fronteira espacial com entradas reguladas por imponentes portões. A pequena vila era composta por zonas facilmente reconhecidas pela identidade espacial que manifestavam. Cada área estava separada por massa arbórea, correspondendo-lhes funcionalidades. As frondosas árvores ajudavam a identificar os espaços e a relacionar hierarquicamente o seu edificado. Este código simples diferenciava tarefas, informava a estrutura urbana e permitia reconhecer a própria evolução da vila. O seu desenvolvimento é consequente da composição balnear que, embora independente, foi o motivo da sua génese. Por sua vez as Termas são reflexas do relacionamento topográfico.



Fotografia 56 – O edifício da antiga estação de comboio.

As duas organizações estão interrelacionadas e condicionadas pela proximidade com o rio Avelames, que se desenvolvem em paralelo com o eixo principal do parque e ortogonal à via de acesso ao apeadeiro dos caminhos-de-ferro.

Contudo actualmente a vila sofre a consequência de processos urbanísticos que permitiram o abate das árvores centenárias que permitiam identificar os sítios e a redução dos passeios

pedonais, para proporcionar maior estacionamento automóvel.²⁸⁵

Internamente a estância termal é organizada por uma estrutura que interliga homogeneamente as várias tipologias, de estilo simples e despretensioso. A inserção em ambiente natural é propícia ao relaxamento; este é apoiado por actividades de recreio e de lazer. A paisagem é valorizada pelas alamedas e pela frondosa vegetação que molda os caminhos, convidando à deambulação pedonal

Sobre o edificado termal sobressai o balneário e o casino que visualmente se reforçam mutuamente. A arquitectura pretendeu manifestar-lhes protagonismo, informando aos utentes da importância do lúdico, para além dos tratamentos. Ambos apresentam um corpo central evidentemente saliente, que interliga as alas simétricas visualmente menos enérgicas. Os dois estabelecimentos enfatizando-se mutuamente, estando cenicamente agregados; afigurar-se ainda um realce aparente que é fornecido pelo eixo que os interliga, ortogonal à extensa alameda principal. Este eixo aglutinador é inaugurado por uma suave escadaria que interrompe a linha verde continuada das árvores da álea; os degraus de conveniência ampliam ainda a sugestão de vínculo à natureza.

A unidade é composta do seguinte modo:

- Um frondoso parque com mais de 100 hectares (ampliação de 1937);
- O balneário;
- O casino;
- Os edifícios de alojamento perfeitamente enquadrado dentro da topografia. São os denominadamente hotéis «Grande-Hotel», «Universal», «Avelames», «do Norte» e a pensão «do Parque»;
- A casa de chá;
- Várias buvetes;
- O lago;
- Piscinas, cortes de ténis e um campo de golfe a cerca de dez quilómetros;
- Antiga fabrica de engarrafamento que iniciou laboração em 1871;
- Espaços comerciais;
- As garagens.²⁸⁶

A – Sumário da proposta

Actualmente está em curso um projecto de recuperação, reorganização e renovação do Parque desenvolvido por Álvaro Siza Vieira, “ (...) *arquitecto completo* (...) ” cujos edifícios “ (...) *nunca são previsíveis nem comuns* (...) ”. Ele continua a tentar pessoalmente fazer o acompanhamento de todos os programas desenvolvidos pelo seu gabinete.²⁸⁷

O projecto de reorganização tem como objectivo reforçar as vertentes de lazer e de turismo de forma conexas com a comunidade envolvente. Está inserido num vasto plano denominado «Aquanattur» da concessionária, o grupo UNICER.

O programa fundamenta-se no conceito de Sustentabilidade e tem como propósito: “ (...) *a qualificação e formação dos seus recursos humanos* (...), ” baseado no “*Desenvolvimento Sustentável*” de acordo com a «Declaração de Política de 2002». O empreendimento pretende enquadrar uma dimensão ampla que integre conjuntamente as perspectivas “*local*” e

²⁸⁵ Viegas, Francisco José (24 de Novembro de 2006), «Jornal de Notícias».

²⁸⁶ Conforme informação encontrada nos documentos processuais em repositório na Direcção Geral de Energia e Geologia.

²⁸⁷ Página web (Outubro, 2008), www.architecture.com, por ocasião da entrega do galardão «Medalha de Ouro Real» pela Rainha de Inglaterra ao Arquitecto Siza Vieira.

“internacional”.²⁸⁸ Assim pretende:

- Adoptar de políticas integradas de Qualidade, Ambiente e Segurança;
- Desenvolver os valores empresariais baseados no “ (...) *respeito pelo indivíduo; no trabalho em equipa; na cidadania responsável; na integridade e ética; na responsabilidade social* (...) ”.²⁸⁹

Sobre a Declaração de Política de 2002, o conceito assegura que a Sustentabilidade é construído sobre “ (...) *três pilares interdependentes e apoiados mutuamente* (...) ” que são confirmados pela simultaneidade de:

- Desenvolvimento económico;
- Desenvolvimento social;
- Protecção ambiental.²⁹⁰

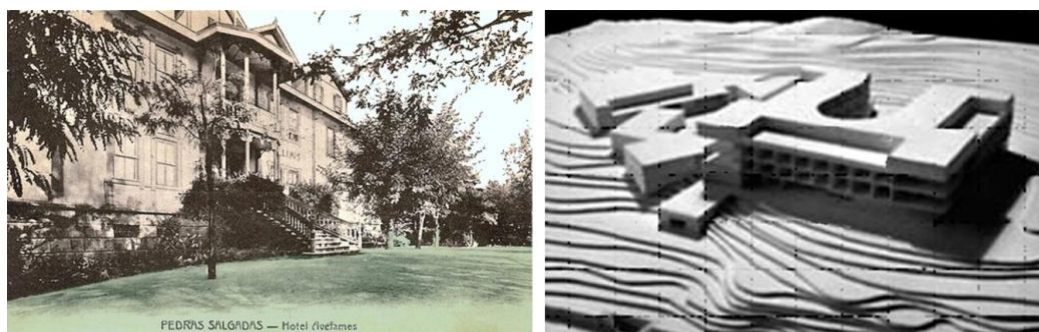


Figura 97 – a) Bilhete-postal de 1933 com a fachada do Hotel Avelames (a demolir) e b) maqueta do aparthotel que o irá substituir.

A orientação da intervenção foi determinada no referido projecto e desenvolvido na avaliação do pré-existente e no percurso histórico do próprio Parque. Integra os seguintes itens:²⁹¹

- Dotar os alojamentos balneares de qualidade com categoria turística superior;
- Reabilitar e requalificar do equipamento termal existente;
- Integrar a oferta com *chalés*, permitindo a coabitação familiar na estância;
- Criar estruturas que incentivem a descoberta histórica do património local;
- Incrementar uma relação de interesses conexos entre a unidade termal, a comunidade local e o poder autárquico regional (Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar e C.M. de Chaves).²⁹²

Salienta-se que o projecto de recuperação interage com o projecto de requalificação das Termas de Vidago que também é propriedade do concessionário. As duas concessões encontram-se em proximidade geográfica, desenvolvendo-se segundo as orientações do referido arquitecto.

Inicialmente tinham ambas a inauguração prevista para 2008. O edifício *Spa* de Pedras Salgadas foi aberto em 18 de Junho de 2010; nesse ano estava previsto o Parque estrear em 2011.

²⁸⁸ De acordo com o moderno conceito de actuação: “*Pensar global e agir local*”.

²⁸⁹ Página web (Dezembro, 2008). www.acessibilidade.unicer.pt

²⁹⁰ Declaração política da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (2002), Joanesburgo, Africa do Sul.

²⁹¹ Informação conjugada de: (1) comentários do director da concessionária, Dr. Manuel Marques (Junho, 2007); (2) projecto «Aquanattur»; (3) página web (Setembro, 2007) <http://acessibilidade.unicer.pt>.

²⁹² O conceito é potenciar o artesanato, o ambiente local, o comércio/indústria tradicional e a vitalidade da natureza e das pessoas, considerando-os como capacidades concretizadoras para o desenvolvimento regional.

B – Concepção arquitectónica

Para além de concretizar os objectivos do programa «Aquanattur», o projecto de Álvaro Siza Vieira pretende não desvirtuar o carácter do conjunto termal existente; tem como intenção de conciliar o que se entende normalmente como antagónico: a *perda de identidade* versus *renovação*.

Os projectos de actualização do contexto ecológico e do edificado termal mantêm o mesmo arquétipo simbólico, assegurando a sua modernização e humanização. Segundo a «Memória Descritiva» – amavelmente cedida pelo arquitecto – os estabelecimentos serão sujeitos a várias obras de carácter integral e/ou parcial.

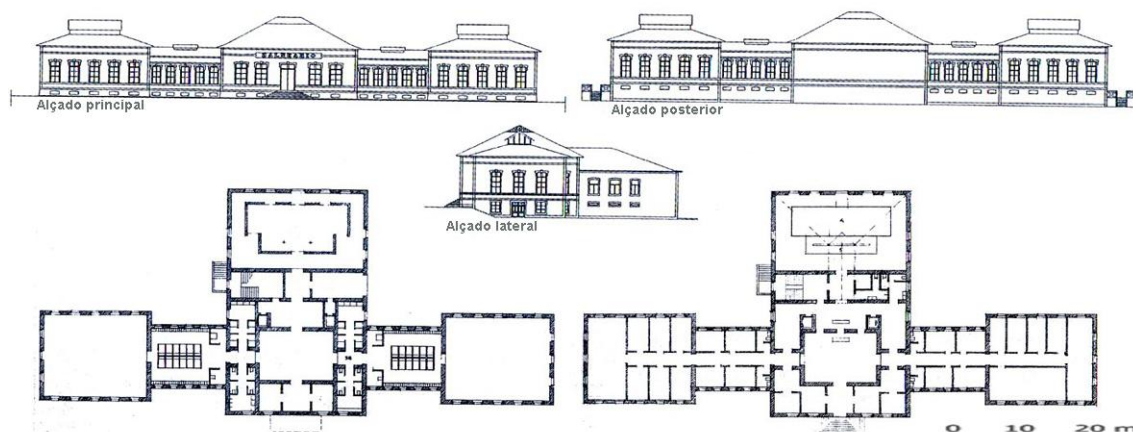


Figura 98 – Proposta de Siza Vieira para a requalificação do Balneário em *Spa* termal. Mantém-se a *forma* que se associa à *função* actualizada. a) Em cima e central - alçados; e b) Em baixo – plantas do piso -1 e piso térreo.

A demolição integral deve-se a: algum edificado se deparar em estado de ruína e sem qualquer relevância na imagem de referência; por terem sido sujeito a várias intervenções no tempo, desvirtuando o seu carácter primitivo; e/ou pela impossibilidade de se poderem adequar às funcionalidades requeridas actualmente. A sua elaboração é assim organizada:

1.a – Demolição integral:

- Os hotéis «Avelames» e «do Norte»;
- A piscina pública;
- Alguns anexos considerados desnecessários e sem atributo especial dentro do conceito global do lugar.

1.b – Demolição parcial:

- A antiga fábrica de Pedras anexada ao edifício dos balneários;
- O Grande Hotel;
- A Casa de Chá;
- A Pensão do Parque;
- O edifício das instalações sociais.

2.b – Recuperação, requalificação e ampliação:

- Grande Hotel: aproveitando da estrutura original, renovando-a para Aparthotel de quatro estrelas com 66 fracções de alojamento;
- Balneário Termal: recuperação do edifício e ampliação do corpo central, requalificando-o para *Spa* termal;
- Edifício das Instalações Sociais – recuperação, remodelação e ampliação da construção. A nave principal é aproveitada como átrio de recepção e distribuição de

circulação, sendo-lhe agregado dois corpos interligados para convívio social, festividades e banquetes, com capacidade para 500 pessoas.

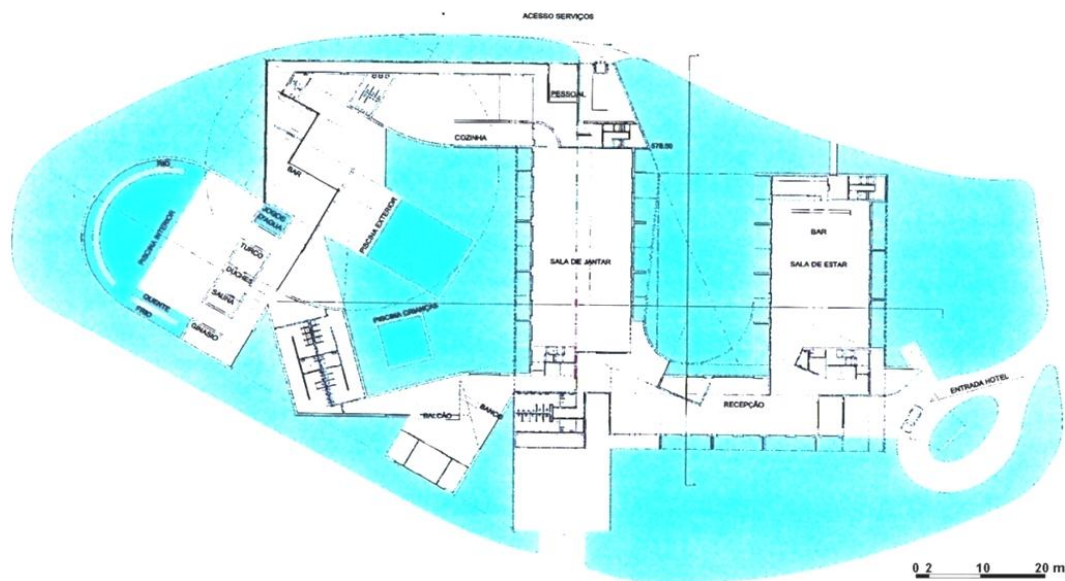


Figura 99 – Proposta do novo Hotel Avelames, planta do piso 0.

3 – Edificações construídas de raiz:

- Novo Hotel: será classificado de quatro estrelas com uma capacidade de 80 quartos. A construção do moderno edifício de aposentos tornou-se necessária pela impossibilidade de aproveitamento do Hotel Avelames. O impedimento deve-se: ao desenvolvimento da estrutura em meios níveis; pelas reduzidas dimensão dos pátios de ventilação, condicionando a qualidade pretendida dos aposentos; e devido às alterações e ampliações efectuadas no passado;
- Spa: equipado com uma piscina coberta e outra descoberta, além de outras instalações habituais para este tipo de equipamento. Terá comunicação directa com o Novo Hotel;
- Jardim Aquo-Lúdico: próximo do acesso Norte do Parque, desenvolvendo-se como zona desportiva com piscinas para crianças e adultos, balneários e bar. A intervenção possibilita a demolição da fábrica (sem qualquer carácter especial), para dar lugar aos campos de ténis. Os vestiários para a prática desportiva situam-se numa pequena residência que para tal foi recuperada, localizada próxima e junto ao muro fronteiriço do parque.

O projecto utiliza uma linguagem dinâmica com o objectivo de conciliar a imagem do tempo passado com a da actualidade. É uma arquitectura conceptual díspar que propõe a interligação do *local* com o *global*. Tem o propósito de celebrar diversidade estética entre:

- A imagem inicial do pré-existente;
- O simbolismo das novas edificações.

A abordagem dos percursos foi de efectiva importância: os interiores – permitindo experiências variadas e em interacção com o Parque; os exteriores – salvaguardando o vínculo com a natureza na deambulação, introduzindo novos focos de interesse. A delimitação dos espaços foi concebida para minimizar os presumíveis impactos. Entendeu-se que a força da imagem de uma dada realidade se pode transfigurar mediante as suas condições de aproveitamento, conforme se depreende da afirmação que “ (...) *uma auto-estrada pode ser uma artéria de comunicação para o motorista e um limite para um peão* (...) ”.²⁹³ Também para que o usuário

²⁹³ Lynch, K. (1996) – «A Imagem da Cidade», pág. 59.

não sinta uma passagem abrupta da realidade balnear – ideal e intimista – com o mundo dos afazeres, considerou-se a necessidade de haver espaços de transição entre as áreas de lazer e de serviços.²⁹⁴



Figura 100 – Proposta do o Hotel Avelames–club house.

A especialização dos espaços balneares – e consequentemente dos seus ambientes – acentua o contraste das características próprias das esferas privada, pública e dos serviços. A separação funcional dos circuitos permite a sua fácil identificação. Assim facilita-se o encaminhamento de acordo com a índole dos percursos: de lazer, de tratamento, de serviços, etc. Foram constituídos quatro tipos distintos de circuitos:

- Para os veículos dos hóspedes: caminhos viários que minimizam o contacto dos utentes do parque com os automóveis. A configuração garante percursos seguros “ (...) a partir do extremo Norte do parque, junto ao Museu do Automóvel, Este circuito possibilita o acesso dos hóspedes ao novo Hotel e à garagem privativa para 68 lugares, em subsolo, e ainda ao Aparthotel. O estacionamento ao ar livre do Aparthotel, para 50 lugares, ocupa o espaço resultante da demolição do Grande Hotel do Norte (...) ”; ²⁹⁵
- De deambulação: convidam o utente ao transporte pedonal pela recuperação integral dos caminhos existentes do parque e/ou a utilizar a bicicleta pela reformulação em ciclo via da antiga linha-férrea. A paisagem foi preservada, regenerada e requalificada: é o caso da conversão em zona verde das margens do Rio Avelames, pela demolição de algumas estruturas existentes;
- De Navettes: permitem a deslocação cómoda e protegida dos hóspedes entre os hotéis e os Spa's;

²⁹⁴ Evita assim a sensação comum do utente ao sair da sua habitação no universo urbano, se descobrir sem se dar conta, absorvido no império do trânsito, das obrigações e de dependências; um mundo vibrante mas por vezes hostil para com o pedestre, pouco sensível à escala humana – nota do autor.

²⁹⁵ Siza Vieira, A. (Abril de 2004) in «Memória descritiva» do projecto.

- De Serviços: assegura a comunicação necessária e conveniente entre as cozinhas do novo hotel, o edifício de banquetes, e ainda o abastecimento ao Novo Hotel. É feito através do acesso do extremo Sul pré-existente. Fora dos muros do parque, prevê-se um edifício próprio para recolha e compactação do lixo.

O acesso automóvel e seu estacionamento passam para fora dos limites do parque, favorecendo o aproveitamento pedonal das vias existentes. O funcionamento dos seus postes de iluminação “ (...) *continuarão a oferecer um curioso espectáculo visual* (...) ” por funcionarem a gás natural proveniente da água termal.²⁹⁶

Quanto à necessidade de estacionamento das viaturas, consideram-se três grupos distintos:

- Estacionamento Público: para duzentos lugares sendo cento e cinquenta destinados aos utentes do parque e do edifício de banquetes; e cinquenta para os veículos dos utentes dos museus do automóvel, piscinas e indústria da água;
- Estacionamento para colaboradores: com 80 lugares, localizado próximo do alojamento de pessoal (antigo edifício da Pensão do Parque);
- Estacionamento para Eventos Culturais: 100 lugares para apoio dos eventos culturais no antigo Casino.

Os estabelecimentos balneares são importantes consumidores de energia pelo que se pretendeu que as Termas fossem o mais autónomo possível. Para minimizar a circunstância foram integradas tecnologias de energia renovável nos projectos construtivos e de especialidade que, na altura, eram pouco habituais no mercado português.²⁹⁷

É uma riqueza inerente da arquitectura poder adoptar compromissos entre campos de influência distintos simultaneamente. Ajustes associados em projecto por Siza Vieira para o Parque das Pedras Salgadas de carácter:

- Global: os objectivos do programa «Aquanattur» para o desenvolvimento sustentável;
- Regional: salvaguardar o progresso regional em acordo identitário;
- Particular: satisfazer as expectativas dos futuros utilizadores das Termas.

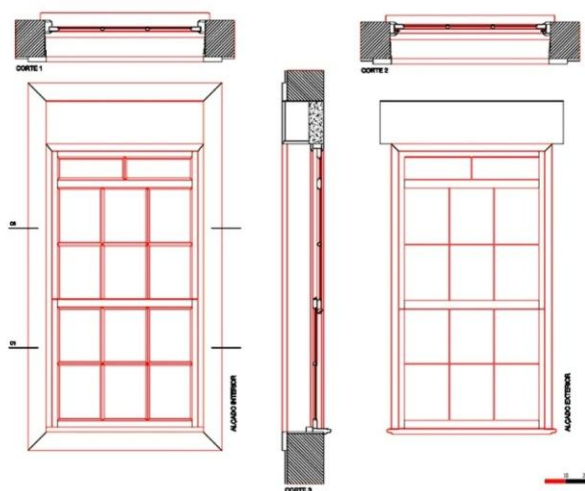


Figura 101 – Levantamento para recuperação de uma das fenestraçãoes.

²⁹⁶ Vide revista «Visão» (16 de Novembro de 2006), pág. 110.

²⁹⁷ O projecto de engenharia mecânica é explanado na análise das Termas de Vidago -ambos os projectos da especialidade foram realizados pela firma G.E.T. com a colaboração de engenheiro Elvio, J. (Abril 2007).

5.4 - As Termas de Vidago.



Figura 102– Planta topográfica das Termas de Vidago (ano?).

A – Descrição funcional

A estância destina-se a aquistas com indicações terapêuticas de doenças do aparelho digestivo, do aparelho respiratório, sistema osteoarticular (artrites, artroses, lombalgias, reumatismo), sistema metabólico (gota), enxaqueca e alergias.

No seu diário pessoal, o Conde de Mafra, médico da corte, Thomaz de Mello Breyner, descreve uma sua estadia em Vidago: ... (...) *Sexta-feira, 4 e Junho de 1902 – De manhã duche de jacto móvel que me tem feito um grande bem assim como as águas que são realmente uma maravilha. Joguei um pouco de tennis no fim do almoço e depois dormi um pouco, porque faz calor... ... de noite cavaco ameno e um pouco de música (...)*”.²⁹⁸

B – Características da água

Água bicarbonata sódica, gaso-carbónica, Sulfatada, fluoretada e ferruginosa.

Nasce a 23,8°C com pH entre 6,1 e 6,45, mediante a fonte. Em contacto com o ar ou por desgaseificação o pH sobe até 8,9. Segundo trabalhos de Lassale e Fuche foi demonstrado que a água ingerida sai do estômago em 5-6 minutos em função do pH ácido (6,1 a 6,45); enquanto que a mesma água desgaseificada com pH de 8, se demora 25 minutos ou mais. Isto quer dizer que o pH das águas utilizadas à emergência facilita a abertura do piloro, correspondendo à passagem mais rápida da água para o duodeno.

A cura de Vidago é essencialmente através da bebida em posologia racional e científica. Por vezes podem associar-se banhos de emersão, duches e massagens, por serem tonificantes no tratamento de doenças crónicas.

Observada na fonte é uma água límpida e transparente, sem cheiro sensível e de um gosto agradável, um pouco picante como as águas de Seltz. Desenvolve na fonte uma grande quantidade de acido carbónico. Exposta ao ar ou em frascos mal fechados, turva-se, depondo um precipitado de carboto de cal. Sobre as suas qualidades depois das refeições é indicado que

²⁹⁸ Mello Breyner, T (2005) – «Diário de um monárquico», 1902-1904, pág.s 62 e 64.

“ (...) o restabelecimento da digestão é prontamente alcançado pela ingestão desta água mineral, corrigindo-se de seguida as aberturas nervosas, modificando-se o sangue e secreções (...) ”. ²⁹⁹ As Fontes «Vidago», «Vidago 2» e «Vidago 3» são as preferidas tendo cada uma a sua especialização terapêutica. A primeira é referenciada para desvios de nutrição que reclamam uma intervenção alcalina intensiva, e convalescença de febres graves; a segunda para congestão do fígado e enteriticos (muco-membranosas e mucosas); sendo a terceira vocacionada para purificação e lavagem do sangue.

Em 1873 foram premiadas na Exposição Universal de Viena de Áustria. ³⁰⁰

C – Localização



Figura 103 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização.

A estância tomou o nome do pequeno povoado que a extrema. Situa-se a uma altitude de 360 metros acima do nível do mar, freguesia de Vidago e Oura, concelho de Chaves (dista 20 quilómetros), distrito de Vila Real, província de Trás-os-Montes, a cerca de 160 quilómetros do Porto. Sobre as águas das Termas e sobre a sua situação geográfica é descrito que estão numa “ (...) bonita aldeia no fértil e pitoresco Vale da Oura, onde há o Grande Hotel de Vidago, que recebe hóspedes, que pagam diárias de 2 250, 1 500, 1 200 reis. As águas bebem-se nas nascentes pelo preço de 1 000 reis por toda a estação (...) ”. ³⁰¹

D – Construção e memória descritiva

Nas cercanias de Vidago existem lápides curiosas que demonstram que as águas eram utilizadas pelos Romanos. No tempo de Trajano teriam ali um estabelecimento balnear designado de «Vitaago» denominação que deriva de duas palavras: “vita” e “ago”. ³⁰² Foram abandonadas e depois, esquecidas no tempo.

A primeira fonte mineral denominada de «Vidago» foi descoberta por obra do acaso em 1863 que: “ (...) segundo consta, Manuel de Souza, lavrador das proximidades de Vidago, era um doente do estômago e ao fazer o caminho pelo local onde hoje se ergue o pavilhão da fonte,

²⁹⁹ Figueiredo, J.S. (1898), transcrito em Sarzedas, T. (1914) – «O Vidago Thermal, nota descriptiva».

³⁰⁰ Conjugação da informação de: 1) Acciaiuoli, L. M. (1947) – «Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46»; 2) «Anuário das Termas de Portugal» (2006).

³⁰¹ Acciaiuoli, L. M. (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa», Volume IV, pág. 336.

³⁰² Tem como significado: “eu faço a vida”

sentindo sede e vendo uma poça de água da nascente, debruçou-se, e dela bebeu até se saciar. Passado horas experimentou um bem-estar tão sensível, em contraste com os seus habituais sofrimentos gástricos, pelo que ali voltou em dias consecutivos a socorrer-se da fonte, não tardando a obter cura. Fez pregão do benefício colhido, que soando aos ouvidos de D. Júlia de Araújo, fez menção do caso ao Dr. Domingos Ribeiro, advogado em Chaves. Por instâncias deste letrado mandou a Câmara de Chaves proceder à análise química da água no Laboratório da Escola Politécnica de Lisboa, cujos resultados foram publicados em 1865 (...).³⁰³

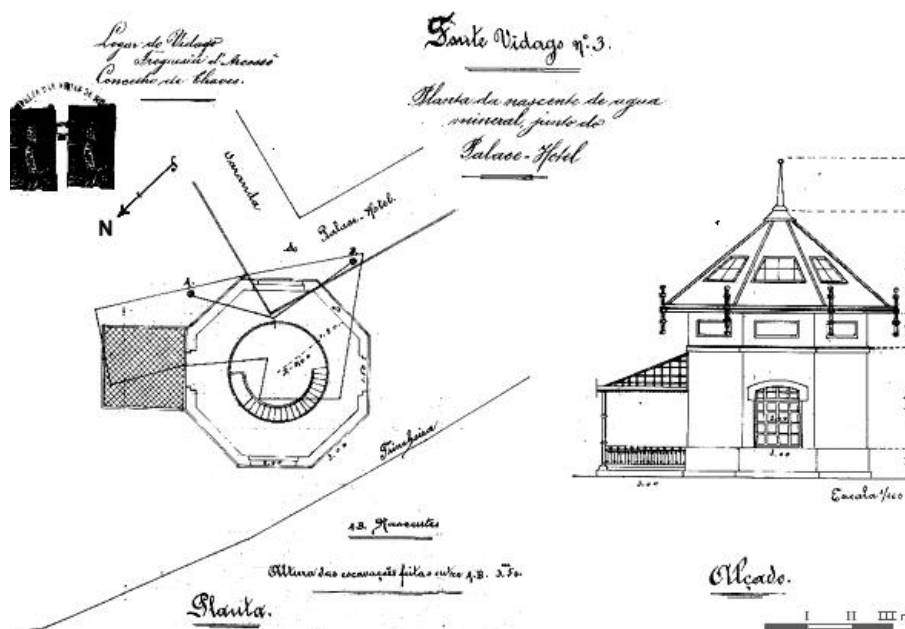


Figura 104 – a) Planta e b) alçado do Pavilhão de resguardo da nascente de água mineral (1913).

Em 1871 iniciaram-se as obras do «Grande Hotel» que abriu ao público em 1874. Era um edifício de rica expressividade cénica devido à sua torre com forte teor emblemático; pelos motivos vegetais em pedra lavrada nas molduras das portas e das janelas; pelo predomínio decorativo; etc. Sobre o seu balneário é descrito: “ (...) ...a pequena distância e separado apenas por uma estrada pública, está o «Pequeno Hotel» e a casa de banhos, com sete banheiras e um compartimento para duches, sendo o preço de cada banho de 300 reis (...)”.³⁰⁴

A povoação de Vidago teve por várias vezes as honras da visita de Sua Majestade el-rei D. Carlos I que foi hóspede do estabelecimento nos anos de 1875, 1876 e 1877. A Corte também apreciava a estadia conforme comentário: “ (...) pois El-Rei D. Luís fez uso das águas e, ultimamente Sua Majestade D. Fernando, a Senhora Condessa d’Edla e o Infante D. Augusto (...)”.³⁰⁵

O Grande Hotel imponha-se ao viajante pela sua grandeza e beleza harmoniosa. Esta imponente construção de rés-do-chão e três andares tem 100 metros de frente por 12,5 metros de largura. A sua imagem característica é simétrica, com duas torres nos topos e uma terceira, central que identifica a entrada. Esta noção é ampliada pela escadaria que dá acesso ao edifício, centro de toda a composição que “convida” o espectador a entrar pela “promessa” de

³⁰³ Sarzedas, T. (1914) – «O Vidago Thermal, nota descritiva», pág.s 6 e 7.

³⁰⁴ Acciaiuoli, L. M. (1944) – Águas de Portugal, Minerais e de mesa, Volume IV, pág. 337.

³⁰⁵ Pinho Leal, J. (1877) – «Portugal Antigo e Moderno, Dicionario Geographico, Estatístico Chorografico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal»; volume X.

um leque de possibilidades infindáveis de bem-estar.

Edifício majestoso de arquitectura sóbria em cor rósea e enquadrado em cenário de tons verdes. Era muito reputado pelo seu luxo, conforto e pelo serviço de mesa primoroso – El-Rei D. Luís prescindiu dos seus especialistas culinários a partir do 1º ano de permanência, por entender que a gastronomia não continha exageros que pudessem prejudica-lo.

Podia acolher confortavelmente 120 pessoas. Pelas vantagens de comodidade construiu-se o balneário no rés-do-chão. Tinha uma entrada interior para os hóspedes do hotel e outra exterior, independente, de forma a poder ser frequentado por estranhos. Posteriormente foi transferido para um edifício construído de raiz, de planta rectangular com eixo de simetria empregue na fachada central.

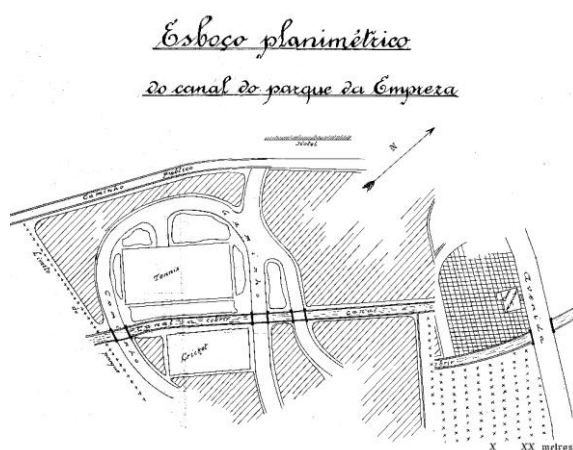


Figura 105 – Projecto do parque de jogos, infantil e o campo de golfe (1930).

A partir do vestíbulo central nasce uma galeria de banhos para cada uma das duas alas do edifício, correspondente à separação dos géneros.

No ano de 1893 e conforme a investigação documental dos arquivos da estância em depósito na Direcção Geral de Energia e Geologia, é concessionário da exploração das nascentes a «Empresa das Águas de Vidago» por alvará régio. Fazia parte integrante do complexo o «Hotel Palace» cujo início de construção se deu no ano de 1908 e que foi inaugurado em 1910.

Em 1913 no terreno do parque construíram-se as buvetes, o que possibilitaram a captação e resguardo das águas minero-medicinais e o aproveitamento pelos utentes de forma confortável. No subsolo foi construído uma parede circular de alvenaria hidráulica sobre um solo de betão que resguarda a nascente de infiltrações. Para captação da água da nascente desce-se por uma escada em ferro. Sobre as nascentes construíram-se pavilhões de resguardo, com uma entrada para o interior octogonal, com três janelas. Os abrigos não influenciaram a produção das águas.

O novo balneário foi construído no exterior ao hotel, pois segundo a opinião de Engenheiro-chefe: “ (...) a única lacuna que havia na estância termal era o balneário; não bastava o antigo, primitivo e rudimentar. Iniciada a sua construção, foi concluída em 1916, com 24 quartos de banho de imersão em tinas de ferro esmaltado, duas salas de duche, uma para irrigações vaginais, e uma outra para massagens. Sendo todos os compartimentos estabelecidos em duas alas perfeitamente simétricas, destinadas à divisão dos dois sexos (...)”.³⁰⁶

No ano de 1917 foi deferido o perímetro reservado das nascentes, julgando-se nula a concessão da licença para a fonte de «Vidago Canhoto».

Já em 1930, a expropriação de 27 parcelas de terreno permitiu deslocar o leito da Ribeira de

³⁰⁶ Acciaiuoli, L. M. (1944) – «Águas de Portugal, Minerais e de mesa», pág. 344.

Ferraz. No estio era um regato insignificante; mas por ocasião das grandes chuvas transformava-se num rio caudaloso, produzindo inundações que podiam afectar o regime das águas das nascentes. O novo leito do ribeiro construído em alvenaria hidráulica, passou a ter uma parte subterrânea em aqueduto sobre o parque, sendo o restante descoberto de secção trapezoidal com uma caleira no fundo onde corre todo o caudal na estiagem. O terreno plano deixado livre por este projecto de alteração foi aproveitado para campos desportivos (parque de jogos, infantil e um campo de golfe), tão necessários à salutar vivência termal.

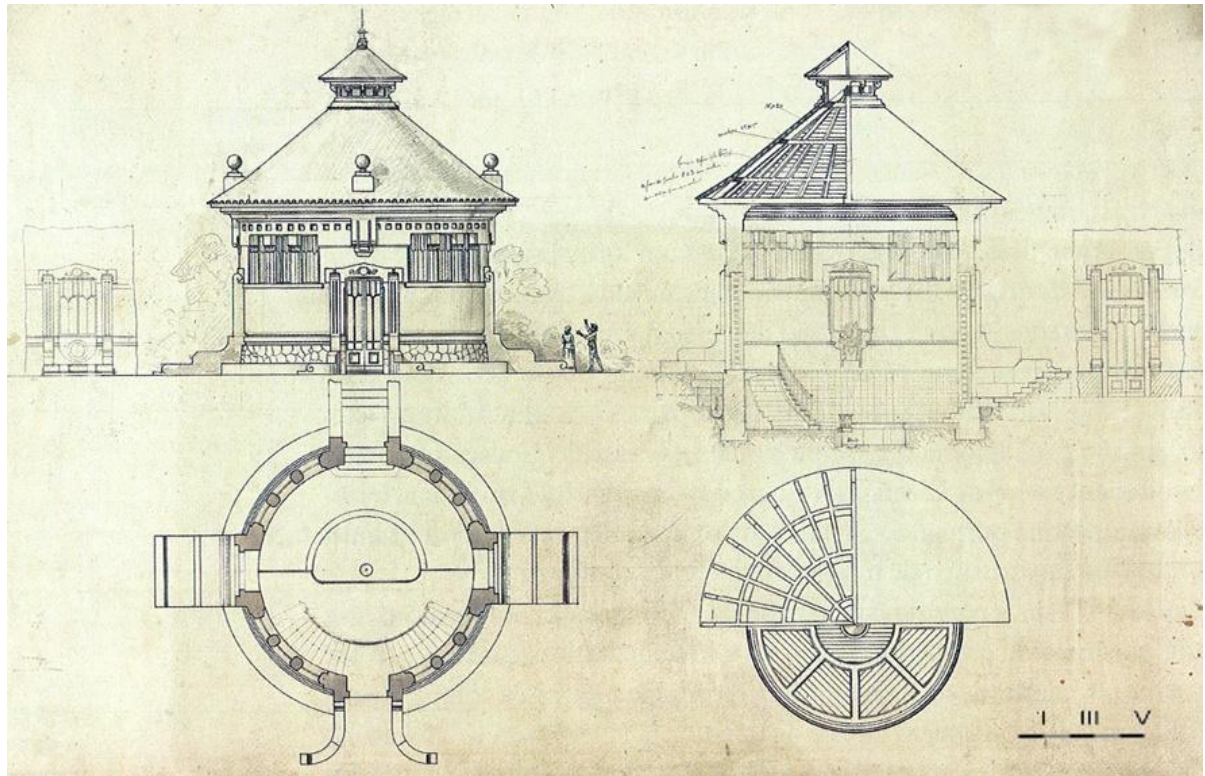


Figura 106 – Projecto do pavilhão para a Fonte de Vidago 2 de António Rodrigues da Silva Júnior (1909).

No início da década de 40 foi edificada a estação dos correios que, pela importância na época de serventia, se encontrava a escassos metros do hotel. Também foram construídas a casa da caldeira e instalações sanitárias para o pessoal (afastada do balneário por razões higiénicas) e uma fossa séptica dos sanitários das oficinas

O edificado das Termas de Vidago são em estilo «Neo-Barroco». Oferecem uma imagem animada e colorida pelos motivos ornamentais e pelas saliências decorativas, conforme o gosto burguês da época e em consonância com a linha arquitectónica centro/europeia.

O Hotel Palace tem ainda o estatuto de ser um dos melhores exemplares da arquitectura «Neo-Romântica» portuguesa. O esplendor da «Belle Époque» adorna o salão nobre, a magnífica escadaria interior, a sala de jogo, o mobiliário, as clarabóias, etc. São os ferros que se retorcem em rendilhados delicados, os rebocos que reproduzem ramos das árvores com flores e frutos, as pinturas que encenam o movimento das folhas.

As fontes, com a mesma expressão, unem a aparência modernista à cor e fantasia decorativa. O coreto corresponde à imagem de um palco de música campestre, quase como um abrigo estratégico no meio do parque. Este, pela sua dimensão e poder, organiza o acesso monumental, traçado por dois eixos transversais secundários paralelos que respectivamente dão acesso ao balneário e a edificações secundárias. Depois estes dois encaminhamentos desenvolvem-se livremente pelo terreno com plantas e frondosas árvores que, pela abundância, transpõem o rio, cuja manifestação não participa na organização espacial.

Em 1945 o Balneário foi remodelado, actualizado e aumentado através de projecto do Arquitecto António Janeira que manteve a traça existente; no entanto os 57 metros da fachada principal

passaram para 90 metros, pelo acrescento de uma ala em cada um dos seus topos; para além de ter sido traçado um novo sistema de ventilação e iluminação.

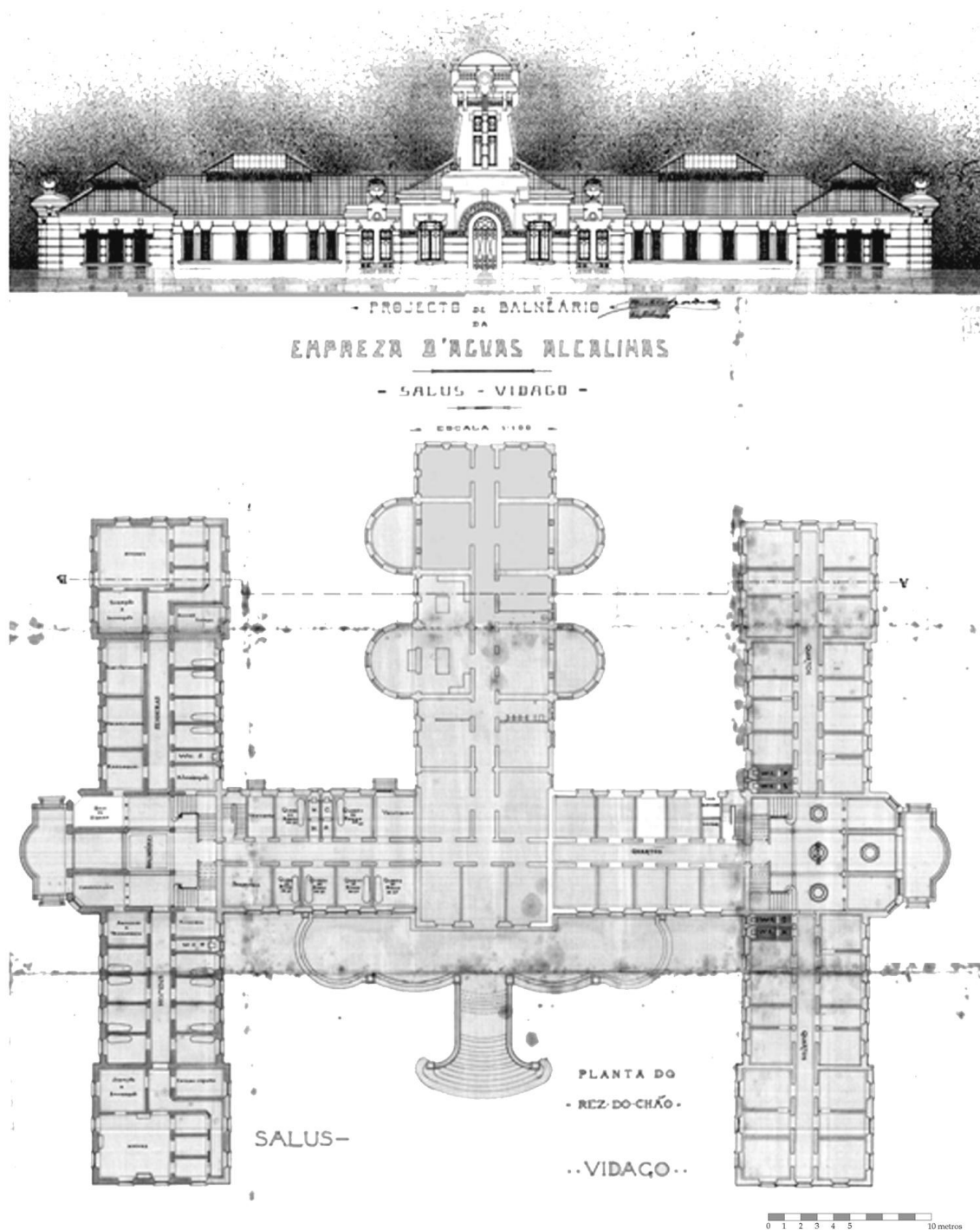


Figura 107 – Projecto do Balneário – Alçado e planta piso 0 (1914).

No subsolo ficaram os serviços de lavandaria e pessoal com acesso por escada exterior na fachada posterior; e no rés-do-chão, a área dos vestiários das salas dos duches foi duplicada, deixando de haver em cada secção mistura de funções. Assim os vários serviços ficaram situados por grupos e no centro, as salas de repouso.

Em 1993 entrou um projecto de recuperação e actualização do interior do Balneário que, embora diferido, nunca foi realizado.

Pode-se afirmar que Vidago é a jóia da coroa balnear nacional pela conjugação do carácter

histórico, pelos atributos terapêuticos e pela singularidade na celebração termal. As Termas estão confinadas à localidade com o mesmo nome a cerca de doze quilómetros a Norte do parque das Pedras Salgadas; actualmente pertencem ambas ao mesmo concessionário, o grupo UNICER que as pretende salvaguardar e recuperar de acordo com um projecto conjunto de âmbito alargado. Por isso as Termas de Vidago estão a ser recuperadas e valorizadas pelo projecto desenvolvido pelo Arquitecto Álvaro Siza Vieira.



Fotografia 57 – Escadaria do Hotel Palace de Vidago (postal da década de 1910).

5.4.1 - Projecto de modernização das Termas de Vidago

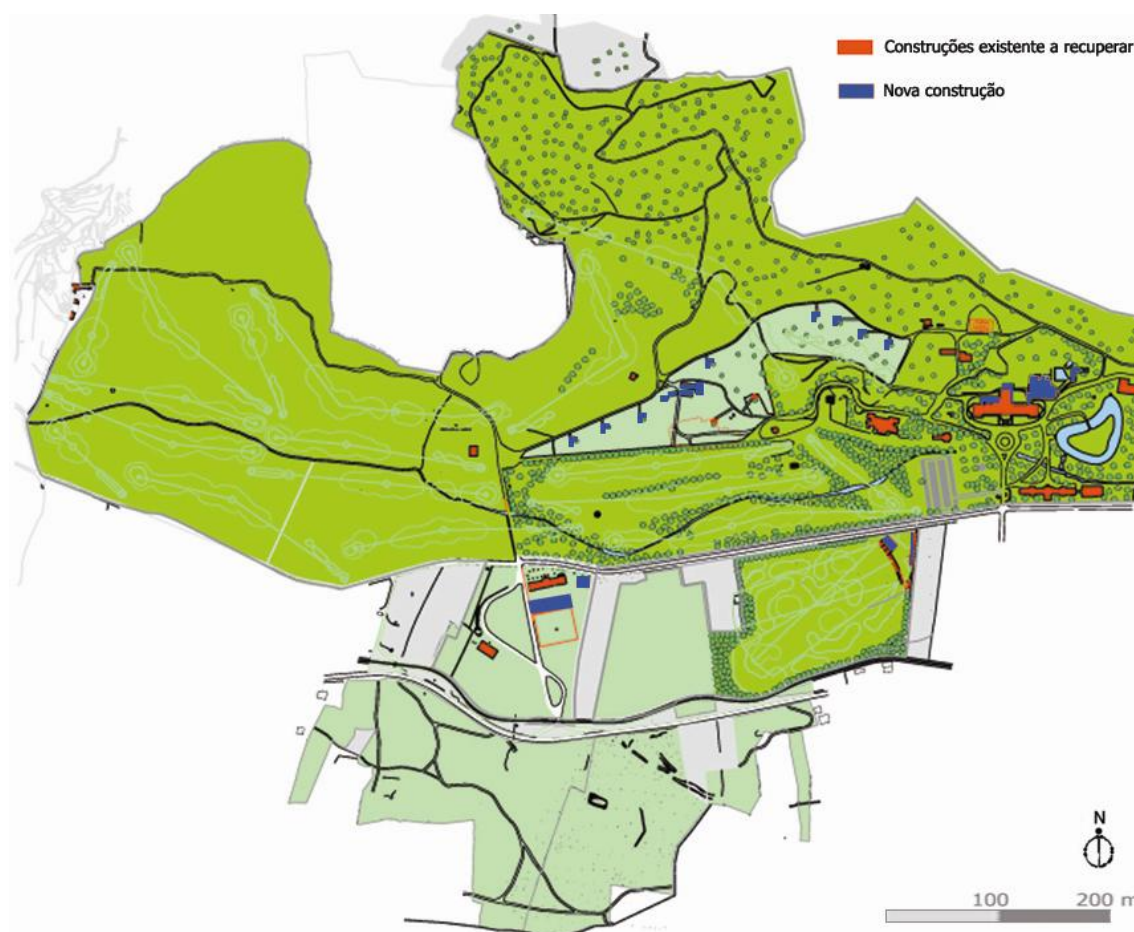


Figura 108 – Planta do projecto do Parque de Vidago de autoria do Arquitecto Álvaro Siza Vieira.

El árbol de mi encabezamiento no es un árbol verde con hojas. Es el nombre de una estructura abstracta. Opondré a ella otra estructura abstracta más completa, el semientramado. La ciudad es un semientramado, pero no un árbol.
Christopher Alexander³⁰⁷ (1936)

A – Um lugar impressionista

Como referido e de acordo com as mesmas fontes históricas, em 2 de Março de 1893 a Companhia das Águas de Vidago iniciou a de exploração do recinto termal de Vidago mediante o concurso regulado pela Câmara de Chaves para concessão de alvará régio das fontes minerais descobertas em 1863.

O «Grande Hotel» surgiu adjacente à «Estrada Real» em 1874, sendo o eixo aglutinador de todo o complexo termal. Este facto permitiu consolidar Vidago como estância balnear de primeira referência, tendo uma área de cerca de 40 hectares. O Hotel Palace em estilo «Belle Époque» abriu as suas portas em 1910 em prolongamento da expressão natural da envolvente. O edifício foi projectado por Miguel Ventura Terra, um arquitecto minhoto galardoado com o «Prémio Valmor» em 1902, 1906, 1909 e 1911. O artista foi também autor de outros edifícios de referência nacional como a maternidade Alfredo da Costa, a Sinagoga, o teatro Politeama (em

³⁰⁷ Alexander, C. (1982) - «La ciudad no es un árbol», pág1.

Lisboa) e a basílica de Santa Luzia (em Viana do Castelo).³⁰⁸ O hotel é caracterizado pela decoração das fachadas e dos interiores em linguagem «Art Nouveau», assim como pela imponência do volume composto por cinco corpos distintos, integrados harmoniosamente. A sua dimensão permite-lhe possuir o curioso número de 365 fenestrações, como a recordar o calendário,



Fotografia 58 – Hotel Palace – ferros que se retorcem em rendilhados.

Destaca-se a sua zona central, uma axialidade encetada pela majestosa escadaria central, rematada pela morfologia dinâmica da entrada e pela disposição de curvas côncavas e convexas das fenestrações de impressão barroca que se elevam até à cobertura. Que contrastam com a influência clássica das alas e das torres laterais de teor funcional.

Onde as fenestrações pouco decoradas e em ritmo cadenciado enfatizam a horizontalidade volumétrica do edifício, cortada somente pelo poderoso eixo de simetria.

A porta de acesso é coroada com uma abertura semi-circular e pelo ritmo das fenestrações que por cima da entrada equilibram a volumetria de todo o prédio. Este como que se “ergue” na sequência continuada dos varandins em ferro forjado em forma “*peito de rola*”.

A pujança da centralidade reflecte-se no interior do hotel, no átrio imponente rematado por colunas de mármore clássicas que prenunciam a escadaria nobre de lances cruzados estrategicamente situada.

O hotel tornou-se rapidamente célebre pelo bem-estar, pela sumptuosidade e pelo requinte social que proporcionava. A sua ornamentação é de carácter simbolista, derivando do movimento com capital em Paris que na altura se expandia por toda a Europa. A «Art Nouveau» apresentou-se desde o início como um estilo luxuoso que explorava novos materiais através da plasticidade orgânica decorativa – o ferro e o vidro – com corolário no design do mobiliário e da iluminação.



Fotografia 59 – Hotel Palace: a) restaurante e b) cozinhas (postais emitidos na década de 1910)

É o que se podia atestar na expressividade dos móveis, da clarabóia e dos candeeiros dos diversos espaços do edifício de Vidago.

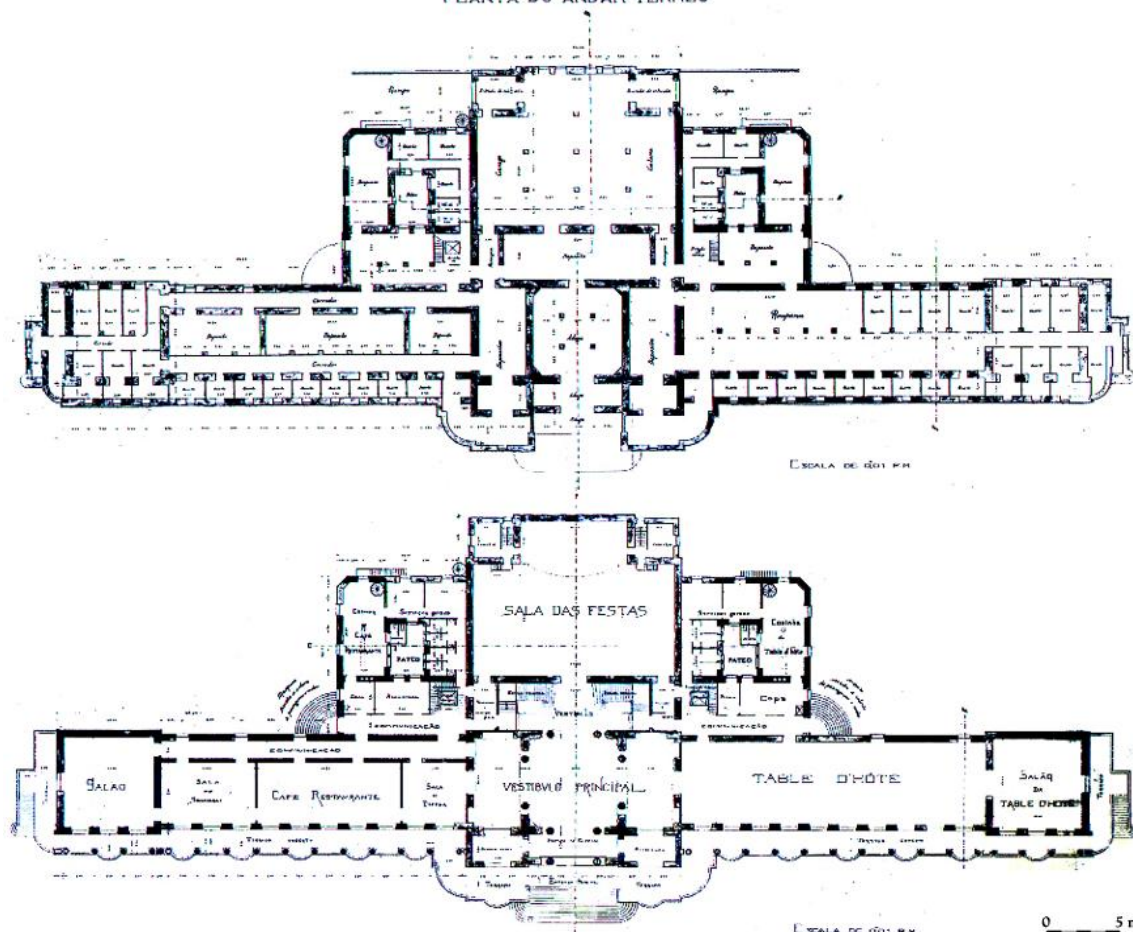
A imagem do Hotel Palace emerge como o cume hierárquico da unidade termal, sendo o centro de uma linguagem evidente. Contudo as partes foram astuciosamente dispostas para

³⁰⁸ Página web (Maio, 2008) www.chavesantiga.blogs.sapo.pt.

- A forma decorre da função, impressionando pela sumptuosidade;
- O ornamento é subsequente da estrutura que impressiona devido à exuberância;
- A luminosidade e os ritmos cromáticos manifestam-se no todo, convenientemente.

HOTEL PALACE – VERSÃO ORIGINAL

PLANTA DO ANDAR TERREO



A A partir dos anos 30 desfrutou de um longo período áureo, sucesso ampliado depois da inauguração de um dos primeiros campos de golfe em Portugal (1936) de acordo com o desenho do arquitecto paisagista Philip Mackenzie Ross; tinha o comprimento de 4740 metros e era jogado em duas voltas com 9 buracos.³¹⁰

O esquema organizativo – de tipo clássico pelo cruzamento ortogonal de dois eixos, servindo o mais pequeno de centro de simetria – foi prolongado pela introdução de um novo corredor transparente. Este interliga os dois volumes – o existente, preservado e renovado e o recém construído, límpido e moderno – ajustando os diferentes tempos cronológicos de construção. A

³¹⁰ Informação conjugada em: 1) www.chavesantiga.cblogs.sapo.pt ; 2) www.vidagopalace.com (ambos em Maio, 2008)

nova estrutura é em configuração granítica, servindo de auditório. O vão da ala principal voltada a Norte “introduz” a cenografia do exterior, dando protagonismo ao parque e à paisagem. A fachada Sul acompanha em paralelo o frondoso arvoredo da «Alameda Conde de Caria» que garante as faixas da estrada que interliga as povoações de Vidago e Pedras Salgadas. Como as demais Termas em Portugal, Vidago perdeu de influência a partir dos anos 60. De registar a intervenção do atelier Silva Dias Arquitectos (1997) para a reconversão do antigo balneário. A sua imagem foi preservada e ampliada por um corpo anexo. O pré-existente foi totalmente recuperado e mantido – excepto as caixilharias e o telhado que foram substituídos – conservando-se os vários materiais e as suas cores.

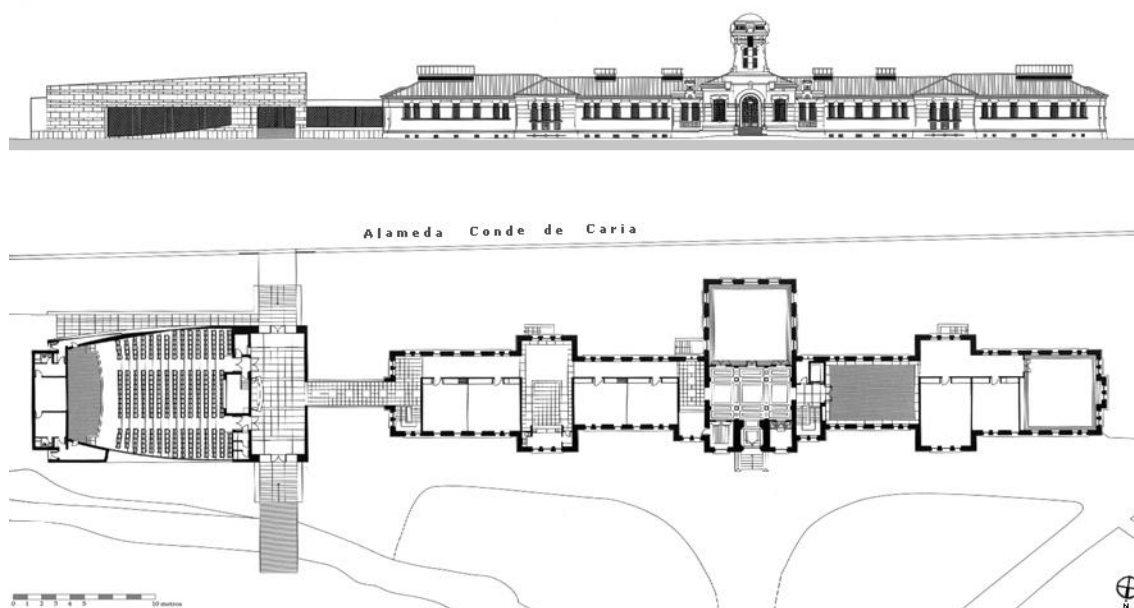


Figura 110 – Projecto do Balneário, integrando o novo auditório da autoria dos Arquitectos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (1997).

B – Sumário da proposta ³¹¹

Actualmente o parque encontra-se em fase de conclusão das obras de recuperação, remodelação e valorização do projecto do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. Tem a inauguração prevista para o segundo semestre de 2008. ³¹² Em consonância com o conceito de Sustentabilidade – como expresso no mencionado projecto «Aquanattur» – o arquitecto introduz as qualidades necessárias à vida contemporânea. A sua cultura transversal permite responder aos desafios nas vertentes de acolhimento e tratamento (física); de índole temperamental (sociológica); e de ordem intelectual (anímico). É um projecto de compromisso dilatado porque, simultaneamente:

- Respeita a configuração patrimonial e histórica do lugar;
- Satisfaz as condições de qualidade de vida actual;

³¹¹ Informação conjugada em: (1) Projecto «Aquanattur» – amavelmente fornecido pelo director da UNICER, Dr. Manuel Marques (Junho, 2007); (2) Memória descritiva do projecto do Arquitecto Álvaro Siza, gentilmente cedido pelo próprio autor; (3) Portais de internet da concessionária: <http://acessibilidade.unicer.pt> (Setembro, 2007) e www.vidagopalace.com (Maio (2008)).

³¹² O hotel do parque termal foi inaugurado em 5 de Outubro de 2010 em dupla comemoração: os 100 anos da fundação do hotel e o centenário da República Portuguesa.

- Actualiza a imagem termal pela manifestação dos edifícios construídos de raiz.

A concretização do projecto «Aquanattur» – iniciado em 2003 em parceria com o Estado Português e com a Fundação Serralves – já permitiu a melhoria da mobilidade inter-regional pela inauguração em 2007 de várias novas acessibilidades em regime de auto-estrada.

C – Conceção arquitectónica

“ Trata-se de um projecto muito relevante na medida em que promove a criação artística numa relação especial de características inovadoras num espaço de grande qualidade paisagística e arquitectónica. “

António Gomes de Pinho, Presidente da Fundação Serralves



Figura 111 – a) Aparthotel em Pedras Salgadas e b) Hotel Palace de Vidago – esboços do Arquitecto Álvaro Siza Vieira.

O ordenamento do território e o desenvolvimento de novas edificações é vulgarmente realizado através da arquitectura, dentro das condicionantes *impostas* pelo lugar. É através dela que se inovam as circunstâncias próprias porque se renovam as relações espaciais, se reanimam os ambientes e se proporciona a realização de novos eventos. Factos que promovem o local e potenciam a região.

O impulso da recuperação do complexo termal de Vidago, coligado no seu enlace com a natureza, permitiu o desenvolvimento de uma nova caracterização, expressa na existente.

No projecto sente-se uma atitude de respeito pelo património – o edificado e o natural – que enuncia um novo ordenamento da unidade mas no propósito de continuidade. O acto criativo da força de actualização – baseado na integração do novo no que se estabeleceu como “*autêntico*” – formaliza uma imagem balnear renovada. Para tal acontecer houve que interpretar os dados recolhidos e depois, utiliza-los desenvolvendo conceitos de incorporação coerentes. No processo de percepção e de compreensão da realidade espacial balnear, utilizaram-se duas atitudes díspares e complementares:

- Uma dedutiva e cognitiva – consequente da recolha e tratamento dos dados específicos do lugar, caracterizada pela utilização de métodos objectivos portanto, de carácter científico;
- Outra decorrente do processo indutivo e intuitivo – com o objectivo de visualização de uma nova realidade estimulada pela criatividade, consequentemente subjectiva e de índole artística. De sublinhar a potencialidade do desenho como sendo uma importante ferramenta do pensamento, ajudando a libertar inibições e a soltar ideias.

Facto que permite considerar a arquitectura como uma arte, quando o processo criativo entra em conjugação com o pensamento científico e com o conhecimento técnico.

1 - Os caminhos do parque.

As intervenções inserem-se num programa de recuperação integral do parque, considerando-o como um espaço de características singulares. Assim o projecto pretendeu: reformular as infra-estruturas; recuperar os percursos existentes; desenhar novos caminhos e passagens pedonais; e privilegiar sítios de interesse que permitem apontar a paisagem.

Uma proposta que distingue as áreas e os seus acessos pelas suas funcionalidades, individualizando-as. Ao se tornarem evidentes, o pedestre apercebe-se do tipo de sítio onde se encontra, sendo orientado para onde se quer dirigir. Simultaneamente é convidado a usufruir das sensações próprias dos percursos como espaços de “ (...) ...continuidade, diversidade e segurança ao longo de todo o Parque (...).”³¹³



Fotografia 60 – a) Centro de Congressos, recuperado e ampliado anteriormente e; b) edifício dos Lavabos.

Para tal a rede viária mantém-se no exterior adornada com majestosos plátanos. Existe uma continuidade expressiva com o intramuros balnear, onde árvores de grande porte – eucaliptos, magnólias grandiflora, camélias japónicas e outras - permitem respirar a magia de um universo que, no tempo, se tornou um fiel depositário do sensível.

1.1 – A unidade balnear é composta por três zonas diferenciadas, interligadas por caminhos aprazíveis. São elas:

- Do Hotel, Centro de Congressos e Centro Cultural – o conjunto é definido pela proximidade física do edificado e pela complementaridade das suas funções;
- Desportiva – o campo de golfe (que será ampliado de 9 para 18 buracos) e em terreno contíguo, o campo de ténis;
- Alojamento turístico de tipologia individual – as «casas do parque» inseridas no meio da tapada, foram recuperadas ou construídas de raiz.

1.2 - A estrutura de estacionamento automóvel é ordenada por duas áreas distintas, conforme designado:

- Hóspedes e/ou colaboradores – com 160 lugares ocupa o local dos antigos courts de ténis.
- Utilizador do Centro de Congressos – integrado na avenida do golfe.

Propõe-se a dissimulação das áreas de estacionamento pela plantação de árvores. Esta forma de organizar o espaço torna-se conciliatória, participando na possibilidade de consubstanciar o “paradeisos”.³¹⁴ Pela observância das considerações expostas o impacto visual dos percursos internos é minimizado.

1.3 - Serviços: As rotinas e a realização de serviços, facultou a constituição de dois novos traçados funcionalmente independentes:

³¹³ Siza Vieira, A. (2 de Maio de 2006), «Memória descritiva» do projecto.

³¹⁴ Actualmente “Paraíso” ou “Jardim do Éden” tornaram-se expressões de significado vago, como uma espécie de felicidade fictícia, nunca presente, impossível de alcançar.

- Circuito de serviços: para o abastecimento ao Hotel Palace Vidago com entrada pelo Norte do parque;
- Circuito de serventia.

Também foi delineado o encaminhamento evitando-se a interceptação dos utentes do parque com os frequentadores dos equipamentos balneares.

2 – O património edificado.

Para a execução do projecto foram executadas diferentes espécies de obra no património edificado existente que passamos a designar:

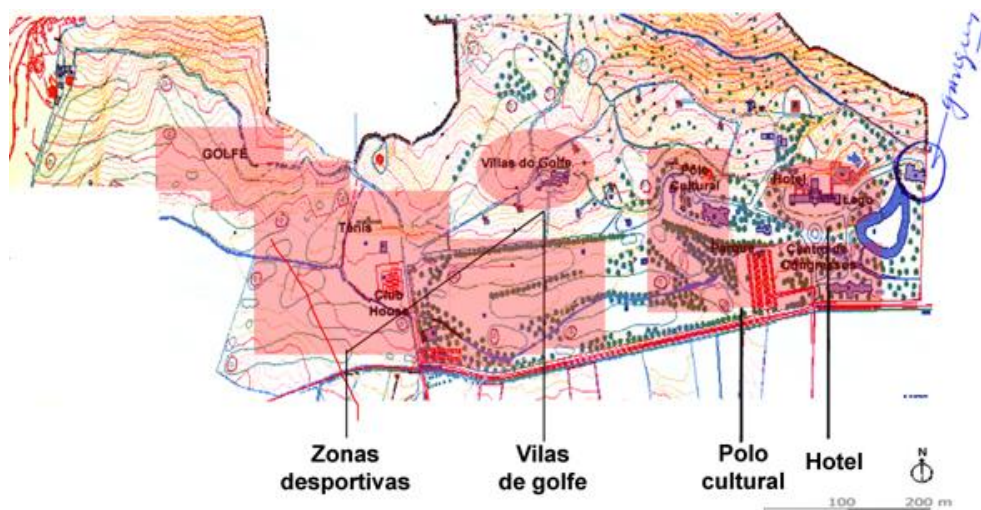


Figura 112 – Planta de caracterização dos espaços do Parque de Vidago.

2.1 – Demolição.

2.1.1 – Demolição integral:

- O Hotel do Golfe, a Casa do Golfe e a Estalagem – eram estabelecimentos localizados em zona limítrofe fora das fronteiras muradas mas dentro da área de atribuição do concessionário;
- A piscina – foi desenhada nos anos 60 por Jorge Moreira da Costa e situada nas traseiras do Hotel Palace. Este arquitecto tinha desde o início da década de 50 o encargo da conservação do hotel e da remodelação dos vários estabelecimentos balneares;³¹⁵
- Alguns anexos – por não possuírem qualquer tipo de distinção, nomeadamente: um situado na ilha artificial do lago; os de apoio aos quatro campos de ténis; e outros de pequena dimensão espalhados pelo perímetro do parque.

2.1.2 – Demolição parcial:

- As várias ampliações consumadas ao longo do tempo, desfazendo-se os acrescentos sucessivos. Tem como intenção devolver a beleza original do Hotel Palace, da fonte nº 1, e do edifício industrial que circunda a fonte «Salus».

3 – Recuperação.

3.1 - Recuperação integral:

³¹⁵ Página web (Maio 2007) – <http://hpserra.blogs.sapo.pt>. Uma evidência do condicionalismo de interioridade deste município: Humberto Serra indica neste sítio que foi a primeira e única piscina pública durante décadas no Concelho de Chaves.

- As antigas garagens junto ao acesso de serviço existente. São recuperadas para espaço de domínio cultural;
- Edifício de engarrafamento: é recuperado para a Casa do Golfe com utilidade desportiva;
- Fonte nº1: recuperação mantendo-lhe a qualificação operativa;
- Fonte nº 4: requalificação como acomodação de carácter turístico;
- Antigas residências: recuperação para alojamento de tipologia T1 e T2;
- Antigo armazém: situado fora do perímetro do parque é recuperado para o serviço de bombagem e tratamento de água;
- Uma construção em ruína e o lagar: localizado no limite do parque são consolidados em estruturas da paisagem como lugares panorâmicos biofísicos;
- Anexos com instalações técnicas: são requalificados.



Fotografia 61 – A «Fonte um» – a relevância cénica balnear

3.2 – Recuperação, adaptação e ampliação do Hotel Palace de Vidago. O programa foi desenvolvido pelos 6 pisos, devolvendo-se ao edifício a estrutura espacial que o caracterizava inicialmente e a sua qualidade original.

- Reconstituição do desenho inicial pela demolição das ampliações. Dificultavam a leitura do edifício além de obstruírem a ligação visual dos quartos com a envolvente a poente, o que determinava espaços internos residuais desnecessários.
- Recuperação do hotel que passa a usufruir a categoria de 5 estrelas. A sua capacidade foi reduzida para 76 quartos, dos quais 7 são *suites*. Devido às muitas condicionantes do restauro, alguns quartos e salas de banho apresentam áreas ligeiramente inferiores às definidas pela classificação turística (17 m² e 5,5 m² respectivamente).

É reconhecido como edifício de valor histórico, arquitectónico, artístico e cultural. O facto determinou várias condicionantes e obrigou ao desenvolvimento de um complexo projecto de recuperação arquitectónica. Assim teve-se de harmonizar o pré-existente – a manutenção do ritmo e das dimensões das fenestraçãoes dos alçados; as paredes estruturais; as divisórias longitudinais interiores do piso 0 e 1 com estuques originais; etc. – salvaguardando-o e modernizando-o. Houve uma profunda remodelação dos interiores adequando-os à utilização das novas funcionalidades contemporâneas a nível de: comunicações, ventilação, iluminação, saneamento; a introdução de novas áreas aos aposentos conforme legislação, adequando-os à luz natural e ao alçado; etc.

Foi chamado o Arquitecto José Aguiar ³¹⁶ para fazer o acompanhamento técnico dos espaços a serem recuperados. Este especialista em argamassas e rebocos antigos fez os estudos estratigráficos necessários, analisando os métodos construtivos e os materiais utilizados para que a reconstituição fosse de acordo com o espírito original da obra. ³¹⁷ O trabalho fundamentou-se na certeza que “ (...) ...*não se pode copiar mas sim tentar compreender o*

³¹⁶ Docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, especialista a nível histórico, construtivo e patológico de conservação e reabilitação de espaços interiores.

³¹⁷ Engenheiro João Caldeira (Maio, 2008), director da obra. Comentários durante a visita ao local.

passado (...); ” e teve como sentido a ideia de “ (...) inovar a partir da tradição (...) ”. ³¹⁸

A distribuição do programa do edifício restaurado e das suas duas ampliações foi desenvolvida da seguinte forma:

Piso menos 2.

- Ampliação a Sul: lavandaria e rouparia; vestiários do pessoal; arrumos e área técnica.

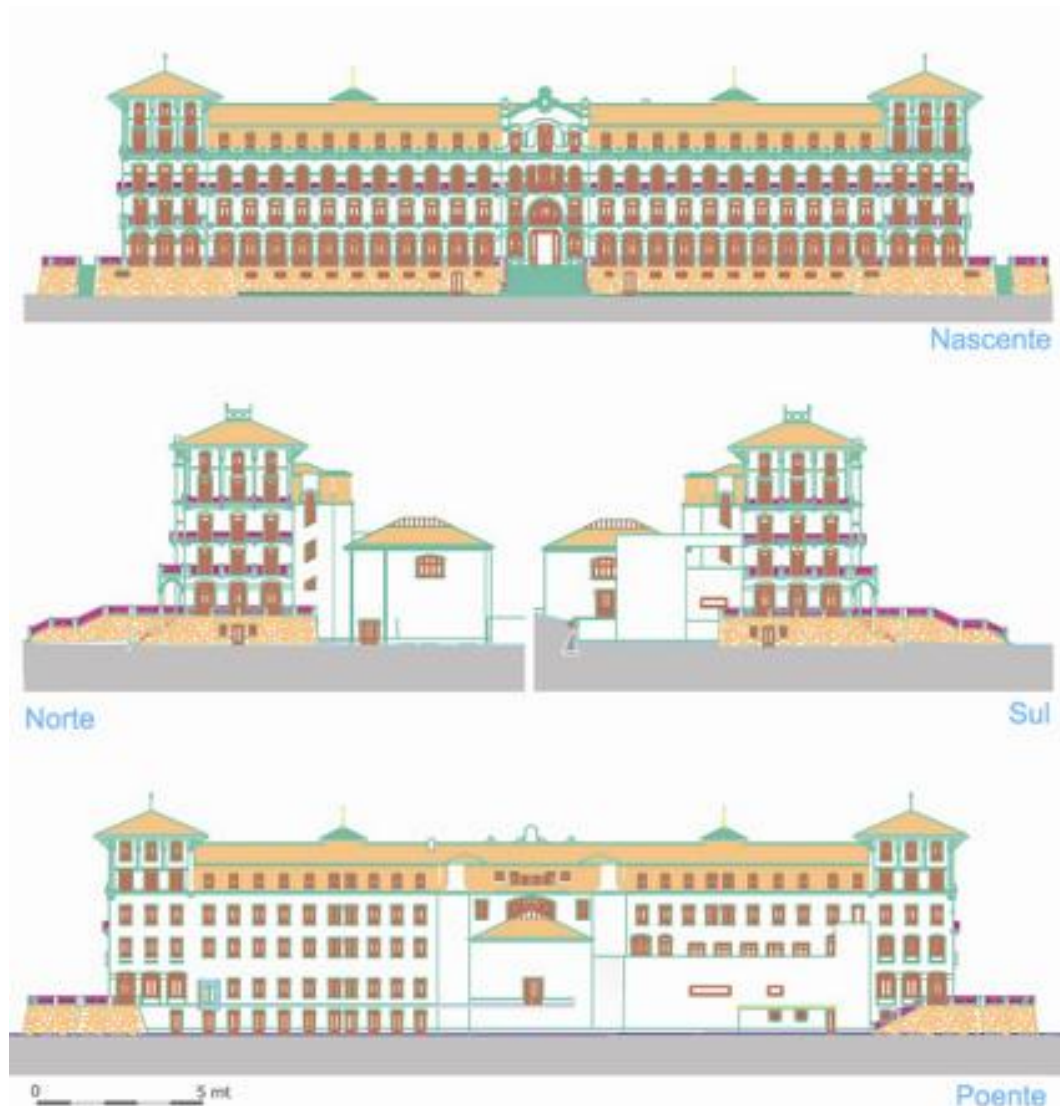


Figura 113 – Alçados do Hotel Palace de Vidago do projecto de recuperação e modernização do Arquitecto Álvaro Siza Vieira.

Piso menos 1.

- Garrafeira; copa: 8 quartos com jardim; salão para recepção de grupos; entrada para deficientes; escritórios; refeitório: copa e sala de convívio do pessoal; sanitários do pessoal e armazém.
- Ampliação a Sul: entrada do pessoal de serviço e de produtos para o armazém, pré-preparação e recinto frigorífico.
- Ampliação a poente: dezasseis gabinetes para diferentes tipos de utilizações e serviço clínico; sauna e banho turco; sala de espera; sala de repouso de iões negativos; duas salas orientais; área técnica.

³¹⁸ Página web (Outubro, 2008): www.habitarsustentado.blogs.sapo.pt.

Piso 0.

- Entrada e átrio; recepção e gabinetes de apoio; restaurante; sala de charuto; sala de pequenos-almoços; sala de estar e bar; loja; instalações sanitárias públicas.
- Ampliação a Sul: zona de serviços, incluindo cozinha, copa e anexos; galerias de ligação directa ao restaurante e à sala de pequenos-almoços
- Ampliação a poente: *spa* que inclui recepção, bar, balneários, ginásio, sala de repouso e piscina interior; e ainda no exterior, piscina para adultos e crianças, jacuzi, bar e instalações sanitárias; galeria de ligação directa ao hotel.

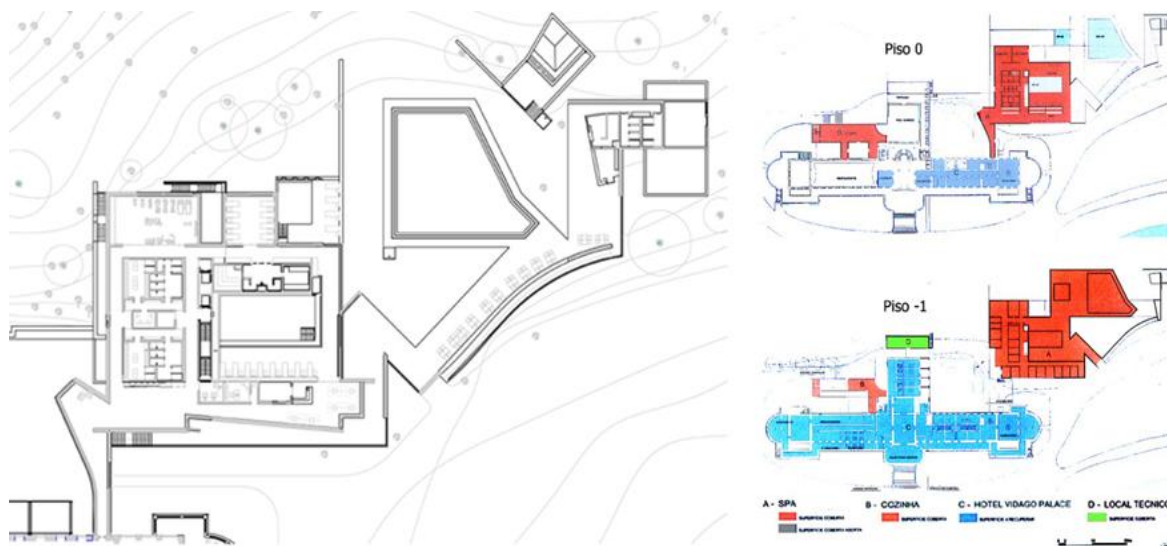


Figura 114 – Planta piso 0 do Spa e esquema de ligação com o Hotel

Piso 1:

- Copa de serviço; 2 suites e 14 quartos; mezanino da sala de pequenos-almoços e mezanino do restaurante (salão nobre).

Piso 2:

- Copa de serviço; 3 suites e 24 quartos; acesso à escada de emergência

Piso 3:

- Copa de serviço; 2 suites e 25 quartos.

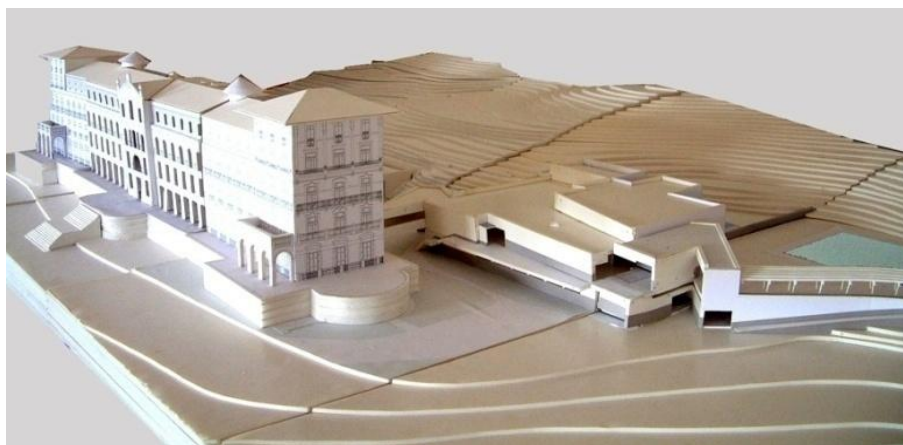
Piso 4 (torreões): 2 Suites e 2 quartos.

- A Sul foi-lhe anexado um corpo de 2 pisos mais cave, destinado a actualização dos serviços, tendo-se assim renovado e ampliado as cozinhas.
- O hotel foi também ampliado a poente com o novo *spa* no local onde se “ (...) *...eliminam algumas construções que o desqualificam estética e funcionalmente (...)* ”.³¹⁹ Esta solução possibilitou: a abertura com a envolvente natural pela recuperação da encosta a Oeste; e a integração visual, um enlace “transparente” entre os dois edifícios. Construído de raiz, o *spa* de 2 pisos tem uma área bruta de 1 442,6 m² e está interligado ao hotel pelo piso 0: Aqui estão estabelecidas as áreas da recepção, balneários, ginásio, piscinas interior e exterior, jacuzi, sala de repouso, o bar, e instalações sanitárias.
- Anuncia-se uma passagem protegida entre o hotel e o Centro de Congressos, (conforme mencionado é um edifício recentemente requalificado e em bom estado de conservação).
- O *Spa* é um edifício construindo de raiz que se interliga ao hotel para poente.

³¹⁹ Siza Vieira, A. (Janeiro de 2006), «Memória descritiva» do projecto.

Construtivamente é uma estrutura monolítica de betão armada, coberto por granito «Pedras Salgadas».

Este material de qualidades duradouras é proveniente da pedreira situada a poucos quilómetros do local da obra. Quanto ao betão referenciado, por razões estéticas e económicas estará visível somente nas galerias técnicas. Os corredores são revestidos por estuque comum. O material interior é essencialmente em mármore branco de Estremoz, sendo duas das paredes em azulejo «Viúva Lamego» - estão localizadas nas paredes que se prologam para o interior da piscina, tendo uma registada um desenho do próprio Álvaro Siza Vieira.³²⁰



Fotografia 62 – Maqueta à esc. 1/100: implantação do Hotel Palace, o novo edifício Spa.

4 – São ainda construídos de raiz equipamentos que incrementam a qualidade do complexo, facultando o lazer, a manutenção e os serviços. Assim:

- Casas do parque: edificações de piso térreo tipo T1 e T2 que integram o conceito de turismo familiar;
- Equipamentos desportivos e de manutenção: campo de ténis; academia de golfe com serviços de apoio, estacionamento dos carros de transporte dos desportistas e material;
- Edifício de manutenção – espaço de manutenção do parque e de estacionamento automóvel.

5 – O projecto desta unidade foi sensível à integração de novas tecnologias, dentro das condicionantes e do compromisso referido fundamentado no «Desenvolvimento Sustentável». Minimiza-se assim a necessidade de consumo energético excessivo pela incorporação de:

- Eficiência energética: pela aplicação de isolamento térmico na envolvente; de vidros e caixilharias de boa qualidade; pela minimização de pontes térmicas; pela escolha de materiais e soluções construtivas.
- Colectores solares: colocação de 16 unidades no terreno com uma área útil de 2,3 m² por peça.
- Aplicação de tecnologias de bom desempenho e de baixo consumo nos sistemas de aquecimento/arrefecimento com: «chillers» – sistemas com recuperação de calor que utilizam a energia libertada no condensador para aquecimento das águas sanitárias e das águas das piscinas; «free cooling» – processo de aproveitamento da temperatura do ar exterior para efectuar o arrefecimento interior; «uta's» – recuperação da energia rejeitada nas unidades de tratamento do ar; «bombas de circulação de água de caudal variável» – implementam um sistema de gestão de energia parametrizado que

³²⁰ Colaboradora do atelier: Álvaro Siza 2 –Arquitecto Lda. (Novembro 2008).

monitoriza, controla e gere toda a energia consumida pelo edifício³²¹.

- Incorporação de coberturas verdes – contribuem para o isolamento da cobertura e para a manutenção térmica do edifício. É um sistema vivo que protege a integridade das camadas inferiores do isolamento, composto pela combinação de camadas de terra que suportam/sustentam a vegetação. Simultaneamente este método favorece a integração estética do novo edificado com a envolvente natural.



Figura 115 – A força de integração em conceitos formais distintos – Hotel Palace e o novo Spa.

Em conclusão, o projecto afigura-se em consonância com os programas desenvolvidas para o Hotel «Les Thermes», para as Termas de Vals, e para o «Royal Bath». A afirmação fundamenta-se na:

- Intenção dos concessionários – atracção de novos clientes. Depois das inaugurações, o número de visitantes dos estabelecimentos tem aumentado todos os anos, o que é demonstrativo de qualidade.
- Criação de ambientes sugestivos – o aquista-tipo é por natureza heterogéneo. Muitos afirmam a sua intenção de voltar, afirmando “ (...) ... *amar a beleza e a serenidade dos banhos. Muitos referem haver algo de espiritual, como uma atmosfera mística que se poder abraçar; outros falam de sensualidade (...)* ”.³²²

As novas instalações termais já se fizeram conhecer à região e ao mundo, oferecendo-se à descoberta dos utentes.

Quadro comparativo dos projectos das Termas referenciadas.

O momento actual recomenda a recuperação dos complexos termais em Portugal, conforme a dinâmica patente no resto da Europa. Os concessionários deste património singular, depois de um longo interregno e motivados pelos exemplos exteriores, animam-se e empenham-se por desvendar novos caminhos. As estâncias procuram adaptar-se formal e funcionalmente ao tempo presente. A esta dinâmica é necessário aliar o conceito de utilização actualizado. Pelo que os esquemas organizativos dos espaços colectivos são organizados de maneira a consentir o comportamento contemporâneo aos utentes, a nível individual e/ou em pequenos grupos.

As Termas do Estoril são um caso diferenciado, talvez mesmo único na Europa. O seu programa e o espaço de implantação são agora mais delimitados que no passado. Porém as

³²¹ Jesus, José Elvio (19/04/07), em entrevista com o Engenheiro do gabinete de engenharia G.E.T., que desenvolveu e acompanhou os projectos de especialidade dos parques balneares de Vidago e Pedras Salgadas.

³²² Hauser, S., Zumthor, P. (2008) – «Peter Zumthor Therme Vals» pág. 178.

acções desenvolvidas permitem caracterizar o empenho para o ressurgimento do conceito no lugar, que parecia extinto pelo crescimento urbano.

Em conjunto com as Termas da Curia, Pedras Salgadas e Vidago – verdadeiras jóias termais no país – apresentam o desejo de modernização da própria sociedade actual. Elas representam a vontade de satisfazer algumas das necessidades do cidadão urbano porque, sendo modelos ideais, permitem a harmonização do subconsciente pela vivência em ambientes aprazíveis com o usufruto de terapias naturais.

	Termas da Curia	Balneário do Estoril	Parque de Pedras Salgadas	Termas de Vidago
Modelo programático	Regeneração do edificado pré-existente, sem novas construções	Construção de raiz de um único edifício balneário, introduzindo um novo conceito	Transformação profunda com reabilitação e demolição do pré-existente e, construção e ampliação de novos edifícios	Transformação profunda com reabilitação e demolição do pré-existente e, construção e ampliação de novos edifícios
Funcionalidade da Estancia	Termo lúdica, turística	Turística, balnear e bem-estar	Termo lúdica, turística	Termo lúdica, turística
Património vegetal	Muito e de boa qualidade	Escasso, quase inexistente	Muito e de boa qualidade	Muito e de boa qualidade
Contexto	Termal	Urbano	Termal	Termal
Relação com o contexto	Em continuidade tradicional	Moderno, ativo	Recuperação do existente, com integração do moderno	Recuperação do existente, com integração do moderno
Processo	Recuperação	Formal	Original	Original
Solução pragmática	Correcta, corrente	Estática	Dinâmica	Dinâmica
Materiais construtivos	Pré-existentes modernizados, betão	Betão, pedra, vidro	Betão armado, pedra, vidro e pré existentes	Betão armado, pedra, vidro e pré existentes
Situação	Não construído	Inaugurado	Inaugurado parcialmente	Inaugurado

Quadro 4 – Tabela comparativa das quatro Termas analisadas em Portugal.

É o serviço proporcionado pela arquitectura que enquadra e potencia as potencialidades do lugar. Contudo esta disciplina tem também a incumbência de se ajustar a vivência colectiva, requerendo actualmente que se manifeste «sustentável». Considerando que o resultado da arquitectura é consequente do carácter humano em agrupamento, em ambiente e em tempo próprio, pode-se designar o procedimento para a recuperação termal do seguinte modo:

- Entender o lugar contextual;
- Traçar relações formalmente originais e articuladas entre si;
- Introdução de esquemas lógicos apelativos;
- Integração das capacidades técnicas actuais;
- Conferir ambientes humanizados com enquadramentos na natureza e com a água como elemento aglutinador.

Baseado na averiguação circunstancial de cada um dos casos analisados, expõem-se quadro comparativo dos projectos do capítulo.

	Termas da Curia	Balneário do Estoril	Pedras Salgadas	Termas de Vidago
Capacidades panorâmicas	5	4	5	5
Expressão formal	4 (A existente)	3 (Moderna, estável)	5 (Moderna, dinâmica)	5 (Moderna, dinâmica)
Interligação interior/exterior	3 (a existente)	4 (expositivo)	5 (intimista)	5 (intimista)
Esquemas organizativos	3	3	5	5
Espaços colectivos	4 (diversificados)	3 (circunscritos)	5 (diversificados)	5 (diversificados)
Interligação com a água	3	3	4	5
Luminosidade interior	3 (contida)	4 (expositiva)	5 (intimista)	5 (intimista)
Total	25	24	34	35
Legenda: 5 - Excelente; 4 - Muito bom; 3 – Bom; 2 – Razoável; 1 - Sofrível				

Quadro 5 – Tabela comparativa das quatro Termas – sua manifestação sensível.

5.5 – Nota de capítulo

1 - As Termas são estruturas unitárias inseridas em ambiente natural com equipamentos entrosados que, pela grandeza, escondem facetas desconhecidas. Na investigação tentou-se ir além do que é o evidente porque não se consegue perceber “o todo” balnear de uma só vez. Há facetas que estão ocultas devido à quantidade de influências e às dimensões diversas que as Termas manifestam. Precisam de ser perspectivadas por diversos ângulos e observa-las pelo olhar realizado de outros. Para depois se tentar entender aspectos que nos estavam reservados.

A estrutura do «lugar» envolve componentes como a sua génese, longevidade, estabilidade, definimento, ou mesmo potencialidades para o futuro. Presencialmente apercebe-se de imediato o «carácter» próprio de cada uma das Termas. Mas é necessário investigar-lhes fontes de cariz disperso para se poder aprofundar a análise. Assim este capítulo concilia a contraposição de duas formas de perceber a sua realidade:

- Uma apriorista – apreende a configuração imediata e portanto, essencialmente subjectiva;
- Outra racional – procura as formas e as estruturas subjacentes no tempo, tanto materiais como ambientais.

A investigação levou-nos ao espírito muito próprio da vila do Estoril – localidade cuja génese se deveu ao manancial terapêutico; mas que cuja força balnear se desvaneceu pelo empenho dirigido maioritariamente para o turismo – e ainda as Termas da Curia, de Pedras Salgadas e de Vidago. Na indagação procurou-se determinar as contribuições da formação e as ocorrências mais relevantes no seu desenvolvimento. Este processo serviu de apoio à decifração dos projectos de modernização termal. São programas que estão confrontados com

obrigatoriedades pré-determinadas que têm de se adaptar ao tempo actual. As quatro propostas de intervenção procuram introduzir qualidade, inovação e exigência tecnológica, adaptados simultaneamente aos conceitos de «termalismo» e de «turismo» modernos.

2 - Actualmente as Termas continuam a pretender apresentar-se como apelativas.

Mas não basta ser-se «moderno» para se lhes servir com qualidade. A arquitectura é por excelência transformação das condições existentes, tendo o poder de integrar, incorporando o novo.

O processo de intervenção termal é complexo por preencher diversas escalas, no plano da lógica e na esfera do sensível. Para se projectar com qualidade é necessário primeiro compreender o contexto balnear; para depois se emanarem condições objectivas para que o processo criativo se possa desenvolver. Assim se possibilita um resultado que é o efeito consequente da destilação da razão com o sensível. Por isso a criatividade é importante – tanto na arte como no sector científico.

O que confirma a declaração de Pablo Picasso que, com humor, referia: “ *que a inspiração te apanhe a trabalhar*”



Figura 116 – Alçado do cinema Condes em Lisboa, actualmente Hard Rock Café.

3 - Manuel Gil Graça e Álvaro Siza Vieira, para além de trabalharem em projectos de recuperação de Termas de nomeada, têm em comum terem projectado em contextos diversos a remodelação do Cinema Condes. É um imóvel modernista projectado pelo Arquitecto Raul Tojal e construído na Avenida da Liberdade em Lisboa na década de 50. Actualmente encontra-se em vias de classificação.³²³

³²³ Páginas web: (Outubro, 2008): 1) www.ulisses.cm-lisboa.pt -Boletim Lisboa Urbanismo (1999); 2) www.groups.google.com. Informação conjugada.

Em vez desta folha colocar Mapa A3 com mapa com as Termas analisadas

TEM O MESMO NÚMERO DE PÁGINA 217

Quadro 6 – Exposição figurativa das quatro Termas analisadas.

Capítulo 6 – Em busca do balneário ideal

“Y la mayor locura es ver la vida como ella es y no como debería ser”.

Miguel de Cervantes y Saavedra (1547 - 1616).

Introdução.

A sociedade europeia tem demonstrado nas últimas décadas um interesse efectivo na singularidade termal. É uma atracção de fluxo global, enquadrando-se no dinamismo que o turismo moderno apresenta. No entanto as características do turismo balnear permitem distingui-lo de outras formas de digressão, nomeadamente cultural, de aventura e/ou pelo simples prazer de viajar.

O cliente das Termas procura a regeneração pessoal pelo sossego, pela segurança e pelo bem-estar tranquilo; busca a conciliação individual própria que o mundo exterior lhe nega; procura “exclusividade” ainda que só por alguns momentos; deseja desfrutar de importância e quer apreciá-la plenamente como prémio que nada nem ninguém lhe podem oferecer. Ele requer atenção particular para poder desfrutar da sensação de ser um “distinto hóspede de um solar; para se apresentar como um “ilustre amigo de uma quinta”; ou comparecer como um “familiar querido de um castelo”. Neste sentido a experiência termal assemelha-se mais a um retiro monástico que ao conceito de turismo de massas. Para a sua concretização é necessário (pelo menos) um balneário/spa interligado com um hotel de características muito especiais. A sua dimensão é estabelecida pelo agrado de utilização, ou seja, pela conjugação simultânea de circunstâncias próprias, designadamente:

- A atmosfera, o ambiente;
- A receptividade, a atenção.

Mas as Termas sofreram um longo período de declínio, apresentando-se genericamente como que alheadas do tempo. Há que recupera-las, salvaguardando e valorizando o seu património. É expectável que continuem a fazer-se representar por um «espírito» e que tudo contribua para a sua exaltação. Um espírito que requer a identificação da realidade termal actual. Para depois fundamentar o que deve ser o «balneário ideal» como um microcosmo restrito e encantador de expressão contemporânea.

6.1 – A realidade termal.

“O que primeiro nos agrada no mundo vegetal é a sua verticalidade ascendente. É por isso que amamos as árvores”.

Susan Sontag, (1933-2004).

As Termas são realidades multi-funcionais, fechadas e praticamente autónomas.

São malhas orgânicas com vários componentes estruturais, conjugados por traçados esquemáticos e geométricos. Possuem eixos hierárquicos que inter-relacionam as diversas funções, apoiados pela envolvente ambiental. A sua morfologia assume referências extraídas da vida urbana, permitindo perceber que são metrópoles em miniatura de carácter valioso.

A grande maioria desenvolveu-se fora do núcleo citadino, conservando-se delimitadas. O crescente interesse de utilização permitiu tornarem-se focos de lógica urbanística com força de ordenamento extra-muros. O modelo termal excedeu assim o conceito que lhe deu origem, reflectindo-se nas proximidades que foram sendo influenciadas decisivamente. A estância termal é portanto uma composição formal específica que se interrelaciona naturalmente com o território. O facto permite certificar que a sua organização espacial é simultaneamente

indissociável da:

- Evolução histórica contextual;
- Paisagem envolvente.

São lugares consolidados pela existência de água com qualidades minero-medicinal e pela capacidade de usufruto. A sua ocupação permitiu desenvolver ócio em contacto com a natureza, oferecendo refúgio em ambientes singulares potenciadores de bem-estar. A sua vivência dentro de fronteiras bem definidas – normalmente muradas – permite que o utilizador desenvolva a sensação de protecção em segurança. Circunstâncias que estimulam a proximidade inter-pessoal e animam a actividade social; e simultaneamente promovem o grau de privacidade que cada um possa entender. O facto deve-se à dimensão territorial e às diferentes referências que internamente oferecem. A distinção funcional que apresentam – como sítios imersos na paisagem – permite a manifestação de factores que promovem o equilíbrio humano, nomeadamente por apresentarem distâncias de carácter “ (...) *íntimo, pessoal, social e público* (...) “, ³²⁴ para além dos limites ópticos em enquadramento espectacular. A reunião destas impressões reflecte-se na espontaneidade individual e na interacção comportamental, fomentando a satisfação pessoal. Esta é influenciada “ (...) *principalmente por seis elementos ambientais: a luz, a cor, o som, o aroma, a textura e o espaço* (...) “ ³²⁵

Surge então a interrogação sobre que deseja o homem actual para estas unidades que souberam passar com “distinção” o teste do tempo mas do qual se encontram alheadas.

1) A nível dos espaços exteriores – Qual é a organização que se pode considerar como mais desejada para os parques e jardins? Como se podem delinear ambientes em contacto com a natureza, de modo a privilegiar a espontaneidade?

- A adaptação à contemporaneidade requer compromisso: um pacto que incremente o sentimento participativo com a natureza, restabelecendo um vínculo quase esquecido. Um ajuste reactivo ao formalismo conceptual paisagístico pré-existente, consequente da imagem desenvolvida pelo jardim francês e do inglês, do século XVII ao século XIX. A estratégia de renovação – sem transformar o existente globalmente – passa por:

- Integração na modelação existente;
- Jardins formalmente menos estruturados,
- Novos percursos de geometria subtil, com linhas curvas e sinuosas, oferecendo espaços e ambiências em vez de eixos compulsivos;
- Potenciar pontos de observação de interesse pelo gozo visual;
- Apresentação de espaços amplos e sem obstáculos – como limite linhas tracejadas de massa arbórea variada, lagos, composições em pedra, etc.;
- Incorporação de pavilhões com interioridade aprazível e em ambiente aberto;
- Inclusão panorâmica da água (dinâmica e /ou em quietude);
- Criação de micro paisagens de feição reconhecida;
- Introdução de fauna dócil variada;
- Utilização de plantas ornamentais e odoríferas autóctones;
- Inserção de massa verde familiar;
- Enfatização da ecologia.

2) A nível morfológico – Interessante constatar-se que formalmente a imagem balnear actual está associada à representação de grandes edifícios senhoriais dos finais do século XIX, princípio do século XX, época de apogeu termal. O facto é devido à:

- Riqueza espacial – concepção própria do conjunto unitário, com força de auto-regulação e de ordenamento territorial;

³²⁴ Hall, E. T. (1986) – «A Dimensão Oculta», pág. 92.

³²⁵ Scozka, L. (2005) – «Contextos humanos e psicologia ambiental» Capítulo 10 da autoria de Elsa P. A. Figueiredo, pág. 308.

- Aparato ornamental – para satisfazer os gostos requintados da clientela.

Contudo as Termas sofreram até há pouco tempo um período de declínio, tendo sido alimentadas por manutenções elementares. Por isso muitas encontram-se hoje degradadas, rejeitadas ou mesmo abandonadas. Em alguns casos, sente-se mesmo que a atenção que lhes foi proporcionada durante os últimos cinquenta anos originou um retrocesso conceptual pelo aproveitamento maximizado dos espaços interiores. Como se a imagem termal voltasse ao início do século XVIII, manifestando-se:

- Pelo exterior – desvalorização do carácter singular do edifício que deveria expressar claramente a sua condição de modelo público e portanto com algum tipo de monumentalidade. O porte de alguns edifícios chega mesmo a assemelhar-se a pré-fabricados ou contentores.
- Pelo interior – diminuição dos espaços do hall, principalmente na recepção, reduzindo as zonas de acolhimento. As áreas têm sido reutilizadas para sequências uniformes de cabines e de banhos, apoiada numa organização monótona de percursos contínuos.

Há por isso a responsabilidade actual da sua recuperação “ (...) não se cair na pobreza espiritual do desenho dos espaços, impróprios da bagagem cultural que o próprio balneário transporta (...) “. ³²⁶ Porque a criatividade para a reabilitação e valorização tem regras de intervenção técnica a nível do conforto espacial e do bem-estar efectivo.

6.2 – Análise dos conceitos.

A realidade termal pode ser considerada como a resultante de um conjunto de forças inter-relacionadas. O reconhecimento de cada uma delas – da sua orientação e do seu poder de actuação – permite prognosticar uma derivada final (em analogia ao processo de adição das forças vectoriais mecânicas que, sendo exercidas num corpo, fazem movê-lo para um resultado que é pré-determinado).

As “ideias-força” das Termas são os seus diversos conceitos intrínsecos. Porque uma estadia nas Termas é como uma viagem ao interior do espaço humano onde as nossas referências vitais lentamente se vão desvendando. Pode-se afirmar que o balneário tem consubstanciado a ideia de refúgio e a intimidade da vivenda; que possui o silêncio que se supõe existir nos mosteiros e que favorece a paz interior; que o usufruto dos seus jardins privados “convidam” à deambulação como em mansões ou palácios; emoções ampliadas pela singularidade dos tratamentos pessoais praticados. Por contraste possibilita também o contacto interpessoal selectivo satisfazendo o ser social que cada um possui dentro de si. Como um prolongamento do espírito humano fomentado pelo ócio, pelo meio natural e pelo ambiente espectacular.

As “ideias-força” quando colocadas em evidência comprovam derivarem de planos distintos. O que preconiza a sua classificação em «valores imateriais» e «valores materiais». São parte integrante da estrutura e caracterizam os atributos elementares mais “elevados”. A sua apreciação requer a busca da essência como uma tomada de consciência da realidade termal orgânica, que potencia emoções individuais e colectivas. Uma avaliação que requer ser:

- Especificada;
- A mais exacta possível.

Forma-se então uma apreciação empírica que introduz objectividade à dimensão conceptual de carácter físico, cultural e social. O resultado é um critério orientador próprio que está para além da ponderação habitual técnica, funcional e/ou estética. Tem como finalidade criar um sistema lógico que apoie a recuperação balnear. Porque a arquitectura para além das características construtivas, da estrutura formal e das funções praticas, deve ter em conta os relacionamentos da «experiência directa» decorrentes no contexto. O raciocínio é explanado pelos quadros

³²⁶ Ignacio Navarro, J. (Novembro 2007) - Página web: www.aguas.igme.es

seguintes:

Valores Imateriais	Sentido do conceito	Referente
Intimidade	Protecção da privacidade pela adequação do espaço ao indivíduo. Autonomia espacial consequente das relações de ocupação e dos limites com graus de abertura e de transparência. Garante a dimensão de «privacidade» pela determinação das relações entre o interior e o exterior, o privado e o público. Tem vários tipos de escala.	Mosteiro
Silêncio	Traduzindo a ausência do artificial e de adornos desnecessários. Permite desenvolver um “diálogo” que ajuda o reconhecimento da natureza íntima inserida no seu mundo próprio, aprofundando-a. Permite dimensionar o elevado.	Mosteiro
Paz	Relacionamento energético harmonioso do nosso universo interno e corporal com o mundo exterior. Disposição activa sem tensão da qual resulta tranquilidade. Praxis que alimenta um estado de espírito preenchido por sentimentos positivos. Valor garante da verdadeira liberdade.	Mosteiro
Ócio	Conjunto de ocupações passivas ou activas do tempo livre, realizados por vontade própria, Permite resgatar o indivíduo para si próprio, para com os familiares e para o relacionamento social que deseje. Fuga da rotina que permite regenerar a saúde física e mental.	Cidade
Singularidade	Lugar difícil de encontrar, com significado, de carácter único. Espaço que supera a mera satisfação da vivência funcional, comprovada por todos os sentidos (para além da visão). Provoca sensações que favorecem o bem-estar. Permite apreciar dimensões que normalmente nos estão ocultas.	Palácio
Liberdade	Sentimento de escolha arraigado na essência humana. Requer o direito ao procedimento espontâneo, autónomo e sem constrangimentos perante outros comportamentos. É condicionado pela mesma prerrogativa nos outros, responsabilizando o indivíduo pelas suas próprias acções. A fluidez espacial reforça a sensação. É um dos resultados evidentes do carácter do lugar em relacionamento com a envolvente. A sua experiência plena fomenta a observação interior e o reconhecimento íntimo.	Cidade
Luz	Activação de um poder transformador pela mutabilidade da claridade. A sua exploração permite potenciar a experiência do espaço em todos os tipos de ambientes. Harmoniza as tensões espaciais e permite desenvolver a sensação de serenidade. A luz e a arquitectura são dois conceitos estritamente ligados.	Vivenda Mosteiro Palácio Cidade

Quadro 7 – Valores imateriais das Termas.

Valores Materiais	Sentido do conceito	Referente
Refúgio	Ambiente de aconchego protegido, consequente da necessidade do homem de protecção contra o indesejável e de abrigo contra as intempéries. Assiste as necessidades inatas do homem.	Vivenda
Segurança	Percepção de protecção da integridade física, pessoal e/ou grupal. Sensação de ausência de riscos, de perigos e/ou de eventuais perdas. Sentimento de respeito pela privacidade.	Mosteiro
Natureza	Conceito de estado primitivo onde a humanidade teve origem. O homem depende dela mas de forma emancipada, podendo interagir positivamente. A composição espacial procura introduzi-la através de bosques, de lagos e pelo relacionamento em proximidade com a paisagem. Actualmente a biodiversidade (uma das suas facetas) tem ganho crescente destaque e protagonismo. É símbolo de uma perfeição maior.	Palácio
Jardim	Uma das expressões do item anterior. O cultivo de flores, arbustos e árvores dispostos em concepção humana fez surgir a faceta “artificial”. É consequente do conceito islâmico onde o jardim é a representação terrena do «paraíso». Por isso é murado, ornamentado com flores e árvores odoríferas, com energia no eixo central a brotar de chafarizes. Posteriormente a inclusão de espaços íntimos em interligação com a paisagem, com pontes e grutas artificiais fez introduzir o conceito de «deambulação». A conjugação de jogos de luz e de sombra originou o carácter romântico, melancólico e fantástico. Evoca o requinte arquitectónico de usufruto sensitivo, simbolizando a beleza pelo sagrado.	Palácio
Espectacularidade	Estrutura espacial ou imagem expressiva de fundamento existencial. O seu elemento básico é a imagem arquitectónica que impressiona e motiva interesse. O seu significado é consequente da materialidade insólita que atrai, dos eventos que aí sucedem e/ou do relacionamento panorâmico, integrados em harmonia. A sua dimensão depende também do relacionamento significativo com o contexto existente. Imagem de fácil identificação que, ao ser entendida, é facilmente recordada.	Palácio

Quadro 8 – Valores materiais das Termas.

A ilustração seguinte explica a conjugação das referências que dão origem os conceitos mencionados, expressando de modo sintético o raciocínio exposto.

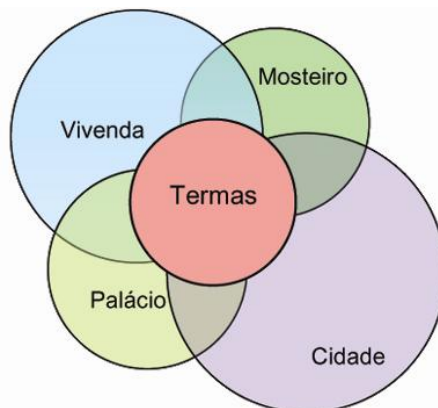


Ilustração 1 – O «carácter termal» incorpora conceitos de arquétipos distintos.

6.3 – Características do “balneário ideal”.

“Só temos o passado à nossa disposição. É com ele que imaginamos o futuro.”

Eduardo Lourenço (1923)

1 – As Termas são universos em miniatura, mundos delimitados e espectaculares.

Fundamentam-se no arquétipo de «cidade». A noção é abrangente e muito questionada depois de, nos anos 30, a arquitectura moderna ter desvalorizado as propriedades figurativas tradicionais dos assentamentos urbanos.

Pelo que o projecto do “balneário ideal” requer o desenvolvimento de uma posição corajosa de busca. Inicialmente há que considerar os valores precedentes que não se podem perder e cujo carácter se deve modernizar. O processo requer liberdade, no sentido de poder actuar através de um direito de interpretação emancipado dos sistemas formais da época Barroca e sucedâneos. Uma autonomia que transcenda a formal, requerendo detalhar as “ideias-força” que pretende desenvolver para satisfação dos seus usuários.

São um conjunto de valores que se apresentam ordenados por interesse sensível, denominadamente: refúgio, protecção, paz, segurança, tranquilidade e bem-estar; liberdade, fluidez, receptividade, intimidade, privacidade, distinção, ócio e convívio; luz, natureza, relacionamento, sustentabilidade, singularidade, identidade, dimensão e espectacularidade. É requerido distingui-los e integra-los coerentemente por uma lógica que exalte sem nostalgia o valor do passado, contextualizando o “espaço-tempo” actual. Pelo que inicialmente há que determinar a:

- Identidade – reconhecer a originalidade do conceito termal, descriminando-o para valorizar o essencial e declinar o supérfluo;
- Estruturação – desenvolvimento de uma organização coerente apoiada na ordenação das “ideias-força”, consideradas por valor hierárquico.

A conjugação dos valores motiva o «carácter» próprio das Termas, determinando a sua «identidade» e o conseqüentemente grau de «vinculação» entre os utilizadores. Porque o “balneário ideal” é a expressão de atributos nomeados pelo ideal humano que têm como propósito reproduzir o «paraíso» num espaço demarcado. Possui um carácter civilizador pelo

conceito urbano que manifesta, resultado da consagração original de «luz», de «liberdade» e de «ócio». Uma conjugação de forças que “dissolvem” os factores de stress e actuam como um estímulo que fomenta a capacidade regenerativa dos utentes. O que anima o bem-estar individual e colectivo dos utentes.

A arquitectura termal possui um encargo especial: o de satisfazer a ordem do mensurável das coisas e simultaneamente, dar expressão significativa às dimensões ocultas.

2 – As Termas são utopias de âmbito concreto.

São mundos que proporcionam uma hospitalidade esmerada com carácter doméstico e senhorial. Um equilíbrio aparentemente difícil por conjugar dois arquétipos distintos supostamente divergentes: a «vivenda» e o «palácio».

O “balneário ideal” oferece o requinte sensitivo de um palácio onde cada um pode deambular em relacionamento civilizado – tanto no conforto restrito dos ambientes interiores como na pujança da natureza luxuriante – o que estimula a manifestação de acontecimentos distintos. O aprazível entusiasmo das ocorrências dilata-se na «espectacularidade» formal e estrutural própria do lugar.

Conjuntamente a organização permite desenvolver sensações de carácter íntimo quando o utente descobre abrigo e aconchego no conforto privado dos compartimentos termais. O facto é ampliado nas sombras das frondosas árvores que, nas alamedas, desenvolvem a impressão de acolhimento; nos jardins e nos trilhos dos bosques, a genuína sensação de protecção.

Pelo que o “balneário ideal” é uma composição harmónica que requer fluidez espacial significativa, consagrando «singularidade». Porque tem a incumbência de surpreender os seus utilizadores, relacionando o sentimento e o pensamento espontaneamente.

O poder dos seus espaços – abertos e interligados com a natureza – “organizam” a convivência humana e o apuramento de vários tipos de relacionamento. Uma boa implantação em interligação com uma magnífica paisagem contribuem com certeza, mas não é suficiente; nem a capacidade de dispor excelentes águas termais; nem a manifestação de caminhos frondosos, serpenteando jardins junto à placidez de um lago bucólico.

É necessário que os seus estabelecimentos excedam a dimensão de tipo doméstico para serem reconhecíveis e apreciados com entusiasmo. Contudo não devem ser enormes porque, ao permitir produzirem-se grandes aglomerações, o ambiente seria aos poucos desvirtuado. Os seus espaços devem ser grandiosos sem chegarem a ser colossais; devem conjugar complementaridade espacial e funcional; tem a incumbência de apresentar boa iluminação e amplitude da escala humana; possuem a responsabilidade de potenciar a interligação adequada do interior com o exterior; os percursos de circulação devem apresentar-se claros e moderados, sem os intermináveis alinhamentos de antigamente que impressionavam pelo peso institucional de tipo hospitalar.

Pelo que o factor «escala» é fundamental para a apreciação das Termas e dos seus vários elementos estruturantes (para além da integração de muitos outros conceitos contemporâneos). Para que o gozo dos seus espaços e a fruição dos seus “momentos” possam ser saboreados em recato e paz. Para ser experimentado vezes sem conta com prazer.

Porque as Termas são a janela de um mundo peculiar que conjuga a realidade com o sonho. São locais onde o utente desenvolve espontaneamente propósitos positivos, durante as salutares ocupações de “constrangimentos” agradáveis.

3 - As Termas são locais de culto do corpo e do espírito.

A vivência banhar assiste a harmonização do espírito humano porque desenvolve sensações análogas à estadia de um retiro num mosteiro. O facto é consequente da paz desenvolvida durante das funcionalidades retemperadoras; da segurança das estruturas inseridas em ambiente natural grandioso; do silêncio interior resultante da ausência do artificial ou do desnecessário. Um usufruto apurado que quando conjugado com hospitalidade, serve de trégua à vivência competitiva da sociedade urbana.

A forma concertada das qualidades – manifestadas em quietude e fluidez – libertam o utente da existência quotidiana. A prática de funções salutare variadas, a experiência de relacionamento com a paisagem circundante, a liberdade de deambular/observar/imaginar, o prazer de realizar pelos olhos, pelos ouvidos, pela sensação tátil e pelo olfacto permite desenvolver uma tomada de consciência abrangente que, por ser elementar, surpreende o utente como se fosse desconhecida.

O poder dos seus vários elementos torna a percepção directa do utente naturalmente integrada com a envolvente. No exterior a força dos jogos de luz e sombra da vegetação amplia a sensação. No interior os efeitos da iluminação tornam-se dicotómicos, possuindo simultaneamente o carácter harmonioso e o dinâmico. Este «poder de contraste» fornece noções e amplia sensações, pelo que a luz – e sua regulação – se tornam preponderantes.

Como nos antigos banhos árabes que hoje ainda ajudam à compreensão da experiência termal. Os denominados «hammam» – pequenos espaços cuja recuperação têm permitido descobrir o seu antigo esplendor – onde a luz descendente em “pinceladas” das abóbadas estreladas se apresenta primordial para o usufruto banhear tonificante.

Um conceito retomado por Peter Zumthor nas Termas de Vals contemporâneas “ (...) *inspirada nas cúpulas dos Banhos Turcos. Nos Banhos de Rudas em Budapeste...* (...)”.³²⁷



Fotografia 63– A luz banhear. 1: Hammam recuperado em Granada, Espanha; 2: Termas de Vals, Suíça.

A força de rasgos de luz, tipo “cúpula de catedral”, emoldura as diferentes zonas. A luminosidade proveniente da cobertura – natural e/ou artificial – transmite a noção de percurso e distingue funcionalidades. A sua leitura torna-se explícita, favorecendo a sua percepção espacial. Simultaneamente a sua fruição é experimentada em intimidade e recolhimento, sensação ampliada pela interligação com a paisagem, resultante da abertura de pontos de fuga estratégicos durante o trajecto com carácter magnífico.

A luz nas Termas é mais que um fenómeno puramente elementar que consente o desenvolvimento de funções. É uma potência abstracta cuja dimensão sensorial de significado vibrante deve ser consagrada. Ela fornece energia ao ambiente banhear e, desvendada de forma expressiva, enaltece o espaço e envolve os sentidos.

A luz e o espírito termal realizam-se, sobrepondo-se à materialidade e morfologia própria. Uma avaliação paradoxal que motiva a sua utilização, deleitando os utentes.

4 – O “balneário ideal” é a conjugação da arquitectura com a natureza.

Uma ligação que dilata o próprio objectivo das Termas. O vínculo – actualmente assente no conceito de «sustentabilidade» – promove a relação harmoniosa da escala humana com a

³²⁷ Hauser, S e Zumthor, P (2008) - «Peter Zumthor, Therme Vals», pág. 70, tradução literal.

dimensão económica e ambiental. Tem como propósito fazer cada edifício banhar um “corpo vivo”, articulado na estrutura orgânica por sistemas integrados. O desígnio é culturalmente aceite e estimula a própria definição da identidade termal. O que impõe uma nova imagem que, por associação mental, estimula o «equilíbrio existencial». O carácter sustentável da representação banhar interliga-se ao utente como uma extensão sensorial afectiva. O facto é consequente do poder das forças ecológicas – globalmente difundidas e genericamente reconhecidas – convertendo a imagem mental sustentável numa ideia de impressão positiva. O que é indiciador do progresso cultural de uma sociedade que no conceito de «refúgio» – considerando a noção de modo abrangente porque engloba os conceitos de «abrigo» e de «protecção» – descobre uma dimensão consagrada pela própria natureza, uma provisão que nos é oferecida e portanto não imposta.

O que indica que o «espírito» não está separado da «natureza», sendo antes uma sua parte integrante.

Assim, o desenho do “balneário ideal” tem a dupla responsabilidade de ajudar a resolver problemas ambientais, e simultaneamente, celebrar visualmente os resultados. Uma preocupação distinguida pela construção do edifício termal num desaterro e nivelar a sua linha de cobertura pela superfície do terreno, o que torna a leitura do conjunto “envolvente”; ou pela utilização de vidro mais transparente nas divisórias exteriores (com menos chumbo do que o habitual), o que permite um maior relacionamento com o exterior e uma melhor iluminação natural no interior; ou pela escolha criteriosa dos materiais construtivos, compostos maioritariamente por matérias-primas naturais e/ou renováveis; ou ainda utilizando uma linguagem visual que integre a arquitectura na natureza, um projecto construtivo de adequação inspirado no poder dos recursos ambientais e suas influências, tendo como intenção interferir-lhe o menos possível.



Fotografia 64 – Termas Geométricas, Parque Nacional Vulcão Villarrica, Chile.

Como no exemplo manifestado pela arquitectura tosca mas precisa das Termas Geométricas no Chile que possibilita refúgio por entre vegetação luxuriante e passear até às piscinas esculpidas pela própria natureza, experimentando directamente o vapor cálido proveniente da água banhar em contiguidade. O que permite que os elementos nativos da natureza se manifestem como extensões da própria pessoa.

O que demonstra que a idealização de um espectáculo melhor do que um sonho é passível de concretização.

Porque a integração conjugada de recursos diversos – naturais e aperfeiçoados pelo homem – permite converter a natureza em arquitectura e a arquitectura em natureza. A absorção das forças do contexto natural torna-se um acto de «união» que contribui para a diminuição da tensão ambiental e social do lugar termal.

Conjuntamente, a qualidade de «pureza» desenvolvida para a nova morfologia das formas – e a consequente distinção da realidade ordinária – facilita o desenvolvimento de estímulos positivos ao utente.

Pelo que o projecto para o balneário ideal requer o desenvolvimento de energia emocional, um procedimento de envolvimento e de paixão que se irá reflectir na forma desenhada concretizada.

Assim, e em conjugação com as outras qualidades demonstradas, as palavras-chave para o projecto do “balneário ideal” são:

- Compromisso, consideração e contextualização.

Resumindo:

O desenho da modernização termal tem muitas escolhas possíveis, mas o projecto deve desenvolver-se preferencialmente pela via «existencial», em detrimento da «formalista». O propósito requer cuidados, como a precaução de desenvolver (ou não) formas clássicas, resultantes de uma qualquer moda superficial. Porque a intervenção arquitectónica para o “balneário ideal” requer a renovação do próprio pensamento.

Para servir as Termas é necessário desenvolver uma consciência imersa na realidade orgânica e não empregar somente o poder de intervencionar pela aplicação do pensamento lógico. Deve justapor duas formas de acção conjugadas e dependentes, como nos elucida Nadir Afonso ao referenciar “ (...) *ser necessário que o trabalho das formas suba ele próprio os diferentes degraus da reflexão até criar, ao nível da consciência, uma consonância directa com as leis da natureza (...)* ”.³²⁸

Porque a arquitectura tem o encargo de permitir a “vivência regenerativa” que a fruição balnear sempre permitiu. O utilizador deve saborear os seus valores – isolados ou em pequenos grupos – com a discrição que possa desejar e na visibilidade adequada por «escala» própria.

Para que as “ressonâncias” do balneário possam ser experimentadas em liberdade, pela paz e segurança que permitem usufruir.

6.4 – Apontamentos para o “balneário ideal”.

“O erro consiste em crer que o homem e o seu ambiente são entidades distintas que não fazem parte integrante de um sistema de interacção único”.

Franklin P. Kilpatrick (1920).

O conceito simbólico da arquitectura está em constante desenvolvimento.

Dantes sustentava-se na intenção formal do edifício e tinha como objectivo a sua funcionalidade. Pelo que a busca das suas referências era feita particularmente na cultura.

Actualmente a noção está associada à vontade de integração no contexto e em congregar códigos da própria natureza.

De acordo com o conceito, a madeira é o recurso natural mais antigo que dispomos. É também uma matéria-prima construtiva de alto valor ecológico. O conhecimento científico sobre as suas capacidades mecânicas tem sido aprofundado e o avanço tecnológico tem permitido desenvolver as suas características de durabilidade, estabilidade, resistência ao fogo, plasticidade, bom desempenho construtivo, etc. É um material que admite qualquer tipo de acabamento exterior (inodoro, lavável, etc.), uma ampla gama de cores, de texturas, etc.

A sua exposição comunica familiaridade, sendo um valor universalmente reconhecido. A sua beleza e versatilidade desenvolvem a sensação de «proximidade» pela sua qualidade de relacionamento facilmente “inteligível”. É por isso um material que favorece a leitura do espaço construído.

Os meios de execução actuais possibilitam uma maior flexibilidade de utilização, como a aplicação de madeira lamelada colada em estruturas com grandes vãos. O que têm permitido

³²⁸ Afonso, N. (1986) – «Nadir Afonso»; prefácio, pág. 17. Pintor de nomeada e arquitecto, antigo colaborador de Le Corbusier e de Óscar Niemeyer,.

maior liberdade construtiva, o que possibilita a criação de novas formas arquitectónicas. Por sua vez o utente convive com a sensação de “conquista” do espaço.

A sua aplicação na recuperação termal parece ter vantagens sobre outros materiais pelo que o programa de valorização deve considerar a sua incorporação de forma associada ou integral. Como qualquer outra matéria-prima requer cuidados, que no caso específico se assinalam, pela necessidade de aumentar a sua resistência de comportamento à humidade relativa.³²⁹

A nível elucidativo, apresenta-se uma ilustração que sintetiza o processo escalonado do projecto para o “balneário ideal”.



Ilustração 2 – Evolução do processo do projecto termal.

6.5 – Nota de capítulo.

Os complexos balneares encontram-se consolidados pela arquitectura e consagram um ideal de vida integrado, pelo que a sua análise requer amplitude temática.

Nos capítulos anteriores fez-se o levantamento de a) oito Termas mais representativas em Portugal; b) três projectos balneares situados em diferentes países na Europa da autoria de três arquitectos de renome consagrado. Neste capítulo são averiguadas as raízes e os princípios balneares, procurando-se as suas «ideias-força».

Porque as Termas oferecem possibilidades de identificação abundantes, tanto «abertas» como «dinâmicas». A imagem da representação termal tem um carácter “senhorial” como resultado do ecletismo oitocentista. A «fluidez» espacial deriva do conceito desenvolvido pelas «Termas Imperiais», conjugado com o da “Cidade-Jardim». O desenvolvimento desta agregação aponta para um «espírito» próprio de carácter singular.

Para além da sua grandeza, sumptuosidade e esplendor importa também assinalar as sensações que proporcionam. O seu entendimento é consequência da «atmosfera» e da «receptividade» de acolhimento, experimentada em cada estabelecimento termal.

São atributos que ao serem aprofundados se notam concretizados por «ideias-forças» denominadas de valores «materiais» e valores «imateriais». Os primeiros são justificados pelas sensações de «refúgio», «segurança», «natureza», «jardim», «singularidade» e «espectacularidade»; os segundos abarcam as sensações de «intimidade», «liberdade», «silêncio», «lazer», «paz» e «luz» que permitem desfrutar.

A confluência de todos estes valores forma um «carácter» próprio, que realça a importância do contexto e do meio ambiente, o que faculta o desenvolvimento do equilíbrio interior nos usuários. Actualmente estas estruturas demonstram novas possibilidades de interpretação, pelo que o arquitecto lhes deve conferir uma escala «existencial». Porque, o objectivo das Termas é serem úteis à «conveniência» humana.

³²⁹ Durante a investigação deste trabalho foi referenciado somente um projecto que actualmente empregava a madeira como material construtivo predominante. Referimos o projecto de concurso para as Termas de Algyo, Hungria, da autoria do atelier “Dóm” (ano -?), situadas em contiguidade com o rio Danúbio. Informação em: Gonçalves Pinto, H. e Mangorrinha, J. (2009); «O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa», pág. 28.

Capítulo 7 – Conclusões

Conclusões gerais

As Termas são mundos singulares, delimitados e espectaculares.

Das 400 nascentes minero-medicinais conhecidos no território nacional, somente cerca de 100 estão autorizadas a serem exploradas. Historicamente algumas desenvolveram-se como estâncias balneares, transformando-se em locais propícios para a regeneração e ócio. Para captar utilizadores adoptaram uma capacidade funcional diversificada, tanto terapêutica como de entretenimento, através de uma arquitectura ainda hoje possuidora de singularidade morfológica. Contudo, desde os meados do século passado, e depois de um longo apogeu, as Termas têm sofrido um certo declínio, apresentando-se como que “desligadas” do tempo e muitas delas em decadência acentuada.

I – As Termas portuguesas são unidades patrimoniais que necessitam de recuperação, salvaguarda e valorização. São recursos que podem funcionar como uma preciosa mais-valia para o desenvolvimento regional e para o ordenamento territorial, principalmente nos municípios do interior que, habitualmente revelam maior dificuldade em atrair investimentos. A sua remodelação deve apoiar-se em conceitos contemporâneos atractivos.

II – A arquitectura tem sido, e é, impulsionadora do próprio conceito balnear. O seu advento foi consequente da cultura romana e do progresso das «Termas Imperiais». Com o seu renascimento do século XIX absorveu o conceito inerente da «Cidade-Jardim».

Actualmente as Termas abarcam uma carga simbólica que é genericamente reconhecida pela população, encontrando-se enraizada na memória colectiva. A sua recuperação requer que a imagem se apresente ajustada à componente morfológica e cultural pré-existente. A sua renovação deve fomentar expressões originais de cariz contemporâneo, alheias a ópticas de representação global, que continuem a ser reconhecidas e interpretadas como um todo significativo, mesmo com a introdução de novas formas. Um processo criativo criterioso que incorpore simultaneamente:

- Estruturas e tipologias em escalas diferenciadas;
- Tecnologias terapêuticas e de lazer modernas.

III – O «balneário» e o «hotel» são os seus equipamentos fundamentais, encontrando-se por vezes agrupados. São por isso, os centros de uma rede espacial que influenciam decisivamente o carácter de toda a unidade, ocupando uma situação privilegiada dentro da estrutura, normalmente inserida na natureza.

São por isso utilizados códigos que se apoiam na perspectiva da paisagem, cujo desenho consiste na relação entre os «cheios» (representação do conjunto formado pelo edificado e pelos maciços arbóreos) e os «vazios» (manifestação de áreas livres cobertas por vegetação baixa, de superfícies pavimentadas com materiais inertes, etc.), configurando uma combinação precisa de morfologia singular. Os equipamentos ambientais são por isso espaços tipológicos de qualidade vivificante que se encaixam organicamente, conjugando o complexo.

IV – A arquitectura termal tem a responsabilidade de utilizar tecnologias – ecológicas, económicas e sociais – conducentes ao bem-estar balnear e à sustentabilidade. Para além do aproveitamento das circunstâncias naturais (orientação solar e enquadramento relativo aos ventos predominantes), distinguimos a integração técnica pelo emprego de materiais de construção renováveis (na medida do possível), a instalação de painéis solares térmicos e células fotovoltaicas, completando o potencial da energia geotérmica das fontes

denominadamente as «meso-termas» (temperatura de 25 a 35 ° C), «termas» (de 35 a 40 ° C) e «hiper-termas» (superior a 40 ° C).

Conclusões dos casos seleccionados

O levantamento de 1951 referenciava 56 estâncias hidrológicas em funcionamento em Portugal. Actualmente, contudo, somente 31 Termas se encontram em actividade. Destas foram seleccionadas 8 estâncias como representativas das quais, no início de 2011, somente 3 se encontravam recuperadas (Balneário-Spa do Estoril, Termas de Monte Real e Termas de Vidago). Nas 18 recuperações termas efectuadas recentemente no resto da Europa, foram investigados 3 projectos da autoria de três arquitectos de renome internacional (Hotel-Spa Les Thermes, as Termas de Vals e a revitalização balnear em Bath). O estudo conjunto das Termas recuperadas em Portugal e na Europa permitiu verificar os seguintes resultados:

V – A arquitectura balnear actual tem valorizado o relacionamento harmonioso entre os estabelecimentos e o seu contexto. Pelo que qualquer projecto para a recuperação, salvaguarda e valorização das Termas considera a envolvente como um factor significativo de relacionamento, sendo o contexto integrado na estrutura por continuidade espacial e por exposição panorâmica.

As circunstâncias do contexto são assim dinamizadas, tanto pela reformulação das infra-estruturas, como pela recuperação dos percursos existentes. Por vezes, através de uma nova geometria paisagística, por exemplo, os jardins passam a oferecer linhas sinuosas e subtis, em contraste com os eixos compulsivos de antigamente; ou o desenho de novos caminhos pedonais que continuam a privilegiar a união com pontos atractivos na paisagem.

As relações espaciais exteriores são reactualizadas pelo que a via automóvel é dissimulada por meio de vegetação e arvoredo; também os circuitos de serviços que se apresentam autónomos e harmonizados com as condicionantes do lugar.

VI – A arquitectura balnear actual apresenta modernidade «integradora», uma aliança formal que não se reduz a um só estilo. Permite relacionar o antigo com o moderno, fazendo surgir espaços articulados e fluidos que ajustam por continuidade, o interior ao exterior. A transparência de vãos e clarabóias estrategicamente situadas nos esquemas de circulação e espaços colectivos amplia a conexão com a natureza, convidando ao seu aproveitamento. Deste modo procura-se satisfazer o estilo de vida contemporâneo com soluções práticas e perceptíveis. É resultante de:

- Privilegiar a conjugação dinâmica e a heterogeneidade através uma imagem sintética, fluida e harmoniosa – em detrimento com o anterior carácter regular, simétrico e algo impositivo.
- Os esquemas de circulação desenvolvem-se policentricos, variados e em interacção – em vez do precedente carácter estático, monótono e hierarquizado.

VII – O esquema funcional e de circulação torna-se “diferenciado”, em lugar de “separador” de classes e/ou de géneros, como no passado ainda recente. Os programas apresentam-se por conveniência funcional, sendo definidos pelo relacionamento terapêutico e pelo bem-estar dos utentes. Uma organização espacial essencialmente prática que se estrutura quer integrando formas orgânicas, quer recorrendo a uma nova geometria menos elementar que a anterior, incluindo os seguintes elementos:

- Uma zona ampla de carácter multifuncional e de escala confortável;
- Áreas de acesso e de circulação de escala moderada;

- Abertura ou encerramento de áreas, conforme as necessidades – alterando o modelo anterior que permitia somente, encerrar compartimentos;
- Espaços de convivência adequados em escala contida.

VIII – Surge o “incorpóreo” como um valor fundamental na definição dos ambientes termais. A luz transforma-se num material construtivo de excelência, um fenómeno que transcende o elementar. As fenestraçãoes, grandes ou de dimensão reduzida, atraem a atenção de aspectos panorâmicos e estéticos, e conectam o antigo com o moderno, o interior com o exterior. Destaca-se por conseguinte a utilização do vidro que se associa harmoniosamente com todos os materiais construtivos e com a imaterialidade da luz.

A luminosidade transforma-se numa potência espacial que, desvendando e sugerindo espaços, permite distinguir funções diversas (não sendo, como no passado, derivada do relacionamento exclusivo de «cheios» e «vazios»). E simultaneamente fornece energia tonificante aos locais, apoiando o conforto ambiental através de:

- Controle inteligente da luminosidade natural;
- Sistemas integrados de iluminação artificial;
- Aproveitamento da ventilação natural, evitando a utilização exclusiva de ventilação mecânica (de acordo com o contexto climático da região);
- Conjugação das variáveis ambientais, influenciando o conforto térmico.

Conclusões específicas: o balneário ideal

As Termas são mundos ideais que a arquitectura evoca, preserva e recria. Importa por isso determinar o que favorece o desenvolvimento do seu bem-estar e permite que o utente aprecie dimensões que normalmente lhe estão ocultas. A utilização dos diversos equipamentos em meio natural e a apreciação dos atributos das águas medicinais são garantia de bem-estar regenerativo. A percepção das suas qualidades interrelacionadas – visíveis e não visíveis – permitem o desenvolvimento de sensações em satisfação e tranquilidade. O balneário ideal é aquele cuja componente arquitectónica se manifesta original, criativa, rigorosa e adequada ao conjunto: e que incorpora arquétipos fundamentados em valores humanos essenciais.

IX – Nas Termas é a arquitectura que estabelece “pontes” entre a expressão cultural (que suporta), a edificação (que projecta e concretiza) e a estruturação balnear (que conjuga os vários equipamentos), o que permite algumas unidades balneares de ainda manterem a original consideração de «ville d'eaux» (as mais importantes e imponentes).

Depois do último apogeu balnear durante o século passado, as Termas são agora “unidades patrimoniais que necessitam de recuperação, salvaguarda e valorização” (cf. Conclusão I). Uma exigência de actualização fundamentada certamente na modernização construtiva, funcional e formal; mas também no desenvolvimento do seu conceito como locais de água de qualidade regenerativa com capacidade de hospedagem e ócio, assentes no aproveitamento de potencialidades naturais próprias e adequadas aos tempos modernos. É importante previamente buscar o aprofundamento das suas «influências essenciais» através de um processo fundamentado em noções reconhecidas por todos e que dispõem um esquema conceptual composto por «ideias-força» classificadas em «Valores Materiais» – Refúgio, Segurança, Natureza, Jardim, Espectacularidade; e em «Valores Imateriais» – Intimidade, Silêncio, Paz, Ócio, Singularidade, Liberdade e Luz.

Estas são sensações que o utilizador inconscientemente procura e que o balneário ideal oferece com excelência pelo desfrute da natureza usufruído nos jardins, lagos, alamedas e bosques; pela singularidade e espectacularidade das edificações e equipamentos balneares; pela

salvaguarda de intimidade e sossego por toda a unidade; e finalmente pela consecução de ambientes diversificados em liberdade e em paz.

A nível de essência, as impressões de «Refúgio» e de «Segurança» são provenientes do arquétipo «Vivenda»; as experiências de «Intimidade», de «Silêncio» e de «Paz» recordam a espacialidade do «Mosteiro»; próprios do «Palácio» são a «Espectacularidade», a «Singularidade», o «Jardim» e a «Natureza»; quanto ao sentir de «Liberdade» e de «Ócio» são normalmente experimentadas na vivência urbana da «Cidade»; e quanto à manifestação da «Luz», ela é experimentada em todos os arquétipos mencionados. Denota-se assim que a forma de viver balnear é resultante da conjugação parcial de peculiaridades de cada um dos quatro exemplos mencionados.

Uma vez analisados estes conceitos mostram-se “relativos” quando analisados pois a sua expressão individual adapta-se às circunstâncias em níveis distintos e em diferentes escalas. Por exemplo a dimensão de «Refúgio» manifesta-se multifacetada e díspar: se na frescura da sombra de uma frondosa alameda; se na privacidade de um gabinete terapêutico; se no conforto do salão festas; ou se na segurança intimista do alojamento. Simultaneamente a sua manifestação apresenta escalas (mais ou menos) “alargadas” ou “contidas” conforme se revele num espaço colectivo ou privado, o que permite que cada utilizador possa escolher livremente donde se quer sentir parte integrante da estrutura e não um elemento complementar.

Quanto aos seus significados próprios são de carácter amplo porque a definição de cada um tem um significado “aberto” (de acordo com a análise dos conceitos apresentada - cf.6.2). E apesar de serem independentes, expressam entre si particularidades relativas e complementares, como se pode comprovar nas situações do exemplo citado onde, o conceito material de «Refúgio» actua conjuntamente com outros, sobretudo com as noções de «Singularidade», «Segurança», «Liberdade» e «Paz».

Torna-se assim possível uma avaliação conceptual da própria grandiosidade balnear que abrange a consideração física e psíquica. Um processo que confirma que o todo de uma unidade termal é superior ao somatório das suas partes materiais e que introduz objectividade à avaliação das suas «ideias-força».

Resulta um critério orientador do balneário ideal que promove coerência ao relacionamento entre a escala humana e a dimensão ambiental, sendo este um indicador que permite aperfeiçoar a disposição espacial com os diversos elementos balneares, organizando-se um todo harmonioso em diversidade, fluidez e dinamismo.

Anexos

Anexo I – Entrevista com o Arquitecto Álvaro Siza Vieira

Álvaro Siza Vieira, actualmente com 74 anos, é uma figura consagrada da arquitectura mundial. Conforme referido, Este arquitecto desenvolveu os projectos de recuperação das Termas de Vidago (obra em curso) e no Parque de Pedras Salgadas (obra ainda não iniciada), coordenando a sua execução.

A consequente valorização destas duas estâncias termais decorrente da sua salvaguarda e actualização, vai permitir voltarem a ser pólos turísticos e terapêuticos de excepção. Estas capacidades serão amplificadas ainda pela implementação e desenvolvimento de expressões culturais de qualidade, fruto do protocolo de parceria com o Museu de Serralves.

O arquitecto amavelmente anuiu à realização de uma entrevista com o autor deste trabalho, que se efectuou no seu gabinete de trabalho na cidade do Porto no domingo, 20 de Julho de 2008. Pelo interesse de divulgação da sua opinião baseada no seu talento e longa experiência profissional, passamos a reproduzir os seus comentários.

Tendo em conta que é sinal de cultura a recuperação do património e atendendo ao seu trabalho desenvolvido na valorização das Termas de Vidago e Pedras Salgadas., sendo os arquitectos considerados (também) agentes essenciais no planeamento de estratégias e divulgadores de conceitos, e remetendo que:

Em 2006 havia 31 Termas em actividade no território nacional que foram procuradas por 77 999 aquistas; e que em 1951 estavam referenciadas 56 estâncias hidrológicas;

Muitas das Termas serem locais emblemáticos:

A actual conjugação da necessidade e do interesse na recuperação termal.

Questão do autor: Que tipos de estratégias arquitectónicas devem ser adoptadas para a recuperação do vasto património termal existente (arquitectónico, cultural e paisagístico)?

Álvaro Siza Vieira: Na minha opinião, discutível como todas as opiniões, é muito importante manter a atmosfera que tinham estas instituições, Estes complexos termais e que em tempo relativamente recente, algumas das que eu conheço, foram bastante afectadas, isto é, o conceito de modernização descurou bastante a integridade da recuperação. Há muita coisa que tem de mudar, os sistemas de tratamento, as exigências de conforto e de prazer. Também pelos períodos de lazer que isso traz, implicam em muita modificação mas isso tem de se introduzido sem pôr em questão o essencial, o ambiente que tinham que é muito evocativo e muito interessante. São pequenos paraísos, portanto quer em relação ao parque em si, quer em relação à arquitectura – que nalguns casos apresenta grande qualidade – é preciso ter muito cuidado nessa nessas recuperações.

Em Vidago, por exemplo e também em Pedras Salgadas, encontrei uma série de recuperações trágicas. Uma das grandes dificuldades do trabalho, é que tinham desaparecido simplesmente muitas coisas das construções originais e tinha sido introduzido de uma maneira desastrosa, o que há de novo. Sobretudo em conforto, equipamento, e instalações. Foi o que mais dificultou.

Quando passeava no parque e me diziam Este ainda não foi recuperado, estava muito em ruínas, eu dizia que bom. Porque quando me diziam Este foi recuperado em 1970, 70 e tal, eu sabia que ia encontrar uma desgraça, sabia-o ao fim de visitar duas ou três construções. Para mim isso é essencial introduzir o que há de novo em termos de conforto, em termos de tratamentos, em termos de desejo de lazer. Mas não retirar aquele ambiente que é belíssimo.

A um nível mais vasto, como sabe as estratégias globais sempre foram muito difíceis de introduzir no nosso país e ainda hoje o são.

– Algumas das Termas, normalmente situadas junto de pequenos burgos que lhes estão anexos, são pelo seu carácter e marca histórica, autênticas cidades em miniatura.

Questão do autor: Ao lhes serem introduzidos novos conceitos na sua recuperação, pensa que

pode ser proveitoso investiga-las como elementos de pesquisa, contribuindo para a melhor compreensão do desenvolvimento urbanístico contemporâneo?

Álvaro Siza Vieira: Sim, pode. O seu estudo é uma contribuição, sem dúvida muito interessante, mas são conjuntos muito específicos: não são aldeias, vivem da questão do equipamento que necessitam, os hotéis, as partes de tratamento.

Uma coisa nova é que realmente hoje se deseja outro tipo de lazer, de entretenimento. Portanto passa a ser, não só tratamento mas prazer também, é isso que há de novo.

Repare, por exemplo, como encarei esse aspecto em Vidago: o Hotel Palace é recuperado o mais integralmente que é possível e a grande dificuldade foi, a tanta coisa que tinha desaparecido. Portanto foi necessário fazer toda a pesquisa e trabalhar por comparação, não pela presença directa das coisas a recuperar.

A parte nova, a que tem mais inovação é o *spa*, um edifício à parte, que não se procura mimetisar mas que se procura harmonizar. Neste caso de Vidago, a topografia tem muito peso: um dos problemas foi encontrar o terreno onde o implantar, porque o território é bastante acidentado.

Outra dificuldade foi encontrar sítio porque tinha de ser muito próximo; uma das exigências de hoje é que a pessoa que está de férias num hotel como Este, não vai, não pode, não deve sair para o exterior para se deslocar até ao *spa*, pelo que uma das exigências é que vá directamente. Portanto o *spa* é um edifício muito próximo do hotel, neste caso ligado por uma espécie de ponte mas que, pela sua volumetria e pela adaptação ao terreno se harmoniza com o Palace recuperado.

– Já provou em várias das suas obras a possibilidade de um bom interrelacionamento na utilização de conceitos e materiais modernos com os elementos naturais.

Vivemos hoje numa época de mudanças profundas, de grande progresso e inovação tecnológica (construtiva, dos materiais, das necessidades humanas...)

Questão do autor: Quais os benefícios da incorporação das novas tecnologias na renovação e salvaguarda do vasto património termal?

Álvaro Siza Vieira: Em relação a isso, um dos aspectos principais... .. porque inovação tecnológica num programa como Este, do ponto de vista de influência na expressão da arquitectura, não é extremamente importante ou problemático ou de grande dificuldade do projecto. Onde tem muito peso é o aspecto das instalações porque aí há exigências novas.

Há também uma preocupação quanto à regulamentação, no que se refere à protecção térmica, à poupança de energia, à sua classificação. Se o edifício tiver uma pontuação alta em função das suas características, por exemplo de energia e de aproveitamento energético, terá vantagens posteriores.

E aí às vezes, é realmente muito difícil introduzir todos os materiais e sistemas de instalações que hoje são exigíveis, sem prejuízo de expressão arquitectónica que se pretende manter. Às vezes custa, por exemplo, numa sala onde a *saída* é perfeitamente evidente e onde só um cego é que pode ter dúvidas, é-se obrigado a colocar um letreiro de “emergência”. Em certos ambientes como alguns existentes no Palace, é extremamente perturbante colocar um sinal deste, sobretudo quando ele está agora regulamentado de uma forma que implica a cor, a espessura do traço e todos esses problemas. Quer dizer, está pensado de uma forma inflexível no que se refere a uma construção existente. Lembro-me que sinais destes que desenhei há uns anos por problemas semelhantes de adequação a um determinado espaço e que apliquei a vários edifícios, agora já não os posso utilizar, porque não são aceites. Nesse aspecto é difícil por vezes, conciliar a inovação com a preservação.

No caso do *spa*, por ser um edificio construído de raiz e anexo ao hotel, permitiu-me pensá-lo liberto do edificio antigo, com a sua própria linguagem arquitectónica que contempla o sistema de aplicação das instalações.

– Ao intervencionar nas Termas de Vidago e Pedras Salgadas contemplou um

relacionamento quase modelar entre o edificado e o contexto natural.

Questão do autor: Quais os critérios que estruturaram essa integração harmoniosa entre a arquitectura e o paisagismo?

Álvaro Siza Vieira: O primeiro critério foi considerar a maneira sábia como estava feita essa integração, na construção de origem. Portanto respeitar.

Aí surge o aspecto da introdução dos novos elementos pela dificuldade de encontrar lugar para os colocar, às vezes áreas grandes, já que a topografia não é nada simples e os *spas* são edifícios avantajados.

Por isso, o estudo muito cuidado da topografia.

Por exemplo: estando o Palace numa clareira em terreno plano, para manter os espaços livres adjacentes – como é indispensável – e para acrescer as áreas do *spa* – neste caso, novos edifícios de serviço – é preciso entrar directamente na topografia, o que quer dizer, encrostar edifícios na encosta. E aí é extremamente difícil – bom, difícil, tudo é difícil – mas há que haver muitos cuidados como o volume do edifício, com a maneira como se adapta a essa encosta, com os aspectos técnicos como as drenagens, e tudo mais...

A base é o respeito pelo conjunto, com o existente.

O que é coerente porque é também o próprio objectivo da empresa proprietária. Querem recuperar alguns edifícios que já nem serão importantes no ponto de vista de funcionamento, para manter o carácter daquelas instalações.

Algumas dificuldades há como por exemplo, o parque. O que mais o transforma é a ampliação para o dobro, julgo eu, da área de golfe. O ambiente, no que se refere ao revestimento vegetal, sofre uma transformação muito grande e um pouco problemática; aparentemente era indispensável essa ampliação para a rentabilidade da instalação. E por outro lado essa grande área que o golfe ocupa, limita o espaço (facilmente) construível, onde os tais extras têm de aparecer. Há aspectos do programa que quase não havia onde os colocar, querendo manter essa relação.

– Tem no seu repertório profissional edifícios metódicos de estilo racional e outros de estilo poético, quase impulsivos.

Questão do autor: Em que medida estas duas vertentes, aparentemente contraditórias, foram exploradas nos dois projectos balneares que coordena?

Álvaro Siza Vieira: Esse balanço que aponta entre o mais racional e abordando um terreno da poesia, tem haver para mim, com a própria natureza do trabalho, com a sua natureza interior. Quero dizer, não se pode fazer, é ridículo tentar introduzir poesia, enfim numa interpretação do que é poesia, nas novas instalações técnicas por exemplo. De maneira em que há o edifício ou a própria natureza do edifício que empurram para uma expressão arquitectónica singular.

Há outras coisas, de resto em todas as cidades, que apontam para um tecido pouco variável, pouco repetitivo mesmo.

O que há mais numa cidade são casas. E se as casas se transformam em monumentos, já não há mais monumentos porque não têm espaço, ficam emersos. Para mim é o desempenho de um edifício numa cidade, ou num complexo como Este, que justifica o carácter arquitectónico.

– Em entrevista ao JN ³³⁰ afirmou: "*Entendo que o serviço da arquitectura é a razão de ser da arquitectura*".

Questão do autor: Considera que o ensino da «Arquitectura» se garante como “moderno” perante as questões da *Sustentabilidade* e sua vertente tecnológica?

Álvaro Siza Vieira: É uma pergunta que tem implícita uma ideia de generalização. E realmente há casos muito diferentes. Há escolas com características e prática muito diferentes.

³³⁰ in JN (05/05/2008), entrevistado pelo jornalista Agostinho Santos.

Acho esses aspectos tecnológicos, energéticos, etc. muito especializados, dependem de uma outra coisa muito importante, que penso ser descurado nas escolas – por razões várias e não de propósito com certeza – que é o trabalho interdisciplinar. É muito difícil introduzir nas escolas o treino, a formação para o diálogo dentro de uma equipa, para o bom desenrolar do trabalho interdisciplinar. Esses aspectos tecnológicos – mais do que serem dominados pelo arquitecto, o que hoje já é impossível – são um campo vastíssimo. Eles implicam sim, a criação de muitos hábitos de trabalho em equipa, de trabalho interdisciplinar.

Uma vez num debate em que se discutia muito a especialidade e também a especialização dos arquitectos de profissão, eu dizia que “o arquitecto é um especialista, de não ser especialista”.

Nesse trabalho interdisciplinar é necessário uma coordenação de necessidades, de respostas muitas vezes opostas. Há contradições. Aliás toda a arquitectura é inclusivamente desenvolvida com base no trabalho sobre as contradições que implica. Portanto, o arquitecto por um lado não pode dominar todas as especialidades. É por isso que mesmo no meio da engenharia, há o engenheiro de electricidade, de estruturas, etc. etc. Alguém tem fazer o trabalho de coordenação, é preciso manter alguém mais livre e concentrado no produto final e portanto em conciliar todos esses apores, muitas vezes contraditórios em termos visuais que surgem na discussão de um projecto e no seu desenvolvimento.

O que falha para mim – e acho que não é não fácil encontrar resposta para isso no ensino de Arquitectura – é o clima de interdisciplinaridade, de diálogo. Dentro de uma escola, na situação actual, com as dimensões que tem e em termos práticos, é difícil criar o espírito, o treino e os hábitos para esta finalidade.

– Ricardo Bofill em entrevista ao Expresso³³¹ afirmou: *“...existe um mecanismo administrativo paralisante em Portugal, não sei porquê. Todas as administrações bloqueiam sempre tudo...”*.

Questão do autor: No desenvolvimento dos dois projectos de recuperação termal que coordena, defrontou-se com entraves administrativos e consequentemente com tomada de decisão “suspensas”?

Álvaro Siza Vieira: Não muito. Talvez porque Este projecto foi muito “sustentado”, foi considerado de “interesse nacional”. Também porque não se desenvolve numa Câmara Municipal enorme – como nos casos do Porto ou de Lisboa – onde o mundo da burocracia, pela sua própria dimensão de máquina pesada, bloqueia.

Lidava com pequenas Câmaras. As dificuldades que senti: por um lado uma coisa relativamente recente que é um tumulto de novas regulamentações. Quase que nasce um novo regulamento por semana. E vêm sendo aplicados retroactivamente. Portanto tive projectos que tive simplesmente de os repetir porque mudou a regulamentação. Uma grande parte da Direcção de Turismo com novos regulamentos, novas áreas e exigências, etc. para projectos já feitos e aprovados. Tive esta dificuldade.

E há, como em todos os projectos, dificuldades nos financiamentos de alguns dos edifícios já projectados; a sua realização foi protelada exactamente pelo equilíbrio financeiro da operação sobre o ponto de vista do dono de obra. Enfim parece-me que havia um optimismo relativamente aos possíveis custos desta obra, que não tinha razão de ser.

Também um optimismo mas agora na parte construtiva – que vai sendo quase regra – relativamente aos prazos em que se pode fazer uma obra. O panorama geral, na minha actuação é Este: nos concursos, os construtores dão prazos baixíssimos que sabem que não podem cumprir. Como foi o caso deste quando soube do prazo do contrato. Disse: “isto é impossível”!

Em relação aos custos devo dizer a mesma coisa.

³³¹ Semanário Expresso (14 de Março 2007).

Qual é depois, um dos trabalhos centrais das construtoras? É conseguir provar que os atrasos são da responsabilidade do projectista. É conseguir que isto, aquilo e aqueloutro é obra extra. Depois perde-se um tempo infindável a discutir esses aspectos. Com uma posição nem sempre clara por parte das equipas de gestão de obra, uma postura muito ambígua. Não tão participante no que se pretende fazer, na obra, como seria desejável. A tendência é de quando há um atraso: “ ah o arquitecto não entregou o parafuso tal, ou o engenheiro, ou o que for, no dia tantos de tal”. Isto vai sendo o dia-a-dia da nossa actividade.

Em Vidago o atraso é de origem. Baseia-se num cálculo de prazos, de planeamento e ritmo de obra que eu tenho grande dificuldade em considerar como pacífico. Para mim são cálculos para se ficar com a obra... e depois se verá. Isto está a acontecer todos os dias.

O mesmo se está a passar em relação aos próprios projectos. Um problema que têm os arquitectos – não sei se é o maior mas é um grande problema – é: dêem-nos tempo para pensar e executar em condições. Ainda agora estava a ver uma regulamentação de um concurso em Itália – não é só o caso português – onde o prazo para o concurso para uma intervenção grande e complicada era de mês e meio. Isto está a ser hábito. Pede-se tudo para daqui a um mês, um mês e meio.

Os resultados estão à vista!

Anexo II – Localização das fontes termais em Portugal

Segundo o Manual Hidrológico de Portugal, em 1951 estavam referenciadas 56 estâncias hidrológicas (fontes de águas termais) em exploração, denominadamente:

- Abrunhosa Velha (situada entre Gouveia e Contendas, na Beira Alta);
- Águas Santas (situada a 2 quilómetros das Caldas da Rainha, estrada para Foz do Arelho);
- Amieira (situada a 11 quilómetros da Figueira da Foz, concelho de Soure);
- Atalaia (situada na cidade de Tavira), Azenha (situada concelho de Soure);
- Banhos de São Paulo (situada em Lisboa perto do Arsenal da Marinha);
- Banhos de Bicanho (situada no concelho de Soure);
- Cabeço de Vide (situada no concelho de Alter do Chão);
- Caldas de Alcafache (situada na margem do Rio Dão, concelho de Mangualde);
- Caldas de Aregos (situada no concelho de Resende);
- Caldas de Canaveses (situada na margem direita do Rio Tâmega, concelho Marco Canaveses);
- Caldas de Carlão (situada no concelho de Alijó);
- Caldas de Cavaca (situada no concelho de Aguiar da Beira);
- Caldas de Cró (situada nas margens da Ribeira de Cró, no concelho de Sabugal);
- Caldas da Felgueira (situada a 7 quilómetros de Canas de Senhorim);
- Caldas de Manteigas (situada no vale do Rio Zêzere, Serra da Estrela);
- Caldas de Moledo (situada na margem direita do Rio Douro, a uma légua de Régua);
- Caldas de Monchique (situada no concelho de Monchique);
- Caldas de Murtas (situada próximas de Amarante);
- Caldas da Rainha (situada no concelho do mesmo nome);
- Caldas de Sangemil (situada na margem do Rio Dão, concelho de Tondela);
- Caldas de São Jorge (situada no concelho da Feira);
- Caldas de São Paulo (situada no concelho Oliveira do Hospital);
- Caldas da Saúde (Caldinhas - situada no concelho de Santo Tirso);
- Caldas das Taipas (situada na margem do Rio Ave no concelho de Guimarães);
- Caldelas (situada no concelho de Amares);
- Cambres (situada na margem esquerda do Rio Douro, concelho de Lamego);
- Caldas Santas de Carvalhelhos (situada no concelho de Vila Real);
- Castelo de Vide (situada no concelho do mesmo nome);
- Chaves (situada na cidade do mesmo nome);
- Cucos (situada no concelho de Torres Vedras);
- Curia (situada no concelho de Anadia);
- Eirigo (situada no concelho de Barcelos);
- Entre-os-Rios (situada na confluência do Rio Tâmega e Douro);
- Estoril (situada no concelho de Cascais);
- Fadagosa do Tejo (situada na margem esquerda do Rio Tejo, a 5 quilómetros da Vila de Gavião);
- Gerês (situada a 46 quilómetros de Braga);
- Herdade dos Ourives (Moura ou Fonte de Santana situada no concelho de Moura);
- Luso (situada no concelho de Anadia);
- Peso de Melgaço (situada no concelho de Melgaço);
- Monção (situada na margem esquerda do Rio Minho, perto da fronteira);
- Monfortinho (situada no concelho de Idanha-a-Nova);
- Monte Real (situada no concelho de Leiria);

- Moura (situada a 53 quilómetros de Beja), Pedras Salgadas (situada no concelho de Vila Pouca de Aguiar);
- Piedade (situada no concelho de Alcobaça);
- Salgadas da Batalha (situada no concelho da Batalha);
- Santa Marta (Ericeira - situada no concelho de Mafra);
- Termas de São Pedro do Sul (situada no concelho do mesmo nome);
- São Vivente (situada no concelho de Penafiel);
- Termas do Carvalhal (situada no concelho de Castro Daire);
- Termas Radium (situada no concelho do Sabugal);
- Unhais da Serra (situada no concelho da Covilhã);
- Urgeiriça (situada a 2 quilómetros de Canas de Senhorim);
- Vale das Furnas (situada no concelho do Povoação, ilha de S. Miguel);
- Vale de Mó (situada no concelho de Anadia), Vidago (situada no concelho de Chaves);
- Aguas Santas do Vimeiro (situada no concelho de Torres Vedras);
- Vizela (situada a 9 quilómetros e a 31 quilómetros de Braga).³³²

³³² Contreiras, Dr. Ascensão, histologista, (1951) – Manual Hidrológico de Portugal.

Glossário

Alegretes – canteiros com flores e plantas.

Apodyterium – quarto de entrada nas Termas com compartimentos para os utentes guardarem o seu vestuário.

Arquitrave – trave horizontal apoiada em duas ou mais colunas.

Árula – altar romano ou pré-romano de pequenas dimensões, normalmente com motivos simbólicos ou simbólico-ornamentais, dividido em três zonas distintas: base, fuste e cabeça ou capitel.

Baldaquino – remate escultórico formado por conjunto de colunas que suportam uma cúpula, que acolhe um altar, um retábulo, uma escultura ou um portal.

Bosques estéticos – bosques ou paisagens naturais que por manifestarem importância patrimonial a nível estético, ecológico e turístico simultaneamente, requerem protecção formal da sua fauna, flora e beleza natural.

Botaréu – contraforte que serve de apoio aos arcobotantes.

Caldarium – local mais quente na sucessão dos quartos de banho das Termas romanas, carregado de vapor, sendo a sua água aquecida no hipocausto.

Capitel – parte da coluna que recebe a estrutura de cobertura.

Civitas – direito de cidadania na vida comunitária, com direitos e responsabilidades.

Cloaca máxima – uma das redes de esgotos mais antigas do mundo, iniciada em Roma nos finais do século VI.

Cornija – moldura saliente que remata a parte superior da parede.

Desenvolvimento sustentável – conceito global que pretende atender às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.

Estudo estratigráfico – sistema referencial das camadas genuínas dos materiais, com análise dos acontecimentos neles registados, ordenando-os no espaço e no tempo.

Fórum – praça central das localidades do Império Romano, onde os principais edifícios administrativos, religiosos, judiciais e comerciais costumavam localizar-se.

Frigidarium – local nas Termas romanas onde se tomava o banho de imersão frio.

Friso – parte plana do entablamento, entre a cornija e a arquitrave.

Hipocausto – forno subterrâneo utilizado sobretudo nas Termas do Império Romano.

Iconóstase – parede divisória adornada com ícones que separa a nave da igreja, do santuário.

Légua – equivalente a cerca de 5 quilómetros do sistema métrico actual.

Nervura – moldura estrutural que suportam o peso, descarregando-o em pilares

Paradeisos – parque efectivo e autêntico, terra regenerada.

Pináculo – remate cónico ou piramidal de um pilar, muro ou contraforte.

Platibanda – faixa horizontal que remata a parte superior da fachada de um edifício e encobre o telhado.

Poldras – pedras sobre as quais se assentavam plataformas de madeira, para permitir a passagem duma para outra margem dum regato, um ribeiro ou de um rio.

Premi Valmor – Instituído há um século, o Prémio Valmor de Arquitectura surgiu por indicação testamentária de Fausto Queiroz Guedes, Visconde de Valmor, onde determinava uma quantia em dinheiro à Câmara Municipal de Lisboa de modo a se instituir um prémio à mais bela casa ou prédio edificado na cidade, que deveria ser distribuído equitativamente pelo proprietário e pelo arquitecto, autor do projecto. Este galardão foi associado em 1982 ao Prémio Municipal de Arquitectura, passando a ser denominado “Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura”.

Spa – siglas de “salus per aquam”; significa “saúde pela água

Sufismo – Mística de dimensão esotérica da tradição muçulmana cujos praticantes procuram

uma relação directa com Deus.

Tepidarium – local do banho tépido nas Termas romanas.

Torreão – torre ou canto de um edifício ou castelo que faz de remate à construção.

Urbanismo – disciplina que estuda a regulação, o controle e o planeamento da cidade, que se divide em três ramos independentes, denominados:

Urbanologia – o logos, a essência;

Urbanística – a regra, a lógica;

Urbanismo – a prática propriamente dita.³³³

Zénite – ponto de intersecção na vertical de um lugar com a esfera celeste, cujo oposto é o “Nadir”.

³³³ De acordo com comentário do Professor de Urbanismo, Arquitecto Duarte Castelo Branco; Maio, 2008.

Bibliografia e fontes informáticas

Sobre água, Termas e termalismo

- (1992) – «*Termalismo Ambiente e Desenvolvimento Termalismo na Comissão Europeia – Estoril 1992*»; Conclusões do Seminário Internacional de 1992; Estoril.
- «*Estoril – Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva*» (1914); Typografia «A Editora Limitada»; Lisboa.
- «*Estudo e Proposta de Medidas de Recuperação Hospitalar das Caldas da Rainha - Grupo de trabalho interdepartamental*»; (1984); Centro Hospitalar das Caldas da Rainha; Caldas da Rainha.
- «*Estudos analíticos das águas termais das Caldas da Rainha*» (1955); Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos; Lisboa.
- Agra Amorim, Alexandra e Neves Pinto, João (2000) – «*Porto d'agoa*»; S.M.A.S.–Porto, Porto.
- Associação das Termas de Portugal (2006) – «*Anuário Termas de Portugal*»; Editora não identificada; Lisboa.
- Azevedo, C., Vasconcelos, L., Louro, M R. (1995) – «*Termas portuguesas*»; INAPA; Lisboa.
- Brochura do Museu da Água da EPAL (2004) –Aporem; Lisboa.
- Contreires, Ascensão (1934) – «*Águas Medicinais – Monografia de algumas nascentes*»; Editora não identificada; Lisboa.
- Contreires, Ascensão (1951) – «*Manual Hidrológico de Portugal*»; Empresa Nacional de Publicidade; Lisboa.
- Cruz, Adolpho (1909) – «*Relatório Clínico do Estabelecimento Hidrológico da Companhia das Águas de Pedras Salgadas e seus recursos therapeuticos*»; Typographia Universal; Porto
- d'Alcobaça Frei Gil (1928) – «*Pedras Salgadas das Thermas de Portugal a melhor*»; Centro Tipográfico Colonial; Lisboa.
- Fernández del Riego, F., López, S., F., Fernández Madrid, J., Nádiz Ortiz, C., Raya de Blas, A., Días Fernández J.M. (1998) – «*Galicia, Caminos de piedra y agua*»; Ascensores Enor; Vigo.
- Ferrari, A., Ferrari, M., S. Coreia, F. (1930) – «*Hospital termal das Caldas da Rainha, sua história, as suas águas, as suas curas*»; Sociedade Gráfica Editorial; Caldas da Rainha.
- Formigal, Júlio (1934) – «*Alguns apontamentos sobre o valor das Águas de Caldelas*»; Comunicação apresentada à Associação Médica Lusitana em 1 de Junho de 1933; Artes Gráficas; Porto.
- Gonçalves Carneiro, Mário (1945) – «*As Caldas de Chaves*» (Tese de Doutoramento; Coimbra).
- Gonçalves Pinto, H., Mangorrinha, J. (2009) – «*O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*»; Ministério da Economia e da Inovação; Lisboa.
- Hauser, S., Zumthor, P. (2008)– «*Peter Zumthor Therme Vals*»; Verlag Scheidegger & Spiess AG - 2º edição inglesa; Zurique.
- Jarrassé, Dominique (1996) – «*2000 ans de thermalisme Economie, patrimoine, rites et pratiques*»; Faculté des lettres et Sciences Humaines de l'Université Blaise-Pascal ; Clermont II.
- Lameira, T., Fonseca, G., Ramos, C., Loza, R.(1998) – «*A Água*»; Comissão de Coordenação da Região Norte -fascículo; S.M.A.S. Porto; Porto.
- Leboreiro Amaro, Maria A. (2004) – «*El balneario – La ciudad ensimismada*»; Colegio oficial de arquitectos de Galicia; Cidade não identificada.
- Lepierre, Charles (1920) – «*Analyse Chimica e Estudo da Radio-actividade da Água das Thermas de Monte Real*»; Imprensa Comercial (à Sé); Leiria.
- Lepierre, Charles (1928) – «*Caldas de Monchique – Estudo físico, químico bacteriológico e da radioactividade*»; Secção de Publicidade do Museu Comercial; Lisboa.
- Lisboa, Câmara Municipal de. (1977) – «*As Termas romanas da Rua da Prata: noticias para ilustrar a visita às Termas romanas da Rua da Prata de 1977*»; C.M.L; Lisboa.
- Lopes, Luiz Alfredo (1892) – «*Águas Minero-medicinais de Portugal*»; Editora não identificada; Lisboa.
- Lyster Franco, Mário (1945) – «*As Termas romanas de Monchique*»; Tipografia União; Faro.
- Macedo Pinto, Victor (1917) – «*Águas das Caldas de Aregos e sua estância*»; Typografia A Vapor da Empresa Guedes; Porto.
- Macedo Pinto, Victor (1941) – «*Estância das Caldas de Aregos, relatório do Director da estancia, relativa à época termal de 1940*»; Tipografia Voz de Lamego; Lamego.
- Mangorrinha, J., Aires Barros, L., Zêzere, J., Pinto, H., Trancoso, V., Guedes, N. (1984) – «*Caldas da Rainha, património de águas*»; Assírio & Alvim; Lisboa.
- Mangorrinha, Jorge (1999) – «*Pavilhões do Parque, Património e Termalismo das Caldas da Rainha*»;

Centro Hospitalar das Caldas da Rainha; Caldas da Rainha.

- Mangorrinha, Jorge (2000) – «*O lugar das Termas*»; Livros Horizonte; Lisboa.
- Mangorrinha, Jorge (2002) – «*À Volta das Termas*»; Livraria Nova Galáxia; Caldas da Rainha.
- Menezes Acciaiuoli, Luís de (1941) – «*Águas de Portugal, Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939*»; Sociedade Astória, Lda.; Lisboa.
- Menezes Acciaiuoli, Luís de (1941) – «*Esboço histórico das águas minerais de Portugal*»; Grandes oficinas gráficas Minerva; V. N. de Famalicão.
- Menezes Acciaiuoli, Luís de (1944) – «*Águas de Portugal, Minerais e de mesa*»; Volumes III, IV, V e VI; Ministério da Economia; Lisboa.
- Menezes Acciaiuoli, Luís de (1944) – «*Relatório de 1939*»; Ministério da Economia; Lisboa .
- Menezes Acciaiuoli, Luís de (1947) – «*Hidrologia Portuguesa, Relatórios de 1943/46*»; Ministério da Economia; Lisboa.
- Moreira Rocha Brito, Alberto (1943) – «*As Termas de Conímbriga*»; separata da revista Clínica, Higiene e Hidrologia, nº5, 1943; Editora não identificada; Lisboa.
- Novaes, João (1903) – «*Thermas de Caldellas 1901-1902*»; Emprezaes Coelho & C.^a, Caldellas.
- Oliveira Castro, Nome não editado (1899) – «*A cura de Caldellas*»; Typografia de J.M. de Souza Cruz; Braga.
- Rocha Brito, A. M. (1954) – «*O lugar da Curia na crenoterápia portuguesa*»; separata da revista Clínica, Higiene e Hidrologia; Editora não identificada; Lisboa.
- Sacadura Carvalho, Maria João (2006) – «*Proposta de Definição do Perímetro de Protecção das Captações e Nascentes das Caldas da Rainha*»; Centro Hospitalar das Caldas da Rainha; Caldas da Rainha.
- Santos, Eduardo (1972) – «*As Termas de S. Pedro do Sul, achegas para a sua História*» (da Academia Portuguesa de História); Editora não identificada; C. M. S. Pedro do Sul.
- Sarzedas, Temaeiro (1914) – «*O Vidago Thermal, nota descriptiva*»; Typografia Mendonça; Lisboa.
- Silva, Germano (2000) – «*Fontes e chafarizes do Porto*»; S.M.A.S. Porto; Porto.
- Sociedade das Águas da Curia (1915) – «*As Águas da Curia e a sua Estância*»; Typografia Pereira; Porto.
- Sousa Costa, José (1957) – «*Alguns elementos para a elaboração do programa de edificação dos Hospital das Caldas de Monchique*»; Typografia União; Faro.
- Trinta, Almeida, (1910) – «*Thermas Rainha D. Amélia*»; relatório do Director clínico do estabelecimento hydrotherapico; Papelaria e Typografia da Casa Moderna; S. Pedro do Sul.

Sobre arquitectura, arte e urbanismo

- (1991) «*Centro de arte moderna e acarte – antecedentes; novos edifícios 1983-84 – e os primeiros cinco anos*»; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa.
- (1996) «*Álvaro Siza – obras e projectos*» – Centro Galego de Arte Contemporânea e Câmara Municipal de Matosinhos; Electa; cidade não identificada.
- (2005) «*Raul Lino – Um olhar sobre Sintra*»; Catálogo de Exposição; Câmara Municipal de Sintra; Sintra.
- Afonso, Nadir (1986) – «*Nadir Afonso*»; Colecção Arte Contemporânea; Bertrand Editora; Lisboa.
- Alexander, Christopher (1982) - «*La ciudad no es un árbol*»; versión profesional -Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona; Barcelona.
- Amery, Colin (1995) – «*Architecture, Industry and Innovation-The early work of Nicholas Grimshaw & Partners*»; Phaidon Press Limited; Londres.
- Araújo Pereira da Silva, Paula (2002) – «*As Termas romanas de Bracara Augusta*»; tese de mestrado; F.E.U.P.; Porto.
- Battista Alberti, Leon (1775) – «*The ten books of architecture of Leon Battista Alberti*»; Reimpressão de Edward Owen 1986; Dover Publications Inc; Dover.
- Benévolo, Leonardo (1998) – «*A Cidade e o Arquitecto*»; Edições 70; Lisboa.
- Brandão Alves, Fernando (2003) – «*Avaliação da Qualidade do Espaço Público Urbano, Proposta Metodológica*»; Fundação C. Gulbenkian; Lisboa.
- Chueca Goitia, Fernando (2003) – «*Breve História do Urbanismo*»; Editorial Presença. 5ª Edição; Lisboa.
- Consiglieri, Victor (1995) – «*A Morfologia da Arquitectura*»; volumes I e II; Editorial Estampa, 2ª edição; Lisboa.

- Cullen, Gordon (1996) – «*Paisagem Urbana*»; Edições 70; Lisboa.
- Dagmar, Jager. (2008) «*Entwerfen: Magie, Spiel oder Strategie?*»; Generalist, Architekturjournalistischem – nº0/2008; Faculdade de Técnica de Arquitectura de Darmstadt, Alemanha; Darmstadt.
- Garcia Lamas, José (1990) – «*Morfologia urbana e desenho da cidade*»; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa.
- Guell, Xavier (1996) – «*Eduardo Souto de Moura*»; G. Gili; Barcelona.
- Hauser, S., Zumthor, P. (2008)– «*Peter Zumthor Therme Vals*»; 2ª edição inglesa; Verlag Scheidegger & Spiess AG; Zurique.
- Jencks, Charles (1985) – «*Movimentos Modernos em Arquitectura*»; Edições 70; Lisboa.
- Jencks, Charles (1989) – «*Arquitectura Internacional, últimas tendencias*»; Editorial Gustavo Gili, S.A.; Barcelona
- Jencks, Charles (1997) – «*The Architecture of the Jumping Universe*»; revised edition; Academy Editions; West Sussex.
- Jencks, Charles (2005) – «*The Iconic Building – the power of enigma*»; Frances Lincoln Ltd; Londres.
- Kubler, George (1988) – «*A Arquitectura Portuguesa Chã*»; Veja, publicação e distribuição de livros e revistas; Lisboa.
- Lynch, Kevin (1996) – «*A Imagem da Cidade*»; Edições 70; Lisboa.
- Madeira Rodrigues, Maria João (2002) – «*Arquitectura*»; Quimera editores, Lda; Lisboa
- Moore, Charles (2000) – «*Water + Architecture*»; Thames & Hudson Ltd.; Londres.
- Moore, Rowan (1993) - «*Structure, Space & Skin – the work of Nicholas Grimshaw & Partners*»; Phaidon Press Limited; Londres.
- Norberg-Schulz, Christian (1984) – «*Genius Loci, towards a phenomenology of architecture*»; Rizzoli; Nova York.
- Norberg-Schulz, Christian (1988) - «*Système logique de l'architecture*»; Pierre Mardaga, editeur ; Liege.
- Norberg-Schulz, Christian (1998); «*Intenciones en arquitectura*» ; GG reprints ; Barcelona.
- Perman, Hugh (2000) - «*Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners*»; Phaidon Press Limited; Londres.
- Pessanha, Matilde (2005) – «*Metáfora e Ornamento na Obra de Siza*»; Escola Superior Artística do Porto; Porto.
- Rua, Maria Helena (1998) – «*Os dez livros de arquitectura de Vitruvius*»; Departamento de Eng. Civil do Inst. Superior Técnico; Lisboa.
- Santos Pinheiro, Nuno (1997) – «*O Islamismo e o Arco Ultrapassado na Península Ibérica sua influência na arquitectura alentejana*»; Hugin Editores; Lisboa,
- Siza, A., Fernández, A., Júlbez, L., Morfin, L., Alba, A. (2003) – «*Barragán, obra completa*»; Dinalivro; Lisboa.
- Stierlin, Henri (2002) – «*Islão de Bagdade a Córdoba, A arquitectura primitiva do século VII ao século XIII*»; Taschen GmbH; Colónia.
- T. Hall, Edward (1986) – «*A Dimensão Oculta*»; Relógio d'Água; Lisboa,
- Távora, Fernando (1996) – «*Da organização do espaço*»; Faculdade de arquitectura da Universidade do Porto; 3ª edição; Porto.
- Zumthor, Peter (1998) - «*Peter Zumthor Works*»; Lars Muller Publisher; Baden/Suíça.
- Zumthor, Peter (1998) - «*Peter Zumthor, Thinking Architecture*»; Lars Muller Publisher; Baden/Suíça.
- Zumthor, Peter (1999) - «*Peter Zumthor - Kunsthuas Bregenz*»; Kunsthuas Bregenz; Áustria.
- Zumthor, Peter (2006) – «*Atmosferas*»; Editorial Gustavo Gili, S.L; Barcelona.

Sobre história e paisagismo

- Baridon, M., Laffond, R. (1998) – «*Les jardins paysagiste, jardiniers poètes*»; Paris.
- Caldeira Cabral, Francisco (1962) – «*História de arte dos jardins: o Egipto*»; Separata Agros, 45; Lisboa.
- Carita, H., Cardoso, C.(1990) – «*Tratado da grandeza dos Jardins em Portugal*»; Circulo dos leitores; Lisboa.
- Castel-Branco, Cristina (2002) – «*Jardins com História*»; Media livros S.A.; Lisboa.
- Jansom, H. (2005) – «*História da Arte*»; Fundação Calouste Gulbenkian, 7ªedição; Lisboa.
- Lacerda, Aarão de (1942) – «*História de Arte em Portugal*»; Portucalense Editora; Porto.

- Lencastre de Melo Breiner Andresen, Maria Teresa (1992) – «*Para a Crítica da Paisagem*»; Tese doutoramento; Universidade de Aveiro.
- Lévêque, Christian (2002) – «*Ecologia – do ecossistema à biosfera*»; Instituto Piaget; Lisboa.
- Mattoso, José (1997) – «*História de Portugal – antes de Portugal*»; Editorial Estampa; Lisboa.
- Mello e Noronha, Francisco (1900) – «*Os árabes na Península Ibérica*»; Folhetim d'A Pele; Portalegre.
- Pais da Silva, José (1993) – «*Páginas de História da Arte*», Volume 1 e 2; Editorial Estampa; 2ª edição Lisboa.
- Pereira d'Almeida, Alberto (1933) – «*Portugal Monumental*»; Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria Lda.; Porto.
- Pinheiro Chagas, Manuel (1899) – «*História de Portugal, popular e ilustrada*»; Volumes I, II, III, IV e V; Empreza da História de Portugal; Lisboa.
- Pinho Leal, nome não identificado (1877) – «*Portugal Antigo e Moderno, Diccionario Geographico, Estatístico Chorografico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal*»; volume X; Livraria Editora Mattos Moreira e Comp. Lda; Lisboa.
- Pinto Correia, C., Castel-Branco, C., Furtado, J. (1994) – «*Os quatros rios do Paraíso*»; Publicações D. Quixote; Lisboa.
- Raposo Magalhães, Manuela (2001) – «*Arquitectura paisagista – Morfologia e complexidade*»; Editorial Estampa; Lisboa.
- Santos, Reynaldo (1959) – «*História del Arte Português*»; Editorial Labor, S.A.; Barcelona.
- Van Loon, Hendrik (1930) – «*Historia de la humanidad*», Luís Miracle editor, Barcelona.
- Vasconcelos, Flório de (1972) - *História da Arte em Portugal* – Editorial Verbo, Lisboa.

De carácter diverso

- (1917) – «*Cura natural das doenças crónicas pelas águas naturais e pela bio cultura nas Caldas de Monchique*»; Brochura das Termas de Monchique, Tipografia Fernandes, Lisboa,
- (1988) - «O Médico» - Separata de nº 1864; Volume 117; cidade não identificada.
- Abram, David (2007) – «*A Magia do Sensível*»; Fundação C. Gulbenkian; Lisboa.
- Castelo Branco, Varejão (ano não identificado) – «*Estudo comparativo da actividade Portuguesa, em 1990 e 1991 com o decénio 1980/89*»; Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde – sector de Hidrologia e Hidroterapia; cidade não identificada.
- Ferreira Lemos, José - «*Boletim Informativo da FEUP*» – nº35, 1º trimestre de 2006; FEUP; Porto.
- Scozka, Luís, organizador (2005) – «*Contextos humanos e psicologia ambiental*»; Fundação Calouste Gulbenkian, serviço de educação e bolsas; Lisboa.

Fontes informáticas

- www.aguas.igme.es
- www.arquitectura.pt
- www.arquitectura.pt/forum
- www.britannica.com
- www.experimentadesign.pt/2009
- www.flickr.com/photos
- www.geocities.com
- www.google.earth.com
- www.ippar.pt
- www.jeannouvel.com
- www.jedessine.com
- [www.livingon thenet.com](http://www.livingon.thenet.com)
- www.paisagemurbana.com
- www.photoatlas.com
- www.portugal.gov.pt
- www.serralves.pt

- www.sustainability.com
- www.taschen.com
- www.textoscientificos.com
- www.thermaios.com/resultados.htm
- www.therme-vals.ch
- www.uc.pt
- www.unicer.pt
- www.vidagopalace.com/vidago_palace.asp
- www.vitruvius.com.br
- www.wordpress.com

Quadros comparativos

Parte I

Quadro 1 – Tabela comparativa dos materiais construtivos das duas Termas romanas analisadas.....	37
Quadro 2 – Tabela comparativa das características termais em duas épocas distintas.....	128
Quadro 3 – Tabela comparativa de três referências termais contemporâneas na Europa (sem Portugal).....	151
Quadro 4 – Tabela comparativa das quatro Termas analisadas em Portugal.	214
Quadro 5 – Tabela comparativa das quatro Termas – sua manifestação sensível.	215
Quadro 6 – Exposição figurativa das quatro Termas analisadas.	217
Quadro 7 – Valores imateriais das Termas.....	222
Quadro 8 – Valores materiais das Termas.	223

Parte II

Cuadro 1 – Estado funcional en la actualidad de las Termas portuguesas.	262
--	-----

Ilustrações

Índice e fontes das figuras

Parte I

Figura 1 – Corte transversal do Panteão de Roma (fonte: imagem em www.wikipedia.com , Setembro 2009). ...	19
Figura 2 – Banho dos homens nas Termas romanas (fonte: imagem em: Os dez livros de arquitectura de Vitruvius, com cromatismo do autor).....	21
Figura 3 – Planta termal segundo de Leon Battista Alberti. (fonte: imagem em: The Ten Books of Architecture; Leon Battista Alberti)	22
Figura 4 – Influência do Império nas Caldas das Taipas, com as ruínas do balneário romano. (fonte: arranjo informativo do autor a partir de ilustração em: Águas de Portugal, Relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa, durante o ano de 1939).....	23
Figura 5 – Área escavada das Termas terapêuticas de Aquae Flaviae, actual cidade de Chaves. (fonte: arranjo do autor a partir do placar camarário contíguo às Termas Romanas de Chaves, que se encontram situação de ruína arqueológica – Agosto 2009).	24
Figura 6 – Planta e cortes das Termas Romanas de Lisboa dedicadas a Esculápio. (fonte: pág.s 57 e 56 de «As termas romanas da Rua da Prata: notícias para ilustrar a visita às termas romanas da Rua da Prata de 1977»; Câmara Municipal de Lisboa-1977).....	25
Figura 7 – Planta de Conímbriga: localização das Termas na povoação. (fonte: arranjo do autor sobre panfleto de Conímbriga; Agosto, 2006).	26
Figura 8 – Maqueta do fórum de Conímbriga. (fonte: Sítio da internet www.uc.pt ; Outubro, 2006).	26
Figura 9 – Planta do exterior das Termas do Alto da Cividade. (fonte: arranjo do autor a partir das plantas	

anexas à tese em «As termas romanas de Bracara Augusta»)	30
Figura 10 – Planta piso 1 do interior das Termas do Alto da Cidade. (fonte: arranjo do autor a partir das plantas anexas à tese; As termas romanas de Bracara Augusta; Desenho 5, Piso 1)	31
Figura 11 – Perspectivas de hipótese de reconstituição das Termas do Alto da Cidade . (fonte: arranjo do autor a partir de desenhos anexos à tese: As termas romanas de Bracara Augusta)	32
Figura 12 – Pré-furnium – esquema de funcionamento do piso radiante. (fonte: desenho do autor, a partir de informações da architecta Paula Pereira da Silva; Outubro, 2006)	32
Figura 13 – Rede vária romana e localização das cidades de Bracara Augusta e de Évora. (fonte: ilustração da pág. 237 da História de Portugal – antes de Portugal, com coloração do autor)	33
Figura 14 – Desenho do tanque integrado na sala aquecida denominada de «Laconicum». (fonte: desenho do autor perante fotografia do sítio da Câmara Municipal de Évora; Outubro 2009)	34
Figura 15 – Fachada Sul de Santa Maria de Belém, Lisboa – desenho do Architecto Bernardino Coelho, em 1931. (fonte: História de Arte em Portugal, volume II, pág. 261 e 262)	57
Figura 16 – Architectura Chã: a) fachada e b) pormenor da Igreja do Desterro, em Lisboa – derivado do modelo português, de carácter mais palaciano que sacro. (fonte: A Architectura Portuguesa Chã, pág. 140)	58
Figura 17 – a) Projecto da Fonte São Pedro de Sintra do Architecto Raul Lino; b) fotografia recente do projecto construído. (fonte: a) e b) Catálogo de exposição sobre o Architecto Raul Lino, Sintra, 2005)	60
Figura 18 – Conjugação nos anos 60 do betão aparente, bronze, madeira, alumínio e vidro da Fundação Calouste Gulbenkian. Desenhos do projecto dos architectos Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy Athouguia. (fonte: capa do fascículo «Centro de arte moderna e acarte», 1991)	63
Figura 19 – Projecto de Siza Vieira do Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela: a) Em cima, alçado de integração; b) Em baixo, plantas dos vários pisos. (fonte: a) e b) Álvaro Siza – obras e projectos	64
Figura 20 – A forma do corvo é composta pelas frases explicativas do próprio texto – o todo é a conjugação da parte – um propósito construtivista. (fonte: Revista Generalist, Architekturjournalistischem – nº0/2008; pág. 32)	66
Figura 21 – Alçado lateral do projecto do balneário (com casino e cinema no andar superior) das Termas da Curia da autoria de Norte Júnior (1935). O torreão faz de eixo de simetria na fachada principal. (fonte: arquivo na Dir. Geral Geologia e Energia)	76
Figura 22 – Projecto da fonte termal em Vidago, de planta octogonal (1913). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	77
Figura 23 – Projecto do edifício casino/cinema, com o balneário no piso térreo das Termas da Curia da autoria de Norte Júnior (1935). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	80
Figura 24 – Projecto não construído das buvetes das Termas de Caldelas, com passeio galeria (1908). (fonte: fotografia do documento em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	82
Figura 25 – a) Projecto do início do século XX para o engarrafamento das águas de Vidago; b) Mapa actual das unidades fabris com gráficos do último quarto de século de: 1) produção; 2) consumo; 3) exportação. (fonte: a) arquivo na D. G. G. E.; b) arquivo do autor de painel existente na Direcção Geral de Energia e Geologia; Maio, 2007).	84
Figura 26 – As estâncias termais em Portugal (1958). (fonte: “O lugar das Termas” pág. 16, referenciando SNI, 1958).	87
Figura 27 – localização das Termas agremiadas e logótipo da associação. (fonte: sítio na internet: www.termasdeportugal.pt com agregação do autor; Outubro 2006)	89
Figura 28 – Planta geral da concessão termal das Caldas da Rainha. (fonte: Centro Hospitalar das Caldas da Rainha; 2007)	94
Figura 29 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor)	95
Figura 30 – Planta do piso 1 do Hospital Termal D. Leonor – levantamento actual. (fonte: Centro Hospitalar das Caldas da Rainha; Maio, 2007 – com arranjos do autor)	98
Figura 31 – Alçado principal dos Pavilhões do Parque, de Rodrigo Berquó. (fonte: Centro Hospitalar das Caldas da Rainha)	99
Figura 32 – Planta do Palácio Real, actual museu da cidade. (fonte: Brochura do Museu e Hospital das Caldas da Rainha; Maio, 2007)	100
Figura 33 – Planta do piso 1 do Balneário Novo. (fonte: Centro Hospitalar das Caldas da Rainha; Maio, 2007)	101
Figura 34 – a) Planta e b) axonometria de implantação do recinto termal de Caldelas; o Hotel Bela Vista não está abrangido nos dois desenhos. (fonte: brochura das Termas de Caldelas; Junho, 2007 e levantamento do gabinete PMC Architectos, Lisboa; Fevereiro, 2008)	102
Figura 35 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor)	103
Figura 36 – Alçado principal do Balneário, do projecto de 1913. (fonte: fotografia do projecto em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia; Maio, 2007)	104

Figura 37 – Fotografia da planta do piso Térreo do Balneário (1922). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia; Maio, 2007).....	105
Figura 38 – Alçado do antigo cinema. O projecto de 1995 pretendia reutiliza-lo para cafetaria-bar. (fonte: arquivo da Direcção Geral de Energia e Geologia; Maio, 2007)	107
Figura 39 – Planta do actual Balneário de Caldelas, projecto de 2003. (fonte: brochura das Termas de Caldelas; Junho, 2007)	108
Figura 40 – Planta de implantação do projecto turístico habitacional. (fonte: brochura das Termas de Monte Real; Maio, 2007)	109
Figura 41 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor).....	110
Figura 42 – Alçado principal do projecto do Edifício Termal (1915). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia; desenho sem escala).	111
Figura 43 – a) Corte longitudinal e b) planta piso térreo, projecto de 1915. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia; desenho sem escala).....	112
Figura 44 – Alçado principal do projecto de remodelação e ampliação do Hotel do Arquitecto António Garcia (2006). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa, 2009; pág. 312) ..	114
Figura 45 – Alçado, corte e esboços do projecto de remodelação e ampliação do Balneário do Arquitecto António Garcia (2006).(fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 312).....	114
Figura 46 – Planta das Termas de S. Pedro do Sul. (fonte arranjo do autor sobre brochura do posto de turismo das Termas de S. Pedro do Sul; Julho, 2007).....	116
Figura 47 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor).....	119
Figura 48 – Planta de implantação; 1 – a vermelho: Balneário Rainha D. Amélia; 2 – a laranja: Balneário D. Afonso Henriques. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	120
Figura 49 – Planta piso 1 do projecto do Arquitecto Januário Godinho, dos finais dos anos 70. (fonte: arranjo do autor a partir de planta em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	121
Figura 50 – Projecto prévio de 1894, com planta do piso térreo para o estabelecimento termal de 1ª classe em Vichy, da autoria do arquitecto Charles Lecoeur. (fonte: Cécile Morillon (1992) revista «Histoire de l'Art, n°19», pág. 66, com coloração do autor; sem orientação)	129
Figura 51 – Planta do quinto alçado do Hotel «Les Thermes» com massa vegetal interior. (fonte: L'architecture d'aujourd'hui» n° 284).....	131
Figura 52 – Planta do piso térreo do Hotel «Les Thermes». (fonte: El Croquis» n° 65/66).....	132
Figura 53 – Corte longitudinal (1) e transversal (2) do Hotel «Les Thermes». (fonte: L'architecture d'aujourd'hui» n° 284).....	132
Figura 54 – Planta do segunda andar do Hotel «Les Thermes». (fonte: L'architecture d'aujourd'hui» n° 284)....	133
Figura 55 – Cortina modelar de: 1) Alçado exterior tipo; 2) vidros do alçado exterior de habitação tipo; 3) alçado interior de apartamento tipo. (fonte: «El Croquis» n° 65/66, pág. 163).....	136
Figura 56 – Batentes exteriores; pormenores construtivos tipo: 1) Secção; 2) Planta. (fonte: El Croquis» n° 65/66, pág. 163)	136
Figura 57 – Planta piso térreo pelo nível das piscinas. (fonte: Peter Zumthor (1998) - Peter Zumthor Works, pág. 163).....	138
Figura 58 – Cortes seccionais do edifício. (fonte: Peter Zumthor (1998) - Peter Zumthor Works, pág. 167).....	138
Figura 59 – Esboços para estudo dos recursos naturais: as instalações balneares incrustadas na própria paisagem. (fonte: Peter Zumthor Therme Vals (2008), pág. 88)	141
Figura 60 – Estudo de Peter Zumthor que conjuga a matéria, da luz e do espaço - Kunthaus de Bregenz, projecto que obteve o prémio Mies Van der Rohe. (fonte: Kunthaus Bregenz (1999) - Peter Zumthor , Kunthaus Bregenz, pág. 1)	142
Figura 61 – Termas de Vals: Perspectivas laterais cónicas transparentes. (fonte – arquivo do autor; 2010).....	143
Figura 62 – Alçado principal do Spa. (fonte: Hugh Perman (2000) - Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners)	145
Figura 63 - Esboços de estudos: da cobertura (1); do relacionamento entre andares (2); da estrutura (3). (fonte: Hugh Perman (2000) - Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners).....	146
Figura 64 – Secção longitudinal e sua integração na envolvente. (fonte: Hugh Perman (2000) - Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners),	147
Figura 65 – Plantas no novo balneário: 1- Terraço e área de vapor; 2- Piso de entrada e vestiários; 3- Piso -1 Ginásios, café, gabinetes de tratamento; 4- Piso -2 Banhos quentes e piscina principal. (fonte: Hugh Perman (2000) - Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners)	147
Figura 66 – Esquema funcional do Royal bath. (fonte: sitio oficial do Royal bath com trabalho gráfico do autor; Janeiro 2010)	148
Figura 67 – Planta parcial do Parque Termal da Cúria. (fonte: planta cedida em 2008 pelo Arquitecto Adelino	

Neves, funcionário superior da Câmara Municipal da Anadia - com coloração do autor)	157
Figura 68 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor).....	158
Figura 69 – Alçados e planta do 1º pisos da proposta do «Palácio das Diversões» de Raul Lino (1918). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 185)	159
Figura 70 – Projecto de laboratório de análises clínicas, construído na década de 1920. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	160
Figura 71 – Alçado principal do «balneário antigo» do projecto da autoria de Norte Júnior (1935), não totalmente construído como por exemplo, as três pequenas torres centrais do 1º plano. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	160
Figura 72 – Folheto com planta do projecto do parque das Termas da Curia da autoria Arquitecto Manuel Gil Graça. (fonte: Brochura da Sociedade das Águas da Curia, S.A.).....	163
Figura 73 – Alçado principal e planta do primeiro piso do projecto de transformação do estabelecimento balnear da autoria de Norte Júnior (1935). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	166
Figura 74 – Alçado principal e planta do primeiro piso do «balneário antigo» do projecto de 2002. (fonte: desenhos cedidos pelo atelier Gil Graça Arquitectos Associados, Lda.).....	167
Figura 75 – Alçado Sul do «balneário novo» remodelado pelo projecto de Manuel Gil Graça (2002). (fonte: desenho cedido por: Gil Graça Arquitectos Associados, Lda.)	168
Figura 76 – Cortes pormenorizados do hall da entrada do Piso 0. (fonte: desenho cedido por: Gil Graça Arquitectos Associados, Lda.)	169
Figura 77 – Projecto urbano (termal e turístico) da Quinta de Viana, na Costa do Estoril. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia).....	171
Figura 78 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor).....	172
Figura 79 – Proposta de remodelação do Balneário de José Viana Carvalho (1893). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 121)	173
Figura 80 – Estabelecimento hidro-mineral de estilo Neo-árabe. (fonte: brochura em arquivo na Direcção Geral de Geologia e Energia)	173
Figura 81 – Planta do Estabelecimento de banhos de mar. (fonte: Estoril - Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva (1914), pág 18).....	174
Figura 82 – Planta do piso térreo do Estabelecimento Thermal (1914). (fonte: Estoril - Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva (1914), pág 20).....	175
Figura 83 – Alçado principal do Estabelecimento Thermal (1914). (fonte: Estoril - Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva (1914), pág 26).....	176
Figura 84 – Planta piso 0 do Casino (1914). (fonte: Estoril - Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva (1914), pág 7)	177
Figura 85 – Perímetro do terreno termal no Estoril e implantação do novo balneário/spa (2002). (fonte: projecto do Arquitecto Gil Graça em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia).....	178
Figura 86 – Alçados do edifício Balneário/Spa do projecto de Manuel Gil Graça (2002). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia).....	179
Figura 87 – Plantas do edifício Balneário/Spa de Manuel Gil Graça (2002). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	180
Figura 88 – Corte longitudinal e transversal do projecto do Arquitecto Gil Graça para o edifício Balneário/Spa. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	181
Figura 89 – Alçado da Rua do Hotel Palácio e corte longitudinal do projecto de Manuel Gil Graça (2005). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 337)	181
Figura 90 – Plantas no edifício balnear da autoria do Arquitecto Manuel Gil Graça (2005). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 337)	181
Figura 91 – Planta topográfica de Pedras Salgadas (ano?). (fonte: La ciudad ensimismada, pág. 191, com legendas do autor)	183
Figura 92 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor).....	184
Figura 93 – Planta do balneário desenvolvido pelo Arquitecto Perry de Azevedo, piso 1 (1999). (fonte: arquivo da Direcção Geral de Energia e Geologia).....	186
Figura 94 – Proposta de remodelação do Balneário dos Arquitectos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (1997 – projecto não realizado). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 331)	186
Figura 95 – Esquícios perspécticos do plano de remodelação de Pedras Salgadas da autoria dos Arquitectos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (1997 – não realizado). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 331)	187
Figura 96 – Planta do projecto do Arquitecto Álvaro Siza Vieira do Parque de Pedras Salgadas. (fonte: Álvaro	

Siza 2 – Arquitecto, Lda.)	188
Figura 97 – a) Bilhete-postal de 1933 com a fachada do Hotel Avelames (a demolir) e b) maqueta do aparthotel que o irá substituir. (fontes: conjugação de imagens em sítios da internet: http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt e http://jn.sapo.pt/2006/11/24 ; Junho, 2007)	190
Figura 98 – Proposta de Siza Vieira para a requalificação do Balneário em <i>Spa</i> termal. Mantém-se a <i>forma</i> que se associa à <i>função</i> actualizada. a) Em cima e central - alçados; e b) Em baixo – plantas do piso -1 e piso térreo. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.).....	191
Figura 99 – Proposta do novo Hotel Avelames, planta do piso 0. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.)	192
Figura 100 – Proposta do o Hotel Avelames–club house. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.)	193
Figura 101 – Levantamento de uma das fenestranças. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.).....	194
Figura 102– Planta topográfica das Termas de Vidago (ano?). (fonte: Maria A. Leboeiro Amaro (2004), na pág. 193 de «La ciudad ensimismada», sem referencia do ano)	195
Figura 103 – a) Mapa de Portugal continental; b) planta de localização. (fonte: programa informático Autoroute2007 e agregação do autor).....	196
Figura 104 – a) Planta e b) alçado do Pavilhão de resguardo da nascente de água mineral (1913). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	197
Figura 105 – Projecto do parque de jogos, infantil e o campo de golfe (1930). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	198
Figura 106 – Projecto do pavilhão para a Fonte de Vidago 2 de António Rodrigues da Silva Júnior (1909). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia)	199
Figura 107 – Projecto do Balneário – Alçado e planta piso 0 (1914). (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia, desenhos conjugados pelo autor)	200
Figura 108 – Planta do projecto do Parque de Vidago de autoria do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.)	202
Figura 109 – Projecto original dos andares térreo (em cima) e principal (em baixo) do hotel, da autoria do Arquitecto Miguel Ventura Terra (inaugurado em 1910). (fonte: projecto Aqanattur - Parques de Vidago e Pedras Salgadas).....	204
Figura 110 – Projecto do Balneário, integrando o novo auditório da autoria dos Arquitectos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (1997). (fonte: O Desenho das Termas – História da Arquitectura Termal Portuguesa (2009); pág. 297, contendo informação do autor)	205
Figura 111 – a) Aparthotel em Pedras Salgadas e b) Hotel Palace de Vidago – esboços do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. (fonte: projecto Aqanattur - Parques de Vidago e Pedras Salgadas)	206
Figura 112 – Planta de caracterização dos espaços do Parque de Vidago. (fonte: projecto Aqanattur - Parques de Vidago e Pedras Salgadas).....	208
Figura 113 – Alçados do Hotel Palace de Vidago do projecto de recuperação e modernização do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.).....	210
Figura 114 – Planta piso 0 do Spa e esquema de ligação com o Hotel. (fontes: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda. e projecto Aqanattur - Parques de Vidago e Pedras Salgadas)	211
Figura 115 – A força de integração em conceitos formais distintos – Hotel Palace e o novo <i>Spa</i> . (fonte: desenho sobre arquivo do autor feita com a obra ainda em toco; Maio, 2008)	213
Figura 116 – Alçado do cinema Condes em Lisboa, actualmente Hard Rock Café. (fonte: sitio da internet www.ulisses.cm-lisboa.pt ; Outubro 2008). (fonte: sitio da internet www.ulisses.cm-lisboa.pt ; Out.2008) ..	216

Índice e fontes das fotografias

Parte II

Fotografia 1 – Aqueduto das Águas Livres em Lisboa. (fonte: brochura do Museu da Água da E.P.A.L., Lisboa, Outubro 2005)	20
Fotografia 2 – Ruína de estrutura subterrânea, difusora do calor radiante no piso em edifício em Conímbriga. fonte: arquivo do autor; Agosto, 2006)	27
Fotografia 3 – O «hammam»: banhos em edifício recuperado, no centro histórico de Granada do século XII/XIII. (fonte: fotografia trabalhada pelo autor disponível em: www.atrapalo.com - Junho de 2009)	27
Fotografia 4 – Parque termal de Vidago. (fonte: Álvaro Siza 2 – Arquitecto, Lda.).....	39
Fotografia 5 – Laranjeiras e limoeiros, no jardim da Casa Pilatos, Sevilha, construída no século XVI. (fonte: arquivo do autor, Dezembro, 2006)	46
Fotografia 6 – A catedral de Sevilha e a laranjeira, árvore pública na Andaluzia. (fonte: arquivo do autor, Dezembro, 2006).....	46
Fotografia 7 – À direita, japoneira em flor. Ao fundo a Casa da Música de Rem Koolhaas, Porto. (fonte: arquivo	

do autor, Janeiro, 2007)	47
Fotografia 8 – Eixo de jardim formado por «Casas de Fresco» em jardim barroco da «Casa do Campo», Fermil de Basto; a) exterior e b) interior. (fonte: arquivo do autor, Abril, 2007).....	48
Fotografia 9 – Características dos jardins do Norte do país – Palácio Cristal, Porto. (fonte: arquivo do autor, Dezembro, 2006).....	48
Fotografia 10 – O exotismo do quiosque – Palácio Cristal, Porto. (fonte: arquivo do autor, Dezembro, 2006)	50
Fotografia 11 – O entrosamento dinâmico da natureza. (fonte: arquivo do autor, Afife, Outubro, 2004).....	51
Fotografia 12 – A intemporalidade de uma alameda – acesso do Parque das Pedras Salgadas. (fonte: arquivo do autor, Maio, 2008)	54
Fotografia 13 – a) Casa dos Penedos, em Sintra; b) Planta da Casa do Cipreste, também em Sintra; c) Assembleia de Abrantes – projectos construídos do Arquitecto Raul Lino. (fontes: a) Catálogo de exposição; b) www.wikipedia.org ; Abril, 2007; c) arquivo do autor; Agosto, 2007)	60
Fotografia 14 – Algumas das características do estilo expressas em: a) Habitação em Matosinhos; b) Mercado Municipal de Santo Tirso. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2007 e Fevereiro, 2008, respectivamente)	61
Fotografia 15 – a), b) e c) Três edifícios situados no centro de Aveiro de «Arte Nova». (fonte: arquivo do autor; Setembro, 2006).....	61
Fotografia 16 – Vista parcial da fachada Sul do Centro Comercial das Amoreiras em Lisboa, projectado por Tomás Taveira. (fonte: arquivo do autor, Outubro 2008)	63
Fotografia 17 – a) b) e c): Aparelhos balneares que se depararam nos corredores ortogonais do balneário das Termas de Vizela. (fonte: arquivo do autor; Junho, 2008).....	77
Fotografia 18 – a) Banheira romana nas Termas de Monte Real; b) Piscina dos homens do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha. (fonte: a) arquivo do autor - Termas de Monte Real, Junho 2007; b) gentilmente cedida pelo Centro Hospitalar das Caldas da Rainha).....	78
Fotografia 19 – Fachada principal do Hospital Termal das Caldas da Rainha. (fonte: arquivo do autor; Maio 2007).....	78
Fotografia 20 – Hotel Palace de Vidago a) fachada principal; b) escadaria interior. (fonte: sítios da internet: a) dias-com-arvores.blogspot ; b) www.panoramio.com ; ambas Maio, 2008)	79
Fotografia 21 – Coreto no parque termal das Caldas da Rainha. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2007)	81
Fotografia 22 – Pavilhão em Caldela. (fonte: arquivo do autor; Setembro, 2007).....	81
Fotografia 23 – Lago no parque verde das Caldas da Rainha; ao fundo os Pavilhões do Parque. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2007)	82
Fotografia 24 – Capela das Termas de Monte Real. (fonte: arquivo do autor; Junho, 2007).....	83
Fotografia 25 – Alçado norte da Igreja de N ^a S ^a Pópulo, assente em continuidade com o hospital. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2007)	96
Fotografia 26 – Hospital termal D. Leonor (à esquerda) e Balneário (à direita) nas Caldas da Rainha. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2007)	96
Fotografia 27 – Projecto do alçado dos Pavilhões do Hospital Real de Rodrigo Berquó. (fonte: fotografia do documento em arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia; Maio, 2007).....	97
Fotografia 28 – Lápides romanos em exposição no Hotel Bela Vista, Caldela. (fonte: arquivo do autor; Junho, 2007).....	104
Fotografia 29 – a) Hotel Monte Real; b) Balneário. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2007)	113
Fotografia 30 – Fotografia do projecto de 1939 do Balneário – a) fachada principal e; b) secção longitudinal. (fonte: arquivo na Direcção Geral de Energia e Geologia; Maio, 2007; não foi encontrada a escala dos desenhos)	113
Fotografia 31 – Ruínas do Balneário romano. (fonte: arquivo do autor; Julho, 2007).....	116
Fotografia 32 – Capela S. Martinho – a) exterior e b) interior. (fonte: arquivo do autor; Julho, 2007)	117
Fotografia 33 – Balneário Rainha D. Amélia. (fonte: arquivo do autor; Julho, 2007)	117
Fotografia 34 – Vista parcial da fachada principal do Hotel Palace–Inatel.	118
Fotografia 35 – Balneário Novo, também apelidado de D. Afonso Henriques – a) alçado principal e b) alçado posterior. (fonte: arquivo do autor; Julho, 2007).....	122
Fotografia 36 – Imagem virtual do projecto balnear em Vichy. (fonte: Patrice Goulet (1994) «Jean Nouvel», pág. 117).....	130
Fotografia 37 – Hotel «Les Thermes» em Dax. (fonte: L'architecture d'aujourd'hui» nº 284)	130
Fotografia 38 – Hotel Saint James, a utilização do conceito de membrana envolvente. (fonte: Patrice Goulet (1994) «Jean Nouvel», pág. 132).....	134
Fotografia 39 – Vista do espaço central do hotel desde o interior da piscina (vazia). (fonte: El Croquis» nº 65/66 pág. 161).	135
Fotografia 40 – A interligação com os Alpes. a) Alçado do Spa; b) a cobertura verde e ao fundo o hotel dos anos 60, remodelado; c) uma perspectiva da sua piscina exterior. (fonte: Sítios da internet em:a) e b) www.flickr.com/photos ; c) www.therme-vals.ch ; Setembro, 2008)	137
Fotografia 41 – Estudo da luz na maquete das Termas de Vals. (fonte: Peter Zumthor Therme Vals (2008), pág.	

139)	139
Fotografia 42 – a), b) e c) A difusão da luz nas piscinas interiores das Termas de Vals. (fonte: Sítios da internet: a) e b) www.galinsky.com/buildings ; c) www.therme-vals.ch ; Setembro, 2008)	139
Fotografia 43 – Interior do edifício das Termas de Vals. (fonte: Sítio da internet: www.experimentadesign.pt/2009 fotografia de Nicole Six & Paul Petritsch)	140
Fotografia 44 – a) Esquços do Hotel das Termas de Vals; b) Maqueta. (fonte: a) e b) arquivo do autor – fotografias retratadas na bienal de Lisboa, ExperimentaDesign: Outubro 2008)	141
Fotografia 45 – Dístico termal e em 2º plano, a fachada principal da Catedral de Bah (fonte – www.visaoviagens.edimpresa.viatecla.pt ; Novembro 2009)	144
Fotografia 46 – Imagem virtual do novo edifício integrado na envolvente. (fonte: Hugh Perman (2000) - Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners)	145
Fotografia 47 – Maqueta apresenta na exposição de verão na «Royal Academy», Londres, 1999. (fonte: Hugh Perman (2000) - Equilibrium – the work of Nicholas Grimshaw & Partners)	146
Fotografia 48 – A piscina e as colunas «Brobdingnagian». (fonte: www.bdonline.co.uk ; Dezembro 2010)	149
Fotografia 49 – Arcada de acesso ao Balneário, Casino e Cinema. (fonte: arquivo do autor; Set. 2007)	161
Fotografia 50 – Fonte Albano Coutinho no interior da Buvete. (fonte: arquivo do autor; Setembro, 2007)	162
Fotografia 51 – Curia Palace Hotel durante a fase final da sua modernização (2007). (fonte: arquivo do autor; Setembro, 2007)	164
Fotografia 52 – a) e b) Pormenores do balneário antigo de influência neoclássica. (fonte: a) e b) fotografias cedidas por: Gil Graça Arquitectos Associados, Lda.)	169
Fotografia 53 – Estoril actual – zona central do Estoril com a antiga quinta de Viana (a cores) e a ampliação actual do perímetro termal (em baixo). (fonte: www.google-earth.com ; Outubro, 2007; legenda e descoloração do autor)	178
Fotografia 54 – Alçado Sul (em 1º plano) e poente (com a entrada da Rua do Hotel Palácio). (fonte: arquivo do autor; Dezembro 2009)	182
Fotografia 55 – a) Portão de entrada do Parque e b) edifício «Buvete». (fonte: arquivo do autor; Maio, 2008)	185
Fotografia 56 – O edifício da antiga estação de comboio. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2008)	188
Fotografia 57 – Escadaria do Hotel Palace de Vidago (postal da década de 1910). (fonte: sítio da internet www.lifecooler.pt ; Janeiro 2008)	201
Fotografia 58 – Hotel Palace – ferros que se retorcem em rendilhados. (fonte: Revista «Visão», de 16 de Novembro de 2006, pág. 119)	203
Fotografia 59 – Hotel Palace: a) restaurante e b) cozinhas (postais emitidos na década de 1910). (fonte: a) e b) sítio da internet www.lifecooler.pt ; Janeiro, 2008)	203
Fotografia 60 – a) Centro de Congressos, recuperado e ampliado anteriormente e; b) edifício dos Lavabos. (fonte: a) e b) arquivo do autor; Maio, 2008)	207
Fotografia 61 – A «Fonte um» – a relevância cénica balnear. (fonte: arquivo do autor; Maio, 2008)	209
Fotografia 62 – Maqueta à esc. 1/100: implantação do Hotel Palace, o novo edifício Spa. (fonte: arquivo do autor – maqueta de estudo do atelier Álvaro Siza 2; Junho de 2008)	212
Fotografia 63– A luz balnear. 1: Hammam recuperado em Granada, Espanha; 2: Termas de Vals, Suíça. (fonte: páginas web (Abril, 2010) 1 – www.images.google.pt/imgrs ; 2 – www.static.panoramico.com/photos)	226
Fotografia 64 – Termas Geométricas, Parque Nacional Vulcão Villarrica, Chile. (fonte: www.google.pt/search ; Abril 2011)	227

Parte II

Fotografia 65 – La luz del spa 1: Hammam recuperado en Granada, España, 2: Termas de Vals, Suíza. (fuente: páginas web (Abril, 2010) 1 – www.images.google.pt/imgrs ; 2 – www.static.panoramico.com/photos)	264
Fotografia 66 – Termas Geométricas, Parque Nacional Volcán Villarrica, Chile. (fuente: www.google.pt/search ; Abril 2011)	265
Ilustración 3 – El carácter termal incorpora conceptos de arquetipos distintos	261

Parte II

Síntesis, Resumen del texto y Conclusiones en español

Síntesis

"Las leyes de la arquitectura pueden ser entendida por todos"
Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879).

Como otros países europeos, Portugal posee muchas fuentes termales así como una variada y rica arquitectura termal. Existen publicaciones genéricas y/o divulgativas de diversos establecimientos termales, pero no existen estudios que analicen su arquitectura, que señalen sus cualidades y vulnerabilidades, y que desarrollen caminos para su recuperación.³³⁴

Esta tesis pretende modestamente cubrir esta laguna.

Se inicia con un recorrido histórico de la arquitectura termal iniciada en la antigua Grecia. Después el concepto ha sido magníficamente desarrollado en la ciudad de Roma, principalmente a partir de su reconstrucción a partir del incendio en 64 d.C. Posteriormente fue exportado por todo el Imperio, incluyendo el territorio denominado actualmente como Portugal. Contemporáneamente se analizan ejemplos de la renovación termal de comprobada calidad, tanto en Europa como en el país, extrayéndose sus conceptos esenciales.

Se concluye con un desarrollo sobre el "balneario ideal", considerando que la arquitectura termal es un proceso de creación evolutivo que actualmente procura lograr una síntesis entre la naturaleza y la construcción, entre la arte y la filosofía de modo a satisfacer las necesidades del hombre y sus aspiraciones esenciales.

Objetivos e metodología

I - Los complejos termales son abundantes en Portugal, siendo compuestos por patrimonio edificado y natural. Después de siglos de olvido, surgió en el siglo XVIII un nuevo período de esplendor que duró hasta mediados del siglo XX. Tras el descubrimiento de la penicilina (1928) y de otros adelantos curativos, la demanda termal volvió a sumirse en un periodo de declino. A partir de los años 90 se ha operado en Portugal un proceso de resurgimiento que ha llevado a recuperar y modernizar algunos de los antiguos balnearios, lo que abre nuevos horizontes a las muchas estaciones existentes, algunas en estado de decadencia. Su potencial de desarrollo es significativo porque mantienen el carácter de universos en miniatura, mundos singulares y espectaculares donde el ocio regenerativo puede ser disfrutado en paz, libertad y seguridad.

Son objetivos de este estudio demostrar que:

- La recuperación termal es un valor añadido del desarrollo territorial;
- Su tipología es genéricamente reconocida por la sociedad;
- Su patrimonio exige valorización contemporánea desarrollada en conceptos integradores;
- Los espacios verdes son parte integrante de su carácter, estimulando la índole participativa;
- Para intervenir en el lugar termal es necesario analizar los elementos que lo componen y utilizar la razón y a la inteligencia emocional de manera de conjugar arquitectura y

³³⁴ Apareció en el mercado " «O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa» de Gonçalves Pinto, H., Mangorrinha, J., libro distinguido con el premio «José de Figueiredo 2010» en la Academia Nacional de Bellas-Artes en Lisboa.

naturaleza.

II) El desarrollo de la investigación termal se estableció de la siguiente manera:

1) Levantamiento histórico:

- Génesis;
- Concepto y desarrollo;
- Levantamiento en Portugal;
- Tipología de los equipamientos;
- Las Termas más representativas en el país;
- Análisis arquitectónico.

2) Estudio de los criterios en recuperaciones contemporáneas:

- En resto Europa - 3 concesiones;
- En Portugal - 4 concesiones.

3) En busca del "balneario ideal":

- Configuración física y sensible;
- Conclusiones.

El análisis del fenómeno termal es en sí mismo, complejo y difícil. Las varias remodelaciones son resultado del empeño de los concesionarios, siendo difícil definir todos los procesos de evolución de los complejos termales en el tiempo.

Además, cuando la arquitectura es invitada a intervenir tiene la responsabilidad de adoptar las tecnologías modernas, terapéuticas y funcionales, y crear ambientes saludables para la convivencia social en fluidez espacial.

Resumen de los Capítulos

Capítulo 1 resumido

«Las Termas: génesis y arquitectura»

El primer capítulo identifica el origen de la balneoterapia y la especificidad de su arquitectura.

Las Termas han tenido una evolución efectiva y un protagonismo creciente en la transformación de la ciudad de Roma. Con la urgente necesidad de renovación, después del incendio en el año 64 d.C. surgirán nuevas ideas y también el concepto de las «Termas Imperiales». Su configuración arquitectónica y funcional, así como los sistemas constructivos y técnicos fueron exportados por todo el Imperio como símbolo de una civilización urbana de carácter superior.

Tras de un largo periodo de esplendor, la balneoterapia fue "encubierta" por más de 1.000 años. Volvió a despuntar en el mundo occidental en finales del siglo XVIII.

En Portugal las Termas más prestigiosas adoptan el concepto arriba anunciado, por lo que se insieren en amplios espacios verdes. Por la influencia del equipamiento ambiental, el agua minero-medicinal se convierte en un elemento generador de arquitectura y de diseño urbano con características específicas, haciendo una organización espacial que supera la noción común de "*balneario*".

Fue desarrollado un análisis histórico sobre la especificidad de la arquitectura portuguesa – de los albores del «Manuelino» (siglo XV) hasta nuestros días - para comprender su especificidad y la relevancia del estilo «Tradicional Portugués» en la configuración termal, que es también denominado «Portugués Suave».

Se analiza también el proceso creativo como parte integrante del proyecto arquitectónico.

Capítulo 2 resumido

«Tipologías de los equipamientos termales»

Las Termas renacieron como mundos en miniatura, delimitados y espectaculares. Estas

«ciudades de agua» asumen un carácter unitario conjugando una pluralidad de funciones.

El florecimiento de nuevos equipamientos resultó esencial para la satisfacción de los clientes, porque los complejos termale necesitaban proyectarse al exterior como referencias de orden social. Para eso debían presentar una imagen escénica atractiva y reconocida por lo que el éxito de algunas formas arquitectónicas se repitió con pequeñas variantes.

Sus elementos arquitectónicos y paisajísticos son los componentes de diferentes funcionalidades, tales como de alojamiento, de terapéutica, de recreación, de cultura, de cariz deportivo, y aún un modelo en evolución durante el resurgimiento termal: el edificio industrial. La clasificación tipológica de esta estructura funcional remata el capítulo.

Capítulo 3 resumido

«Las estancias termale en Portugal»

Portugal es un país rico en reservas acuíferas. De los cuatrocientos manantiales termale conocidos, solamente cien están oficialmente autorizados. Dentro de ellos, solo cerca de cuarenta están en funcionamiento, agrupados principalmente en el Norte y Centro del territorio.

En el tercer capítulo se hace el levantamiento y caracterización de cuatro de las ocho Termas más importantes - en el capítulo cinco se analizan otras cuatro, donde se incluye el punto de vista de su recuperación.

El estado funcional actual de las Termas en Portugal se presenta en la tabla de abajo. Sobre las Termas seleccionadas como más importantes en el país (8), la información fue constatada "in loco" por el autor, siendo confirmada, así como las restantes, por D.^a Leonor Cardoso funcionaria da la Asociación da las Termas en Portugal (Junio, 2009). La denominación de cada una es referenciada por orden alfabético de localización debido a las varias posibles designaciones correctas.

Denominación	Actividad
Alcáface (Banhos de)	Sí
Almeida «Fonte Santa» (Termas de)	No
Aregos (Caldas de)	Sí
Caldas da Rainha (Hospital termal)	Sí
Caldas da Saúde	Sí
Caldelas (Termas de)	Sí
Canaveses (Caldas de - no está asociada à la A.T.P.)	No
Carlão (Caldas de - no está asociada à la A.T.P.)	No
Carvalhal (Termas de)	Sí
Carvalhelhos (Caldas Santas de)	Sí
Cavaca (Caldas da)	Sí
Chaves (Caldas de)	Sí
Cró (Caldas de)	No
Cucos (Termas de Vale dos - no está asociada à la A.T.P.)	No
Curia	Sí
Eirôgo (Termas de - no está asociada à la A.T.P.)	Sí
Entre-os-Rios (Termas de)	Sí
Envendes (Ladeira de)	Sí
Estoril (Termas de)	En construcción
Felgueira (Caldas da)	Sí
Furnas (Termas das)	En remodelación
Gerês (Caldas de)	Sí
Longroiva (Termas de)	Sí
Luso (Termas de)	En remodelación
Manteigas (Caldas de)	Sí
Melgaço (Termas de)	Sí

Moimenta (Termas de - no está asociada à la A.T.P.)	No
Moledo (Caldas de)	Sí
Monção (Caldas de)	Sí
Monchique (Caldas de)	Sí
Monfortinho (Termas de)	Sí
Monte da Pedra (Termas de)	No
Monte Real (Termas de)	Reabre en Julio 2009
Moura (Termas de - no está asociada à la A.T.P.)	No
Nisa (Fadagosa de)	Reabre en Junio 2009
Pedras Salgadas (Termas de)	En remodelación
Piedade (Termas da - no está asociada à la A.T.P.)	Sí
S. Jorge (Caldas de)	Sí
S. Lourenço (Caldas de - no está asociada à la A.T.P.)	No
S. Pedro de Sul (Termas de)	Sí
S. Vicente (Termas de)	Sí
Salgadas (Termas)	No
Sangemil (Caldas de)	Sí
Sulfúrea de Cabeço Vide (Termas)	Sí
Taipas (Caldas das)	Sí
Unhais da Serra (Termas de)	Reabre en 3º trimestre 09
Vale da Mó (Termas de)	Sí
Vidago (Termas de)	En remodelación
Vimeiro (Termas de)	Sí
Vizela (Caldas de)	Sí

Cuadro 1 – Estado funcional en la actualidad de las Termas portuguesas.

Capítulo 4 resumido

«La regeneración termal en el resto de la Europa»

Después de analizar los establecimientos termales históricos tal como han llegado a nuestros días, este capítulo presta atención al esfuerzo en curso para la revitalización termal en Europa. Se analizan tres ejemplos contemporáneos de comprobada calidad - de autoría de Jean Nouvel, Peter Zumthor y Nicholas Grimshaw, situados respectivamente en Dax (Francia), Vals (Suiza) y Bath (Reino Unido) - que han sabido adaptarse a la contemporaneidad mediante la creación de ambientes funcionales, con volumetrías de impacto moderno y espacios fluidos.

Los tres proyectos arquitectónicos presentan simultáneamente creatividad, respeto por el contexto del lugar de inserción y también el propósito de satisfacer los paradigmas y las necesidades de la sociedad contemporánea.

De todo ello se extraen conceptos que ayudarán a plasmar el “balneario ideal”.

Capítulo 5 resumido

«Análisis de cuatro intervenciones termales en Portugal»

En Portugal se están rehabilitando varios establecimientos termales. En este capítulo se estudian cuatro, de los cinco proyectos de modernización de estaciones termales en Portugal, actualmente en desarrollo: el Balneario de Estoril, las Termas de Curia, Pedras Salgadas y Vidago. Sus programas de recuperación integran nuevos conceptos de bienestar.

Se aprovecha el análisis de cada una de las rehabilitaciones para establecer el papel configurador y organizador que todo balneario debe tener en su lugar de emplazamiento.

Estar actualizado es una condición necesaria pero no suficiente, para que una concepción interprete nuevos paradigmas. Se indaga acerca de esta paradoja.

Capítulo 6 resumido

«En busca del balneario ideal»

Los complejos termales se encuentran consolidados por la arquitectura y consagran un ideal de vida integrado. Por lo que su análisis requiere amplitud temática. En los capítulos anteriores se realizó el levantamiento de: a) ocho Termas como las más representativas en Portugal, b) tres proyectos termales situados en diferentes países de Europa de la autoría de tres arquitectos de renombre consagrado.



Fotografía 65 – La luz del spa 1: Hammam recuperado en Granada, España, 2: Termas de Vals, Suiza.

En este capítulo se indaga acerca de sus raíces y principios, buscando «ideas-fuerza» que influyen en el “balneario ideal”. Su imagen de identificación tiene formas de representación abundantes por la modernización del carácter “señorial” resultado del eclecticismo del siglo XIX, por la reformulación de la fluidez espacial derivada del concepto de las «Termas Imperiales» conjugado con el de la «Ciudad Jardín». El desarrollo de esta agregación renovada apunta para un «espíritu» propio y singular que debe manifestar un carácter tanto abierto como dinámico. Además importa señalar las sensaciones que el balneario ideal proporciona. Su entendimiento sensible es primordialmente consecuencia de la atmósfera y de la receptividad que permite experimentar. Para después sentir sus atributos, implementados por «ideas-fuerza» propias denominadas como valores «materiales» y valores «inmateriales». Los primeros son evidenciados por las sensaciones de «refugio», «seguridad», «naturaleza», «jardín», «singularidad» y «espectacularidad»; los segundos abarcan las impresiones de «libertad», «intimidad», «silencio», «ocio», «paz» y «luz» que permiten disfrutar. La ilustración siguiente reúne las referencias que dan origen a los conceptos mencionados, expresándolos.

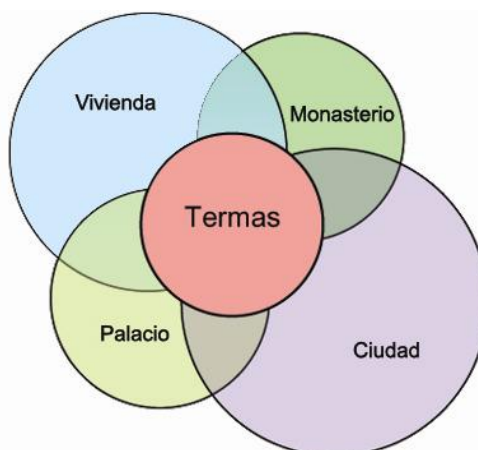


Ilustración 4 – El carácter termal incorpora conceptos de arquetipos distintos

La confluencia de todos estos valores forma un carácter termal propio que requiere una escala «existencial» equilibrada, reconciliando la naturaleza con la arquitectura y la arquitectura con la naturaleza. Modo que recalca la importancia del contexto y del medio ambiente para implementar la evolución regenerativa de sus usuarios, Porque el objetivo del balneario-ideal es ser útil, satisfaciendo la conveniencia humana saludable.



Fotografía 66 – Termas Geométricas, Parque Nacional Vulcano Villarrica, Chile.

Conclusiones

Conclusiones generales

Las Termas son mundos singulares, delimitados y espectaculares.

De los 400 manantiales minero-medicinales conocidos en el país, sólo cerca de 100 están oficialmente autorizados para ser explotados. Históricamente algunos se han desarrollado como estancias termales transformándose en locales propicios de regeneración y ocio. Para captar usuarios han adoptado una capacidad funcional diversificada, tanto terapéutica como de entretenimientos, mediante una arquitectura aún hoy poseedora de singularidad morfológica.

No obstante, desde mediados del siglo pasado, y después de un prolongado apogeo, las Termas han sufrido un cierto declive, presentándose como "desconectadas" del tiempo y, muchas de ellas, en decadencia acentuada.

I – Las Termas portuguesas son unidades patrimoniales circunscritas que necesitan de recuperación, salvaguarda y valorización. Son recursos que pueden funcionar como una preciada plus-valía para el desarrollo regional y para el ordenamiento del territorio, principalmente en los ayuntamientos del interior, que revelan generalmente mayor dificultad en atraer inversiones. Su remodelación debe basarse en conceptos contemporáneos atractivos.

II - La arquitectura ha sido, es y seguirá siendo impulsora del concepto termal. Su advenimiento fue consecuencia de la cultura romana y del progreso de las «Termas Imperiales». Con su renacimiento en el siglo XIX absorbió la lógica propia de la «Ciudad Jardín», Actualmente las Termas encierran una carga simbólica que es genéricamente reconocida por la población, estando arraigada en la memoria colectiva. Su recuperación requiere que la imagen se presente ajustada a la componente morfológica y cultural preexistente. Su renovación debe fomentar expresiones originales de carácter contemporáneo, al margen de ópticas de representación global, para que continúen a ser reconocidas e interpretadas como un todo significativo, mismo con la introducción de nuevas formas. Un proceso creativo juicioso que incorpore simultáneamente:

- Estructuras y tipologías con escalas diferenciadas;
- Tecnologías terapéuticas y de recreación modernas.

III - El «balneario» y el «hotel» son los equipamientos fundamentales, que a veces se encuentran agrupados. Son, por lo tanto, los centros de una red espacial que influyen decisivamente en el carácter de todo el complejo, ocupando una posición privilegiada dentro de la estructura termal, normalmente insertada en la naturaleza.

Son por ende utilizados códigos que se apoyan en la perspectiva del paisaje, cuyo diseño consiste en la relación de "llenos" (representación de un conjunto formado por la edificación y por la masa arbórea) y "vacíos" (manifestación de áreas libres cubiertas por vegetación baja, de superficies pavimentadas con materiales inertes, etc.), configurando una combinación precisa de morfología singular. Los equipamientos ambientales son por eso espacios tipológicos de calidad vivificante que se interrelacionan, acoplándose orgánicamente.

IV – La arquitectura termal tiene la responsabilidad de introducir tecnologías - ambientales, económicas y sociales - conducentes a la sostenibilidad. Además de la utilización de las condiciones naturales (la orientación solar y encuadramiento relativo sobre los vientos predominantes), se subraya la capacidad de integración técnica por la utilización de materiales de construcción renovables (cuando es posible), la instalación de paneles solares y células fotovoltaicas, completando el potencial de la energía geotérmica de las fuentes denominadamente las "meso-termales" (temperatura de 25 a 35 ° C), "termales" (35 a 40 ° C) y la "hiper-termales" (por encima de 40 ° C).

Conclusiones de los casos seleccionados

El levantamiento de 1951 referenciaba 56 estaciones hidrológicas en funcionamiento en Portugal. Actualmente, sin embargo, sólo 31 Termas se encuentran en actividad. De estas se seleccionaron 8 estancias como representativas de las cuales, a principios de 2011 sólo 3 se encontraban recuperadas (Balneario-Spa en Estoril, Termas de Monte Real y Termas de Vidago). De las 18 recuperaciones térmicas realizadas en Europa recientemente (a excepción de Portugal), se investigaron tres proyectos de autoría de otros tantos arquitectos de renombre internacional (Hotel-Spa Les Thermes, Termas de Vals y la revitalización termal en Bath).

El estudio conjunto de las Termas recuperadas en Portugal y en el resto de la Europa permitió verificar los siguientes resultados:

V – La arquitectura termal contemporánea valoriza la relación armoniosa entre los establecimientos y su contexto. Por lo que cualquier proyecto de recuperación, salvaguarda y valorización de las Termas considera la envolvente como un factor significativo de relación que integra por continuidad espacial y exposición panorámica.

Las circunstancias del contexto son así dinamizadas, sea por la reformulación de las infraestructuras, sea por la recuperación de los caminos existentes. A veces a través de una nueva geometría paisajística, por ejemplo, los jardines que pasan a ofrecer líneas sinuosas y sutiles, en contraste con los ejes compulsivos de antiguamente; o el diseño de nuevos caminos peatonales que continúan a privilegiar la unión con puntos atractivos en el paisaje.

Las relaciones espaciales exteriores son reactualizadas por lo que, las vías rodadas son disimuladas por medio de vegetación y arboleda; también los circuitos de servicios que se presentan autónomos y armonizados con las condicionantes del lugar.

VI – La arquitectura termal actual presenta modernidad «integradora», una alianza formal que no se reduce a un solo estilo. Permite relacionar lo antiguo con lo moderno, dando lugar a espacios articulados y fluidos que ajustan el interior con el exterior por continuidad. La

transparencia de aberturas y claraboyas estratégicamente localizadas en los esquemas de circulación y espacios colectivos, amplía la conexión con la naturaleza e invita recorrerla. Así se busca satisfacer el estilo de vida contemporáneo con soluciones prácticas y perceptibles. Es el resultado de:

- Privilegiar la conjugación dinámica y la heterogeneidad, mediante la presentación de una imagen sintética, fluida y armoniosa - en detrimento con el anterior carácter regular, simétrico y, de alguna manera, impositivo;
- Los esquemas de circulación se desarrollan policéntricos, variados y en interacción - en lugar de la impresión precedente con carácter estático, monótono y jerarquizado.

VII – El esquema funcional y de circulación se convierte en "diferenciado", en lugar de "separador" de clases y/o de géneros, como se adoptaba en el pasado reciente. Los programas se presentan por conveniencia funcional, siendo definidos por la relación terapéutica y por el bienestar de los usuarios, con circulación de personal de servicio independiente. Una organización espacial esencialmente práctica que se estructura tanto por la incorporación de formas orgánicas, como recurriendo a una nueva geometría menos elemental que la anterior, incluyendo los siguientes elementos:

- Una zona amplia de carácter multifuncional y en escala confortable;
- Áreas de acceso y de circulación en escala moderada;
- Apertura o cerramiento de áreas, según sea necesario – alterando el modelo anterior que permitía solamente cerrar compartimentos;
- Espacios de convivencia adecuados en escala contenida.

VIII – Surge lo "incorpóreo" como un valor fundamental de la definición de los ambientes termales. La luz se convierte en un material constitutivo por excelencia, un fenómeno que trasciende lo elemental. Los huecos exteriores, grandes o en dimensiones reducidas, atraen la atención de aspectos panorámicos e estéticos, y conectan el antiguo con el moderno, el interior con el exterior. Se destaca por consiguiente la utilización del vidrio que se combina armoniosamente con todos los materiales constructivos y con la inmaterialidad de la luz.

La luminosidad se convierte en una potencia espacial que, descubriendo y sugiriendo espacios, permite distinguir las diversas funciones (no siendo, como en el pasado, derivada del relacionamiento exclusivo de «llenos» y «vacíos»). Y simultáneamente suministra energía tonificante a los locales, apoyando el confort ambiental, a través de:

- Control inteligente de la luminosidad natural;
- Sistemas integrados de iluminación artificial;
- Aprovechamiento de la ventilación natural, evitando la utilización exclusiva de la ventilación mecánica (de acuerdo con la situación climática de la región);
- Conjugación de las variables ambientales, influenciando el confort térmico.

Conclusiones específicas: el balneario ideal

Las Termas son mundos ideales que la arquitectura evoca, preserva y recrea. Importa por lo tanto determinar lo que favorece el desarrollo de su bienestar, permitiendo que el usuario aprecie dimensiones que normalmente le están ocultas. La utilización de los diversos equipamientos en medio natural y la apreciación de los atributos de las aguas medicinales son garantía de bienestar regenerativo. La percepción de sus cualidades interrelacionadas - visibles y no visibles – faculta el desarrollo de sensaciones de satisfacción en tranquilidad. El balneario ideal es aquél cuya componente arquitectónica se manifiesta original, creativa, rigurosa y adecuada al conjunto; y que incorpora arquetipos fundamentados en valores humanos esenciales.

IX - En las Termas es la arquitectura la que establece "puentes" entre la expresión cultural (que apoya), la edificación (que proyecta y concretiza) y la estructuración termal (que conjuga los diversos equipamientos), o que permite algunas unidades de mantener aún la original consideración de "ville d'eaux" (las más importante e imponente).

Después del último apogeo durante el siglo pasado, las termas son ahora "unidades patrimoniales que necesitan recuperación, salvaguarda y recuperación" (cf. Conclusión I). Una exigencia de actualización basada ciertamente en la modernización constructiva, funcional y formal; más también por el desarrollo de su concepto, como locales del agua de calidad regenerativa con capacidad de alojamiento y de ocio, establecidos en la captura de potencialidades naturales propias y adecuadas a los términos modernos. Es importante previamente buscar la profundización de sus «influencias esenciales» a través de un proceso razonado en nociones reconocidas por todos y que disponen un esquema conceptual compuesto por "ideas-fuerza" clasificadas en «Valores Materiales» - Refugio, Seguridad, Naturaleza, Jardín, Espectacularidad; y en «Valores Inmateriales» - Intimidad, Silencio, Paz, Ocio, Singularidad, Libertad y Luz.

Estas son sensaciones que el usuario inconscientemente busca y que el balneario ideal ofrece con excelencia por el disfrute de la naturaleza complacido en los jardines, lagos, alamedas, y bosques; por la singularidad y espectacularidad de las edificaciones e instalaciones termales; por la salvaguarda de la intimidad y sosiego en toda la unidad; y finalmente por la consecución de ambientes diversificados en libertad y paz.



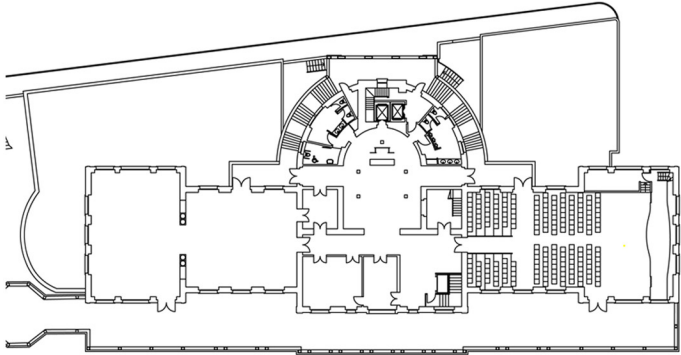
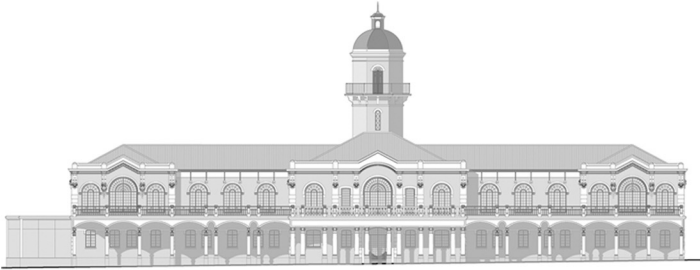


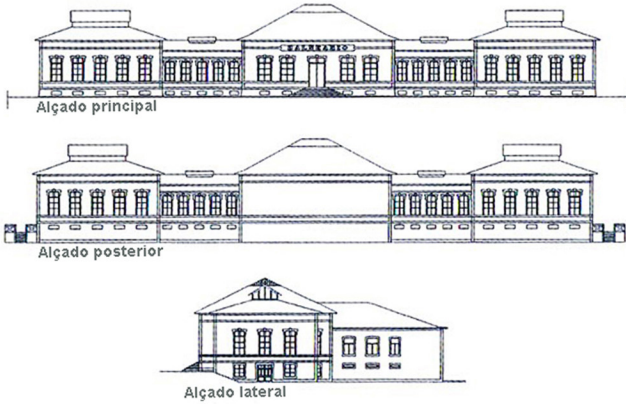


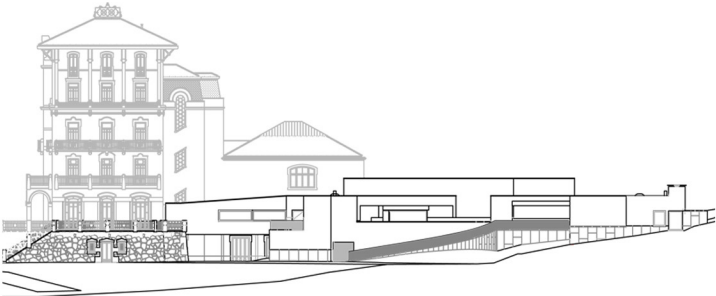
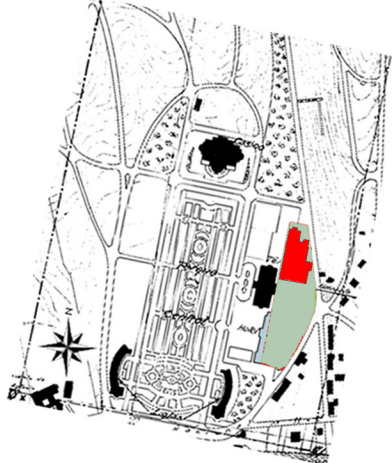
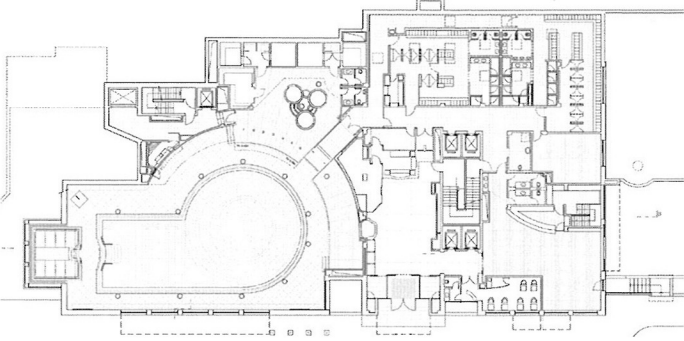
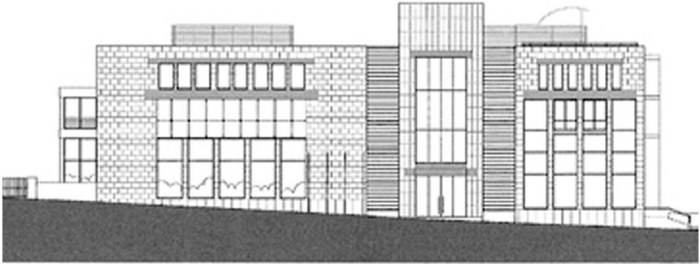
En el nivel de la esencia, las impresiones de «Refugio» y de «Seguridad» son provenientes del arquetipo «Vivienda»; las experiencias de «Intimidad», de «Silencio» y de «Paz» recuerdan la espacialidad del «Monasterio»; propia del «Palacio» son la «Espectacularidad», la «Singularidad», el «Jardín» y la «Naturaleza»; el sentimiento de «Libertad» y de «Ocio» son normalmente experimentados en la vivencia urbana de la «Ciudad»; y en cuanto a la manifestación de la «Luz» ella es experimentada en todos los arquetipos mencionados. Se denota así que la forma de vivir termal es resultante de la conjugación parcial de peculiaridades de cada uno de los cuatro ejemplos mencionados.

Una vez analizados estos conceptos se manifiestan "relativos", puesto que su expresión individual se adapta a las circunstancias en niveles distintos y en diferentes escalas. Por ejemplo, la dimensión de «Refugio» se manifiesta multifacética y dispar: bien en la frescura de la sombra de una frondosa alameda; bien en la privacidad de un gabinete terapéutico; bien en el confort del salón de fiestas; o bien en la seguridad intimista del alojamiento. Al mismo tiempo su manifestación tiene escalas (más o menos) "amplias" o "contenidas", consonante se revelen en un espacio colectivo o privativo, o que permite que cada usuario pueda escoger libremente donde se quiere sentir parte integrante de la estructura y no un elemento complementario.

Cuanto a sus significados propios, son de carácter amplio porque la definición de cada uno tiene un significado "abierto" (de acuerdo con la análisis de los conceptos presentada - cf.6.2). Y, a pesar de ser independientes, expresan entre sí particularidades relativas y complementarias, como se puede comprobar en las situaciones del ejemplo citado donde, el concepto material de «Refugio» actúa conjuntamente con otros, especialmente con las nociones de «Singularidad», «Seguridad», «Libertad» y «Paz».

Se torna así posible una apreciación conceptual de la propia grandiosidad termal que abarca la consideración física y psíquica. Un proceso que confirma que la totalidad de una unidad termal es superior a la suma de sus partes materiales y que introduce objetividad a la evaluación de sus «ideas fuerza».

Resulta un criterio orientador sobre el balneario ideal que promueve coherencia de relacionamiento entre la escala humana y la dimensión ambiental, siendo éste un indicador que permite optimizar la disposición espacial de sus diversos elementos, organizándose un todo armonioso en diversidad, fluidez y dinamismo.

	Planta territorial da concessão Balneário - 	Plantas do Balneário	Alçados do Balneário	Caracterização
(Termas da) Curia	 Planta parcial	 Planta piso 1	 Alçado principal	<p>Contexto:</p> <ul style="list-style-type: none">- De relacionamento independente e harmonioso com o centro da localidade que se encontra extra-muros. <p>Estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none">- As termas estendem-se por um enfiamento de arvoredos que conjuga o eixo principal.- O balneário organiza-se de forma axial cujo eixo principal é paralelo à alameda estruturante. <p>Ocorrência/iniciativa:</p> <ul style="list-style-type: none">- O projecto de recuperação de 2002 encontra-se ainda em fase de apreciação.
(Termas de) Pedras Salgadas	 Planta parcial	 Planta piso 0	 Alçado principal Alçado posterior Alçado lateral	<p>Contexto:</p> <ul style="list-style-type: none">- De relacionamento independente com a localidade, que se encontra extra-muros, sendo complementar na área dos serviços. <p>Estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none">- As termas são condicionadas pela proximidade com o rio Avelames. O centro desenvolve-se por um eixo principal com percursos em relacionamento topográfico.- O balneário organiza-se de forma axial ortogonal. <p>Ocorrência/iniciativa:</p> <ul style="list-style-type: none">- O projecto de recuperação integral e de ampliação com inauguração prevista para 2011.
(Termas de) Vidago	 Planta parcial	 Planta piso 0	 Alçado nascente	<p>Contexto:</p> <ul style="list-style-type: none">- A área concessionada está implantada em ambiente rural. É independente da localidade com a qual estabelece uma relação harmoniosa. <p>Estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none">- A zona central das termas desenvolve-se por um eixo estrutural paralelo à Estrada Nacional.- O novo balneário relaciona-se ortogonalmente com o Hotel, com o qual se interliga. <p>Ocorrência/iniciativa:</p> <ul style="list-style-type: none">- Projecto de ampliação e de remodelação integral a ser inaugurado em 2010.
(Balneário- spa) Estoril	 Planta parcial	 Planta piso 0	 Alçado poente	<p>Contexto:</p> <ul style="list-style-type: none">- O novo edifício Spa está integrado no núcleo urbano da vila, o que permite o renascimento do espírito termal na localidade. <p>Estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none">- o Balneário/Spa desenvolve-se em articulação com o Hotel Palace, edificação de referencia da localidade .- Serve dois conceitos termais distintos, de acordo com o patamar de utilização. <p>Ocorrência/iniciativa:</p> <ul style="list-style-type: none">- O edifício foi construído de raiz e foi inaugurado no início de 2010.